



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte - GPEA**  
**UNIVERSIDADE DA CORUÑA**

**Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte**

**TRAVESSIAS E SILÊNCIO:**  
**uma autobiografia fenomenológica do caminhar**



**Cuiabá-MT**  
**Fevereiro de 2019**

**Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte**

**TRAVESSIAS E SILÊNCIO:  
uma autobiografia fenomenológica do caminhar**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Doutorado do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título doutor em educação sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michèle Sato.

**Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michèle Sato**

**Coorientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Araceli Serantes Pazos**

**Cuiabá-MT**

**Fevereiro de 2019**

### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

C824t Corrêa de Resende Dias Duarte, Júlio.  
Travessias e Silêncio : uma autobiografia  
fenomenológica do caminhar / Júlio Corrêa de Resende Dias  
Duarte. -- 2019  
226 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Michéle Tomoko Sato.  
Co-orientadora: Araceli Serantes Pazos.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato  
Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação  
em Educação, Cuiabá, 2019.  
Inclui bibliografia.

1. Educação Ambiental. 2. Fenomenologia. 3.  
Caminhadas. 4. Silêncio. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a).

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT  
Tel : 3615-8431/3615-8429 - Email : secppge@ufmt.br

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: "Travessias e silêncio: uma autobiografia fenomenológica do caminhar"**

AUTOR: Doutoranda Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte

Tese de Doutorado defendida e aprovada em 07 de fevereiro de 2019.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientadora    Doutora    Michèle Tomoko Sato  
Instituição:    UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Coorientadora    Doutora    Araceli Serantes Pazos  
Instituição:    UNIVERSIDADE DA CORUÑA

Examinador Interno    Doutor    Luiz Augusto Passos  
Instituição:    UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinadora Interna    Doutora    Ozerina Victor de Oliveira  
Instituição:    UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinadora Externa    Doutora    Lúcia Shiguemi Izawa Kawahara  
Instituição:    SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE/SEMA-MT

Examinador Externo    Doutor    Vilmar Alves Pereira  
Instituição:    UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE/FURG

Examinador Suplente    Doutor    Ronaldo Eustáquio Feitoza Senra  
Instituição:    INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO/IFMT

Examinadora Suplente    Doutora    Michelle Tatiane Jaber da Silva  
Instituição:    UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

CUIABÁ, 07/02/2019.

## EPÍGRAFE

“Até na caminhada mais curta devíamos partir  
talvez movidos pelo espírito da terna aventura, sem retorno à vista.  
Se sois humanos livres, estais então preparados para uma caminhada.”

**- Thoreau -**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à minha família, que caminha ao meu lado em busca do Ser Mais:

À minha esposa, Jocimary Brandão, pelo apoio amoroso e intensa dedicação à família durante esta travessia.

Aos meus filhos, Alan Brandão Duarte e Alex Brandão Duarte, que me ensinam valiosas lições sobre o amor e a vida.

À minha mãe, Eloisa Resende, mulher que se dedica a transformar o mundo em um local melhor para se viver.

Ao meu pai, Aldeysio Duarte, homem de imensa generosidade em prol dos oprimidos.

Ao meu irmão, Victor Duarte, exemplo de dedicação e entrega diante da vida.

## AGRADECIMENTOS

Sinto profunda gratidão à existência e ao Mistério que nos cerca. Nesta jornada que é o viver, busco fazer florescer meus potenciais e aceitar minhas limitações. Agradeço por todos os ensinamentos que a vida tem me proporcionado. Jamais teria conseguido criar esta Tese se não fosse a colaboração e o companheirismo de muitas pessoas amigas, competentes, compromissadas e amorosas:

Com muito carinho, agradeço aos caminhantes das montanhas do Espinhaço e do Caminho de Santiago de Compostela. Nas serras mineiras, tive a honra de ter como mestres os amigos Alberto Cantídio, André Bassani, Aroldo Satler, Bernardo Marques, Daniel Rezende, Diego de Paula, Elias Campos, Frederico Prates, Gustavo Chaves, Lucas Carlesso, Marcelo Breyner, Miguel Rezende, Rafael Alves, Rafael Dantas, Rafael Deslandes, Raphael Mourão, Renato Pirfo, Rodrigo Azevedo e Thiago Foresti. Nas trilhas espanholas, compartilhei momentos de muito aprendizado com Alberto Diaz, Deni Smith, Elizabeth Walsh, Lynn Forster e Pieter Cooreman, bem como com minha esposa, Jocimary Brandão, e meus filhos, Alan Brandão Duarte e Alex Brandão Duarte.

Agradeço especialmente à professora e orientadora Michèle Sato, por toda sua dedicação amorosa, sua capacidade dialógica e sua competente orientação. A sua práxis transformadora em prol dos povos vulneráveis e do equilíbrio da vida no Planeta Terra é inspiradora e contribui para que possamos continuar caminhando em direção à utopia de criação de sociedades socialmente justas, ambientalmente equilibradas, democráticas e pacíficas.

Muito obrigado à coorientadora Araceli Serantes Pazos, a quem hoje posso chamar carinhosamente de amiga Boli. Por meio de sua imensa generosidade e disponibilidade para o diálogo de saberes, ela abriu as portas de sua linda Galícia, na Espanha, bem como da Universidade da Coruña, para que eu pudesse aprofundar meus aprendizados. Sua gentil acolhida foi fundamental para que minha família tivesse uma experiência de lindas experiências culturais em terras galegas.

À minha esposa, Jocimary Brandão, que foi fundamental para a criação desta Tese, dando-me todo o apoio necessário, bem como cuidando de nossa família com muita

amorosidade e sabedoria. Aos meus filhos, Alan Brandão Duarte e Alex Brandão Duarte, que muito me ensinam e me inspiram a seguir trabalhando em prol de um mundo melhor.

Agradeço profundamente à minha mãe, Eloisa Resende; ao meu pai, Aldeysio Duarte; e ao meu irmão, Victor Duarte. É por causa deles que estou aqui hoje em condições de viver tão intensamente a vida e realizar importantes sonhos.

Sou grato às valiosas contribuições da banca avaliadora formada por: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira, Prof. Dr. Luiz Augusto Passos; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ozerina Victor de Oliveira; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Araceli Serantes Pazos; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Shiguemi Izawa Kawahara; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelle Jaber e Prof. Dr. Ronaldo Senra.

Em nome das professoras Regina Silva e Michelle Jaber, agradeço a todo o grupo do GPEA, que me acolheu e muito me ensinou sobre formas de um fazer científico fruto do diálogo entre reflexões teóricas, a filosofia, o rigor metodológico, o engajamento social, a arte e os afetos. Juntos, compartilhamos momentos de muitos aprendizados dialógicos e intensos laços de amizades.

Com muito carinho pela travessia partilhada, agradeço a Giseli Nora, Rosana Manfrinate, Thiago Cury, Herman Hudson, Giselly Gomes, Carlos Ferreira, Ronaldo Senra, Roberta Moraes e Denize Amorim.

À Cassia Fabiane, colega de doutorado, que se tornou amiga de jornada. Sua solidariedade e seu apoio foram fundamentais durante toda a pesquisa.

Ao IFMT, local que tanto amo trabalhar e que me sinto acolhido para entregar o meu melhor. Em nome de Vicente Pedroso, agradeço a todos os amigos e colegas de trabalho. Foi também por causa da Licença para Capacitação concedida por este Instituto que pude me dedicar integralmente para realizar a melhor pesquisa possível.

Ao povo brasileiro que, por meio da Capes, financiou meu Doutorado Sanduíche na Universidade da Coruña, na Espanha. Sinto-me ainda mais comprometido a trabalhar competentemente em prol da educação pública de qualidade.

Em nome das professoras Dra. Márcia Ferreira e Rute da Palma, agradeço à UFMT



e à equipe da Secretaria de Pós-Graduação em Educação, especialmente à Luisa e Marisa que sempre deram todo apoio e informações essenciais no processo de doutoramento.

Agradeço à minha querida tia Consuelo Resende, que realizou competente correção gramatical deste texto. Sua obra poética é uma de minhas inspirações para melhorar minhas capacidades como escritor.

Agradeço aos meus queridos estudantes que aprendem comigo na mesma medida em que me ensinam. Sinto orgulho em tê-los como meus professores.

Muito obrigado à Izabel Brandão, amiga e prima, que ajuda a cuidar com tanto carinho e cuidado de nossa família.

RESENDE-DUARTE, Júlio. **Travessias e Silêncio: uma autobiografia fenomenológica do caminhar**. Cuiabá: 2019, 231f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

**TRAVESSIAS E SILÊNCIO:  
uma autobiografia fenomenológica do caminhar**

RESUMO

Vivemos em um contexto de sociedades que buscam prioritariamente o progresso material, em detrimento dos sentimentos, da justiça social ou da proteção ambiental. Diante de uma crise civilizatória, está no cerne desta encruzilhada da aventura humana uma crise existencial. O cotidiano de muitas metas e compromissos com o crescimento das economias proporciona uma vida acelerada e, muitas vezes, vazia de sentidos existenciais. Na construção de minha tese de Doutorado, lanço um olhar investigativo sobre meus próprios aprendizados nas longas caminhadas realizadas. A pesquisa teve como objetivo interpretar fenomenologicamente as experiências e os aprendizados de caminhantes em longas travessias, em dois territórios: a) Na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, Brasil; e b) no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. No percurso epistemológico, busquei diálogos com a Fenomenologia (Merleau-Ponty), a Educação Ambiental (Michèle Sato), a Presença (Csikszentmihalyi) e a Psicologia da arte de viver (Susuki). A fenomenologia foi também meu cajado, fortalecendo os passos metodológicos de uma pedagogia que possibilitou uma imersão existencial, gerando o que intitulo de autobiografia fenomenológica. Algumas vezes sozinho, mas a maior parte do tempo acompanhado, caminhei nestas travessias por mais de 1200 quilômetros nas duas rotas, o que ofereceu um horizonte de muitas vivências, sentimentos e reflexões. Para contribuir com esta construção investigativa, mesclo meu olhar com mais trinta e três sujeitos entrevistados que trilharam estes dois trajetos. As longas caminhadas proporcionam um rompimento com a sociedade do progresso, causando a desaceleração gradual do caminhante. Ao longo dos dias e das semanas, o caminhar passa a ensinar a atenção plena, pois é uma exigência da interação do corpo-mente com a paisagem. É neste sentido que as caminhadas podem ser compreendidas como experiências meditativas e educativas. Esta gradual Presença gera uma vivência do Silêncio, que faz com que os caminhantes atentem também à viagem 'interior' e descubram novos sentidos existenciais. As travessias aumentam nosso senso de re-ligação, gerando uma compreensão profunda da interdependência do corpo-mente e do eu-outro-mundo. Tratam-se de aprendizagens sobre as pessoas, suas culturas e suas relações com a natureza, que poderiam ser traduzidas como uma educação ambiental do caminhar.

**Palavras-chave:** Caminhadas. Educação Ambiental. Fenomenologia. Silêncio.

RESENDE-DUARTE, Júlio. **SILENCE AND CROSSINGS: a phenomenological autobiography of the walking**. Cuiabá: 2019, 231p. Thesis (PhD) – Education Post Graduated Programme, UFMT.

## **SILENCE AND CROSSINGS: a phenomenological autobiography of walking**

### ABSTRACT

We live in a context of societies that seek primarily material progress, to the detriment of feelings, social justice or environmental protection. Faced with a crisis of civilization, an existential crisis lies at the heart of this crossroads of human adventure. The daily life of many goals and commitments to the growth of economies provides an accelerated and often empty life of existential senses. In the construction of my PhD thesis, I take an investigative look at my own learning in the long walks. The research had as objective to interpret phenomenologically the experiences and the learning of walkers in long crossings, in two territories: a) In Serra do Espinhaço, in Minas Gerais, Brazil; and b) on the Way of Santiago de Compostela, Spain. In the epistemological course, I sought dialogues with the Phenomenology (Merleau-Ponty), the Environmental Education (Michèle Sato), the Presence (Csikszentmihalyi) and the Psychology of the art of living (Susuki). Phenomenology was also my hiking stick, strengthening the methodological steps of a pedagogy that enabled an existential immersion, generating what I call phenomenological autobiography. Sometimes alone, but most of the time accompanied, I walked in these crossings for more than 1200 kilometers on both routes, which offered a horizon of many experiences, feelings and reflections. To contribute to this investigative construction, I mixed my gaze with thirty-three other subjects interviewed who have followed these two paths. The long walks provide a break in the society of progress, causing the gradual slowing of the walker. Throughout the days and weeks, the walk begins to teach mindfulness, as it is a requirement of the interaction of the body-mind with the landscape. It is in this sense that the walks can be understood as meditative and educational experiences. This gradual Presence generates an experience of Silence, which causes the walkers to also pay attention to the 'inner' journey and discover new existential senses. The crossings increase our sense of re-bonding, generating a deep understanding of the interdependence of body-mind and self-other-world. They provide learning about people, their cultures and their relationships with nature, which could be translated as an environmental education of walking.

Keywords: Walking. Environmental education. Phenomenology. Silence.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Caminhantes na serra	17
Figura 02 - Dormindo no lajeado	22
Figura 03 - Uma família no Caminho	25
Figura 04 - Flor na crista do Espinhaço	27
Figura 05 - Estradinha dourada	30
Figura 06 - Vale da cachoeira Polar	31
Figura 07 - Um pesquisador-caminhante no Caminho	36
Figura 08 - A árvore e o caminhante	40
Figura 09 - Casinha na montanha	56
Figura 10 - Eu caminhante	59
Figura 11 - Mãe entre filhos	63
Figura 12 - Família em terras galegas - La Coruña	64
Figura 13 - Família caminhante	66
Figura 14 - Cruz de Ferro, ponto mais alto do Caminho	69
Figura 15 - Caderno de campo, filmadora e gravador de áudio	73
Figura 16 - Acampamento no Espinhaço	75
Figura 17 - Cachoeira do Rio Preto	76
Figura 18 - Mapa das travessias no Espinhaço 2005-2018	79
Figura 19 - Mapa da travessia no Espinhaço - Lapinha-Fechados (MG)	81
Figura 20 - Caminhantes na travessia no Espinhaço 2018	82
Figura 21 - Mapa do Caminho de Santiago	87
Figura 22 - Alan e Alex com amigos bicigrinos	88
Figura 23 - Caminhante no sol poente	90

Figura 24 - Serra do Espinhaço e as flores do campo	99
Figura 25 - Caminhantes no lajeado	112
Figura 26 - Casa de frente para a Serra da Lapinha	114
Figura 27 - Caminhantes no Entardecer	116
Figura 28 - Caminhante no Vale do Soberbo	117
Figura 29 - Mar de montanhas	126
Figura 30 - Travessia de Córrego no Espinhaço	136
Figura 31 - Flores do Vale do Soberbo	142
Figura 32 - Caminhante-Cachoeira	143
Figura 33 - Pedra sobre pedra	146
Figura 34 - Cânion do Travessão	158
Figura 35 - Imersão no Cânion	160
Figura 36 - Caminhante na estrada branca	165
Figura 37 - Serra dourada	166
Figura 38 - Pizza no forno de pedras	174
Figura 39 - Bromélia nas Braúnas	178
Figura 40 - Árvores em silhueta	183
Figura 41 - Flores ao sol	185
Figura 42 - Luz-caminhante	189
Figura 43 - Caminhante-flor	190
Figura 44 - Caminhante na campina	191
Figura 45 - Rumando	194
Figura 46 - Caminhante ao entardecer	200
Figura 47 - Descanso na montanha	205
Figura 48 - Maravilhamento	209

Figura 49 - Caminhantes-amigos	212
Figura 50 - Peregrinos Alan e Alex	214

## LISTA DE ABREVIATURAS

EA	Educação Ambiental
GPEA	Grupo Pesquisador em Educação, Comunicação e Arte
GPS	Global Positioning System
IFMT	Instituto Federal do Mato Grosso
IPCC	Intergovernmental Panel on Climate Change
MEC	Ministério da Educação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
TCLE	Termo de Livre Consentimento Esclarecido
UC	Universidade da Coruña
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 - Introdução à travessia</b>	17
<b>CAPÍTULO 2 - Um caminhar metodológico</b>	31
2.1 Autobiografia fenomenológica	32
2.2 Biografia Ecológica: costuras fenomenológicas de experiências da vida	40
2.3 Procedimentos Metodológicos	69
2.4 Travessias: Serra do Espinhaço e Caminho de Santiago de Compostela.	76
<b>CAPÍTULO 3 - Educação Ambiental do caminhar</b>	90
<b>CAPÍTULO 4 - Reencontro no mundo</b>	117
<b>CAPÍTULO 5 - O Silêncio da Presença</b>	143
<b>CAPÍTULO 6 - O artista da vida</b>	166
<b>CAPÍTULO 7 - O que as travessias ensinam</b>	191
<b>REFERÊNCIAS</b>	215
<b>ANEXOS</b>	
Anexo I - Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TLCE)	222
Anexo II - Aprovação no Comitê de Ética da Plataforma Brasil	223



## CAPÍTULO 1

### Introdução à travessia.

Quem elegeu a busca  
não pode recusar a travessia.

Guimarães Rosa

Figura 01. caminhantes na serra



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Travessia é a última palavra da obra literária “Grande Sertão: Veredas”, do escritor mineiro Guimarães Rosa (1956). Nesta história sobre o humano e suas buscas existenciais, há momentos em que predominam a tristeza e a aridez do sertão, enquanto, em outros, sobressaem a alegria e a fartura úmida das veredas e seus buritizais. A história de Riobaldo Tatarana pode ser entendida como uma metáfora da vida. Todos atravessamos nossos sertões e nossas veredas. Por meio de sua intensa jornada, o jagunço roseano compreendeu que “o sertão está em toda parte, o sertão está dentro da gente”. Se, na noite da encruzilhada, ele intencionou um pacto com um diabo em troca da possibilidade de cumprir uma missão de vida, ao longo de sua jornada naquelas paisagens, parece ter compreendido que a imaginária entidade do mal fosse apenas uma dimensão dele mesmo, em meio a uma sutil teia de interdependências e coemergências entre o sertão que há dentro e o que há fora. Em suas palavras, “o diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia (ROSA, 1956)”. Os pontos de partidas são infinitamente diferentes nas mais diversas aventuras humanas, assim como são os desfechos. Todas as pessoas começam suas jornadas terrenas no útero e terminam como adubo. Parece mesmo que o real não está na partida e nem chegada, mas neste entremeio que é a jornada da vida. Travessia é, portanto, sinônimo de viver. Inspirado nestas histórias sertânicas, resolvi me abrir ao desconhecido e embarcar nesta investigação, que é, ao mesmo tempo, científica e existencial.

Fiz duas tentativas frustradas de leitura do livro roseano. Em ambas, achei a linguagem muito difícil e não conseguí fluir junto com a narrativa. Na terceira vez, resolvi seguir o conselho de um amigo. Li a história em voz alta, interpretando o sotaque dos personagens, a partir de minhas raízes mineiras e também de minha longa convivência com os moradores do povoado Lapinha da Serra. Não muito distante dali, nasceu Guimarães Rosa na cidade de Cordisburgo, que percorreu a cavalo, em companhia de Manuelzão, as paisagens<sup>1</sup> do sertão, entre Minas Gerais e Bahia, subindo e descendo aquelas montanhas. Certamente, os sotaques da região o influenciaram profundamente. Nesta tentativa, me senti imerso em cada detalhe da história e envolvido por seus personagens. Foi uma travessia literária feita com muita empolgação ao visualizar as paisagens descritas a partir das serras que tanto amava. Sete meses depois, concluí a leitura completamente maravilhado pela profundidade filosófica e pela beleza poética. Este universo de Guimarães (1956) me inspirou e me ensinou que “quem escolhe a busca, não pode recusar a travessia”. E assim, assumo minha busca enquanto humano, educador e pesquisador.

---

<sup>1</sup> Utilizamos o termo paisagem para nos referirmos aos entrelaçamentos entre humanos, os outros seres vivos e o seu entorno, assim como nos aponta Ingold (2000).

Esta investigação surge deste compromisso de aprender com a vida e fazer dela uma experiência intensa de metamorfoses. Assim como a lagarta se transforma em uma borboleta, buscamos nosso florescer. Acreditamos<sup>2</sup> que os aprendizados desta jornada na Terra nos fazem re-ligar com nossas intuições profundas, bem com tudo que está à nossa volta e que entrelaça pessoas, bichos, plantas e pedras. Além de aprender, assumimos o compromisso, enquanto cidadãos, educadores e pesquisadores, de contribuir com a criação de sociedades mais justas socialmente, democráticas, pacíficas e equilibradas ambientalmente. Na medida em que também entendemos que não há uma separação precisa entre nosso mundo 'interno' e nosso mundo 'externo', compreendemos que as metamorfoses e as transformações estão intimamente conectadas por meio de entrelaçamentos sutis. Aos poucos, caminhamos para que nossos sonhos se tornem energia e matéria em sinergia.

Diante desta compreensão e compromisso com a vida, esta investigação teve como **objetivo** interpretar fenomenologicamente as experiências e os aprendizados de caminhantes em longas travessias, em dois territórios: a) Na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, Brasil; e b) no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha.

O primeiro local foi escolhido porque eu já tinha caminhado, até o início desta investigação, por mais de quinhentos quilômetros por estas montanhas<sup>3</sup> mineiras, tendo vivido experiências de muito aprendizado em parceria com amigos caminhantes e com moradores da região. O segundo local foi escolhido por ser uma das rotas de peregrinação mais famosas do mundo, além da realização do Doutorado Sanduíche na Universidade da Coruña, situada, aproximadamente, a setenta quilômetros de Santiago de Compostela.

O objetivo desta pesquisa pode parecer muito amplo para servir como horizonte de uma investigação científica rigorosa. Entretanto, as nossas experiências nas trilhas, sob sol e chuva, entre vales e serras, nos davam confiança de que os caminhos investigativos

---

<sup>2</sup> Em alguns momentos deste texto, a conjugação verbal se encontra na primeira pessoa do singular, pois algumas percepções estão mais entrelaçadas às experiências pessoais. Em outros momentos, para percepções dialogadas coletivamente, a conjugação se apresenta na primeira pessoa do plural. Estes diálogos forma intensos com minha orientadora e coorientadora, bem como com meus colegas do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) e os amigos companheiros de caminhadas.

<sup>3</sup> Há na geografia brasileira um debate sobre haver ou não montanhas no Brasil por causa da idade relativamente 'jovem' de nossas serras. Entretanto, utilizamos aqui a palavra montanha do ponto de vista coloquial, por meio da experiência fenomenológica dos caminhantes.

seriam construídos por meio do aprofundamento nas interpretações sobre as experiências e aprendizados, sempre em diálogo com a epistemologia, bem com a orientadora, coorientadora, colegas pesquisadores e amigos companheiros de travessias. Durante vários momentos, nos perdemos neste caminhar. Por vezes, descansamos no topo de serra, recuperando o fôlego e admirando a paisagem, para, em seguida, continuar caminhando. Acreditávamos, contudo, que a própria intensidade que nos entregamos a esta busca científica nos revelaria os melhores caminhos.

Anteriormente, pedalei por mais de cinco mil quilômetros pelo litoral nordestino. Nossa dissertação de mestrado<sup>4</sup> foi inspirada nesta viagem de bicicleta de muito aprendizado e teve como foco as percepções ambientais dos cicloturistas na estrada real.

A viagem possibilita aos cicloturistas uma intensa interação com o ambiente. A bicicleta não tem teto, janelas ou o barulho do motor que os distanciem do seu entorno. Ela os obriga, de forma prazerosa, a sentir a neblina do amanhecer, o calor do meio dia, a chuva da tarde e o frio da noite; a ver o relevo, a fauna, a flora e as pessoas; a ouvir os rios, os pássaros, as músicas dos quintais e os centros das cidades; a degustar a poeira da estrada, o suor do rosto, o pastel da venda, o feijão feito na hora e a carne de panela bem temperada (RESENDE, 2008).

Aprendemos muito com cada relato e cada quilômetro pedalado. Entretanto, após aprofundarmos na compreensão destas viagens e descobriremos que o movimento a dez por hora pelas paisagens proporciona uma imersão em vivências<sup>5</sup> intensas, surgiu, então, uma outra reflexão. Se a baixa velocidade das bicicletas proporciona tais experiências, os caminhantes deveriam viver uma imersão ainda mais profunda. Foi exatamente nesta época que começamos a caminhar nas montanhas mineiras. A cada ano, nosso maravilhamento crescia com estas travessias, que duravam em média oito dias. Pode até parecer pouco tempo para romper com o cotidiano e as pressões da sociedade do progresso, mas, dada a intensidade da imersão, passamos a encontrar novos sentidos na vida, que nos inspiraram esta investigação.

Durante a travessia na Serra do Espinhaço em 2014, por três dias, a caminhada seguiu seu caminho pelo leito do Rio do Peixe, dentro do Cânion do Travessão. Situado no Parque Nacional da Serra do Cipó, este travessão é uma passagem elevada, dentro do maior cânion da região, dividindo-o em dois vales: o primeiro que segue em direção ao

---

<sup>4</sup> RESENDE-DUARTE, Júlio. **Cicloturistas e suas percepções ambientais: um estudo na Estrada Real**. Defesa em: 22/10/08. 141 folhas. Dissertação – UNA Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

<sup>5</sup> Utilizamos o termo vivência como sinônimo de experiência no sentido Merleau-Pontyano, em que o corpo-mente percebe o mundo, de forma indissociável dele, sempre situado no tempo e no espaço.

oeste, por onde correm as águas que chegarão, um dia, ao Rio São Francisco. O outro, na direção do leste, onde encontram-se as cabeceiras da Bacia do Rio Doce. Nesta passagem elevada, é possível acampar a uma altitude de cerca de 1.100 metros acima do nível do mar. As águas das duas bacias, que deságuam no mar tão distantes umas das outras, nascem ali, a poucos metros de distância. Os abruptos e verticais paredões das serras que circundam chegam a 1.500 metros. O vale ocidental vai gradualmente diminuindo sua altitude, até chegar a aproximadamente a 800 metros, na vila da Serra do Cipó, município de Santana do Riacho. Já o oriental, sofre, depois da passagem elevada, uma queda abrupta de uns 150 metros, quase verticais, percorrendo ainda uns dez quilômetros, até as imediações do povoado de Cabeça de Boi, já pertencente à Itabira. Em vários trechos, era possível caminhar sobre as pedras, acima do leito do riacho formado por pequenas corredeiras. Em outros, era preciso caminhar com água cobrindo até o joelho ou até a cintura. Em alguns locais, foi necessário tirar as mochilas para atravessar nadando os poços de cachoeiras. Durante estes dias, o corpo foi muito exigido pelo equilíbrio, flexibilidade e força, necessários para contornar pedras infinitas. Apesar de todo o esforço, a paisagem daqueles paredões, matas e cachoeiras se apresentavam de forma exuberante. O estado psicológico do grupo era fantástico, na medida em que a serenidade, a positividade e o humor prevaleciam. Em um dos acampamentos dentro do cânion, não havia espaço para as barracas. Enquanto um caminhante armou sua rede em duas pequenas árvores, nós dormimos ao relento, apenas com nossos isolantes térmicos e sacos de dormir, em cima de um grande lajedo de pedras, paralelo ao córrego. Após o jantar do delicioso risoto montanhês e algumas doses de cachaça, dormimos com a temperatura por volta dos 7 graus, com o céu estrelado, emoldurado pelas serras.

Figura 02. Dormindo no lajeado



Fotografia: Rafael Dantas, 2014.

Na primeira edição, em 2005, éramos três caminhantes. O trajeto do primeiro dia foi longo, com trilhas bem marcadas, mas não tínhamos nem mapa e nem GPS<sup>6</sup>. Encontramos os caminhos apenas por meio da leitura da paisagem e das orientações que Joaquim, meu vizinho na Serra, havia nos passado. Margeamos a represa da Lapinha, subimos esta primeira serra e depois atravessamos uma enorme campina num entremeio do aglomerado das montanhas do Breu. No meio do dia, atravessamos as cabeceiras do rio Parauninha e depois subimos a íngreme serra do Intendente. Já estávamos exaustos, quando chegamos à casa da *Dona-maria-do-zé-da-olinta*<sup>7</sup>. Seu quintal, a mais de 1400 metros de altitude e com vistas para toda a região de Conceição de Mato Dentro, é comumente utilizado por caminhantes e moradores da região como ponto de apoio e acesso à cachoeira do Tabuleiro, terceira maior do Brasil. Chegamos em um dia com muita *lubrina*<sup>8</sup>. A casa é bem simples, construída com base de pedras e adobe, mas não tem banheiros. Como não é acessível por estradas, o meio de locomoção mais utilizado pela família é a mula. A *venda*<sup>9</sup> e o posto de saúde mais próximos ficam a mais de uma hora no lombo do animal. A hospitalidade foi muito calorosa. Seu Zé nos ofereceu café, queijo e cigarro para conversar à

<sup>6</sup> Aparelho eletrônico de navegação: Global Positioning System.

<sup>7</sup> É costume no sotaque da região juntar as palavras e, por isso, são apresentadas aqui com hífen. Dona Maria é mulher do José, que é filho de Olinta. As palavras escritas neste texto pelo sotaque da região, estarão sempre em *itálico*.

<sup>8</sup> Lubrina = neblina

<sup>9</sup> Venda = pequeno comércio de alimentos e produtos em geral.

beira do fogão à lenha. Ele e sua família são pessoas conectadas ao mundo por meio do rádio, da televisão e dos caminhantes que por ali passam. Mas são também pessoas de uma sabedoria profunda ligada à serra e sua diversidade de vida.

Este tipo de convivência com as montanhas e seus moradores proporcionaram a nós aprendizados e mudanças na forma de ver, sentir e viver a vida. Assim, estas experiências nos serviram como motivação inicial e inspiração para esta investigação. Por meio destas vivências, assumimos as caminhadas e a pesquisa assim como nos instiga Thoreau, com toda a intensidade possível:

Até na caminhada mais curta devíamos partir talvez movidos pelo espírito da terna aventura, sem retorno à vista, preparados para enviar os nossos corações embalsamados, quais relíquias [...] Se haveis saldado as vossas dívidas, feito o vosso testamento e resolvido todos os vossos assuntos, e se sois humanos livres, estais então preparados para uma caminhada (THOREAU, 2012, p. 17).

Foram experiências como estas que despertaram novamente nossa curiosidade científica para embarcar nesta jornada investigativa. Assim, o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) se tornou o 'porto seguro' desta pesquisa. Foi neste grupo colaborativo que encontrei abertura para uma investigação cujo tema me desafiou a buscar o rigor metodológico, a profundidade filosófica e a abertura em direção a novas possibilidades pedagógicas. O nome do grupo já demonstra que somos um coletivo em que fazemos nossas pesquisas de forma entrelaçada por meio de diálogos epistemológicos, praxiológicos e axiológicos. Em outras palavras, juntos, nos desafiamos a um fazer científico com densidade teórica, rigor metodológico e postura ética diante da vida. Posicionamo-nos contra a opressão das sociedades do progresso, em prol da justiça social e o equilíbrio da vida no Planeta. Em complementaridade a este caminhar coletivo, o GPEA estimula pesquisas que avancem em áreas distintas como a política, a arte, a filosofia, a comunicação, dentre outras. Foi por meio do diálogo com estes amigos investigadores que tivemos coragem de ousar este caminhar pelas travessias, enfatizando o potencial pedagógico destas experiências.

Assim como dito anteriormente, eu já realizava há dez anos, no Brasil, as caminhadas pela Serra do Espinhaço, em Minas Gerais. Durante esta investigação, eu continuei caminhando pelas montanhas mineiras. Estas travessias, chamadas carinhosamente de *Lubrina*, foram e ainda são realizadas por um grupo de amigos, durante os invernos. Com duração média de oito dias, cada ano escolhemos trajetos diferentes, mas sempre nesta

região do Espinhaço. Percorremos em média entre cinquenta e cem quilômetros por edição, passando por regiões remotas de natureza exuberante, bem como por vilarejos e pequenas cidades com a rica cultura mineira das serras. Contudo, antes de sermos companheiros de travessias, somos amigos e temos muitas outras afinidades na vida. Nossa amizade, em alguns casos, existe há mais de quinze anos e já nos transformou em amigos-irmãos de jornada da vida. Ressaltamos também que este grupo sempre se manteve constantemente aberto a novos caminhantes. Ao todo, já caminharam na Lubrina vinte e dois amigos. Foi, portanto, neste outro coletivo que encontramos também abertura ao diálogo sobre os aprendizados do caminhar.

Buscando ainda maior profundidade e imersão nos fenômenos, realizei um Doutorado Sanduíche de um ano na Universidade da Coruña, na Galícia, Espanha. Incentivado por minha orientadora Michèle Sato, financiado pela Capes, fui recebido hospitaleiramente por minha coorientadora Araceli Serantes Pazos em seu país. Comigo, embarcou minha família: esposa, Jocimary Brandão; filhos, Alan e Alex. Além de uma vivência enriquecedora do ponto de vista cultural por meio dos novos diálogos em terras espanholas, este intercâmbio foi transformador para toda nossa família. Passamos por muitas dificuldades na adaptação a um novo clima, língua e cultura, mas lentamente nos tornamos um pouco galegos. Ver o mundo daquele ponto de vista promoveu metamorfoses porque significou um renovar das perspectivas sobre o mundo. Sentimos os aromas dos mariscos, ouvimos músicas de origem celta, conhecemos cidades medievais, nadamos no mar gelado e tomamos chuvas, ou melhor, muitas chuvas. Nesta terras úmidas, onde as hortênsias crescem como árvores, as montanhas são verdejantes e as pessoas são simpáticas e hospitaleiras. Para além destes aprendizados, nos mudamos para outro continente para realizar o Caminho de Santiago de Compostela, uma das mais famosas travessias da Terra. Enquanto eu e minha esposa caminhamos, nossos filhos pedalaram desde a cidade de Burgos até a Catedral de Santiago. Percorremos juntos mais de quinhentos quilômetros em trinta dias. Durante todo o percurso, dialoguei com outros caminhantes sobre as experiências que estávamos vivendo e seus aprendizados. Algumas destas conversas duravam dias inteiros, pois as muitas horas diárias nas trilhas propiciavam o compartilhamento de vivências. Encontramos neste companheirismo com a Professora Araceli e os outros peregrinos um terceiro coletivo fundamental para a criação desta investigação.



Figura 03. Uma família no Caminho



Fotografia: Arquivo do autor, 2017

Lançamos um olhar científico sobre o mundo por meio de nossa compreensão fenomenológica da realidade, aqui inspirada principalmente em Merleau-Ponty (1971). A fenomenologia da percepção deste filósofo foi, em nossa interpretação, à raiz das causas da cisão entre a mente e o corpo, bem como entre as pessoas e a natureza. Sua obra foi dedicada à superação do *cogito* cartesiano, que, por meio da separação entre corpo e espírito, contribuiu e continua contribuindo relevantemente para a criação e a recriação das sociedades que buscam o progresso material acima de tudo, em detrimento das outras dimensões da vida, causando injustiças sociais e desequilíbrios ambientais. Entretanto, a fenomenologia compreende haver uma inseparabilidade da mente-corpo e do eu-outro-mundo. Neste sentido, o conhecimento científico é sempre influenciado pelo cientista que o produz. É por isso que em países com cultura do vegetarianismo, pesquisas apontam a possibilidade de uma alimentação saudável e nutritiva mesmo sem o consumo de carnes. Já em culturas eminentemente carnívoras como a nossa, há pesquisadores que compreendem ser a carne essencial para a saúde humana. O olhar e toda a vivência do investigador está necessariamente imbricado em suas pesquisas e, de uma forma ou de outra, é sempre parte do resultado. Merleau-Ponty (1971) entende que a ciência não consegue ser um conhecimento construído por meio de uma visão de todos os ângulos e nem uma visão de ângulo algum. Os fenômenos nunca podem ser compreendidos por

completo e estão sempre entrelaçados com a experiência de quem os vive. Mesmo uma maçã não pode ser compreendida integralmente, pois apresenta qualidades diferentes a cada nova perspectiva no espaço e no tempo. É exatamente esta compreensão fenomenológica que estimula diálogos férteis entre a filosofia e a ciência, porque estes campos de conhecimento se influenciam mutuamente. Foi, portanto, inspirados na fenomenologia que percorremos um caminho epistemológico, praxiológico e axiomático (Sato; Passos, 2009) de imersão nos fenômenos das travessias, sempre em diálogo com os outros sujeitos desta pesquisa.

A nossa escolha por pesquisar as experiências e os aprendizados nas trilhas brasileiras do Espinhaço e espanholas do Caminho de Santiago teve como intuito buscar as universalidades desta experiência, uma vez que o caminhar é uma possibilidade que está presente em todas as culturas sobre a Terra. Os humanos caminham desde sempre e seguirão caminhando mundo afora em direção ao futuro. A velocidade do movimentar-se pela paisagem a três quilômetros por hora é a mais humana possível. De avião, de carro ou de bicicleta, o mundo também apresenta suas infinitas possibilidades, mas cada uma destas formas proporciona um engajamento peculiar do corpo-mente, gerando percepções diferenciadas sobre a realidade. Cada uma destas perspectivas apresenta sua riqueza fenomenológica. Entretanto, a busca pela compreensão do caminhar é a busca pelo movimento na paisagem mais humano possível, sem a influência de veículos e de motor ou a proteção de tetos e vidros. Mesmo aqueles que não podem caminhar, por um motivo ou por outro, conseguem experimentar esta velocidade. Há relato de pessoas que percorreram os mais de oitocentos quilômetros do Caminho em cadeira de rodas. Esclarecemos, portanto, que metodologicamente não percorremos trilhas em dois países como casos a serem investigados e comparados, mas como forma de viver experiências potencialmente diferentes em busca das universalidades.

Caminhamos, ao longo de quatorze anos, mais de mil e duzentos quilômetros a pé, tendo sido necessária a troca das botas algumas vezes ao longo dos anos. Desta distância total, cerca de setecentos foram percorridos desde o início desta investigação. Ao mesmo tempo, nos aprofundamos na epistemologia para realizar interpretações dialógicas das experiências destas caminhadas. Acreditamos que hoje somos capazes de afirmar com que por detrás destas intensas vivências no mundo subjaz uma **educação ambiental do caminhar**<sup>10</sup>. Há, em nossa interpretação, um conjunto de aprendizados centrais que os

---

<sup>10</sup> Escrevemos aqui em negrito os temas centrais desta Tese.

caminhantes aprendem ao longo dos quilômetros nas paisagens. Foi tanto a nossa rica vivência quanto a dos caminhantes que nos fizeram ir profundamente no tema. É possível que um peregrino de primeira viagem não chegue a conclusões semelhantes, uma vez que ainda está aprendendo a lidar com as dores na perna e as bolhas no pé, bem como controlar sua própria ansiedade. Contudo, a rigorosidade científica desta pesquisa nos fez procurar respostas profundas em diálogos com aqueles que aprenderam com as experiências de centenas de quilômetros caminhados.

Figura 04. Flor na crista do Espinhaço



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Apresentamos agora uma síntese introdutória que nos ajuda a compreender a formulação desta tese. Em um primeiro momento, debatemos nosso **caminho metodológico** (Capítulo 2) e nossa **autobiografia fenomenológica** (Seção 2.1), como forma de abordagem aos fenômenos por meio do caminhar e do diálogo no mundo. A seguir, sentimos a necessidade de apresentar nossa **biografia ecológica** (Seção 2.2) para tornar transparente os olhares dos quais surgiram estas interpretações. Mais adiante, apresentamos os dois territórios (Seção 2.4) que escolhemos para realizar nossas travessias, sendo o primeiro nas montanhas de Minas Gerais e o segundo na rota histórica do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha.

Entendemos que estamos vivenciando uma crise civilizatória que entrelaça a todos na Terra, ao mesmo tempo que nos ameaça pelas crescentes injustiças sociais e mudanças

climáticas. Ela também apresenta sua dimensão existencial. Os valores ligados à ideologia do progresso estão deixando as pessoas ansiosas e amedrontadas porque exige delas um estilo de vida apressado em direção à metas de produção e consumo excessivos. Uma parte da educação formal e não formal, por sua vez, pensada para moldar mão de obra industrial, não somente está em crise, mas é também parcialmente corresponsável por esta encruzilhada de nossa civilização. Diante deste contexto, interpretamos os aprendizados dos caminhantes por meio de uma perspectiva problematizadora da realidade, em diálogo com uma **educação ambiental politizada** (Capítulo 3).

Nas travessias, não há separação precisa entre caminhantes, residentes, cidades, animais, plantas e rios. O corpo não é apenas um veículo de pensamentos incapaz de verificar de fato a existência do outro e do mundo, assim como defende o *cogito* cartesiano. Tudo é percebido por um movimento constante de um corpo-mente sempre posicionado no tempo, no espaço e na história. Na medida em que o cajado se torna uma extensão deste corpo-mente do caminhante, sua epiderme deixa de ser o limite entre ele e seu entorno. Assim, a carne em Merleau-Ponty nos aponta o quão difusas são as fronteiras entre o eu-outro-mundo. Na medida em que um pássaro se aproxima em resposta ao assobio do peregrino e as rãs coaxam prevendo as chuvas, o mundo se descortina por meio de um entrelaçamento sutil entre o visível e o invisível. Durante as longas caminhadas, por meio do fluir na paisagem, o que há é uma unidade indissociável caminhante-caminho. Assim, estas experiências se apresentam como um **retorno ao mundo dos fenômenos** (Capítulo 4), tanto dos pontos de vistas da filosofia e da ciência, bem como do aprendizado.

Em um primeiro momento, o caminhar pelas paisagens durante muitos dias e semanas desacelera o caminhante e o faz desconectar de sua rotina apressada e da sociedade do progresso. Aos poucos, um passo após o outro, de *pueblo en pueblo*, subindo e descendo montanhas, sua atenção se volta cada vez mais ao momento presente, gerando um diálogo com um certo **Silêncio** meditativo (Capítulo 5). Esta autoinvestigação nos leva ao autoconhecimento, às intuições, às criatividade, bem como faz transparecer nossas sombras, limitações, vaidades, raivas, angústias, medos, egoísmos e ansiedades. Este nível de atenção plena é uma modo de perceber o mundo e a nós mesmos de forma intensa, pois gera um tipo específico de **Presença** do corpo-mente. Quanto mais presente é nossa forma de perceber a realidade, mais olhamos nos olhos das pessoas e ouvimos atentamente suas histórias. Os sabores, as texturas, os sons, os odores e as visões se tornam também mais vívidas. Assim, os aprendizados das caminhadas são fruto, portanto, da intensidade destes

diálogos entre os caminhantes, as pessoas, as paisagens e o Silêncio. Aos poucos, os caminhantes se tornam mais criativos e podem gradualmente transformar suas formas de pensar, sentir e agir no mundo. Assim, as travessias contribuem também para a arte do viver (Capítulo 6) e para a criação de novas possibilidades existenciais<sup>11</sup>.

Eis, portanto, a nossa tese: subjacente às caminhadas existe uma **educação ambiental do caminhar** (capítulo 7). As longas travessias ensinam colaboração, diálogo, autonomia e problematização, bem como a indissociabilidade do corpo-mente e do eu-outro-mundo. Por meio da atenção plena e do diálogo com o Silêncio, propiciam também uma viagem ‘interior’ que faz emergir um novo senso de existência e coexistência, bem como novas formas de pensar, sentir e agir no mundo. Caminhar lentamente pelas paisagens se apresenta, portanto, como formas de resistir politicamente à sociedade do progresso, mas também como estímulos à invenção do novo. Esta é a nossa educação ambiental do caminhar, apresentada aqui como uma alternativa pedagógica possível, dentre outras, em direção às sociedades sustentáveis.

Para finalizar esta introdução à travessia, sentimos a necessidade de dizer que acreditamos que esta investigação pode não interessar somente aos educadores, aos cientistas, aos filósofos e aos que gostam de caminhar, mas a todos que escolheram a busca e que, portanto, não podem recusar a travessia, assim como nos ensinou Guimarães Rosa (1956). Deixamos aqui o nosso convite à leitura, ao diálogo e, logicamente, ao caminhar pelas paisagens. Preparem seus espíritos, arrumem suas mochilas e andem pelo mundo, tanto das letras quanto das montanhas, prestando atenção nos entrelaçamentos do caminho-caminhante, bem como entre o eu-outro-mundo. Possivelmente, estas travessias poderão ser importantes caminhos para a metamorfose da corpo-mente, bem como para a transformação do mundo. Acreditamos que o caminhar pode contribuir para a arte do viver e para fazer brotar a borboleta que todos somos.

---

<sup>11</sup> Não utilizamos o termo existencial no sentido da corrente filosófica existencialista, mas de acordo com a origem latina desta palavra que é *existere*, cujo significado pode ser compreendido como ‘ser em abertura ao mundo’.

Figura 05. Estradinha dourada



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

## CAPÍTULO 2

### Um caminhar metodológico

O mundo fenomenológico é pois inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que fazem sua unidade pela retomada das experiências passadas nas experiências presentes, da experiência do outro na minha.

Merleau-Ponty

Figura 06. Vale da Cachoeira Polar



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Antes de falar propriamente sobre as entrevistas, os sujeitos investigados, as perguntas realizadas, bem como outros procedimentos investigativos, consideramos fundamental discorrer sobre nossas perspectivas metodológicas do ponto de vista filosófico. Nossa opção por uma metodologia fenomenológica gera implicações relevantes sobre nossos resultados e, por isso, compreender este caminho escolhido é de suma importância para compreender nossas interpretações sobre os fenômenos pesquisados. A fenomenologia da percepção apresenta, portanto, dupla importância para esta pesquisa. Além de ser a perspectiva filosófica que nos serve como ponto de partida epistemológico para as interpretações sobre as experiências e os aprendizados dos caminhantes, esta abordagem orienta também nosso caminhar metodológico. Em outras palavras, tanto a forma de percorrer o caminho até os resultados quanto as interpretações sobre estes resultados são fundamentadas por esta visão filosófica, tendo aqui como principal referência a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1971).

A seguir, apresentamos fundamentos filosóficos que subsidiam esta nossa escolha por este caminhar metodológico. Já na seção sobre nossa biografia fenomenológica, discorreremos sobre passagens e experiências da vida que se entrelaçaram de forma a contribuir para o desenvolvimento desta investigação. Em seguida, debatemos os procedimentos metodológicos realizados ao longo da pesquisa. Por fim, apresentamos os fenômenos investigados que são as travessias na Serra do Espinhaço, em terras mineiras, bem como o Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha.

## **2.1 Autobiografia fenomenológica**

Para que possamos introduzir a fenomenologia da percepção, é importante destacar o contexto filosófico que serviu como contraponto aos esforços intelectuais empreendidos pelos fenomenólogos. Este contexto é uma abordagem filosófica que tem relevante influência para além da filosofia, abrangendo também a ciência, a educação, assim como a sociedade até os dias atuais. Merleau-Ponty (2003) utiliza nomes diferentes, ao longo de seus textos, para se referir às reflexões cartesianas e seus desdobramentos, mas, em sua última obra, 'O visível e o invisível', ele opta com maior frequência pelo termo filosofia reflexionante. É transparente o respeito pela importância da obra de Descartes (1996) por parte dos fenomenólogos, principalmente pelo esforço empreendido por eles no sentido de superar certas compreensões que são centrais e profundamente debatidas na obra deste autor, principalmente no que se refere ao desafio de construir argumentações que buscam o



entrelaçamento do que foi filosoficamente separado. As dualidades entre corpo e alma, humano e natureza, eu e o outro, que são fundamentadas com base no *cogito ergo sum*, são debatidas em diversos momentos da obra de Merleau-Ponty, inclusive em seu já referido último texto.

Por meio de seu método da dúvida, Descartes (1996) defendeu que tudo que nos cerca deveria ser colocado à prova, devendo passar pelo funil da dúvida e somente o que restasse poderia ser considerado uma verdade. Por meio de seu método de análise, ele viria a estabelecer uma metodologia científica que influenciou amplamente a ciência desde o século XVII até os dias atuais. Em sua visão, tudo era passível de dúvidas, inclusive as paisagens que nos cercam, as coisas e as outras pessoas. As formas como teríamos acesso a este mundo poderiam nos trair, sejam elas por meio dos sentidos, da memória, das emoções ou dos sonhos. Esta compreensão o levou ao solipsismo, que seria a impossibilidade que um sujeito pensante tem em afirmar alguma existência que não fosse a sua própria. Se por um lado conhecer a nós mesmos já seria muito difícil, por outro, conhecer o chamado mundo exterior deveria ser impossível. Partindo destas reflexões, ele concluiu que pensava, logo existia (*cogito ergo sum*). Ao colocar à prova o mundo que o cercava, os pensamentos se apresentariam como a única possibilidade de garantia da facticidade de sua existência. Haveria, assim, um mundo interno, feito de pensamentos, em contraposição a um mundo externo, feito de coisas e pessoas. Entretanto, este mundo exterior não seria diretamente acessível. Não haveria sentido nas coisas por si próprias, mas apenas pensamentos sobre elas. O mundo, neste caso, seria o que pensamos dele.

O Cogito desvalorizava a percepção do outro, me ensinava que o Eu não é acessível senão a si mesmo, posto que me definia pelo pensamento que tenho de mim mesmo e que estou evidentemente só em tê-lo, pelo menos neste sentido último (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 10).

Em outra direção, ao defender a indissociabilidade entre o Ser e o mundo, Merleau-Ponty (1971, p.7) argumentou que é preciso retornar aos fenômenos, em prol de um fazer filosófico e científico que não mais negue o pano de fundo do qual emergem os pensamentos. Em suas palavras, fenomenologia seria a busca por uma compreensão “[...] direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração com sua gênese psicológica e com as explicações causais que o sábio, o historiador ou o sociólogo podem fornecer dela [...]” Trata-se de uma abordagem que se interessa pelos fenômenos em sua integralidade e não somente pelas análises que podem ser feitas deles. Afinal, “O mundo está aí antes de qualquer análise que eu possa fazer dele e seria artificial fazê-lo derivar de

uma série de sínteses que religariam as sensações (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 8).

O desafio seria então compreender como se dá este acesso ao mundo, considerando esta interdependência do eu-outro-mundo. É a partir desta reflexão que Merleau-Ponty estabelece uma primazia da percepção como forma de um entrelaçamento das pessoas com seu entorno, demonstrando na mesma medida que tudo que as envolve também está presente nelas. Neste sentido, há uma coemergência entre 'as ideias sobre o mundo' e 'o mundo sobre as idéias'. Em sua perspectiva, a percepção humana se dá por meio de um engajamento intencional e corpóreo na paisagem, que coloca as pessoas sempre situadas, tanto no espaço quanto no tempo. A paisagem que as cerca, de certa forma, surge concomitantemente com elas. Este mundo percebido é, portanto, ao mesmo tempo, semente e fruto humano. Não falamos aqui, logicamente, do planeta, este dos dinossauros e das pedras, que estava aí antes da presença das pessoas. Falamos do mundo percebido, que é indissociável de quem o percebe.

Na percepção, não pensamos no objeto e não nos pensamos como pensantes, estamos no objeto e nos confundimos com este corpo. Nesta camada originária do sentir que se encontra na condição de coincidir verdadeiramente com o ato da percepção e de abandonar a atitude crítica, vivo a unidade do sujeito e a unidade intersensorial da coisa. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 244).

Esta concepção foi apresentada por este autor em 'Fenomenologia da Percepção', publicada originalmente em 1945, que foi posteriormente complementada pelas compreensões de corpo e quiasma, fundamentais para o desenvolvimento de sua ontologia da carne e da imbricação do 'Visível e o Invisível', apresentadas em sua última obra, ainda inacabada e interrompida por sua morte em 1961. Entretanto, nosso foco, neste capítulo, é metodológico e nos interessa ressaltar a importância do nosso engajamento nos fenômenos investigados, por meio da experiência direta como pesquisador-caminhante nas travessias. Por isso, introduzimos, apenas de forma breve, essa noção de percepção para ressaltar a necessidade de considerar em nossa investigação a forma como estamos imbricados no mundo e como temos acesso a ele. Retornaremos em maior profundidade aos aspectos centrais da filosofia de Merleau-Ponty no capítulo 'Reencontro no mundo'.

Partindo desta premissa de indissociabilidade entre o eu-outro-mundo é que pensamos esta investigação sempre por meio do entrelaçamento entre suas dimensões epistemológicas, praxiológicas e axiológicas, assim como nos apontou Sato e Passos (2002). Entendemos que uma investigação científica deve ser desenvolvida tendo como

premissa a imbricação da conceituação das ciências e suas teorias do conhecimento (episteme), do caminhar metodológico (práxis) e dos valores e da ética implícitas no modo de vida e nas escolhas políticas (axioma). É por isso que tanto nossa metodologia quanto nossas interpretações são permeadas pela fenomenologia. É por este mesmo motivo que foi para nós importante deixar transparente os nossos posicionamentos éticos e políticos diante do atual momento da humanidade. Também explicitamos que nossa intencionalidade com esta pesquisa é que as compreensões das experiências e dos aprendizados dos caminhantes em longas travessias possam contribuir de alguma forma para encontrarmos caminhos de resistência e superação destas crises humanas.

Por meio desta compreensão filosófica em diálogo com o nosso fazer científico, optamos, portanto, por uma metodologia fundamentada nesta fenomenologia da percepção. Compreendemos assim que o conhecimento científico não pode ser pensado e construído sem a subjetividade de quem o produz. A nossa percepção como pesquisadores se tornou parte integral desta construção, uma vez que concordamos com a impossibilidade em pensar uma separação clara entre o eu-outro-mundo. Por meio deste ponto de vista, a ciência necessita manter o rigor metodológico, mas precisa reconhecer, portanto, esta subjetividade implícita na construção do conhecimento. Foi em prol deste rigor que realizamos diversas imersões nos fenômenos investigados em busca de vivenciá-los com os próprios sentidos, emoções e compreensões. Para isso, foi necessário colocar o pé na estrada e caminhar pelo mundo.

Nossa experiência com longas caminhadas começou há quinze anos, em 2005, quando foi realizada a primeira travessia Lubrina, na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, no Brasil. Desde lá, foram percorridos, ao todo, aproximadamente setecentos quilômetros nestas montanhas latino-americanas. Embora nossa pesquisa tenha começado formalmente no ano de 2015, a intensidade de todas estas experiências foi tão grande que fez com que detalhes de cada um dos dias e momentos nestas trilhas fossem lembrados com vigor. O registro por meio fotografias e vídeos contribuíram também para que tanto eu quanto os outros caminhantes pudessem recordar e relatar suas experiências, que estavam tão frescas em suas memórias como se elas tivessem acabado de acontecer. Ainda de forma complementar, realizamos um trecho do caminho francês do Caminho de Santiago de Compostela, em terras espanholas. Durante trinta dias, ao longo de quinhentos quilômetros, caminhamos desde a cidade de Burgos até a igreja onde está o túmulo do apóstolo. Ao todo, para a compreensão dos fenômenos investigados nesta pesquisa, nossa imersão nas

travessias aconteceu ao longo de uma década e meia, por mais de mil e duzentos quilômetros.

Figura 07. Um pesquisador-caminhante no Caminho



Fotografia: Resende-Duarte, 2017

Ao longo de tantos anos, quilômetros, histórias e trilhas, muitos foram os parceiros e amigos que me acompanharam por estas travessias mundo afora. Nas montanhas da Serra do Espinhaço, ao todo, vinte e uma pessoas me fizeram companhia. No Caminho de Santiago, minha equipe-família era formada por mim, minha esposa e meus dois filhos. Além deles, durante os trajetos diários, dezenas de pessoas também seguiam as mesmas setas amarelas em direção a Compostela. Este caminhar durante horas por dia possibilitou também muitos momentos de diálogos sobre as montanhas, os desafios da vida, as dificuldades das travessias e as amenidades do cotidiano. E é exatamente por meio deste dialogar em um lento movimento pelo mundo que aconteceram ricos intercâmbios de experiências, proporcionando muitos aprendizados. Entretanto, assim como fenomenologicamente não temos condições de delimitar separações precisas entre o eu-outro-mundo, enquanto pesquisador-caminhante não sou capaz de separar o que eu aprendi e ensinei com as travessias e com estes meus companheiros do que eles aprenderam e me ensinaram.

É diante deste entendimento que buscamos entrelaçar as minhas próprias percepções dos fenômenos vividos com os relatos das entrevistas realizadas. As interpretações das experiências das travessias feitas nesta investigação são, portanto, em sua raiz, uma construção coletiva e dialógica. No entanto, chegou um momento em nosso caminhar metodológico que tivemos que escolher se daríamos, em nossa escrita, maior ênfase aos relatos destes companheiros e amigos, deixando minhas percepções um pouco mais implícitas nas entrelinhas do texto ou se deixaríamos emergir estas mesmas percepções como um dos elementos principais dos resultados aqui alcançados. Optamos pela segunda possibilidade durante a redação. Todas as experiências oriundas das imersões nos fenômenos ao longo destes quinze anos e mais de mil e duzentos quilômetros caminhados passaram a ganhar um destaque especial a partir desta compreensão fenomenológica da imbricação do olhar do pesquisador no fenômeno investigado. Afinal, em tempos contemporâneos em que a sociedade do progresso exige da ciência uma produção cada vez mais acelerada de conhecimento, nos parece raro encontrar uma tese em que o investigador tenha todos estes anos de intimidade com seu tema de pesquisa.

Diante destas peculiaridades, esta metodologia se tornou uma **autobiografia fenomenológica**. Minha opção foi, então, por deixar fluir meus olhares enquanto pesquisador-caminhante em imersão nas travessias para deixar emergir este conjunto de ricas interpretações sobre as experiências, trazendo assim contribuições relevantes aos temas investigados. Neste sentido, fizeram parte das formas que encontrei para interpretar os aprendizados das longas caminhadas relatar diversos momentos em que estive presente e que me foi possível perceber com meus próprios sentidos e emoções cada vivência intensa destas travessias.

Em outros momentos, partindo dos depoimentos dos entrevistados, realizei também as minhas reinterpretações de suas experiências. Optamos por não transcrever suas falas de forma literal porque as entrevistas não seguiram exatamente um modelo de perguntas e respostas. Elas se apresentaram mais como longos diálogos tanto sobre a vida quanto sobre as travessias. Portanto, para esta investigação, foi considerado mais importante o contexto geral de suas falas do que algumas possíveis frases soltas que pudessem ser transcritas literalmente. Assim, para a redação desta pesquisa, suas passagens de vidas, bem como das travessias foram apresentadas em forma de breves histórias. Para isso, utilizamos um dos mais tradicionais recursos didáticos e literários mineiros que é a 'contação de causos'.

Em pesquisas bibliográficas sobre este tema, encontramos um texto sobre a fenomenologia das obras autobiográficas (SCHMITT, 2017), que debate em que medida este tipo de livro sobre a vida do autor pode ser considerado como um relato fidedigno de sua história ou se há também nestas obras algo de ficcional. Sabemos que este texto aborda um contexto diferente do nosso na medida em que enfoca outros tipos de autobiografias, não tratando especificamente de uma metodologia científica assim como esta que propusemos para esta pesquisa. Mesmo assim, sua leitura nos apresentou contribuições. Para Schmitt (2017), é preciso considerar, dentre outros aspectos, as transformações, as criações e as interpretações que a memória deste autor opera sobre as próprias experiências. Assim, do ponto de vista fenomenológico, as verdades são sempre parciais, pois elas mudam tanto ao longo do tempo tanto por causa dos distintos pontos de vistas dos quais são observadas. Por compreendermos estas limitações sobre a impossibilidade de haver verdades completas e acabadas, utilizamos aqui o verbo interpretar ao invés de analisar. Desta forma, deixamos transparente que mesmo os relatos aprofundados feitos pelos entrevistados passaram pela nosso olhar fenomenológico.

Em concordância com nossos posicionamentos, Schmitt (2017) defende ainda que as autobiografias devem deixar transparecer as experiências dos autores. Por isso, apresentaremos na seção seguinte nossa biografia ecológica, para tornar transparente o contexto de passagens de minha história de vida que se tornaram relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Cada um dos momentos relatados se entrelaçam, contribuindo para formar esta colcha de retalhos que é nossa investigação.

Se por um lado toda esta imersão nas longas caminhadas possibilitou interpretações relevantes sobre o tema, por outro, reconhecemos os limites intrínsecos dos resultados desta investigação. Esta mesma imersão que propiciou pontos de vistas bem específicos e peculiares sobre os fenômenos é também limitadora da abrangência de olhares sobre um mesmo tema. No entanto, sabemos que todo caminho metodológico apresenta seus pontos positivos, mas também suas fragilidades. A fenomenologia, enquanto visão filosófica que compreende as pessoas e o mundo de forma interdependente, apresenta como uma de suas principais contribuições a profundidade com que os temas abordados, acrescentando ao conhecimento científico as subjetividades, as emoções, as artes e os sentidos. Por outro lado, é preciso reconhecer as muitas lacunas que esta investigação foi incapaz de preencher. Uma pesquisa quantitativa, por exemplo, poderia, por meio de uma outra

perspectiva científica, apontar questões ligadas ao perfil socioeconômico dos caminhantes, suas motivações e outras características de suas experiências. Entendemos, portanto, que este caminhar metodológico nos apontou satisfatoriamente, por um lado, relevâncias sobre os aprendizados e as experiências das travessias, enquanto, por outro, nos fez compreender o inacabamento e as lacunas desta investigação.

## 2.2 Biografia Ecológica: costuras fenomenológicas de experiências da vida

Todos os crepúsculos que contemplo me inspiram o desejo de rumar para um oeste tão longínquo e resplandecente como aquele em que o sol mergulha.

Thoreau

Figura 08. A árvore e o caminhante



Fotografia: Resende-Duarte, 2015



A biografia ecológica é utilizada por pesquisadores do GPEA com intuito de tornar transparentes os pontos de vistas que originam suas pesquisas, por meio de um breve relato biográfico, contemplando histórias relevantes sobre suas relações eu-outro-mundo. Considerar o olhar do pesquisador em uma investigação significa compreender que os resultados não são verdades universais, mas possíveis interpretações que, por serem conduzidas com rigor metodológico, se fazem relevantes em termos científicos. A validação desta relevância deve e pode ser verificada pelos interlocutores interessados por meio da metodologia, que deve ser transparente ao mostrar os caminhos percorridos até os resultados, bem como o contexto que serve como pano de fundo para estes resultados.

As pesquisadoras Aleixes (2015) e Kawahara (2015) utilizaram a biografia como forma de assumir fenomenologicamente seus resultados. A primeira o fez ao relatar seu histórico de militância pelos direitos humanos, com o objetivo de debater a justiça climática e a educação ambiental nas teias do fórum de direitos humanos e da terra de Mato Grosso. Já Kawahara (2015) refletiu sobre sua formação cultural híbrida, para defender sua tese sobre fenomenologia da educação ambiental pós-crítica, por meio de festas comunitárias do pantanal e do Japão. Ao debater os pontos de partida e os contextos de suas investigações, elas acrescentaram um componente ético porque proporcionaram ao leitor uma interpretação mais fidedigna dos resultados, que podem inclusive relativizá-los em função de outros olhares possíveis.

Diante destes argumentos brevemente expostos, vale agora perguntar: o que significa assumir fenomenologicamente o olhar do pesquisador em sua pesquisa? Esta resposta é fundamental para compreender o porquê da importância desta biografia ecológica como parte da metodologia desta investigação. Aqui, é o momento para conhecer, mesmo que brevemente, quem é o investigador por detrás desta pesquisa, seus porquês, bem como seu contexto de vida. É por isso que chamamos este capítulo de costuras fenomenológicas de experiências de vida. É a partir da transparência desta colcha de retalhos que é possível conhecer melhor o entrelaçamento entre o pesquisador, o fenômeno investigado e as interpretações aqui realizadas.

A fenomenologia é a filosofia que escolhemos para reconhecer esta imbricação entre o olhar e o olhado, bem como entre o investigar e o investigado. Trata-se de uma corrente filosófica que se propõe voltar aos fenômenos que, por meio desta perspectiva, não podem ser separados dualmente entre sujeitos e objetos. A cisão que a filosofia cartesiana

defendeu entre corpo e alma, bem como entre humano e natureza estabeleceu fundamentos para o objetivismo científico. Na medida em que existiria um eu interior e um mundo exterior, existiria também uma separação clara e precisa entre este mesmo eu e o mundo que o cerca. Neste caso, as coisas do mundo se tornariam objetos a serem pensados e analisados por sujeitos. Por meio desta concepção filosófica é que se fortaleceu o racionalismo, que prioriza a razão como caminho para se alcançar a verdade. Os conhecimentos científicos seriam mais relevantes do que os outros exatamente por serem fruto do pensamento rigoroso racional. Em contraposição a esta forma de ver o mundo, a fenomenologia dedicou-se à compreensão do ser, imerso nos fenômenos da vida, sempre em abertura intencional em direção ao mundo.

O que a fenomenologia busca não é elevar-se acima de nosso envolvimento prático e emocional com o mundo de modo a fornecer uma explicação ou justificação de porque ele é como é, mas descrever nossa existência no mundo, nossos vários modos de ser-no-mundo, o que precede nossa reflexão e teorização conscientes (MATHEWS, 2006, p.32).

Uma questão central para esta compreensão filosófica é a intencionalidade dos seres em meio ao mundo. Nas palavras de Capalbo (1987, p.14), sobre o trabalho do filósofo Husserl, “a consciência se define essencialmente em termos de intenção”. Além da assunção da intencionalidade, a fenomenologia avançou fundamentalmente na superação filosófica das dualidades cartesianas, questionando “[...] a filosofia positivista do século XIX pelo acento dado à viabilidade do conhecimento exato, objetivo e neutro (RAMOS GONÇALVES *et al.*, 2008, p.407)”. Diante deste contexto, para esta investigação, optamos por arraigar nossas interpretações na obra de Merleau-Ponty, que estabeleceu o primado da percepção e a ontologia da carne como caminho para a superação destas dualidades. Para Passos e Rezende (2015, p.8):

É falso creditar um sistema filosófico a Merleau-Ponty. Ele é, antes, um peregrino que em tudo se detém, prova, busca entendimento e relaciona com o conhecimento nascente. Sua formulação não é bêbada. Vai ao miolo das questões, diz se por ali há futuro ou se a trilha poderá ser sem importância.

Esta capacidade de ir ao cerne das questões é relatada como uma qualidade deste peregrino da filosofia, o que torna mais fácil compreender a nossa identificação, enquanto peregrinos investigadores. Não se trata aqui, no entanto, de assumir a fenomenologia da percepção como mais relevante do que as outras abordagens, mas de compreender que, sob sua luz, os aprendizados das travessias ganham um brilho especial, uma vez que o corpo em movimento no mundo é central na experiência dos caminhantes. Ramos

Gonçalves *et al.*, 2008, p.414) ressaltam a importância do corpo para Merleau-Ponty ao dizer que, “para ele, o enigma da intersubjetividade só pode ser resolvido na experiência corporal”.

Com relação à aceitação do ponto de vista do cientista no resultado de sua investigação, faz-se necessário realizar a seguinte reflexão: a ciência seria capaz de compreender um fenômeno por completo, como se ela fosse a visão de todos os ângulos ou até mesmo a visão de lugar nenhum? Há muitos pesquisadores da ciência clássica, alinhados com a filosofia cartesiana, que acreditam nessa possibilidade e investigam o mundo com a ambição de descobrir verdades universais, pretensamente objetivas e, portanto, imparciais, sobre a natureza, o mundo e a humanidade, desvelando os segredos do céu e da terra. Verdades assim seriam possíveis se todas as possibilidades de compreensão sobre um assunto fossem esgotadas e exaustivamente investigadas. Elas existiriam apenas se fosse possível traçar uma separação precisa entre o dentro e o fora, entre quem investiga e quem é investigado. Mas será mesmo possível sustentar esta cisão entre sujeito/objeto?

Sato (2011) critica a separação entre prática e teoria, reivindicando que no caminhar investigativo, preceitos, vivências e valores estão intrinsecamente conectados. Esta nossa abordagem dificulta fragmentar a pesquisa em ‘introdução, objetos e metodologia’ já que estas dimensões revelam a intencionalidade do sujeito (axioma) na escolha de seus fenômenos (episteme) no processo de construção investigativa (práxis). Portanto, é mister tornar transparente que essas dimensões se entrelaçam em vários momentos, dificultando a leitura fragmentada em estruturas, mas com plena abertura à cartografia de rotas, montanhas, sentimentos, caminhos, labirintos, silêncios ou barulhos.

Por meio de sua fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty (1971, p.69) aponta a primazia da percepção como forma de Ser no mundo e coloca como um dos objetivos de seu trabalho “[...] fazer ver na percepção, ao mesmo tempo, a infraestrutura instintiva e as superestruturas que se estabelecem sobre ela pelo exercício da inteligência”. A reflexão sobre o mundo somente pode acontecer porque há uma experiência pré-reflexiva. Este filósofo argumenta que “[...] o pensamento objetivo, no sentido da ciência, finalmente faz-nos perder o contato com a experiência perceptiva, da qual é, entretanto, o resultado e a continuação natural” (MERLEAU-PONTY, p. 83).

A fenomenologia da percepção chama a atenção de que os conhecimentos

científicos não podem ser considerados uma verdade incontestável exatamente porque não pode haver imparcialidade completa. Há sempre uma imbricação do olhar no olhado. O pesquisador sempre influencia o pesquisado, ao mesmo tempo que é influenciado por ele. No ato mesmo de investigar, ambos se transformam mutuamente. Merleau-Ponty argumenta que não há ciência imparcial, sem ponto de vista, exatamente porque não é possível separar a reflexão da percepção. O Cartesianismo somente se sustentaria partindo do princípio que o mundo existiria lá fora, como algo que já estaria dado, independente do nosso movimento nele. No entanto, o que faltou nesta reflexão é considerar a forma como temos acesso a este mundo, que é por meio da percepção, sendo ela pano de fundo da reflexão, ou seja, também um ato pré-reflexivo.

Para a compreensão fenomenológica é fundamental considerar, portanto, a imbricação do olhar do investigador no investigado. Nas palavras de Ramos Gonçalves *et al.* (2008, p.415), “a fenomenologia se apresenta como uma postura mantida por aquele que indaga”. Notem que, diante desta visão, não podemos chamar o fenômeno investigado como um ‘objeto’ de estudo, as informações como ‘dados’ e as interpretações como ‘análises’. Para Merleau-Ponty, é preciso reconhecer e compreender as experiências, somente a partir das quais as reflexões são possíveis.

Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é abstrata, representativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem (MERLEAU-PONTY, p. 7).

A ciência clássica paralisa no espaço e no tempo os fenômenos investigados, transformando-os em objetos. Para investigar o corpo, por exemplo, a biologia lança um olhar externo sobre ele. Num estudo sobre uma rã, ela precisa matá-la, dissecá-la, para encontrar ali dentro um conjunto de partes. “O que é verdadeiro é que há uma natureza, não a das ciências, mas a que percepção me mostra (MERLEAU-PONTY, p. 435).” Assim sendo é preciso retornar ao mundo das experiências porque:

Todo universo da ciência é construído sobre o mundo vivido e, se quisermos pensar na própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, convém despertarmos primeiramente à experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, p. 6).

Contudo, ao concordarmos com Merleau-Ponty, não estamos tecendo críticas à ciência como um todo, mesmo porque há muitas formas de fazê-la. Nossa intenção é tão somente deixar transparente o nosso caminho científico, que é apenas um dentre muitos

possíveis. Sentimos aqui a necessidade de tecer estes diálogos entre a filosofia e a ciência no sentido de esclarecer de maneira apropriada a inclusão de passagens de nossa história de vida nesta investigação.

A biografia ecológica é, portanto, uma forma de aceitação do olhar do pesquisador como caminho metodológico científico, na medida em que reconhece a função primordial que a percepção exerce na construção de sentidos e saberes. Para Merleau-Ponty (1971, p.14), “procurar a essência da percepção é declarar que a percepção não é presumida como verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade.” Assim, o meio pelo qual os conhecimentos são construídos é tão relevante quanto os próprios conhecimentos.

Esta nossa biografia permite fortalecer, portanto, a própria investigação porque proporciona aos leitores a compreensão dos pontos de vista, por meio dos quais o conhecimento científico em questão foi construído. As contribuições desta tese são relevantes, portanto, pelo rigor deste método fenomenológico aqui empregado, por esta transparência do contexto do investigador, bem como pela profundidade dos diálogos entre a epistemologia e a experiência dos caminhantes. A ciência, portanto, sob interpretação deste filósofo francês, não perde seu valor, apenas é reposicionada no universo de conhecimentos possíveis. Em outras palavras, a ciência deixa de ser a visão de todos os ângulos ou a visão de ângulo nenhum, para ser uma visão compartilhada por muitos cientistas, que pode ser verificada pelos interlocutores interessados pelo seu rigor metodológico.

Uma vez realizada estas reflexões iniciais sobre o caminhar fenomenológico, é possível agora relatar minha biografia ecológica, que contém momentos relevantes de minha formação familiar, cultural e acadêmica que contribuíram com esta investigação científica. O intento é que o leitor, ao final deste capítulo, conheça um pouco de minhas experiências e compreenda minhas paixões pela educação, pelo humano e sua vocação do Ser mais, pelas viagens, pela diversidade cultural, pela natureza, bem como pelo caminhar no mundo. Cada parágrafo que segue foi escrito como um retalho, parte de uma grande colcha, cuja tessitura se fez necessária à existência desta tese.

Após alguns anos tentando ter um segundo filho, minha mãe desistiu temporariamente ao não conseguir engravidar. Ao ver-se em meio a um relacionamento desgastado e que não mais produzia brilho no olhar do casal, decidiu-se pelo divórcio. Quando já estava planejando a saída de casa, por uma ironia do destino ou acaso da vida,

descobriu que estava grávida. Filho de Eloisa Resende e Aldeysio Dias Duarte, nasci pouco mais de onze anos depois de meu único irmão Victor Duarte, na cidade de Belo Horizonte, capital montanhosa de Minas Gerais. Após meu nascimento, em maio de 1982, meus pais ainda permaneceram por quase dois anos juntos, quando finalmente se separam. Fui criado por minha mãe, com a ajuda de meu irmão e com algum distanciamento de meu pai.

Eloisa Resende é ser humano mais incrível que eu conheço pessoalmente. Com ela, comi infinitas pizzas, deixei de ir à aula para ver filme à tarde, viajei para muitos lugares e aprendi o compromisso social de transformar nosso entorno para melhor. Foi ela quem me deu o necessário aconchego e o sentimento de segurança diante do mundo. Veio também dela a coragem e o apoio para me abrir às paisagens e, principalmente, à formação que me possibilitou a construção de uma moral, bem como a capacidade de desenvolver competências para me posicionar em meio à vida e ao mundo. Não tenho condições de descrevê-la por causa de sua personalidade complexa e suas diversas experiências de vida. No entanto, vale dizer que ela foi assistente social, reconhecida pela sua capacidade de transformar a realidade, por meio da união da reflexão à prática. Entre outros destaques profissionais, sua autêntica práxis lhe rendeu um convite oficial do governo cubano para que desenvolvesse seu trabalho lá na ilha caribenha. Como mãe, foi amorosa, dialógica e rígida. Seu amor sempre envolveu a mim, meu irmão, sua família, amigos, seu trabalho e sua ação no mundo. Sua capacidade dialógica a possibilitou ter amigos nos cinco continentes, de todas as idades e de muitos credos diferentes. Dos meus amigos, ela soube se tornar amiga e, sem dúvida, tem sido uma grande companheira em minha jornada. A rigidez, herdada de família, lhe foi necessária para se posicionar no mundo. Foi presa política, durante a ditadura militar, porque acreditava na justiça social, na dignidade humana e na democracia.

Se é verdade que foi Marx, entre outros pensadores, quem a ajudou a refletir sobre as contradições e as desigualdades, foram sua sensibilidade e compaixão que lhe fizeram compreender as causas da pobreza, das doenças e da falta de condições para uma vida digna que afetava a maior parte das pessoas para quem dedicava seu trabalho. É também verdade que foi Paulo Freire quem a ajudou a conectar sua ação e sua reflexão numa autêntica práxis transformadora. Dentre outras contribuições relevantes, dedicou-se a transformar o mundo por meio de seu trabalho em um dos maiores hospitais de Minas Gerais. Sempre nutriu e ainda tem uma profunda curiosidade pelo humano e suas formas de existência. Sua capacidade de olhar nos olhos das pessoas e compreender seus dramas e o brilho de suas almas a fez íntima de muita gente, tornando-a uma contadora de histórias e

'causos' com a mais refinada oratória mineira. Eloisa, minha mãe, é também minha heroína.

Meu pai, Aldeysio Duarte, participou relativamente pouco de minha vida até os 22 anos de idade, mas permaneceu sempre como uma referência paterna amorosa. Era comum passar finais de semana com ele e viajar uma vez ou outra. Os contatos esporádicos marcaram nossa relação com momentos de alegria e também de dificuldades. Por certo, senti muito a falta de sua presença mais participativa em meu crescimento, o que me gerou ressentimentos. Demorei até o final da adolescência para descobrir que eu tinha mágoas e que precisava perdô-lo. Foi um processo lento, mas, sem dúvida, uma das maiores conquistas de minha vida. Quando realizei uma viagem de bicicleta, por seis meses, pelo litoral nordestino, tive tempo suficiente para refletir sobre a vida, minhas dificuldades e desafios pessoais. Ao terminar a viagem, mais de cinco mil quilômetros depois, estava decidido a reinventar nossa relação por meio de um perdão que, mais tarde, libertaria ambos de emoções negativas e de um passado ressentido. Não foi um passe de mágica, mas um processo de aproximação lento e de reconstrução de uma relação de amizade, de respeito, de admiração e de amor. Meu pai também teve uma vida de militância e dedicação ao coletivo. No regime militar, foi duramente torturado. Ele permaneceu desaparecido por meses até que, por uma espécie de milagre, foi devolvido à família com terríveis marcas físicas e psicológicas que o acompanharam por muito tempo de sua vida. Aposentou-se como servidor da Prefeitura de Belo Horizonte e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre muitas características, tenho como referência sua simplicidade e humildade diante da vida, bem como sua generosidade com as pessoas. Hoje, a barba que acostumei a cultivar em meu rosto é uma forma de homenagem e admiração que tenho pelo meu pai.

Quando eu tinha três anos de idade, meu irmão, Victor Duarte, já estava na adolescência, com quatorze. À época, minha mãe teve que ter três empregos para conseguir manter a nossa família e era ele quem cuidava de mim com frequência. Sinto muita gratidão por sua dedicação e o tenho como uma referência masculina e paterna fundamental na minha formação. A vida lhe impôs uma maturidade precoce. Enquanto alguns se esmorecem diante deste tipo de dificuldade, meu irmão achou seus caminhos no mundo e cumpriu um papel muito importante na nossa família. Enquanto morávamos juntos, marcou-me com sua alegria, seu humor e seu talento para o canto. Em uma mesma música, imitava Elvis Presley, Ney Matogrosso, Lulu Santos e Frank Sinatra.

Um dos maiores ensinamentos que sigo aprendendo com ele é sua competência para agir no mundo. Uma de suas passagens profissionais mais marcantes foi o fato de ter se tornado um jovem engenheiro da Hidrelétrica de Furnas, por meio de um disputado concurso público. No entanto, alguns anos depois, mesmo tendo um invejável emprego, bom salário e ótima qualidade de vida, ele abriu mão de sua estabilidade e pediu exoneração. Ele não se adaptou ao lento andamento dos trabalhos dos colegas servidores públicos e concluiu que podia entregar muito mais ao mundo. Com uma coragem para poucos, não se deixou engolir pela estabilidade de um emprego público e se atirou no mundo em busca de uma contribuição mais relevante. Minha primeira aventura na Serra do Espinhaço foi também com ele. Aos oito anos, me levou para acampar na beira de uma linda cachoeira. Era inverno e não tinha ninguém na água gelada do poço. Ele me orientou a não entrar, pois poderia virar um 'pinguim congelado'. Eu pulei com toda coragem do mundo e, claro, saí da água chorando pela dor da água fria. Estes dias que passamos lá na serra foram maravilhosos e acredito ser minha mais antiga e clara lembrança de minha vida. Victor, além de irmão e amigo, foi o meu pai do dia-a-dia. Tenho por ele uma profunda admiração e me sinto honrado de compartilhar com ele a jornada da vida.

Belo Horizonte é a capital nas montanhas mineiras. Se o centro fica situado a 800 metros acima do nível do mar, alguns bairros sobem a serra, chegando aos 1200 metros. Para ir à padaria ou pegar ônibus eu tinha que subir três ladeiras daquelas de arder a panturrilha. Sou apaixonado pela cidade em que nasci. Vivi lá por mais de vinte anos. Cresci num bairro de classe média que ainda possibilitava o brincar nas ruas. Fiz muitos amigos, alguns que ainda permanecem até hoje. Na capital mineira, aprendi a comer feijão tropeiro, andar de bicicleta, namorar, conviver com a diversidade e, é claro, torcer pelo Galo, o glorioso time de futebol Atlético Mineiro que, em minha opinião, é o melhor do planeta. As raízes de minha subjetividade são mineiras e muito profundas. Parece-me que, quanto mais eu fico longe daquelas montanhas, mais as minhas raízes se aprofundam. Se o vento bater forte um dia, não exitarei em direcionar minhas velas naquelas direções. Sei, no entanto, que minha identidade é formada por essas raízes, mas também pela copa da árvore. E é exatamente pelas folhas que me abro ao novo e vou me tornando um pouquinho de cada lugar que passei e amei.

Em BH, eu podia ter o sossego do meu bairro, mas também conviver com a diversidade cultural e a globalização que começava a chegar ao Brasil mais intensamente na década de 90. Um dos privilégios da cidade foi poder estudar no Balão Vermelho,



renomada escola construtivista e sociointeracionista<sup>12</sup>, inspirada em Vygotsky. Minha mãe atravessava a cidade, todos os dias, percorrendo quase 30 quilômetros diários dirigindo um velho fusca, para que eu pudesse ter o que ela considerava o melhor ensino formal possível. Educação era uma de suas prioridades. Sem dúvida, o Balão foi uma das melhores experiências de minha vida. Para o atestado de qualidade, basta-me dizer que amei aquela escola, os professores e os colegas. As aulas eram em roda e os estudantes participavam em diálogo das decisões juntamente com as professoras. Havia um equilíbrio entre o pensar, o sentir e o agir. Tão importantes quanto a alfabetização, eram as aulas de música ou de educação física. As excursões em parques e museus eram inesquecíveis. Esta escola tinha uma pedagogia problematizadora da realidade porque já trabalhava temas como desigualdade social e desequilíbrios ambientais. Outra característica simbólica era não haver uniforme que, em termos pedagógicos, é muito relevante. Na contramão da pedagogia bancária que tem como objetivo uniformizar as pessoas e seus conhecimentos, o Balão Vermelho era um espaço para florescimento do melhor de cada criança. Eu deixei esta escola com oito anos de idade e sei que ela foi fundamental em minha formação. Depois dela, nunca mais gostei das outras escolas, mas sempre tirei a nota seis que me exigiam. No entanto, o que me fez continuar aprendendo, com intuito de ser uma pessoa melhor e contribuir mais com o entorno, foi a autonomia que aprendi lá e também com minha família.

Para ressaltar um valor familiar importante e que certamente me despertou para esta tese, vale lembrar uma passagem de quando ainda era criança. Me lembro, num domingo, de voltar do clube com o amigo e seus pais. Eu estava cansado e encostei minha cabeça no banco do carro. Era um *monza*<sup>13</sup>, quase novo, o carro mais desejado pela classe média brasileira naquela época. O cheiro daquele banco nunca me saiu da cabeça. Era muito gostoso e peculiar. Quando cheguei em casa, fui logo perguntar à minha mãe porque não vendíamos o fusca, cujo cheiro predominante era o da gasolina. Ela, sem titubear, prontamente me respondeu que a nossa prioridade era direcionar nosso dinheiro à moradia,

---

<sup>12</sup> Breve descrição da pedagogia construtivista e sociointeracionista, retirado do Site (<http://www.balaovermelho.com.br/home.php?secao=3>). O espaço “sala de aula” é visto como um lugar flexível, que pode e deve ser adaptado à cada proposta interativa de trabalho, como os Projetos, Oficinas de Trabalho, a feira literária Giroletras e a feira ecológica Eco-Balão. Nessa perspectiva, o professor não é o único informante, pelo contrário. Alunos, professores e o pessoal administrativo atuam e compartilham idéias, contribuindo para o crescimento de todos. Na prática, isso significa que a Escola utiliza a Pedagogia de Projetos, uma proposta que define tudo o que acontece dentro e fora de sala de aula. Os projetos, realizados continuamente pelas turmas, interligam e dão sentido às atividades que ocorrem na sala de aula. Isso faz com que essas atividades deixem de ser vistas pelos alunos como obrigações escolares, para se tornarem uma necessidade prática, desejada pelo grupo, de aprendizado de determinado conhecimento. Os Projetos são sempre definidos, construídos e avaliados em conjunto pelos alunos e professores.

<sup>13</sup> Monza, automóvel da Chevrolet.

alimentação, educação e viagens. A maior parte dos belorizontinos que viajavam iam às praias do Espírito Santo no verão. Era comum, inclusive, ter amigos que tinham apartamento de veraneio naquela região. Enquanto isso, minha mãe nos levava sempre em lugares diferentes a cada ano. Hoje em dia, este é um hábito estabelecido por muitos, mas naquela época era raro. Ela já sabia da riqueza das experiências e dos aprendizados que as viagens proporcionavam. Meu pai, por sua vez, nos levou em viagem, em um antigo *opala*<sup>14</sup>, através do Brasil, desde Minas Gerais até o Mato Grosso do Sul, na divisa com a Bolívia. Ambos já sabiam o valor das viagens na formação humana. Curiosamente, anos depois, um grande amigo, ao retornar de uma estadia de cinco anos na China, me presenteou com um lindo vasilhame repleto de chá da flor de Lótus. A minha surpresa foi descobrir que o chá tinha o mesmo cheiro do banco do *monza*.

Aos nove anos de idade, me mudei com a família para uma cidade chamada Três Pontas, em meio aos mares de morros do sul de Minas. Moravam lá muitos primos e tios. Era uma cidade pequena, tranquila, muito bonita e agradável. Os três anos que passei por lá foram muito importantes para minha formação. Eu havia crescido em um pequeno apartamento e tinha tido limitadas possibilidades de explorar Belo Horizonte. Com a posse de uma nova bicicleta, eu me apropriei daquela pequena e segura cidade. Fiz muitos amigos, principalmente meus primos, que tanto amo. Eles foram grandes professores para que eu deixasse de ser uma criança ‘criada em apartamento’. Frequentei muitos sítios e aprendi a andar a cavalo, nadar na represa, pescar no ‘*corguinho*’, comer jabuticaba e dormir sem tomar banho. Quando me mudei de volta para Belo Horizonte, aos doze anos, eu era uma outra pessoa, agora sem medo de grama e formigas.

Vale aqui relatar outra passagem que simboliza a importância das viagens para minha formação. Certa vez, já no final da adolescência, minha mãe chegou do trabalho e me disse que havia comprado passagem para eu viajar à Nova York no início de dezembro. Eu disse a ela que era exatamente a semana de prova final no colégio. Ela me respondeu com uma das frases mais marcantes que me dizia com frequência: “em uma semana de viagem, você aprende mais do que meses em sala de aula”.

Foi também com base nesta forma de ver o mundo que eu fui incentivado a fazer intercâmbio cultural. Antes de mim, minha tia Denise e tio Domingos tinham possibilitado estas experiências aos seus três filhos. Quando chegou a minha vez, escolhemos a Nova

---

<sup>14</sup> Opala, automóvel da Chevrolet.

Zelândia. Meu motivo eram as paisagens lindas dos panfletos de propaganda, mas, para a minha mãe, uma feminista de esquerda, foi a melhor opção para eu não ter que ir aos Estados Unidos. Seguramente, em um ano morando nestas ilhas incríveis do outro lado do planeta, eu aprendi como nunca. Com dezessete anos, tive que me adaptar a uma nova família, a um clima frio, à língua inglesa e a uma escola cujo uniforme era um terno de lã estilo escocês. Foi um privilégio morar num país onde não há pobreza e nem violência, cujos dois principais *hobbies* nacionais são esportes na natureza e a leitura. Aprender inglês, que já é algo excelente, foi um dos menores aprendizados que eu tive lá. Talvez o principal tenha sido aprender a ver o mundo de outros pontos de vistas muito diferentes daqueles que eu tinha aprendido num país rico culturalmente, mas com uma enorme desigualdade social. Os neozelandeses nem mesmo gostam de futebol, mas amam velejar em mares gelados e jogar *rugby*. Para um adolescente em franca formação de sua identidade, este ano me ensinou abertura à novidade e à diversidade. Eu comecei a descobrir a beleza das infinitas possibilidades dos seres humanos na Terra. Ser belorizontino, mineiro, brasileiro e sul-americano me parecia 'legal', mas esta vivência me mostrou que não é a única forma de ser 'legal', mas apenas uma possibilidade dentre muitas. A experiência foi muito enriquecedora, mas também muito solitária, embora tivesse muitos amigos. Eu me percebi só, do outro lado da terra, precisando fazer a vida acontecer em uma nova realidade. Foi lá que decidi iniciar a maior conquista de minha vida: superar boa parte da timidez, que foi responsável por me fazer um jovem melancólico e introspectivo. Numa noite de solidão e saudade do Brasil, eu fiz um compromisso íntimo de superá-la, o que ocorreu quase dez anos depois, segundo meu próprio diagnóstico.

A escolha pelo curso superior de Turismo foi relativamente simples depois de uma experiência em um país socialmente justo e ambientalmente equilibrado, que tem esta atividade como uma das mais importantes de sua economia. Ingressei na PUC Minas em 2001, aos dezoito anos. Apesar do senso comum pensar que estudar turismo é uma espécie de "oba-oba", o bacharelado em turismo é um curso que problematiza muito a realidade na medida em que o fenômeno turístico é um dos maiores geradores de renda no mundo e está transformando radicalmente diversas cidades e regiões do Planeta. Muitas comunidades estão sendo muito impactadas por um enorme fluxo turístico, gerando pobreza e desigualdade, bem como padronizando culturas, causando impactos ambientais em larga escala e tirando dos moradores da região o poder sobre suas terras e seus estilos de vida. Por outro lado, quando bem organizado por parte do poder público, em conjunto com diversos setores da sociedade civil, o turismo proporciona fortalecimento cultural,

preservação ambiental e geração de renda e empregos relevantes.

Formar-se bacharel em turismo significou assumir o desafio de contribuir com a transformação positiva de muitas realidades. Além deste compromisso, outra característica me fez apaixonar por esta área. A atividade interage com as mais variadas áreas da vida humana, o que possibilitou aprender um pouco sobre história, filosofia, geografia, economia, gestão, estatística, urbanismo, planejamento, sustentabilidade, sociologia, antropologia, dentre muitas outras áreas de conhecimento. Há quem diga, ironicamente, que o Curso Superior de Turismo é uma grande orientação vocacional porque se estuda um pouco de cada área. Eu prefiro a interpretação que diz que é um excelente curso de humanidades, que amplia os horizontes perceptivos dos turismólogos.

Foi nesta época, que surgiu minha amizade com os amigos que são grandes companheiros desta vida. Entendo que os amigos são a família que escolhemos. O gosto pela diversidade da música brasileira, pelas noites belorizontinas e pelas viagens nos uniu e nos transformou em amigos-irmãos, o nível máximo de amizade que conheço. Todos eles já tinham tido experiências ricas e diversas na vida, bem como uma excelente formação familiar. Frequentemente, os professores da faculdade pediam trabalhos sobre a organização do turismo em cidades vizinhas. O fortalecimento da amizade veio com as dezenas de viagens que fizemos a muitas cidades e vilas de Minas e de outros Estados. O gosto pelas experiências na natureza e pelas montanhas renasceu com muito vigor em mim. Viajando com eles, conversando com as pessoas, aprendendo sobre suas realidades e caminhando na serra, despertou em mim uma sensibilidade para os graves problemas ambientais enfrentados pelas pessoas e, ao mesmo tempo, causado por elas e pelo modo de produção e consumo da sociedade do progresso.

Minha monografia foi feita em parceria com três amigos e teve como tema os impactos socioculturais do turismo na comunidade de Lapinha da Serra, que tinha uma população de pouco mais de 400 habitantes, enquanto já era frequentada por milhares de turistas durante os feriados e as férias. Em meio a um emaranhado de serras, a vila havia ficado muito isolada da região por falta de estradas, até meados da década de 80, quando começaram a chegar os primeiros motoqueiros e jipeiros. A partir daí, houve uma verdadeira invasão de turistas e também pessoas que chegaram para morar e fazer dali uma forma de viver a vida. Uma boa parte das famílias começou a vender terrenos para melhorar sua qualidade de vida, mas muitas delas venderam tudo que tinham. A forte especulação

imobiliária tirou de muitos o poder sobre suas terras. Por outro lado, o turismo trouxe valorização à cultura local e uma nova consciência de preservação ambiental. Aprendi muito com estas experiências e, principalmente, com meus amigos que compartilharam comigo sua visão de mundo. Muitos deles são hoje companheiros das travessias nas montanhas.

Foi também durante a faculdade que planejei por dois anos a viagem de bicicleta pelo litoral nordestino. Em primeiro de julho de 2003, eu e meu primo Miguel Rezende, começamos nossa jornada, a dez por hora, pelos nove Estados do nordeste brasileiro. Foram seis meses pedalando pelas estradas, acampando em praias e postos de gasolina, nadando no mar, lendo livros do Amyr Klink<sup>15</sup>, comendo comidas diferentes e aprendendo novos sotaques. Exatamente como havia me orientado minha mãe, esta experiência me ensinou mais do que anos em sala de aula. A cada dia, um tempero diferente, um novo relevo e o movimento incessante que somente uma viagem de rota proporciona. Muitas pessoas abriram suas casas para dois viajantes simpáticos e amigáveis. Aprendi muito sobre suas formas de vida e suas paisagens. Ao mesmo tempo, vivenciei uma profunda transformação em meu corpo-mente e minha forma de ser. A exigência física das horas diárias sobre a bicicleta me deixou mais saudável. Ao mesmo tempo, esta profunda autoanálise, a dez por hora, me deu a possibilidade de refletir sobre a vida, minhas dificuldades, minhas relações e meus desafios com a vida. A partir desta viagem, concluí que precisava perdoar meu pai e também descobri que queria trabalhar com educação. Parar a vida automatizada do cotidiano por seis meses e empreender uma experiência de contemplação do eu-outro-mundo me deu certa clareza dos caminhos que queria seguir adiante.

Assim que retornei à Belo Horizonte para terminar minha faculdade, fui procurar um estágio que fizesse um sentido para meus objetivos de vida. Tornei-me educador ambiental voluntário no Parque das Mangabeiras, situado ao pé da Serra do Curral. Apaixonei-me pela profissão ao conduzir estudantes pelas trilhas interpretativas do parque, percorrendo suas matas e campos rupestres. O mais comum é que este tipo de vivência, quando realizada por profissionais que não problematizam a educação, ensine uma enorme quantidade de nomes científicos de plantas e depois exija que os jovens os copiem no caderno, para que, posteriormente, apresentem relatórios aos seus professores. Este tipo de educação ambiental reproduz o modelo em crise da sala de aula, que é predominantemente

---

<sup>15</sup> Escritor brasileiro dos livros: “Cem dias entre céu e mar”, que relata sua vinda da África remando um pequeno barco; “Parati: entre dois polos”, contando sua fantástica experiência ao morar um ano sozinho na Antártica; entre outros.

conteudista e reprodutora de conhecimentos. Por meio da liderança do competente educador José Roberto Zaponi, transformamos a vivência em uma rica experiência dos cinco sentidos. Logo no início da trilha, pedíamos aos estudantes que guardassem seus cadernos. Neste momento, seus professores ficavam se entreolhando com surpresa, mas acabavam concordando. Durante o passeio, os aprendizes pegavam nas cascas das árvores, pisavam na terra e sentavam-se em silêncio para ouvir o som dos pássaros. Aquela era uma experiência para romper com a educação formal e para criar maravilhamento com a natureza naqueles jovens nascidos em grandes cidades, sendo que muitos deles em situações sociais precárias. Em algumas ocasiões especiais, recebíamos jovens moradores de uma das maiores favelas da cidade, que é vizinha ao parque. Eles faziam parte de um projeto, de metodologia dialógica e problematizadora, cujo objetivo era debater as relações de sua comunidade com o parque. Estes jovens sempre nos ensinavam muito sobre o que, no futuro, fui descobrir ser uma educação ambiental politizada. Este estágio profissional me transformou e me fez descobrir de vez minha vocação para a educação.

Durante as inúmeras visitas à Lapinha da Serra<sup>16</sup>, muitas por lazer e outras para fazer a monografia, passei a conhecer bem os lugares e muitas pessoas. Em 2005, comprei um sítio, situado numa região de chácaras, denominada Lapinha de Cima. Não há vila nesta região, mas um conjunto de pequenas estradas e trilhas que conectam as casas dos moradores. No entanto, para meu sítio, *Catavento dos Arião*, não havia estrada transitável. Desde que comprei até os dias atuais, tenho que parar o carro na estrada de acesso à vila e caminhar por uma trilha de mais ou menos dois quilômetros. Por situar num vale acima dos mil e cem metros de altitude e ser cercado por montanhas rochosas que atingem os mil e seiscentos metros, a paisagem é bem peculiar, incluindo a vegetação e o clima. Normalmente, o vento sopra velozmente todas as noites, chegando a envergar completamente algumas árvores dos campos rupestres, que é um cerrado de altitude. No verão, é comum chuvas torrenciais que podem durar dias porque as nuvens param na serra, bem em cima desta região. As cachoeiras podem ser ouvidas e vistas à distância devido ao volume d'água. No inverno, o clima é seco durante o dia, mas à noite e no amanhecer, uma forte *lubrina*<sup>17</sup> cobre toda a serra até o sol esquentar, proporcionando uma constante e leve chuva, mantendo a vegetação verde por todo o ano. Em muitos momentos, as nuvens atravessam a paisagem deixando a visibilidade muito baixa.

---

<sup>16</sup> Povoado turístico, distante 143 quilômetros de Belo Horizonte, no município de Santana do Riacho, situado na Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira, de amortecimento dos impactos ao Parque Nacional da Serra do Cipó.

<sup>17</sup> Lubrina é uma corruptela de Neblina, de acordo com o sotaque da região.

Nos primeiros anos, eu acampeei no terreno sem apoio de nenhuma estrutura, ora acompanhado por família e amigos, ora sozinho. Os vizinhos de chácara me achavam corajoso por ficar só naquele ermo, exposto ao vento e à chuva, protegido apenas por uma barraca. Tive experiências incríveis naquela serra, seja de re-ligação com a paisagem ou com as pessoas da região. Nas montanhas, caminhei muito sob chuva, conheci muitas cachoeiras, descobri a riqueza em pequenas flores e animais daquele cerrado bem peculiar. Participei também de muitas festas e ricas celebrações da cultura local. Alguns anos depois, construímos uma pequena casa, que funciona mais como um abrigo de montanha. Em um pequeno platô, no alto de um morro, de frente para o paredão rochoso, construímos um banheiro e uma cozinha com uma mesa de confraternização. Não distante dali, em meio à vegetação, foram abertas pequenas áreas de acampamento. Para a construção, foram necessárias 126 viagens de carroça para levar o material necessário, tendo inclusive que atravessar um pequeno ‘*curguinho*’ no caminho. Em uma ocasião, o vento chegou a derrubar uma parede que estava recém-erguida. Neste casa, não há espelhos, televisões, internet e não funcionam telefones. O local é mesmo para a re-ligação com o aqui e agora.

Durante sua construção, dormi muitas vezes na casa de duas famílias vizinhas e tive a oportunidade de conviver com eles em seu dia-a-dia. A cultura local ficou isolada por anos, sendo que o melhor acesso para a sede municipal era por mula, que desciam as trilhas nas serras com muita aptidão. A região vivia da plantação de cebola roxa. Ainda sem acesso à televisão e à energia elétrica, a comunidade trocava o excedente de cebolas por produtos como óleo e macarrão com as comunidades vizinhas. Ao viver da subsistência, mantiveram características culturais profundas e antigas até o final de década de 1980. Quando comecei a frequentar a região, no início dos anos 2000, o fluxo de turistas era ainda tímido. O sotaque dos moradores, quase um dialeto, era praticamente incompreensível aos ouvidos recém-chegados. Para eles, trilha é *triu*, biscoito é *rachiadu*, árvore é *pau*, Deus é *Deusu* e neblina é *lubrina*. Eu descobri anos depois que era conhecido entre eles por *aquel-tal-jun-compro-na-mão-d’tião-da-marieta*. Em outras palavras, aquele tal de Júlio que comprou um sítio do Sebastião, filho da Marieta. Assim como relatado anteriormente, eu já havia tentado ler Grande Sertão Veredas por duas vezes e não tinha conseguido, mas depois de aprender a falar um pouco como eles, eu consegui lê-lo em voz alta, imitando aquele sotaque. Para escrever suas obras, o escritor mineiro cavalgou por longas trilhas, subindo e descendo as serras, acompanhado por seu amigo Manuelzão. Seguramente, foi o sotaque das pessoas destas regiões que o inspirou a reinventar a língua portuguesa e

contar aqueles *causos* e aventuras incríveis daquelas travessias no sertão. Na Lapinha, aprendi um pouco da culinária, das festas e sobre a compreensão de tempo na serra, que é muito diferente do tempo industrial urbano. Aprendi também sobre a dureza das condições de vida ali e também das dificuldades e benefícios trazidos pelo turismo à região. Quando comprei o sítio, os seis hectares eram apenas um pasto degradado. Hoje, quinze anos depois, o cerrado está plenamente recuperado. Foi ali que desenvolvi minha imensa admiração e amizade com as formigas.

Figura 09. Casinha na montanha



Fotografia: Resende-Duarte, 2014

Depois de graduado, tive muitas dificuldades para arrumar emprego, pois eu não queria trabalhar como administrador de empresas ligadas ao turismo, tipo hotéis, agências de viagem ou companhias aéreas. No momento, eu desejava trabalhar com projetos turísticos em municípios. Eu, em parceria com dois amigos, Fábio Pessoa e Bruno Scarpelli, abrimos uma empresa de consultoria para cidades turísticas e a mantivemos aberta por quase três anos. Tivemos muitas dificuldades na oferta de consultoria, mas chegamos a desenvolver um trabalho ou outro. No entanto, não era suficiente para que eu me mantivesse financeiramente.

Ao mesmo tempo, comecei a fazer mestrado em Turismo e Meio Ambiente, no Centro Universitário Una, em Belo Horizonte, sob orientação do antropólogo Nelson Quadros. Aprendi muito sobre a transdisciplinaridade do turismo e também sobre o olhar



antropológico. Logo no início de minha jornada, tive que refazer meu projeto, quando surgiu a ideia de pesquisar as ricas experiências dos cicloturistas na Estrada Real. Eu parti das minhas vivências para conseguir entrevistas aprofundadas com 28 viajantes da rota. Algumas destas conversas duraram mais de quatro horas, tamanha era a paixão dos entrevistados por suas viagens. Viajar de bicicleta significa aprendizado intenso, por meio do corpo engajado em paisagens e culturas diversas, com a intencionalidade de um tipo de turista que precisa se abrir ao novo e aceitar o movimento constante. Também para a pesquisa, pedalei pela Estrada Real durante vinte e um dias. A partir de minha percepção, em diálogo com a dos entrevistados, as experiências foram interpretadas por meio do conceito fenomenológico de percepção ambiental de Tim Ingold (2000).

Foi também durante o mestrado que redescobri Paulo Freire. Embora eu nunca o havia lido, digo que o redescobri porque eu já conhecia parte de sua obra por meio da práxis de minha mãe, que teve a oportunidade de encontrá-lo por algumas vezes. Na medida em que aprofundi as leituras, que começaram por *Pedagogia do Oprimido*, as reflexões e conceitos foram ganhando sentido e tornando mais inteligíveis. Foi a partir deste momento, que ficou definitivamente claro a certeza de que meu caminho no mundo seria indissociável da educação.

Uma enorme energia reprimida para trabalhar na área, somada às dificuldades profissionais e à pressão do término do mestrado me fizeram ter crises muito frequentes de enxaqueca, além de um estado de melancolia persistente. Minha timidez, insegurança e imaturidade tornavam meu caminho ainda mais difícil. Estas dificuldades me levaram a fazer uma terapia que conectava transdisciplinarmente autoanálise, yoga e exercícios de respiração. E assim começou minha história com meditação. Logo nas primeiras semanas, eu senti uma intuição muito forte de que deveria me dedicar com disciplina e seriedade à prática meditativa. Hoje, após quatorze anos de dedicação, compreendo que a meditação está entre os pilares mais importantes de meu crescimento humano, autoconhecimento, espiritualidade, bem como na minha busca existencial e na melhoria das minhas relações com as pessoas e o mundo. É importante ressaltar aqui que, por orientação familiar, nunca frequentei nenhuma religião, nutrindo até um certo preconceito por elas. Entretanto, a partir desta época, a espiritualidade, por uma via não religiosa, passou a ter um papel central na minha visão de mundo e no meu trabalho. Estudando para esta pesquisa tive uma grande surpresa quando me deparei com a obra do monje trapista Thomas Merton. Senti uma profunda identificação com sua forma de pensar a existência. Em seu livro “A experiência

interior” (2007), o autor desenvolve um rico diálogo entre a vida contemplativa cristã, dedicada ao silêncio e à militância engajada, e a existência Zen, também permeada pelo diálogo com o silêncio e a compaixão. Já na introdução, ele alerta ao leitor dizendo que:

Se você já é de algum modo um contemplativo - quer você saiba, quer não (isso faz pouca diferença) -, é provável que não somente leia o livro com uma obscura sensação de que ele foi escrito para você, como também possa sentir a necessidade de ler a coisa toda (MERTON, 2007, p.6).

Minha surpresa foi exatamente sentir que esta obra tinha sido escrita para mim. A mesma intuição forte que tive no início de minhas práticas meditativas me re-ligaram à sua obra. O autor nos alerta, entretanto, que essa identificação não faz de ninguém melhor ou pior, superior ou inferior, mas apenas ajuda a compreender sua identidade. Foi assim que esta leitura me fez avançar na contínua busca do ‘quem sou’. Mais adiante, Merton (2007, p.6) pede ao leitor que reze por ele, “porque de agora em diante nós somos, de um modo estranho e misterioso, bons amigos”.

Foi também nesta época em que começaram as travessias na Serra do Espinhaço. A partir da convivência com os moradores da Lapinha da Serra, surgiu a curiosidade de conhecer as trilhas, rotas e travessias que eles faziam com frequência. A primeira edição foi em 2005, organizada por mim e os amigos Lucas Carlesso e Aroldo Satler. Com duração de sete dias, percorremos cerca de 90 quilômetros sem GPS ou mapas, apenas com orientações dos moradores da região. Perdemos-nos em diversos momentos, mas chegamos aos locais desejados. A experiência foi fantástica, embora tenhamos tido problemas com equipamentos inadequados, planejamento da comida mal feito, além das dificuldades físicas pela inexperiência. Foi uma travessia tão deslumbrante que, após o término, firmamos o compromisso de realizar uma segunda edição no ano seguinte. Desde então, já foram empreendidas quatorze edições, tendo eu participado de onze delas. As experiências e os aprendizados nas montanhas foram tão relevantes na minha formação e na transformação da minha forma de compreender a vida que inspiraram esta tese.

Figura 10. Eu caminhante



Fotografia: Arquivo do Autor, 2015

Após a defesa da dissertação, as oportunidades profissionais continuaram escassas, me deixando ainda mais tenso pela incapacidade de conquistar minha autonomia financeira. Decidi, então, por uma ruptura radical: me mudar de Belo Horizonte. Pedi demissão do emprego, fechei a empresa que tinha, expliquei à namorada e comuniquei à família. A partir de pesquisas sobre as cidades com economias em crescimento, mas, sobretudo, por intuição, decidi por Cuiabá. Coloquei as coisas importantes dentro do carro, incluindo livros, diplomas e bicicleta, para dirigir por três dias pelos Estados de Minas, Goiás e Mato Grosso, rumo a uma cidade que não tinha visitado ainda e não conhecia ninguém. No caminho, fiz uma reflexão importante sobre um dos maiores aprendizados da viagem de bicicleta. Como tudo era diferente todos os dias, desde as estradas ao tempero do feijão, eu descobri que nenhum dia seria igual ao outro e, portanto, eu deveria aprender a me abrir ao novo. No cotidiano, pegamos os mesmos ônibus, comemos na mesma padaria e trabalhamos com as mesmas pessoas. Fazemos de tudo para controlar as variáveis, acreditando que a felicidade existe somente em dadas condições. Pedalando eu aprendi a manter-me aberto ao novo, ao inesperado, ao que está por vir. Ainda antes de chegar à Cuiabá, eu já havia decidido internamente que amaria aquela cidade e me tornaria parte dela. E assim foi.

Mesmo sem conhecer ninguém, arrumei emprego no primeiro dia, para lecionar no

curso de administração de uma faculdade da iniciativa privada. Cheguei na quarta feira de cinzas à capital do Mato Grosso e já na segunda seguinte eu estava em sala de aula, contratado. Ao todo, lecionei por sete anos, em diversas graduações, em 15 disciplinas diferentes. Neste tempo todo, nunca fui professor de uma matéria ligada diretamente ao planejamento do turismo ou à educação ambiental. Por sobrevivência e por abertura ao aprendizado, lecionei sobre quase tudo que me era oferecido. É claro que nem sempre conseguia uma boa qualidade, apesar de todo meu esforço e dedicação. No entanto, ao assumir a responsabilidade de ser professor de conteúdos que eu não conhecia bem, eu aprendi enormemente sobre didática. Eu testei muitas práticas diferentes e, quanto mais elas amadureciam, melhor eu lidava com novos conteúdos. Foi nesta época, que eu me tornei educador, deixando para trás a compreensão do professor especialista que domina um determinado assunto. Sou extremamente grato à Universidade de Cuiabá pelas oportunidades e aprendizados.

Lecionando no curso de administração, eu me deparei com um obstáculo epistemológico ao me perguntar como seria possível dialogar naquele espaço sobre temas ligados à justiça social, democracia, desequilíbrios ambientais e sociedades sustentáveis. A resposta eu encontrei sendo professor por vários anos da disciplina de Ética nas Organizações. Em uma palestra que assisti, Leonardo Boff ressaltava que, dentre os que mais precisam da educação ambiental, estavam os empresários, porque são os representantes maiores da ideologia do progresso e suas decisões afetam a muitas pessoas e paisagens. Foi então que eu me aproximei novamente da EA e passei a estudá-la com muita dedicação, por meio de uma motivação que brotava internamente. Um dia, fui à casa de um amigo, olhei para a prateleira e um livro me saltou aos olhos. Era como se ele brilhasse em meio a muitos outros. Instantaneamente, me veio uma intuição de que seria importante lê-lo. A obra “Ecologia: grito da terra, grito dos pobres” me proporcionou um relevante *insight*. Leonardo Boff (1995) conseguiu imbricar a militância vermelha, pela justiça social, à militância verde, pelo equilíbrio ambiental. O argumento central é que ambos, pobres e a terra, são vítimas do modo de produção capitalista, porque é exatamente da exploração deles que este modelo se sustenta. Ambos são oprimidos, portanto, pela mesma causa, o que torna os desafios sociais e ambientais indissociáveis e complementares. Passei a compreender que uma solução real só poderia vir para os dois problemas ao mesmo tempo. Este livro uniu a práxis herdada pelo exemplo de meus pais e sua geração aos novos desafios apresentados à minha geração. Antes desta leitura, eu não tinha uma boa resposta para aqueles que diziam que não era importante cuidar da Terra ou da

natureza até que fossem erradicadas as injustiças sociais. Depois, descobri que o vermelho da justiça social, enfim, não precisava mais ser compreendido como antagônico ou prioritário ao verde do equilíbrio ambiental, ao azul da democracia e ao branco da paz. Passei a compreender que todos estes desafios eram parte de um único problema, foi quando meu horizonte utópico se transformou em direção à criação de sociedades sustentáveis.

No quarto ano em Cuiabá, já completamente adaptado à cidade e à cultura, me tornei professor efetivo do Instituto Federal do Mato Grosso – IFMT. Comecei a lecionar pela primeira vez temas relacionados à minha formação acadêmica da graduação. A partir de uma certa maturidade profissional, me senti pronto para arriscar novas práticas pedagógicas, na medida em que a sala de aula bancária passou a não mais fazer sentido para o que eu acredito ser a missão do educador. Minhas aulas passaram ser livres para estudantes livres, quando parei de fazer a chamada. Eu refletia com eles que, seguramente, aquele espaço seria de aprendizado e crescimento para todos, mas se eles não tivessem prontos ou não quisessem, poderiam exercer a autonomia de escolher como, quando e com quem aprender. Uma parte das aulas passou a ser em círculo, sob o argumento da potencialização do diálogo. Em uma roda, são 30 professores, enquanto que com as carteiras em fileiras apenas um tem o direito de falar. Todos tem um pouco a ensinar e muito a aprender, nos ensinou Paulo Freire. Em uma parte menor da carga horária, cerca de vinte por cento, continuei com aulas expositivas, com objetivo de fazer provocações e reflexões sobre os assuntos pertinentes. Em um terceiro momento, passamos a desenvolver projetos teóricos e práticos, transformando a sala de aula em uma sala de reuniões, de planejamento e de tomada de decisões. Dentre os projetos organizados, foram feitos o 1º Festival de Música e Canto do IFMT<sup>18</sup>, Sustentabilidade na Prática<sup>19</sup>; O dia do Grafite<sup>20</sup> e a Produção de vídeos educacionais, todos eles disponíveis no *youtube*.

Dentre as iniciativas que me deixam mais otimista, está o Projeto Silêncio<sup>21</sup>, que continua cada vez mais amadurecido até os dias atuais. Ele começou sem qualquer planejamento, de forma completamente aleatória e intuitiva. Aos poucos, passei a ensinar meditação aos estudantes. No entanto, o objetivo não é deixá-los calmos e dóceis para que tirem melhores notas. Em outras palavras, a meditação não é ensinada para anestesiá-los os estudantes e os tornar dóceis frente à educação bancária. O objetivo é ajudá-los a se

---

<sup>18</sup> Vídeo acessível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zuu2\\_PuJGWs](https://www.youtube.com/watch?v=zuu2_PuJGWs)

<sup>19</sup> Vídeo acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FDmv81m7DMo>

<sup>20</sup> Vídeo acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EQtdKHQvrdY>

<sup>21</sup> Vídeo acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1OWQgtoMsXU>

libertarem deste modelo de ensino que não prioriza o aprender a aprender. A partir da prática frequente de exercícios de respiração, é possível aumentar o controle emocional, ser mais criativo, acessar mais o inconsciente e proporcionar maior saúde ao corpo. A meditação é, para nós, libertária porque acreditamos que quanto mais uma pessoa desacelera e aprende a perceber seu mundo 'interior', mais ela permite florescer suas inteligências, vocações, sonhos e sua busca existencial, bem como sua re-ligação e sua solidariedade frente ao sofrimento humano. Acreditamos que um estudante que medita regularmente demanda uma escola que, ao invés de uniformizar pessoas, seja um espaço de diálogo, colaboração, de práxis e de florescimento de cada Ser. Ao longo das aulas, são também realizados diversos diálogos sobre os temas ligados à meditação e à relação indivíduo-coletivo. Ao final de cada ano, os grupos de aprendizes participam do dia do silêncio, quando todos permanecem oito horas em silêncio em um parque, desconectados da internet e do celular, assim como foi realizado com o GPEA<sup>22</sup>.

Em Cuiabá, me apaixonei pela vizinha de apartamento e me casei. Jocimary Brandão é linda, gentil, amorosa, competente, cuidadosa, companheira e excelente mãe. Com ela, tenho aprendido duas lições importantes na vida. Seu amor com a nossa família, com seu trabalho e com amigos é puro e maduro, daqueles que envolve, cuida e acalenta, mas, no entanto, não sente a necessidade de cobrar dependência ou obediência. A segunda lição, também ligada a esta primeira, é a forma sábia de compreender a vida, levando-a com simplicidade, leveza, profundidade, alegria e reverência face ao mistério. Se há mesmo uma diferença entre o sabichão e o sábio, seguramente, ela está bem mais perto da sabedoria.

---

<sup>22</sup> Vídeo 'Projeto Silêncio: Meditação na Universidade, acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZAZY53chv60>

Figura 11. Mãe entre filhos.



Fotografia: Resende-Duarte, 2017

Nossa família se completa com nossos dois filhos. Atualmente, com dez anos de idade, Alan e Alex são gêmeos e têm os olhos brilhantes, que demonstram sua sede de viver a vida. São inteligentes, amorosos, companheiros e têm sido grandes professores da paciência, flexibilidade e persistência. Eles nasceram em nossos corações aos seis anos de idade, quando nos aceitaram e nos adotaram como sua família. Somos, desde então, um coletivo amoroso em formação. Nossos vínculos amorosos ainda estão sendo fortalecidos e acreditamos que nada melhor do que um dia após o outro. Cada história vivida nos entrelaça um pouco mais profundamente, entre choros, alegrias, raivas, perdões, diálogos, sorrisos e uma entrega amorosa de cada um. Não houve e não há, para mim, escola melhor do que a paternidade para aprender um pouco sobre estas virtudes, mas principalmente sobre o amor. Sinto-me, como pai, um aprendiz iniciante. Entre erros e acertos, sigo aprendendo com esta responsabilidade, que é a maior e mais desafiante que já assumi. Como educador, é também um privilégio ser pai de estudante da pedagogia Waldorf<sup>23</sup>, pois aprendo toda vez que entro nesta escola. Se por um lado, a educação bancária demonstra toda sua falência, por outro, professores e estudantes Waldorf apresentam possíveis caminhos viáveis à educação do século vinte e um.

---

<sup>23</sup> Pedagogia proposta pelo filósofo Austríaco Rudolf Steiner, no início do século XX. Há hoje, mais de cinco mil escolas Waldorf ao redor da Terra. Esta pedagogia centra seus esforços no florescimento das potencialidades de cada criança, que considera sempre um ser único e espiritual.

Figura 12. Família em terras galegas - La Coruña



Fotografia: Resende-Duarte, 2017

A partir da minha reaproximação com a educação ambiental, descobri o GPEA e comecei a participar de suas pesquisas e projetos colaborativos. Devido à densidade epistemológica, à riqueza das iniciativas e à diversidade de pesquisadores competentes e comprometidos com um possível mundo melhor, senti que tinha achado o lugar certo para que eu pudesse aprofundar meus aprendizados sobre a educação, a filosofia, a fenomenologia e a práxis transformadora. Desde o começo, me engajei em projetos coletivos e me propus a aprender muito e ensinar um pouco. Tenho uma profunda admiração pelos meus colegas do grupo que tecem pesquisas coletivas transformadoras. Minha professora e orientadora Michèle Sato, de quem hoje tenho orgulho de tê-la como amiga, se tornou uma importante referência como educadora e pesquisadora comprometida com a transformação da realidade, principalmente por meio de sua militância e solidariedade juntos aos vulneráveis e ao planeta Terra. Seu rigor acadêmico e sua criticidade, aliados à sensibilidade artística, à capacidade dialógica e à amorosidade nas relações, fazem dela uma intelectual proeminente no campo epistemológico da educação ambiental e da ecofenomenologia. Este grupo pesquisador se apresenta como uma comunidade aprendente que produz ciência solidária e politizada, transformando constantemente pesquisadores e seu contexto. Além da rigorosidade metodológica, a forma colaborativa do fazer científico gera os chamados *confetos*, que significa a união entre os conceitos e os



afetos.

Este tese me apresentou desafios que inspiraram a realização de mais uma experiência transformadora em outro país. Desta vez, parti com minha família para morar um ano em Coruña, na Galícia, Espanha. Este Doutorado Sanduíche só foi possível pela coragem da Jocimary, do Alan e do Alex; pelo esforço e incentivo de Michèle Sato; pelo apoio institucional da UFMT e do PPGE, competentemente coordenado à época pela professora Márcia Ferreira; pela bolsa da Capes financiada pelo povo brasileiro; pela Universidade da Coruña (UC); bem como pela minha co-orientadora Araceli Serantes Pazos (Boli), que nos abriu as portas de seu país. Durante o ano de 2017, morei em uma pequena cidade da costa galega e pude aprender sobre a cultura local, mas, sobretudo, sobre a educação e a ciência produzidas nesta Universidade. A professora Boli se tornou minha amiga, a quem sinto enorme gratidão por sua generosidade, solidariedade e competência ao me orientar em terras ibéricas. Ela proporcionou uma experiência inesquecível a minha família, abrindo as portas de um país de pessoas alegres, aguerridas, sociáveis, politizadas e amantes da boa culinária. Seu sorriso galego e seu humor inconfundível a tornaram membro de nossa família.

Este rico intercâmbio cultural culminou na realização da travessia mais famosa de todo o mundo, o Caminho de Santiago. Enquanto eu e minha esposa caminhamos, os meninos pedalaram. Percorremos em trinta dias, ao longo de 500 quilômetros, um trecho do caminho francês, desde a linda cidade de Burgos até à Catedral de Santiago de Compostela. Mesmo sem a intenção religiosa, a experiência se mostrou profundamente espiritual. Cruzar um país, acompanhado pela família e peregrinos de várias culturas, comendo *tortillas*, ouvindo guitarras, entre *pueblos* e cidades, atravessando a caliente *meseta*<sup>24</sup> e verdes montanhas, proporcionou novos olhares sobre os aprendizados das caminhadas. Além do enriquecimento da pesquisa, minha família cresceu culturalmente e em vínculo amoroso. As onze travessias no Espinhaço somadas à peregrinação espanhola demonstram, além de tudo, minha paixão pelo fenômeno investigado.

---

<sup>24</sup> Planalto espanhol situado na região central norte do país.

Figura 13. Família caminhante



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Talvez eu tenha sido demasiadamente longo e otimista com relação à minha biografia ecológica. O intuito aqui foi mostrar as experiências mais relevantes que me trouxeram até esta pesquisa, para que o leitor possa conhecer a imbricação do olhar do pesquisador no fenômeno investigado. Entretanto, considero importante dizer também que nenhum destes acontecimentos se deu sem dificuldades, sem espinhos e sem lágrimas. Há muito sofrimento permeado nesta existência. Ao longo destes anos, muitos traumas se afluaram. Cheguei, em muitos momentos, a ficar assustado com a quantidade de dragões que transpareciam e brotavam do meu inconsciente. Eu diria, hoje, que meus maiores desafios são meus medos, minha melancolia e minha vaidade. Os medos me impedem de encarar o mundo e, principalmente, as segundas feiras, com maior abertura, amorosidade e entrega. Eles me tornam inseguro em diversas situações do cotidiano. Minha melancolia e tristeza são refúgios que construí para me proteger dos sofrimentos da infância e das dificuldades impostas pelo mundo. Minha vaidade, intimamente ligada aos medos e à melancolia, me bloqueia na busca pela expansão de minha consciência e no aprendizado de minha interdependência completa com tudo que há a minha volta. Ela me mantém cativo da ilusão da separatividade do eu-outro-mundo. Sinto, no entanto, alguma serenidade ao dizer que tenho tido a coragem de escolher o caminho do coração, que não tem sido o mais fácil, muito menos o mais suave, mas me parece que esta fidelidade à intuição tem sido

recompensada com certa sensação de uma missão que está sendo cumprida.

Sinto-me grato pela criação familiar, pelas oportunidades da vida, pela minha coragem de abraçá-las e, principalmente, pelas pessoas que compartilham essa maravilhosa aventura que é nossa passagem pela Terra. Tenho uma certa clareza de minha missão por aqui, pelo menos nesta fase atual. Sinto que estou aqui para vivenciar experiências, aprender com elas, seguir minha vocação de Ser Mais, florescer e trazer algum benefício aos seres e às paisagens que me cercam. Descubri em mim alguma vocação para a comunicação e a educação. Tenho uma forte intuição que todos nós nascemos com certos talentos e vocações. Nossa missão, penso eu, deve ser, portanto, descobri-los, aperfeiçoá-los e entregá-los ao mundo, de uma forma que a vida seja transformação e aprendizado, em comunhão com os outros seres vivos e nossa casa comum, a Terra. Sinto que nossa missão é bem relatada pela seguinte história tradicional japonesa: certa vez, um senhor disse a uma cerejeira: “fale-me de Deus! E, então, a árvore floresceu por completo.

Sou otimista quanto ao futuro da humanidade. Acho que conseguiremos, a partir de muito trabalho e colaboração, transformar a terra num jardim equilibrado ambientalmente, justo socialmente, democrático e pacífico. Não estabeleço, no entanto, um prazo para este horizonte utópico. Proponho-me a caminhar em direção a ele, mesmo que permaneça sempre no horizonte, assim como nos ensinou Eduardo Galeano. Compartilho da luta de minha família, meus amigos, colegas e professores em busca desta utopia, sempre tentando equilibrar a transcendência de Dom Quixote com a imanência de Sancho. Sinto que a humanidade está a caminho da superação da sociedade do progresso. Há muitas pessoas competentes e instituições trabalhando para denunciar e resistir aos seus descuidos com os vulneráveis e a Terra, bem como criando novas possibilidades de organização social. Sinto que aproximamos de uma transição relevante na história da humanidade e me comprometo com esta busca em prol de sociedades equilibradas, que chamamos aqui de sustentáveis.

Esta tese é, portanto, fruto da costura fenomenológica de minhas experiências de vida e minha busca existencial, bem como da colaboração dialógica com Michèle Sato, Araceli Pazos e o GPEA. Se por um lado, sinto-me privilegiado pela formação que tive, pelas experiências que vivi e pelas oportunidades da vida, por outro, estou certo que tenho, na verdade, uma responsabilidade especial de entregar o meu melhor em busca da transformação do mundo que me cerca. Foi por meio deste compromisso que me dediquei a

esta investigação como parte de minha travessia no mundo. E assim pretendo cumprir o que aprendi com as palavras de Guimarães Rosa ao dizer que “quem escolheu a busca, não pode recusar a travessia”.

## 2.3 Procedimentos Metodológicos

Figura 14. Cruz de Ferro, ponto mais alto do Caminho



Fotografia: Resende-Duarte, 2017

Os métodos são tão importantes para a pesquisa quanto para os caminhantes. Muitas pessoas inexperientes levam em suas mochilas roupas e equipamentos desnecessários durante as travessias. Muitas vezes, ainda apegadas às suas necessidades do cotidiano e padrões estéticos aprisionantes, os andarilhos levam vestimentas em excesso e diversos apetrechos que se mostram inúteis ao longo das trilhas. Conheci alguns que carregavam até secador de cabelos nos primeiros dias. Entretanto, assim como nos lembra Le Breton (2015, p.48), “la cantidad de equipaje que uno lleva consigo alimenta la preocupación del viajero durante mucho tiempo”. De fato, a cada quilômetro e hora caminhada, a mochila parece se tornar mais pesada sobre as costas. Aos poucos, o caminhar vai ensinando a diferenciar o que é essencial do que não é, tanto em termos de equipamentos quanto para questões de como viver a vida. O entrevistado Alberto Diaz, um senhor argentino, nos relatou que as travessias são como a vida porque ensinam a beleza da simplicidade. Ele utilizou o exemplo dos vinhos, uma de suas paixões. Há muitas variáveis complexas envolvidas para a definição da qualidade desta bebida. Entretanto, para ele, ao final das contas, só há dois tipos de vinhos: os que o seu paladar gosta e os que não gosta. Ao longo dos dias, “con el paso del tiempo, la experiencia nos fuerza a desembarazarnos de lo superfluo (LE BRETON, 2015, p.48).” Assim, tendo eu aprendido um pouco sobre o essencial da mochila e da vida, segui também este critério da simplicidade para os procedimentos metodológicos.

Se por um lado quanto menos coisas melhor, por outro, é fundamental saber manter uma organização metódica. Eu, por exemplo, separo minhas roupas e cada um dos equipamentos em sacolas de plástico dentro da mochila. Minha esposa me questionou algumas vezes, durante o Caminho, o porquê de tanta sistematização, até que choveu por três dias seguidos e passamos a encontrar com frequência caminhantes com tudo que tinham molhado. Eu já havia tido a experiência de cair dentro de um córrego com a mochila nas costas. Não foi nada agradável ter que passar a noite no saco de dormir úmido. Outro tipo de organização é ainda tão importante quanto esta. É preciso colocar os equipamentos mais leves na parte de baixo da mochila e os mais pesados na parte de cima para que o corpo-mente não seja puxado constantemente em direção ao chão. Também é necessário organizar o peso equilibradamente no lado direito e esquerdo para não forçar um lado da coluna mais do que o outro. A falta destes métodos faz com caminhantes inexperientes sofram com desconfortos e dores extras. No caso das investigações, a fragilidade nos procedimentos metodológicos seria ainda mais grave, pois acarretaria problemas para a consistência dos nossos resultados. Esta seção, portanto, busca apresentar estes

procedimentos que contribuem para a rigorosidade desta pesquisa.

Ao longo destas travessias, trinta e três pessoas foram entrevistadas formalmente, o que significa dizer que elas sabiam de nossos objetivos e quiseram contribuir com esta investigação. Entretanto, vinte pessoas foram escolhidas para serem aqui citadas por meio de seus relatos e assim compor esta tese, sendo que doze foram nas travessias brasileiras e oito na espanhola. Assim como foi dito anteriormente, nossas entrevistas não tiveram nenhum tipo de roteiro e não seguiram exatamente um formato de perguntas e respostas. Preferimos aqui chamar de diálogos aprofundados sobre as experiências e os aprendizados dos caminhantes nas travessias. Contudo, para além dos temas ligados ao caminhar, as conversas transcenderam o espaço-tempo das trilhas e também se aprofundaram sobre a vida e as possíveis visões sobre ela e como vivê-la.

De acordo com o programa de pós-graduação em educação da UFMT, foi necessário submeter nossa pesquisa ao comitê de Ética em Pesquisa ligado à Plataforma Brasil (Anexo 01), que a aprovou. Por considerar que nossas entrevistas não poderiam envolver os entrevistados em nenhum tipo de conflito ético pela natureza de nossa investigação, esta comissão aprovou a publicação de seus nomes e sobrenomes, desde que eles o fizessem também. Por meio do Termo de Livre Consentimento Esclarecido - TCLE (Anexo 02), documento que deixa transparente os objetivos da pesquisa, todos os sujeitos assinaram, dando-nos esta permissão para a utilização de seus nomes integrais.

Nas travessias no Espinhaço, estes diálogos duraram vários dias com alguns companheiros, mas é também possível dizer que eles se estenderam por anos com outros, na medida em que distintas edições foram realizadas em conjunto. Aroldo Satler e Renato Pirfo caminharam comigo uma vez. Em três caminhadas, me fizeram companhia Rodrigo Azevedo, Rafael Deslandes e Thiago Foresti. Por quatro oportunidades, caminhei em conjunto com Alberto Cantídio, Gustavo Chaves, Bernardo Marques e Diego de Paula. Por cinco vezes, fui com Frederico prates. Em seis, com Lucas Carlesso, enquanto que, em oito, com Raphael Mourão. Estes que mais caminharam acompanharam as minhas primeiras inquietações já na concepção do projeto desta pesquisa, passando por sua qualificação, pelo amadurecimento, até sua conclusão. Desta forma, eles tiveram oportunidades múltiplas de dialogar e construir colaborativamente interpretações sobre as caminhadas. Ainda de forma complementar, conversas individuais foram realizadas presencialmente e também por meio da internet para aprofundamento de alguns temas.

No Caminho de Santiago, passei trinta dias completos lado a lado com minha esposa, Jocimary Brandão, bem como meus dois filhos, Alex Resende e Alan Resende. Tivemos muito tempo para aprender juntos sobre o caminhar e viver muitas experiências transformadoras. Tive também a oportunidade de dialogar com o argentino Alberto Diaz, o estadunidense Deni Smith, a irlandesa Elizabeth Walsh e os belgas Lynn Forster e Pieter Cooreman. Por sua longa duração, esta travessia apresentou uma peculiaridade aos diálogos. Muitos começaram durante o caminhar e se estenderam pelos cafés e pelos albergues. Foi comum até caminhar durante alguns dias no mesmo ritmo com alguns deles e depois nos despedirmos porque ocorreu algum desencontro. O inusitado foi reencontrá-los dias adiante e seguir dialogando como aconteceu com Deni, com Elizabeth e, por muitas vezes, com o casal de amigos belga. Estes dois jovens mantiveram um ritmo parecido com o nosso nos últimos dez dias e muito nos ajudaram a cuidar de Alan e Alex nas trilhas. Quando chegamos ao centro histórico de Santiago, há poucos passos da emocionante chegada à Catedral, lá estavam eles novamente nos acenando efusivamente e com largos sorrisos em nossa direção.

O encaminhamento destes diálogos se deu sem a construção de um roteiro de perguntas. Normalmente, as primeiras conversações eram estabelecidas com base em amenidades sobre o cotidiano. Sua continuação dependia, principalmente, da semelhança da velocidade dos passos e também da empatia estabelecida. Contudo, na medida em que sentisse que o caminhante era experiente e se mostrava aberto o suficiente para avançar com os diálogos, eu apresentava formalmente os objetivos da pesquisa e lhe solicitava permissão para utilizar seus depoimentos por meio de sua assinatura no termo de consentimento. Em minha compreensão, o principal critério para a escolha de um sujeito de pesquisa era sua experiência com caminhadas, uma vez que estava em busca de reflexões profundas sobre a universalidade do caminhar. Mesmo com algumas travessias realizadas, há muitas pessoas que não adentraram os níveis de profundidade que almejei. Há aprendizados que levam mesmo anos e centenas de quilômetros caminhados. Thoreau (2012) também se deparou com esta questão:

Encontrei na vida somente uma ou duas pessoas que entendiam a arte de Caminhar, ou seja, a arte de dar caminhadas, e que tinham um talento especial para vaguear (THOREAU, 2012, p.15).

Muitos momentos destes diálogos foram gravados em gravador de áudio. Com os amigos da Lubrina, as conversas que foram feitas em períodos distintos das travessias



foram gravadas, totalizando dezessete horas de gravações. No Caminho, durante algumas paradas para descanso ou para alimentação, solicitei aos entrevistados a gravação de algumas informações e de alguns relatos que me pudessem ser relevantes posteriormente. Ao longo dos trinta dias, foram gravadas aproximadamente treze horas de diálogos.

Figura 15. Caderno de Campo, Filmadora e Gravador de Áudio



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

Se por um lado o gravador me possibilitou a audição posterior do depoimento literal dos caminhantes, por outro lado, durante os momentos de gravação, ficou claro que as histórias narradas perdiam a espontaneidade que tinham quando estavam sendo contadas enquanto caminhávamos. Parece que a busca por frases perfeitas que fossem oficializadas pelas gravações fez com que os contadores de histórias deixassem de concentrar suas atenções nos melhores detalhes das histórias. Para captar estas nuances, o Caderno de Campo foi mesmo o instrumento mais apropriado. Nele, foi possível anotar os sorrisos, a forma de olhar, a alegria por relatar uma passagem da vida, a voz embargada, os olhares e a vontade de chorar nos momentos tristes. Anotei também os incômodos que algumas indagações causavam nas pessoas e as provocações que eram a mim direcionadas. Nesta caderneta, escrevi também um diário de campo, relatando informações do trajeto, do rendimento nas trilhas, mas, sobretudo, de minhas impressões e reflexões sobre os aprendizados e as experiências nas travessias.

As fotografias sempre me acompanham desde a adolescência como um lazer, apesar de manter por elas também interesses de aprendizado sobre aspectos técnicos como a captação de luz, velocidade do obturador, edição de imagens e a capacidade de contar histórias por meio de imagens. Desde a primeira travessia, descobri que as amplas paisagens da Serra do Espinhaço, em desproporcional contraponto com os caminhantes, produziam bonitas fotografias. Desde lá, tenho armazenado dezenas de fotos de cada edição como forma de lembrança, mas também de sensibilizar aos possíveis interessados pelo caminhar nas montanhas. No Caminho, fiz apenas alguns poucos registros fotográficos porque resolvi focar na filmagem para posterior produção de um documentário.

A produção de vídeos exige maiores conhecimentos sobre os equipamentos, os programas de edição, além da própria fotografia, filmagem, sonorização, dentre outras questões técnicas. Comecei de forma amadora na produção de vídeos caseiros sobre projetos educacionais e estas viagens. Na travessia de 2016, resolvi produzir um vídeo sobre as experiências daquela caminhada na Serra do Espinhaço. Eu ainda contava apenas com equipamentos de baixa qualidade e tinha poucos conhecimentos sobre edição. Contudo, depois de muito esforço e muito trabalho, o resultado acabou agradando a mim, aos companheiros de caminhada e serviu para que as pessoas que nunca tinham caminhado pudessem sentir um pouco da poética do caminhar. O documentário “O que as montanhas ensinam”<sup>25</sup> serviu de estímulo para que eu pudesse buscar aprendizados sobre a produção audiovisual, bem como no investimento de equipamentos de qualidade. Foi assim que decidi focar meus esforços no Caminho para registrar as experiências e desenvolver o documentário desta tese de nome “O que as travessias ensinam”.

Uma vez tendo coletadas todas estas informações, buscamos interpretá-las por meio de nosso olhar fenomenológico em diálogo com as epistemologias aqui utilizadas. Buscamos uma complementaridade entre o texto científico, as fotografias e a produção destes documentários audiovisuais para que esta investigação cumprisse seu papel de contribuir para o debate científico e filosófico, mas que também fosse acessível do ponto de vista da comunicação aos educadores e demais interessados pelo nosso tema.

---

<sup>25</sup> Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aISDyru3PDU&t=304s>

Figura 16. Acampamento no Espinhaço



© Júlio Resende

Fotografia: Resende-Duarte, 2018

## 2.4 Travessias: Serra do Espinhaço e Caminho de Santiago de Compostela

Figura 17. Cachoeira do Rio Preto



Fotografia: Resende-Duarte, 2018.

Estas travessias realizadas pelos caminhantes no Brasil e na Espanha apresentam características diferentes em termos de paisagem e cultura, bem como infraestrutura, proporcionando singularidades a cada uma destas experiências. Caminhar durante oito dias pelas montanhas da Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, exige mochila cheia de equipamentos e alimentos, deixando-a com um peso de até vinte e cinco quilos nos primeiros dias. Já, o Caminho de Santiago, na Espanha, por ter muitos *pueblos* e cidades em seu trajeto, oferece muitos restaurantes, cafés e albergues que possibilitam que os peregrinos caminhem com mochilas pequenas, que podem pesar entre cinco e dez quilos, sendo necessário levar apenas roupas e utensílios de higiene pessoal. Dormir na cama de um albergue e comer uma refeição servida por um garçom é, seguramente, uma experiência com suas diferenças de ter que armar a barraca em meio ao vento e as pedras de um cume, assim como ter que preparar a própria refeição, no escuro e no frio, em um pequeno fogareiro. Entretanto, caminhar é um dos atos humanos mais universais possíveis. Salvo por questões específicas, quase todas as pessoas caminham, seja por locomoção no cotidiano, por lazer, por trabalho ou por esporte. Tanto na *Lubrina* quanto no Caminho, caminhantes e peregrinos dedicam a maior parte de seu tempo, de cada dia, percorrendo as paisagens a pé por meio de sua própria energia e movimento do corpo-mente. Assim, tendo o caminhar como a atividade central, toda travessia apresenta algo de universal também. Nossa investigação, por seu caráter filosófico, foi centrada principalmente na busca das universalidades destas experiências porque compreendemos que as longas caminhadas proporcionam aprendizados comuns, independentes de variantes paisagísticas ou culturais. Entendemos, desta forma, que não estudamos casos específicos para conhecer suas peculiaridades. Entretanto, diante das singularidades e universalidades, dedicamos esta seção à descrição destas travessias nestes dois territórios distintos como forma de aproximação dos fenômenos investigados.

#### 4.1 Lubrina: travessias na Serra do Espinhaço.

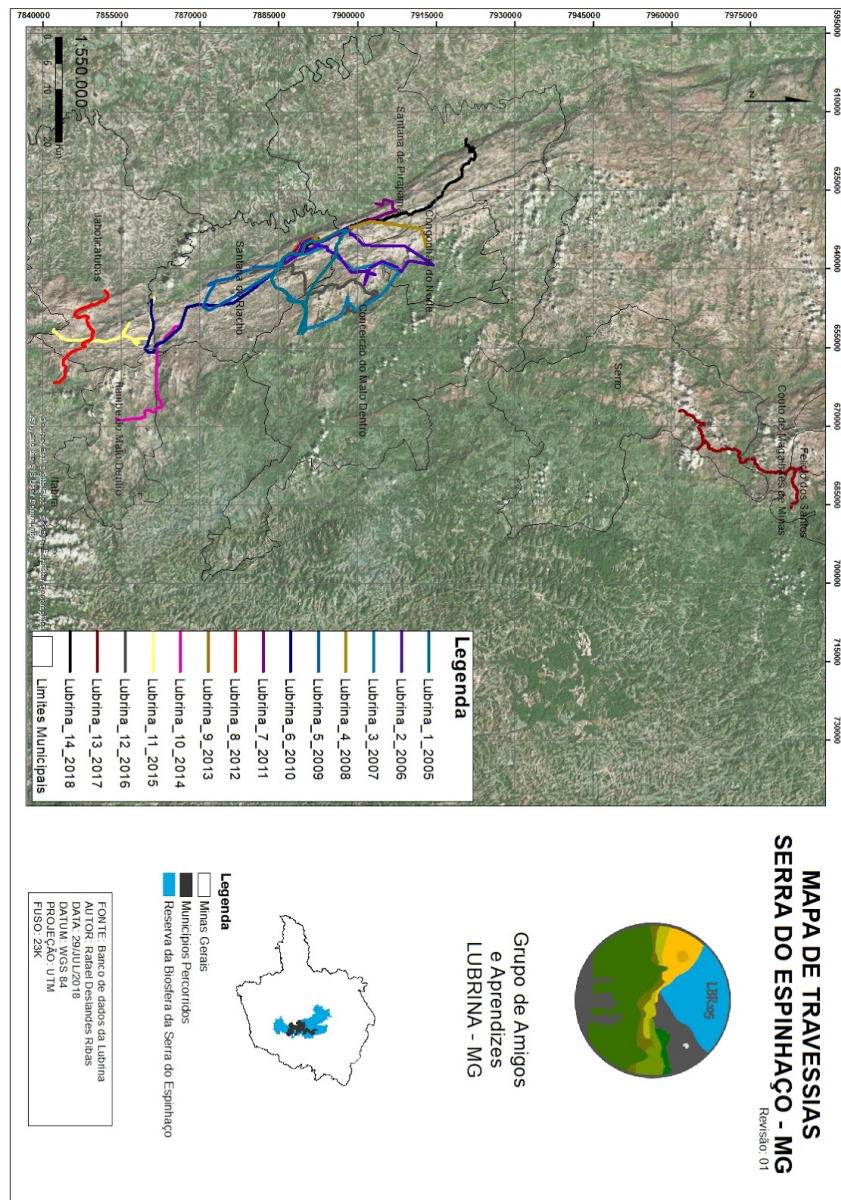
No ano de 2005, surgiu entre três amigos a idéia de realizar uma travessia de uma semana na região entre a Lapinha da Serra, o povoado do Tabuleiro e poço do Soberbo, na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais. Estas montanhas situam-se a nordeste de Belo Horizonte, distantes aproximadamente cento e cinquenta quilômetros da capital mineira. Ainda sem experiência em longas caminhadas, eu, Lucas Carlesso e Aroldo Satler fizemos o planejamento com base em pesquisas em alguns livros especializados, mas principalmente por meio de conversas com moradores da região. Os equipamentos ainda eram simples e

não ofereciam o conforto e a segurança que hoje proporcionam. A mochila de Aroldo, por exemplo, não era própria para suportar peso. Suas tiras eram tão finas que feriram seus ombros ainda no primeiro dia. No entanto, tínhamos ímpeto de principiantes, o que nos motivava, inclusive a ter disposição a nos perder em meio a trilhas e serras desconhecidas. Todo o trajeto desta edição foi planejado com base em diálogos com moradores da região, mesmo sem entender muitas palavras de seu vocabulário para descrever a paisagem. Ainda não utilizávamos qualquer equipamento de navegação como mapas ou GPS. Para alimentação, levamos, dentre outras coisas, comidas enlatadas, o que aumentou o peso e diminuiu a praticidade. Mesmo diante de tantas inexperiências, as vivências foram intensas e prazerosas. Quando terminamos a travessia, já começamos a sonhar com a segunda edição no ano seguinte.

Desde esta primeira travessia, já foram realizadas quatorze edições com a participação de vinte e dois caminhantes. Embora hoje seja um grupo de caminhadas com bastante tradição, não há qualquer tipo de formalização e nem profissionalização. Trata-se de um grupo de amigos em que os convites a novos caminhantes são abertos: amigos de amigos continuam sempre bem-vindos. Talvez esta abertura seja um dos fatores para a continuidade ano após ano. Caminhantes com Lucas Carlesso, Frederico Prates e Alberto Cantídio já participaram de sete edições, enquanto Raphael Mourão caminhou em dez e eu em onze travessias. Tradicionalmente, a Lubrina acontece durante oito dias, de sábado a sábado, sendo que a média de quilômetros percorridos em cada edição é de sessenta e cinco quilômetros. Todas estas caminhadas aconteceram na Serra do Espinhaço, que é assim descrita por Gontijo *et al.* (2008):

Cadeia do Espinhaço, um conjunto de serranias que se estende por mais de mil quilômetros desde a região de Ouro Preto, em Minas Gerais, em direção ao norte, até a Chapada Diamantina, na Bahia. O Espinhaço varia de 50 a 100 quilômetros de largura e apresenta uma altitude média de 1300 metros, sendo um divisor de biomas e de bacias hidrográficas (GONTIJO *et. al.*, 2008, p.21).

Figura 18: Mapa das travessias no Espinhaço 2005-2018



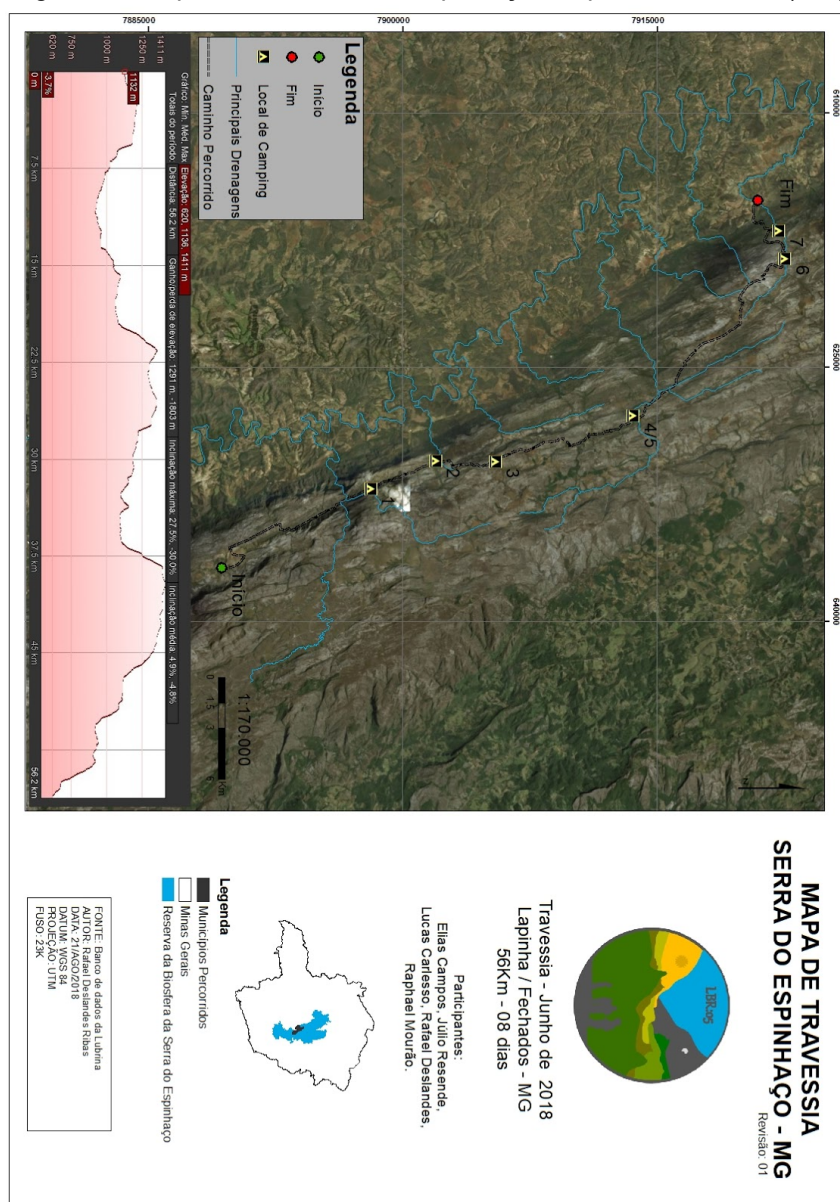
Fonte: Rafael Deslandes - Caminhante e Geógrafo

Os trajetos foram diferentes a cada ano e já passaram por vários conjuntos de montanhas, rios, vales, povoados e municípios da região como, por exemplo, Santana do Riacho, Conceição do Mato Dentro, Gouveia, Diamantina e Santana do Pirapama. Em um conjunto de montanhas de mil quilômetros de extensão, com até cem quilômetros de largura, repleta de vilarejos, basta informação e planejamento para haver a possibilidade de criação de infinitas travessias com oito dias de duração. Ao longo destes quatorze anos, embora com pontos de partidas e chegadas sempre diferentes, vários locais já foram visitados por mais de uma vez, como é o caso do povoado da Lapinha da Serra, proporcionando um aprofundamento do aprendizado da cultura local e do diálogo com os moradores da região.

O planejamento de cada edição foi feito colaborativamente. A primeira decisão ponderada geralmente é a data e a disponibilidade de cada caminhante. Em seguida, os diferentes roteiros são colocados em debate até a escolha de uma rota. A partir daí, é possível buscar os arquivos destas trilhas para o GPS e a confecção de diferentes tipos de mapas. Na travessia de 2018, Rafael Deslandes, geógrafo, fez um mapa detalhado da travessia com as trilhas a serem percorridas, por meio de cartas topográficas da região. Também foram impressos imagens de satélite do *software Google Earth*, que enfatizam o relevo das serras. A complementaridade entre o GPS, os mapas e a experiência dos caminhantes na leitura da paisagem fez com que praticamente não houvesse erros. Durante os oito dias, não foi necessário retroceder em nenhum momento por algum tipo de mal direcionamento e, nem tampouco, foi preciso atravessar capões de cerrado que exigem muita energia e deixam os caminhantes arranhadas da cabeça aos pés. Este aprendizado foi sendo aprimorado ao longo dos anos. Vale lembrar que, em 2014, por exemplo, por uma decisão equivocada em uma das encruzilhadas da trilha, a travessia terminou em um povoado distante muitos quilômetros da cidade onde havíamos planejado chegar. Mesmo assim, o local chamado Cabeça de Boi, distrito de Itambé do Mato Dentro, acabou se revelando um agradável vilarejo para a finalização da travessia.



Figura 19: Mapa da Travessia no Espinhaço - Lapinha-Fechados (MG)



Fonte: Rafael Deslandes - Caminhante e Geógrafo

Ainda sobre estas travessias, vale relatar brevemente sobre o planejamento da alimentação, que apresenta suas peculiaridades. Toda a comida é coletiva e pensada para ser nutritiva, saborosa e razoavelmente leve. Dissemos, anteriormente, que na primeira edição, levamos até feijoada em lata que não se adequa a nenhum destes três critérios, além de gerar lixo extra para carregar até o final do trajeto. Ao longo dos anos, o aprendizado foi colaborativo e acumulativo. Durante cada dia, fazemos três refeições: duas leves e uma reforçada. Para o café da manhã e o almoço, há sanduíches de pão sírio com queijo, além de granola e castanhas. As paradas são breves e o estômago dos caminhantes não pode ficar muito pesado para a continuação da caminhada. Durante a noite, o jantar é o momento mais importante para restaurar as energias. Preparamos sempre um tipo de carne,

em meio ao arroz, agregando legumes como beterrabas e cenouras. Para complementar, levamos doces, cachaças e alimentos lúdicos como pipoca. Dos vinte e cinco quilos que pesam as mochilas nos primeiros dias, aproximadamente onze são de alimentação, enquanto quatorze vêm dos equipamentos.

Figura 20. Caminhantes na travessia no Espinhaço 2018



Fotografia: Arquivo do Autor, 2018.

Em comparação a travessias mais longas como é o caso do Caminho de Santiago de Compostela, a Lubrina apresenta este limite temporal por ter como duração média de apenas oito dias. Ao longo de uma semana, há um rompimento com o cotidiano comprometido com o progresso e uma imersão intensa na montanha por meio de experiências re-ligantes entre caminhantes-paisagem. Entretanto, apesar de uma certa profundidade do silêncio, do diálogo com as pessoas e do aprendizado no mundo, ao final da semana, esperam sempre o caminhante - seu emprego, as metas, os compromissos, a família e a necessidade de engajamento na sociedade do progresso. É por isso que os relatos destes amigos ressaltam a intensidade e a beleza das experiências, mas não traz vivências sobre grandes rupturas ou transformações nos significados existenciais assim como acontecem em caminhadas mais longas. Foi exatamente por este motivo que buscamos a imersão na travessia do Caminho de Santiago.

#### 4.2 Caminho de Santiago: travessia espanhola.

A vontade de realizar a travessia espanhola para enriquecer os resultados desta investigação me possibilitou um intercâmbio cultural e científico de dez meses na Universidade da Coruña, na Galícia, Espanha. Eu e minha família fomos recebidos de forma hospitaleira e carinhosa pela professora e co-orientadora Araceli Arantes Pazos (Boli), a quem hoje tenho a honra de chamá-la de amiga-irmã. Tivemos a oportunidade de tecer diversos diálogos sobre educação, sustentabilidade e o fazer científico. Sua ampla e sensível visão social, ambiental e cultural do mundo foram importantes para meu crescimento intelectual. Aprendi também muito com os professores, estudantes e com os amigos da Universidade. Meus filhos, por sua vez, estudaram durante o ano em escolas públicas da região e se tornaram galeguinhos durante este ano. Minha esposa também buscou seus estudos e seus aprendizados culturais. Se nos três primeiros meses o frio e a adaptação cultural nos ofereceram difíceis desafios, no decorrer do ano, pudemos fazer uma rica imersão na cultura galega e espanhola, além de viver divertidas aventuras que nos fizeram amadurecer muito enquanto família.

Entretanto, antes de relatar algumas características da nossa viagem como peregrinos em terras espanholas, vale aqui contar brevemente a história deste conjunto de rotas. De forma simples, assim como diz a célebre frase de que todos os caminhos levam à Roma, o mesmo pode ser dito de Santiago de Compostela. Há muitas possibilidades de chegar ao local. O caminho inglês originalmente levava ingleses que desembarcavam em Coruña até o Santuário, enquanto o caminho português liderava os peregrinos desde o sul da península ibérica. O caminho do norte seguia margeando todo o litoral norte espanhol, seguindo pela costa cantábrica. Já o francês reunia uma confluência de rotas advindas de toda a Europa, que se encontravam nas montanhas dos Pirineus, acidentes geográficos que demarcam a fronteira entre a Espanha e a França. Este caminho percorria todo o nordeste da península ibérica, passando pelo centro norte, atravessando a região da *meseta*, e, por fim, adentrando a Galícia, a noroeste, chegando ao mar do Atlântico.

O que hoje é comumente chamado de Caminho de Santiago é, na verdade, uma rede de rotas, muitas de origem romana, que se estende por toda a Europa e que tem sido utilizada regularmente por peregrinos desde o século XI para chegar a Santiago de Compostela (FREY, 1998, p.5, tradução nossa).

Não há, portanto, propriamente um único caminho oficial que tenha sido percorrido pela maior parte dos peregrinos e possa ser considerado como o principal Caminho a

Santiago, mesmo porque não há evidências que o apóstolo de Cristo tenha percorrido algumas destas rotas e muito menos que seus restos mortais tenham sido enterrados de fato onde hoje se encontra a Catedral. De acordo com Frey (1998) e suas pesquisas documentais, a história oficial contada pela Igreja relata que Jesus teria enviado Thiago ao *finisterra*, fim da terra, na região da Galícia, com missão evangelizadora e, em seu retorno a Jerusalém, a Virgem Maria teria aparecido a ele às margens do rio Ebro, em Zaragoza. Depois de sua morte, seus ossos teriam sido levados a Santiago em uma jangada de pedras para serem enterrados, onde hoje está erguida a Catedral.

Ainda segundo a versão oficial católica, as tumbas do apóstolo foram esquecidas por aproximadamente 800 anos até que um eremita religioso teria vislumbrado o local exato por um conjunto de sinais misteriosos que avistara nas estrelas da Via Láctea. Assim, por causa deste episódio, teria surgido o nome Compostela, por meio da derivação de “campos de estrelas”. Ainda de acordo Frey (1998), o então Bispo Teodomiro iniciou nesta época uma investigação sobre o caso e a construção da primeira igreja no local. No ano de 844 d.C, Santiago teria aparecido em um sonho para o Rei Ramiro, dizendo que Jesus o teria designado como protetor da Espanha e que ele ajudaria a derrotar os árabes, que há séculos dominavam grande parte da península. Diversos outros reinos da Europa nutriam relevantes interesses na estabilidade nesta região, pois era importante assegurar a integridade do restante do continente europeu do avanço mouro, protegido apenas pelas montanhas dos Pirineus e por alguns territórios cristãos. Durante os séculos seguintes, os exércitos árabes ainda dominaram esta região.

Tanto a redescoberta de seu túmulo quanto sua aparição conectaram interesses religiosos e políticos porque serviram de estímulos para o fortalecimento da luta pelo asseguramento do controle das terras do norte da Ibéria contra o poderio árabe. Aproximadamente, no ano de 1122, foi publicado o Livro de Santiago, cuja autoria é atribuída ao Papa Calixto II. O texto continha história, música e liturgia ao culto do apóstolo, bem como um guia do peregrino detalhado com as rotas, os albergues e a infraestrutura do Caminho. Assim, a Igreja, em parceria com diversos reinos da Europa, incentivou a rota por meio da construção de refúgios de peregrinos, hospitais, pontes, mosteiros, estradas e de castelos que protegiam a população e os caminhantes.

A peregrinação medieval inicial fomentada pelas forças políticas reinantes: reis de Navarra, Castela e da Galícia, estavam ávidos por controlar as terras e os poderes eclesiásticos que buscavam expandir as ordens monásticas reformadas ao sul dos Pireneus (FREY, 1998, p.5, tradução nossa).

De acordo com informações registradas no *Museo de las Peregrinaciones y de Santiago*<sup>26</sup>, no Século XII, aproximadamente um milhão de peregrinos percorriam a rota anualmente até o Santuário. De lá para cá, ao longo destas centenas de anos, os caminhos se tornaram por vezes mais e menos frequentados, tendo sido esquecidos em muitos momentos. Entretanto, na década de 1980, um conjunto de infraestrutura passou a ser gerida pelas hospitaleiros<sup>27</sup> e pelas novas associações criadas para cuidar e ofertar albergues seguros e baratos, o que possibilitou um novo fluxo de peregrinos. Em 1987, o Caminho de Santiago foi declarado Patrimônio Mundial Cultural da Humanidade pela Unesco. Neste mesmo ano, 2.905 peregrinos chegaram a Santiago e receberam a Compostela, certificado oferecido pela Igreja aos que percorrem a Rota. Aliado a isto, diversos livros e filmes publicados em todo o mundo contribuíram para alavancar um grande trânsito de caminhantes na região. Em 1997, 25.179 peregrinos concluíram o caminho, enquanto, em 2007, foram 114.026 e, em 2017, 301.036.

Durante o verão deste mesmo ano de 2017, eu, minha esposa, Jocimary, meus filhos, Alan e Alex, percorremos quinhentos quilômetros, durante trinta dias, desde a cidade de Burgos até Santiago de Compostela. Escolhemos o caminho francês por ser o mais frequentado e ter a maior infraestrutura disponível. Durante alguns meses, nos planejamos para conseguir dar os primeiros passos na rota. A viagem não se apresentava como algo de simples execução, assim como acabou se revelando realmente não ser. Por meio de muitos livros, filmes e palestras, buscamos todo tipo de informação sobre esta travessia. Foi em posse de um mapa impresso em alto relevo que decidimos partir da cidade de Burgos, situada no início da *meseta* espanhola, região planáltica do centro norte da península. Começando desta cidade, evitamos os primeiros trezentos quilômetros de relevo acidentado desde os Pirineus. A idéia era evitar estas montanhas, pois não sabíamos se os meninos, que tinham recém completado nove anos, nesta época, conseguiriam pedalar nas íngremes subidas. Atravessar este planalto significava caminhar em uma região muito quente e árida, mas com aproximadamente duzentos e quinze quilômetros, à frente de trilhas relativamente planas. Desta maneira, teríamos pouco mais de dez dias para que eles se acostumassem com a rotina de viagem antes de chegarmos às montanhas da Galícia. O plano deu certo, embora tenhamos enfrentado muitas dificuldades assim mesmo. Eu e Jocimary fomos

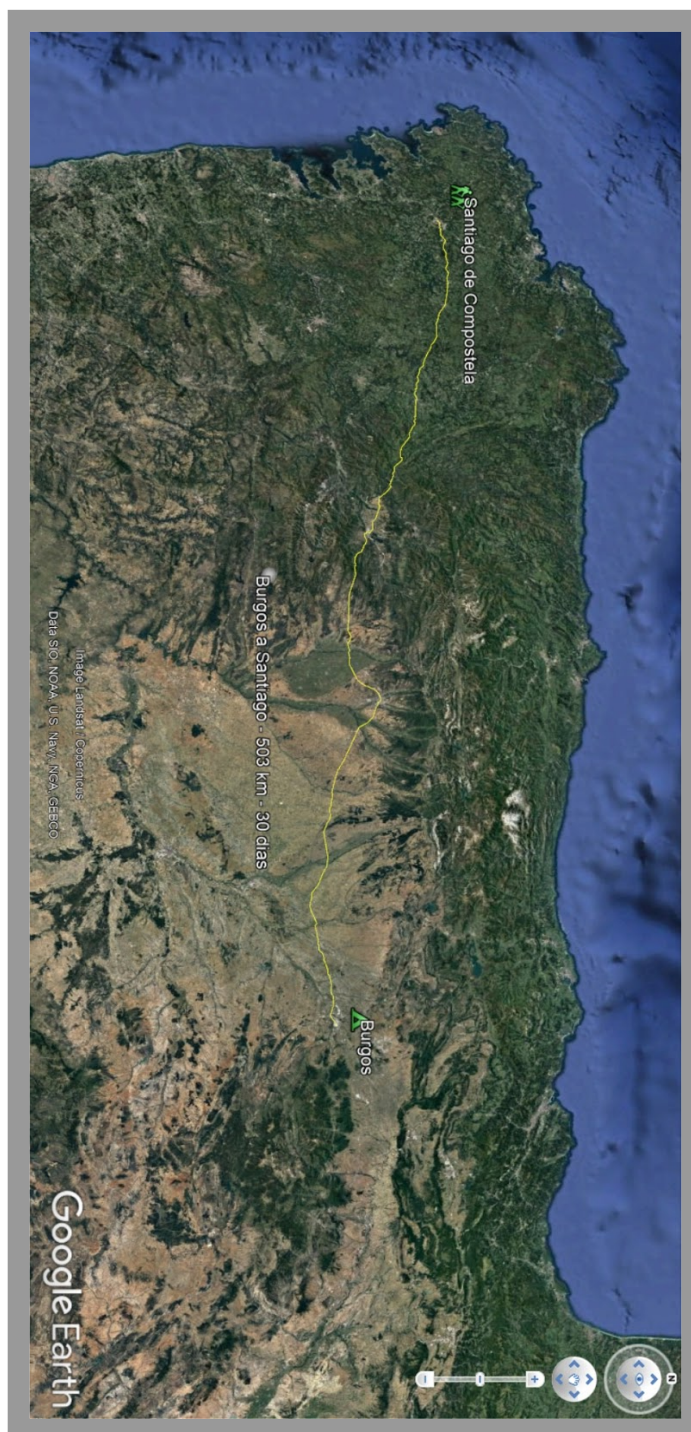
---

<sup>26</sup> <http://museos.xunta.gal/es/peregrinacions>

<sup>27</sup> Voluntários que cuidam de infraestruturas e dão apoio aos peregrinos. Normalmente, estas pessoas já caminharam pela rota e, por terem tido suas vidas transformadas de alguma maneira pela peregrinação, decidiram contribuir para a manutenção da tradição. Muitos relatam ainda que ser hospitaleiro é uma forma de mantê-los conectados à experiência de caminhar.

caminhando e nos tornamos peregrinos, enquanto Alan e Alex se tornaram bicigrinos porque foram cada um em sua bicicleta. Seguramente, eles não teriam dado conta de caminhar por toda esta distância.

Figura 21. Mapa do Caminho de Santiago



Fonte: Organizado pelo Autor, 2018.

Usualmente, dormíamos em albergues públicos e acordávamos bem cedo, antes do nascer do sol. Depois de arrumar todos os equipamentos e tomar café da manhã, começávamos a caminhar por volta das sete horas. Nossa média percorrida foi de dezenove quilômetros por dia. Normalmente, parávamos de caminhar entre uma e duas horas da

tarde. O restante do tempo era para descansar, recuperar as energias e conhecer um pouco das cidades e da cultura local. Também passamos muito tempo conversando com outros peregrinos, oriundos de muitos países da Terra. Alan e Alex se tornaram muito conhecidos porque são crianças extrovertidas e gostam muito de fazer amizades. Normalmente, a língua falada entre os caminhantes era o inglês. Entretanto, Alan, mesmo sendo surdo, conseguia se comunicar com pessoas dos cinco continentes. De vez em quando, encontrávamos outras crianças, até mais novas, pelo Caminho, mas que estavam de carona nas bicicletas de seus pais. Naquele verão, os dois eram mesmo os mais novos que estavam percorrendo a rota com as próprias energias e se tornaram muito queridos por diversos peregrinos.

Figura 22. Alan e Alex com amigos bicigrinos



Fotografia: Resende-Duarte, 2017.

As mochilas estavam bem mais leves do que nas travessias no Espinhaço. A minha pesava cerca de onze quilos, enquanto a de minha esposa, sete. As dos meninos tinham cerca de quatro quilos, mas que não influenciavam muito, pois eram amarradas às bicicletas. A ótima infraestrutura de hospedagem e alimentação de todo o Caminho nos permitiu levar apenas poucas roupas e alguns equipamentos como as ferramentas para trocar pneus.



Enquanto pesquisador-caminhante, meus objetivos foram atingidos porque percorrer o Caminho de Santiago apresentou, por um lado, as universalidades das travessias já compreendidas por meio das Lubrinhas, enquanto, por outro, mostrou um aprofundamento ainda maior das experiências ao longo das semanas. Caminhar, seja no Espinhaço ou nas montanhas galegas, exige do caminhante atenção ao momento presente e o faz imergir em experiências intensas por meio dos sentidos, das emoções, do silêncio, do diálogo com os outros caminhantes e residentes, bem como do aprendizado cultural e ambiental. A novidade que a peregrinação a Santiago me mostrou foi mesmo relativo à duração da travessia. Os trinta dias proporcionam um rompimento ainda maior com o cotidiano, propiciando maiores aprendizados sobre a paisagem e a cultura, bem como mais diálogos com as pessoas. Na segunda semana em diante, os dias da semana e assuntos do cotidiano de trabalho já não faziam mais sentido e os caminhantes se encontravam tão imersos no caminhar que o silêncio se aprofundou gradualmente, gerando também uma intensa viagem interna de descobertas e transformações.

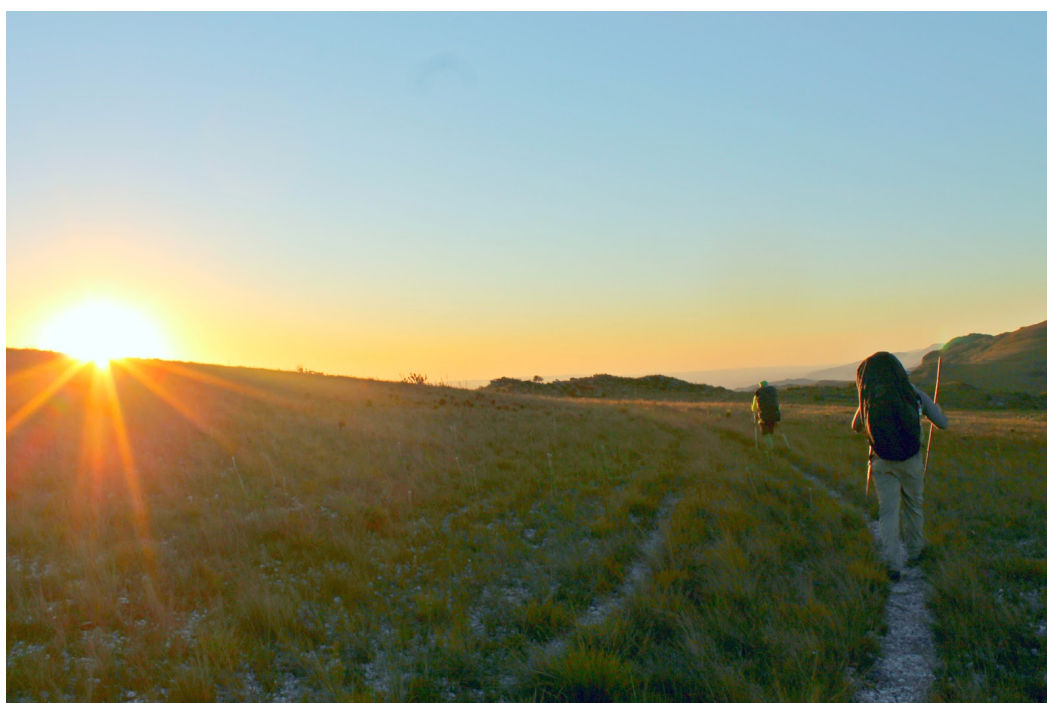
## CAPÍTULO 3

### Educação Ambiental do caminhar

La marcha deja entrever un sueño:  
caminar como expresión del rechazo  
de una civilización corrupta, contaminada,  
alienante y miserable.

Frédéric Gros

Figura 23. Caminhante no sol poente



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

A opção por desenvolver esta investigação por meio de um olhar fenomenológico implica na compreensão de que o indivíduo não existe de forma dissociada do seu coletivo e de tudo que está em seu entorno. Assim como nos aponta Merleau-Ponty (1971), tampouco consideramos que há uma separatividade precisa entre seu 'mundo interno' e o 'mundo externo', não sendo assim sua epiderme o limite claro entre um e outro. Por isso, buscamos constantemente uma linguagem que seja menos dualizante possível, embora nem sempre seja possível. Apenas por uma questão de organização, em alguns momentos desta investigação, destinamos nossa atenção um pouco mais às questões 'internas', enquanto, em outros, intencionamos as relações do indivíduo em direção ao outro e ao mundo. Ao caminhar, aprendemos sobre a interdependência entre o 'interno' e o 'externo', bem como sobre questões mais voltadas à coletividade e outras mais ligadas ao Silêncio. Neste capítulo, debatemos entrelaçamentos entre a educação ambiental politizada que acreditamos e as experiências e os aprendizados dos caminhantes. O foco destas próximas páginas é, portanto, mais voltado às nossas relações sociais e ambientais. Nos capítulos seguintes, voltamos nosso olhar à 'viagem interna' (NARANJO, 2013), para gradualmente apresentar as imbricações e os entrelaçamentos entre o eu-outro-mundo.

Embora o senso de cidadania planetária esteja em franca formação, há ainda muito a caminhar em direção à compreensão de que somos terráqueos, antes mesmo de sermos humanos, latino-americanos e brasileiros. Somos formados por elementos químicos que, antes de nos constituírem, já eram e continuarão sendo parte do planeta em que vivemos. Neste nível fundamental, somos a própria Terra. Apesar desta universalidade que une a tudo e a todos, a nossa capacidade de caminhar, por exemplo, nos diferencia das pedras e de outras coisas inanimadas, ao mesmo tempo em que nos faz pertencer à comunidade dos seres vivos. Entretanto, nossa autoconsciência parece nos diferenciar destas outras formas de vida na medida em que buscamos respostas existenciais para questionamentos sobre quem somos e o que viemos fazer aqui. Esta diferença é também a mesma que nos une enquanto humanos. Todos somos colaborativos, amorosos e criativos, ao mesmo tempo em que somos egoístas, competitivos e violentos. Estas características transcendem aspectos ligados à geografia e à cultura. Porém, nossa capacidade de encontrar infinitas respostas para infinitas questões faz com que sejamos seres culturais e, assim, os brasileiros se diferenciam dos espanhóis. Enquanto nós apreciamos o arroz com o feijão, eles gostam das suculentas *tortillas*. Diante deste contexto, tanto a universalidade quanto a singularidade são relativas, pois dependem do ponto de vista de quem lança o olhar sobre elas. Em qualquer nível observado, haverá sempre uma universalidade em complementaridade a uma

singularidade. Yuri Gagarin (PIERS, 2014), o primeiro a orbitar o planeta ainda em 1961, testemunhou com os próprios olhos a universalidade da Terra. Ele a avistou por inteira e se maravilhou com aquela pequena esfera azul em meio a uma vastidão negra. Talvez esta visão tenha sido um dos passos mais importantes em direção a esta cidadania planetária e o reconhecimento que realmente somos este Ser azul. No entanto, o cotidiano de contas a pagar, de reuniões e de uma agenda interminável absorve tanta energia e atenção da maior parte dos humanos, que lhes sobra pouco tempo para pensar, sentir e viver sua dimensão terráquea. De fato, o dia-a-dia apressado demanda quase toda a energia das pessoas. Assim, a sobrevivência se torna, para muita gente, prioridade em relação à dedicação necessária para a superação das desigualdades sociais e dos desequilíbrios ambientais.

Diante deste contexto, do ponto de vista da educação ambiental, um dos grandes desafios da atualidade continua sendo a conexão entre o local e o global. Acreditamos que o caminhar pelas paisagens contribui para a compreensão do entrelaçamento destas duas dimensões. Durante as travessias nas montanhas, o caminhante dorme em barraca que balança com o vento e com a chuva durante toda a noite. Pela manhã, com a temperatura por volta dos cinco graus, o chá quente esquenta o corpo, enquanto a neblina se esvai lentamente, revelando as escarpas rochosas. Com sol a pino, depois de horas em trilha acima, o corpo-mente está cansado, cheio de dores nas pernas e a sede parece chamar mais atenção do que qualquer beleza da paisagem. A íngreme subida demanda um movimento integrado das pernas, do tórax e dos membros, que manejam o cajado para proporcionar mais equilíbrio e força ao movimento. No alto do cume, com o suor escorrendo e o coração batendo fortemente, o vento frio refresca a face, enquanto os andarilhos retiram as pesadas mochilas para o descanso com uma vista de mais de quarenta quilômetros de serras entrecortadas. Ao final da tarde, o banho na cachoeira de águas escuras, em um primeiro momento, proporciona a sensação de que milhares de agulhas de acupuntura entram ao mesmo tempo no corpo-mente por causa da baixa temperatura das águas. Depois de alguns minutos, o caminhante inteiro vibra com o revigorante mergulho. Pela noite, o frio volta e a refeição alimenta, enquanto a fogueira esquenta e a conversa com os amigos gera alegria e sorrisos. O céu estrelado é a motivação final para a noite de descanso, de sonhos e devaneios.

Algumas semanas depois, este mesmo caminhante acorda em seu quarto, levanta de sua cama macia, desliga o ar condicionado e toma um banho quente. Para ir ao trabalho, utiliza seu carro, sempre com os vidros fechados, o som tocando sua música favorita e o ar

condicionado ligado. No escritório, cercado por paredes e vidros, ele se concentra nas infinitas tarefas e metas da semana, sentindo-se sempre com a constante sensação de que está perdendo a corrida para a sua agenda. Pela noite, em casa, muito cansado, pede uma pizza, toma uma cerveja e dorme em sua cama cheirosa.

Por mais que durante a travessia o caminhante tenha muito pouco controle sobre as variáveis ambientais e esteja muito exposto a elas, suas experiências são relatadas com tanto entusiasmo durante as entrevistas que parece que todo seu corpo-mente está revivendo aquelas sensações enquanto narra as vivências. Não houve uma única entrevista em que as pessoas não tenham falado de seus planos para suas próximas longas caminhadas a pé. Entretanto, durante o cotidiano, estas mesmas variáveis são controladas porque elas passam a maior parte do tempo nestas 'bolhas' de proteção, mesmo que este controle não proporcione o mesmo bem-estar das travessias. Apesar de um certo conforto, estas 'bolhas' criam isolamentos do mundo que as cerca. É exatamente este estilo de vida que também contribui para uma compreensão desconectada entre o local e o global porque o isolamento empobrece a percepção que, por sua vez, limita o aprendizado e o compromisso diante da transformação do entorno.

Desnudo ante el mundo, al contrario que los automovilistas o los usuarios del transporte público, el caminante se siente responsable de sus actos, está a la altura del ser humano y difícilmente puede olvidar su humanidad más elemental (LE BRETON, 2015, p.29).

Retornar ao mundo dos fenômenos por meio da experiência do caminhar significa, portanto, romper, mesmo que temporariamente, os isolamentos do cotidiano com as casas, os carros, os escritórios e as salas de aula. Vivenciar o mundo por meio dos próprios sentidos significa compreendê-lo por meio de um nível profundo de aprendizado. Nas palavras de Le Breton (2015, p.42), "caminar reduce la inmensidad del mundo a las proporciones del cuerpo". Desta forma, caminhar, ao proporcionar estas intensas experiências e aprendizados contribui para a compreensão dos entrelaçamentos entre o local e o global, bem como entre os indivíduos e as sociedades.

De acordo com Boff e Hathaway (2012), estamos vivendo um crise civilizatória, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida: a saúde, o equilíbrio ambiental, as relações sociais, a economia, a tecnologia e a política. Assim, as crises social, ambiental, política e democrática não são fenômenos desconectados, mas faces de uma complexa crise humana. Para nós, a causa central desta crise é o modelo de desenvolvimento capitalista que, em prol da riqueza da minoria, oprime a maioria. Ao considerar o crescimento

econômico como critério mais importante para as sociedades, os que mais sofrem suas graves e intrínsecas consequências são os pobres, os outros seres vivos e a própria Terra (BOFF, 1995). Ambos são vítimas desta filosofia do Ter Mais, que busca o desenvolvimento material e econômico acima de tudo.

Vale dizer que a crise, contudo, não é exatamente do planeta Terra. Se o capitalismo continuar se reinventando e as projeções catastróficas sobre o clima feitas pelo *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC, 2014) se tornarem realidades, as condições de vida humana na Terra poderão ser comprometidas. Neste caso, o planeta inteiro perderá boa parte de sua diversidade biológica, mas continuará sua jornada pela galáxia com ou sem a presença do humano. Em alguns milhões de anos, ele poderá recuperar sua exuberante multiplicidade de vidas. Nota-se, portanto, que quem está em crise não é exatamente o planeta, mas a aventura humana e, mais precisamente, este modelo atual de civilização.

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, esgotamento dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos eqüitativamente e a diferença entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causas de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis (CARTA DA TERRA, 2006,p.1).

Acreditamos que, diante deste contexto, é preciso resistir às opressões e às investidas deste modelo de desenvolvimento econômico, ao mesmo tempo que precisamos inventar novas formas de convivência coletiva. Ninguém sabe ao certo como serão as sociedades ao final do século 21, mas muitos de nós acreditamos na necessidade de superação do capitalismo. A Carta da Terra<sup>28</sup> (CARTA DA TERRA, 2006) é um documento global que propõem princípios éticos em direção à criação de sociedades sustentáveis e nos serve como um horizonte utópico orientador de nossas práxis como investigadores e educadores. Assumimos, portanto, um compromisso com este grande desafio que é promover uma educação que seja politicamente engajada e compromissada com a transformação de cenários de profundas injustiças sociais e ambientais, que estão presentes na maior parte do planeta. É diante deste contexto que acreditamos que a educação ambiental deve ser capaz de oferecer resistência à ideologia do progresso, em prol de

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://earthcharter.org/virtual-library2/carta-da-terra/>

alternativas pedagógicas que contribuam para a criação de novas possibilidades sociais e ambientais.

Eis, portanto a nossa tese: há subjacente às longas travessias a pé uma educação ambiental do caminhar. Acreditamos sermos capazes de afirmar por meio desta investigação que os aprendizados e as experiências das longas caminhadas apresentam entrelaçamentos relevantes entre a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1971), o Silêncio meditativo do caminhar e a educação ambiental politizada. A fenomenologia da percepção é a nossa base filosófica que nos mostra caminhos de superação do *cogito* cartesiano, re-ligando nosso mundo ‘interno’ e o ambiente que nos cerca. O Silêncio, por sua vez, nos conecta com nossa intuição profunda, desperta nossa criatividade e aumenta nossas possibilidades de sermos artistas da vida, gerando assim novas compreensões sobre a existência humana. A educação ambiental politizada se apresenta também como nossa inspiração teórica e prática desta pesquisa. Por meio dela, pensamos, sentimos e buscamos transformar o mundo. A nossa educação ambiental do caminhar é, portanto, um caleidoscópio que surge do entrelaçamento destas três fontes de inspiração em diálogo com as experiências e os aprendizados dos caminhantes. Ela se apresenta como um caminho possível para resistir às opressões do desenvolvimento e transformar sutilmente aqueles que percorrem as paisagens a pé, dando-lhes maiores possibilidades para transformar parte do mundo.

A sociedade do progresso e o desenvolvimento tecnológico subjugam o Silêncio na medida em que sobrevalorizam os sons das máquinas. Este contexto que nos mantém em constante conexão por meio dos celulares e dos meios de comunicação estabelece nossa relação com o ruído e com o excesso de palavras. Segundo Le Breton (2016, p.6), “no hay palabra sin silencio y, sin embargo, la ideología moderna de la comunicación no acepta el silencio”. Estas circunstâncias proporcionam estilos de vidas contemporâneos contrários ao silenciar, especialmente em grandes cidades, tomadas pelos carros e por todo tipo de barulho. As travessias a pé proporcionam este tipo de Silêncio meditativo porque é uma maneira de conectar com o nosso ‘interior’. É também por provocar este rompimento com a sociedade do progresso que este sociólogo afirma que caminhar é uma forma de resistência ao progresso.

En este contexto, el silencio implica una forma de resistencia política, una manera de mantener a salvo una dimensión interior frente a las agresiones externas. El silencio nos permite ser conscientes de la conexión que mantenemos con ese espacio interior, la visibiliza, mientras que el ruido la oculta (LE BRETON, 2017, p.1).

O engajamento das pessoas nas sociedades do progresso depende desta desconexão 'interior', pois elas precisam dedicar boa parte dos seus esforços da vida para o crescimento das economias e não em função de suas infinitas possibilidades humanas. As longas travessias não são, portanto, apenas turismo, lazer ou exercício físico, mas implicam uma resistência contra esse utilitarismo e também contra seu fundamento principal que é o racionalismo. Assim, a educação ambiental do caminhar se apresenta como uma possibilidade, dentre outras possíveis, de resistir às opressões da sociedade do progresso.

Frente a un utilitarismo que concibe el mundo como un medio para la producción, el caminante asimila el mundo contenido en las ciudades como un fin en sí mismo (LE BRETON, 2017, p.1).

Carvalho e Mhule (2016) também ressaltam a importância que a educação pode ter para a resistência às opressões por meio de novas possibilidades pedagógicas, como é o caso das 'trilhas desorientadas' que acontecem na PUC-RS. Estas autoras apontam a importância do que nomeiam uma educação atencional. Para além de uma pedagogia que seja intencional e direcione os estudantes com relação aos objetivos de suas atividades, estas trilhas lhes oferecem a liberdade do agir e a autonomia para que possam colocar suas atenções naquilo que desejarem. "O que deveria guiar a turma era sua própria capacidade de estarem atentos ao ambiente, abrindo-se para aquela experiência." (CARVALHO; MHULE, 2016, p.34). Assim, o foco da atividade se encontra mais no desenvolvimento da própria atenção do que em alguma outra meta específica como conhecer um elemento da flora. A atenção, como veremos no decorrer desta pesquisa, é um requisito fundamental para todo aprendizado. Em reflexões após a caminhada, os jovens conversaram sobre as plantas, os animais, mas também sobre seus corpos, suas memórias afetivas e desafios da vida. As autoras apontam ainda a riqueza pedagógica das caminhadas porque proporcionam múltiplos pontos de vistas sobre os fenômenos em função do movimento constante.

Apostamos, neste sentido, em estratégias educativas 'fora da caixa', de resistência ao excesso, às multitarefas e a aceleração improdutiva. Uma pedagogia que valorize a atenção [...] Uma educação para a simplicidade, para a atenção plena, para a desaceleração que promova de modo substantivo, a abertura para a experiência (CARVALHO; MHULE, 2016, p. 38).

O caminhar pelas paisagens não é, em nossa compreensão, uma fuga do mundo e nem uma esquivas das corresponsabilidades que um cidadão consciente das graves crises pode e deve assumir em relação à transformação do mundo. As travessias são momentos de suspensão e de liberdade sobre as pressões das sociedades do progresso. Quando os caminhantes retornam às suas rotinas, eles devem novamente reafirmar o compromisso



com uma postura cidadã diante das injustiças sociais e ambientais. Thoreau (2012), que defendeu por meio de sua obra a desobediência civil diante dos desequilíbrios da política e da economia, argumenta que andar pelas paisagens contribui para a aprendizagem moral. Seguramente, o caminhar foi fundamental para sua própria formação enquanto intelectual, porque lhe possibilitava momentos de distanciamento da sociedade e seus complexos problemas. Ele considerava necessário o afastamento do cotidiano como uma forma de fortalecer sua visão crítica, bem como para a criação de sua obra. Nesta passagem, este autor relata esta distância que as montanhas lhe proporcionam, bem como aproveita para criticar a política:

No alto de muitas colinas posso ver a civilização e as casas do humano<sup>29</sup> distante [...] O humano e seus negócios, a Igreja, o Estado, a escola, o comércio, a indústria, a agricultura, e até a política... E onde, por consequência, não medra a política, que tanto se assemelha a fumo de charuto (THOREAU, 2012, p.28).

É preciso dizer também que esta resistência deve ser feita por meio de denúncia às injustiças sociais e ambientais, mas pode simultaneamente apresentar sua dimensão propositiva e criativa. Ao longo dos dias, na medida em que o caminhante se desconecta do seu cotidiano e desacelera seu corpo-mente, o Silêncio meditativo aumenta gradualmente, proporcionando uma 'viagem interior' e o surgimento de intuições profundas e criatividade. Desta forma, além de resistência, o caminhar contribui para o desafio de criação de novas sociedades. Uma vez transformados pelas travessias, os caminhantes passam por uma reinvenção do sentido de suas vidas, de seu cotidiano e, conseqüentemente, contribuem para a criação de novas possibilidades sociais. A educação ambiental do caminhar é, neste sentido, terreno fértil em direção à transformação das pessoas em artistas da própria vida.

Um breve relato sobre a biografia de um caminhante da Lubrina pode agora nos ajudar a compreender estes aspectos da educação ambiental do caminhar. Raphael Mourão é meu companheiro de travessias há mais de dez anos. Sua desenvoltura em trilhas íngremes de pedras pontiagudas é tão grande que sua coluna se mantém constantemente ereta, mesmo com o peso da mochila. Raramente o vemos resmungando por uma dor ou outra. Nas paradas para descanso, enquanto alguns de nós nos encostamos em lapas de pedras deixando o corpo amolecido, ele empunha seu canivete cortando o queijo canastra<sup>30</sup>, equilibrando-se sobre pedras com a postura de um *yogue*. Sua elegância é tamanha diante

<sup>29</sup> Trocamos a palavra homem por humano em busca de uma linguagem mais apropriada.

<sup>30</sup> Tipo de queijo produzido em Minas Gerais há mais de duzentos anos. Desde 2008 o queijo canastra é patrimônio cultural imaterial brasileiro, título concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

de tantas dificuldades que o apelidamos de herói. Por um lado, suas travessias lhe servem de descanso e rompimento com as demandas do cotidiano, mas, por outro, é atravessando um riacho de pedras com forte corredeira de água até o joelho que o presenciamos mais à vontade no mundo. As caminhadas parecem lhe fornecer um senso pleno de existência, como se incorporasse por completo a frase: caminhamos, logo existimos. Certamente, ele não se sente tão sereno assim para resolver um problema nas filas e guichês do Departamento de Trânsito de Minas Gerais.

Conheci Raphael no ano de 1990, quando fomos colegas no segundo ano do ensino fundamental. Entretanto, nossa amizade se estabeleceu com maior intensidade em 1999, quando estudamos no mesmo colégio na Nova Zelândia, pelo intercâmbio cultural. Temos, portanto, uma amizade de muita cumplicidade e respeito, daquelas que não há distância que a estremeça. Ele me relatou que, por vezes, se sente angustiado com algumas críticas que recebe por não ter empreendido uma carreira profissional formal como exigida pela sociedade do progresso. No entanto, sua biografia, em minha interpretação, apresenta uma pessoa a caminho de se tornar um artista da vida. São muitos seus talentos e competências, abrangendo áreas desde a investigação científica, passando pela poesia, chegando à gastronomia e à paternidade. Ele teve o privilégio de ter tido uma ótima formação familiar. Além da amorosidade e dialogicidade, seus pais e parentes lhe proporcionaram uma ampla e profunda visão sobre a vida e o mundo. Foi em casa que se apaixonou pela leitura e teve a oportunidade de se aventurar pelas histórias fantásticas de Gabriel Garcia Marquez, Machado de Assis, Dostoiévski, Manoel de Barros, entre muitos outros. Desta paixão, brotou seu talento para a poesia. Algumas delas foram escritas com inspiração nas travessias pelo Espinhaço, assim como esta criada 2006.



Raphael conheceu mais de dez países em diferentes continentes e experimentou com os próprios sentidos realidades culturais distintas. Coursou uma parte das graduações em Ciências Sociais e Letras, ambas pela UFMG, bem como Biologia, pela Faculdade Isabela Hendrix. Embora não as tenha concluído, foi capaz de emergir em cada um destes campos do conhecimento com muita abertura, autonomia e capacidade de aprendizado. Sua formação familiar, sua ampla visão de mundo, sua capacidade de refletir sobre a vida e de problematizar sobre desequilíbrios humanos, lhe proporcionaram uma visão crítica e politizada sobre a realidade. Se por um lado sua angústia permanece pelas cobranças por uma carreira formal, por outra, sua biografia demonstra sua resistência politizada diante das burocracias de uma sociedade adoecida pelo excesso de racionalidade. A falta de um diploma universitário, apesar de incomodar algumas pessoas, não consegue ofuscar suas muitas competências e talentos. Ele tem ampla experiência em pesquisas científicas com herpetologia, tendo participando de muitas viagens de campo em busca da observação e da coleta de animais. É um excelente cozinheiro, tendo sido inclusive um dos responsáveis pelo amadurecimento da qualidade da alimentação durante as travessias. Graças a ele, depois de caminhar por picos e vales, podemos comer bacalhau a Gomes de Sá<sup>31</sup>. É uma experiência fantástica vê-lo dessalgar o peixe nas corredeiras de um *curguim* e depois cozinhá-lo em uma única panela, apenas com um pequeno fogareiro, sentado em meio às pedras, administrando os temperos, pressionado pelo vento, pelo frio e pelos olhares esfomeados dos companheiros. Quando a panela se abre e é iluminada pelo feixe de luz da lanterna de cabeça, os olhos dos caminhantes brilham com a cor dourada do peixe e com o

<sup>31</sup> Prato típico de Portugal em que o peixe é servido com batatas, azeitonas pretas, cebolas e azeite de oliva.

vapor subindo em meio à escuridão. O aroma invade o corpo-mente de cada caminhante, que aprecia o sabor de uma refeição inesquecível na vida.

Relatar, mesmo que brevemente, esta trajetória nos ajuda a compreender sua paixão pelas travessias e sua enorme aptidão para caminhar pelas paisagens. Acompanhá-lo durante alguns dias nos proporciona aprendizados sobre os animais, as plantas, as nuvens, as chuvas, a cultura, os alimentos, os equipamentos, as relações humanas, a inteligência emocional, entre muitas outras coisas. Enquanto muitos de nós, ao final do dia, estamos com as roupas imundas e cheios de dores, Raphael Mourão alonga seu corpo, mantendo sua coluna ereta e admirando as montanhas na beira do penhasco, como se estivesse em um daqueles comerciais antigos de cigarro. Sua angústia por não responder a algumas demandas da sociedade é, em minha interpretação, uma forma de resistência à opressão da sociedade do progresso. Com uma biografia tão rica quanto a sua, seria mesmo difícil engajá-lo em uma vida automatizada, engravatada, burocratizada e sem grandes sentidos existenciais. Sua conduta diante da vida não é nada passiva ou reativa. Sua biografia apresenta um Ser em abertura constante ao outro, ao mundo e ao aprendizado das experiências. As travessias são capítulos marcantes de sua história e parecem lhe fornecer um senso pleno de existência. Seguramente, ele tem sido um dos meus mais importantes professores. Uma vez mais Le Breton (2015, p.22) nos ajuda a compreender este tipo de resistência quando diz que o caminhar:

[...] tan poco tolerado en nuestras sociedades como el silencio, se opone así a las poderosas exigencias del rendimiento, de la urgencia y de la disponibilidad absoluta en el trabajo o para los demás.

A nossa educação ambiental do caminhar apresenta, portanto, caminhos à resistência das opressões do progresso. Ademais, lançamos sobre ela um olhar fenomenológico em que o eu-outro-mundo são indissociáveis e interdependentes, pois as fronteiras entre as pessoas e o mundo são difusas e não podem ser claramente delimitadas, assim como debatido pela fenomenologia Merleau-Pontiana (1971; 2003). Há um entrelaçamento entre o visível e o invisível. Os mundos 'internos' e 'externos' coemergem sempre por meio de diálogos. Esta compreensão pode nos auxiliar a refletir, por exemplo, sobre a relação humano-natureza, que é dicotomizada pelo *Cogito* cartesiano, contribuindo assim para o estabelecimento de uma dominação da natureza pelas pessoas. Entretanto, a fenomenologia nos aponta que esta relação é sempre entre sujeito e sujeito porque não há pensamento sobre objetos. No artigo intitulado 'Ecofenomenologia: uma janela ao mundo', Sato (2016) ressaltou a importância do aprofundamento epistemológico, por meio dos

diálogos entre a ecologia e a fenomenologia:

Curiosamente, a fenomenologia surgiu porque as estruturas cartesianas da ciência naturalista não bastavam para compreender o pensamento da humanidade. Por isso, pode parecer um paradoxo retomar o debate da natureza no complexo tecido da fenomenologia, entretanto, é apenas mais uma janela que se abre ao mundo e que traz contribuições significativas aos educadores ambientais (SATO, 2016, p. 14).

A compreensão das sutis interdependências entre as pessoas, as sociedades e as paisagens apontam para as co-responsabilidades humanas em relação aos desequilíbrios sociais e ambientais. Na mesma medida em que os coletivos contribuem para formar os cidadãos, os indivíduos devem assumir sua contribuição à constante criação e recriação do seu entorno. Neste sentido, para a resistência às opressões e transformação da realidade, a leitura de mundo, a criticidade e a problematização são, portanto, fundamentais para nosso modo de pensar, sentir e fazer a educação ambiental. Em nossa compreensão, o caminhar gera experiências e aprendizados que ensinam esta interdependência humano-natureza e transformam a práxis dos caminhantes.

Durante a terceira travessia Lubrina, no ano de 2007, o primeiro dia de acampamento foi na região do Soberbo, um conjunto de cachoeiras em um profundo vale cercado por serras. Esta região, isolada por montanhas, não possui moradores e nem estradas há muitas décadas. Há apenas trilhas pelas quais os habitantes da região cuidam de suas criações de gado e os turistas utilizam como acesso às belezas naturais. No século 18 e em meados do século 20, houve duas tentativas de mineração de diamantes no poço da cachoeira principal, assim como aponta a pesquisa bibliográfica feita por Gontijo (2003). Os ingleses compraram uma grande porção da Serra e abriram uma pequena estrada em meio aos despenhadeiros rochosos. No local, instalaram máquinas, cortaram pedras enormes e desviaram o rio para buscar os diamantes no fundo do poço da cachoeira do Soberbo. Ambas as tentativas se revelaram frustradas, não pela falta da pedra preciosa, mas pelas fortes enchentes e trombas de água que destruíram os empreendimentos nos dois diferentes séculos. Hoje, o local é utilizado apenas por moradores da região e por turistas esporádicos. Contudo, as terras pertencem a proprietários oriundos de cidades distantes dali.

Durante a travessia, os caminhantes chegaram ao local antes do pôr-do-sol e armaram acampamento debaixo de grandes árvores, às margens de um córrego. Depois do banho na cachoeira, começaram a cozinhar e a sentir picadas por todo o corpo. Eles foram

atacados por muitos carrapatos. Na descrição de Alberto Cantídeo, “a infestação foi tão grande que a sensação era de que os bichinhos estavam caindo do céu”. A noite foi desconfortável para todos porque era muito difícil achá-los pelo corpo e tirá-los, principalmente os muito pequenos. Ao longo dos dias seguintes de caminhada, eles ainda sofreram com as picadas, as alergias, as coceiras e as dores. Semanas depois, seus corpos ainda apresentavam marcas. No ano seguinte, quando estávamos conversando com o *Joaquimzim*, morador da região e meu vizinho na Lapinha, descobrimos que os donos forasteiros queriam há muito tempo fechar a região e, por isso, tinham trancado as porteiras com corrente. Isso incomodou muito aos moradores do local que transitam naquele vale desde séculos. Em reação, estes residentes, inclusive ele, quebraram os cadeados de forma a resistir ao bloqueio. Em princípio, não havia explicação alguma sobre os porquês do fechamento. Tempos depois, surgiu o anúncio da reabertura da pequena estrada para o início de novas tentativas de mineração, mesmo tendo a região o título conferido pela Unesco de Reserva da Biosfera, específico para áreas de relevância ambiental para toda a humanidade. A maior surpresa foi descobrir que os carrapatos eram uma estratégia intencional para afastar todos que ali frequentavam. Os donos soltaram cavalos no local e os mantiveram sem tratamento para a praga exatamente com esta intenção.

O caminhar pelas paisagens e a imersão na cultura local proporcionaram aos caminhantes a compreensão de um complexo conflito de terras que não seria tão facilmente compreendido de outra forma. Foi preciso caminhar pelas serras e vales, sentir as dores das picadas por muitos dias, bem como conversar com os moradores para conectar os pontos e descobrir as entrelinhas sobre uma questão de extrema relevância não só para a serra e seus moradores, mas que tem consequências para a sociedade e o próprio Planeta. Em 1862, Thoreau (2012, p. 68), ao caminhar pelas paisagens, já defendia a importância da preservação das áreas naturais. Em suas palavras: “penso que, assim como nem todos os alqueires de terra se cultivam, também o homem não deve cultivar todas as suas partes. Parte será semeada, mas a maior parte deve ser prado e floresta”.

Ainda por meio de nossa perspectiva fenomenológica, acreditamos ser necessário assumir a arte, a filosofia, os saberes tradicionais e a espiritualidade como campos de conhecimento que podem e devem dialogar com a ciência e com a educação ambiental. Kawahara (2015), em sua tese sobre a educação e festas comunitárias, buscou conhecer as relações e os saberes construídos nas festas tradicionais como forma de pensar, fazer e viver a Educação Ambiental fora do âmbito escolar, mas inserida no marco significativo de

um currículo fenomenológico da vida. Entendemos que a relativização da importância do saber científico deve ser acompanhada do acolhimento dos saberes populares, rompendo com as hierarquias e poderes estabelecidos.

Quando fazemos alusão à dimensão fenomenológica do currículo, estamos buscando esclarecer que desejamos extrapolar a visão moderna do currículo e, quando referimos à perspectiva Pós-Crítica, esperamos superar a visão Crítica de discussão de classes socioeconômicas para incluir as subjetividades e identidades múltiplas do nosso contexto social (KAWAHARA, 2015, p.174).

De um certo ponto de vista limitado dos que compreendem a educação ambiental apenas como um conjunto de conteúdos a serem ensinados nas escolas como forma ensinar o 'amor' à natureza, pode parecer esdrúxulo falar desta mesma educação em comunidades tradicionais ou em travessias a pé. Entretanto, o aprendizado é fruto das relações entre as pessoas e as paisagens, sempre situados em um contexto histórico. Todo acontecimento é potencialmente educador assim como nos mostra Kawahara (2015) sobre as festas tradicionais no Pantanal e no Japão. É diante desta compreensão que podemos afirmar que a educação ambiental do caminhar se alinha a esta perspectiva pós-crítica, na medida em que inclui as diferenças culturais, o diálogo de saberes, bem como as manifestações artísticas, espirituais e subjetivas como possibilidades de superação do panorama curricular tradicional hegemônico. Os caminhantes ensinam e aprendem uns com os outros, assim como acontece em suas relações com os habitantes da região. Presenciar uma tromba de água que, em questão de minutos, toma o leito do vale, transformando um pequeno córrego em um poderoso turbilhão de água que arranca arbustos em sua descida, é uma vivência que assusta e encanta os inexperientes. Há locais como o Vale do Travessão, passagem da Lubrina em 2015, que quase não há como se abrigar da força da enxurrada. Neste caso, somente a experiência ensina que quando as rãs coaxam anunciando as chuvas e o céu se carrega de nuvens negras, os caminhantes atentos precisam reposicionar suas barracas para longe do córrego, ribanceira acima, para que não sejam arrastados pela correnteza durante a noite. As paisagens, por sua vez, são constantemente modificadas pelos seus habitantes humanos e pelos outros seres vivos que ali moram e passam, assim como os modificam por meio das experiências que proporcionam.

El camino es una cicatriz de tierra en medio del mundo vegetal o mineral que a menudo es indiferente al paso del ser humano. El suelo pisado por una miríada de pasos impresos en un instante es una marca de humanidad (LE BRETON, 2015, p. 112).

A Serra do Espinhaço, embora apresente lugares ermos e recônditos, é repleta de vilas, povoados, sítios, fazendas e até mesmo grandes cidades como Ouro Preto e

Diamantina, ambas em Minas Gerais. Todas aquelas paisagens, modificaram e foram modificadas pelos que ali vivem e viveram ao longo dos anos. Suas culturas são indissociáveis daquelas montanhas e este diálogo humano-natureza ainda permanece com todo o vigor de seu dinamismo. No senso comum, muitos consideravam a floresta amazônica como intacta aos humanos. No entanto, ao aprofundar o conhecimento sobre ela, percebe-se que há milhares de anos ela também modifica e vem sendo modificada por quem a habita. A domesticação da mandioca é um exemplo desta interação. O mesmo acontece na Serra do Espinhaço. Sejam as trilhas feitas pelos bois e outros animais, seja pelos capões de mata ainda preservados, tudo ali é fruto desta indissociabilidade entre cultura-natureza. A preservação pode se dar pela inacessibilidade de uma gruta em um pico de serra, pela proteção de uma lei ambiental ou por uma opção comunitária. Já outras regiões sofrem forte impacto ambiental pela criação de animais, pela coleta de flores que são vendidas pelos moradores ou pelo grande fluxo de turistas que buscam descanso e lazer na natureza. É importante ressaltar esta indissociabilidade para mostrar que as travessias não acontecem apenas pelo movimento em paisagens exuberantes, realizado por caminhantes em fuga do cotidiano urbano, em busca de áreas de natureza remota.

Durante as caminhadas, o contato é de fato intenso entre os moradores da serra e os caminhantes, gerando diálogos e aprendizados sociais e culturais.

El caminante es, por la naturaleza singular de sus contactos, una persona que comparte las pequeñas cosas de la existencia, que son la sal de la vida: los problemas de salud, la fatiga del cuerpo, el campo que este año no ha dado suficientes frutos, el invierno más largo o más frío que de costumbre, el calor persistente del otoño, la desigualdad de la lluvia, la llegada de extranjeros al pueblo [...] (LE BRETON, 2015, p.97).

Na primeira edição da Lubrina, em 2015, no quinto dia de caminhada, o dia amanheceu frio e nublado. Os caminhantes percorriam trilhas acima dos 1400 metros de altitude. As nuvens atravessavam a paisagem com muita velocidade, deixando tudo úmido. A água escorria pelo rosto de todos, que sentiam bastante frio, mesmo com o calor do movimento do corpo-mente. A visibilidade era muito baixa, limitada a poucos metros de distância. Neste ano, não havia nem mapas e nem gps como métodos de navegação. Toda a rota havia sido traçada por meio de conversas informais com moradores da região. Neste dia, estava muito difícil para encontrar o rumo certo dos caminhos. Em princípio, devíamos seguir por um trilha serra acima, com vegetação rasteira, margeando uma mata ciliar, sempre em direção ao topo, para cruzar duas cercas e então encontrar a casa de um morador. A partir desta casa, haveria um pequena estrada em direção ao entremeio da



crista, na região das nascentes do rio Parauninha. Caminhamos por mais de uma hora, mas com a incerteza de não poder enxergar a trilha e nem o topo. De repente, mesmo em meio à intensa *lubrina*, chegamos à cerca da casa. Quase tropeçamos no arame farpado. Era pouco mais de meio dia e a casa estava toda fechada. Chamamos e batemos palmas por um tempo. Em alguns minutos, um senhor veio até nós e nos convidou para entrar. Era uma casa simples, destas construções típicas daquelas serras mineiras. Tinha parede de barro, com telhas de cerâmica, portas e janelas de madeira com beirais bem largos. A porta principal era voltada à oeste, sentido contrário do vento e das nuvens diárias, para que pudesse ser aberta mesmo naquelas condições climáticas. Estava tudo escuro. A impressão é que não havia mais ninguém ali. Todas as luzes estavam apagadas, a não ser a da cozinha, onde havia uma pequena lâmpada, de cor amarelada de baixa intensidade. Ao redor do fogão a lenha aceso, encontravam-se sua esposa e os dois filhos. Os meninos estavam sentados sobre a calda do fogão, em banquinhos de madeira de perna bem curta, bem típicos na região. O rádio estava ligado e, enquanto o feijão fervia na panela, a família conversava. Em dias de muita *lubrina*, essa cena descrita é um acontecimento comum nas casas da região. Sem condições para trabalhar fora, esses dias são destinados ao descanso e à convivência familiar. Fomos bem recebidos por todos. Por um tempo, conversamos sobre o frio e as trilhas. Nos ofereceram requeijão de barra caseiro e café coado na hora. Comemos bastante. Caminhar no frio dá muita fome. Para além das amenidades, a pergunta que mais chamou atenção foi se estávamos pagando algum tipo de promessa caminhando naquela região, naquelas condições de inverno, com mochilas tão pesadas. Do ponto de vista daqueles moradores, estas caminhadas não fazem muito sentido. Para eles, “uma pessoa na serra sem uma mula não vale para muita coisa”.

A conversa continuou por mais um tempo e muitas histórias foram intercambiadas. Em menos de uma hora, as nuvens foram embora e o sol apareceu em um céu muito azul. Na serra, o clima muda rapidamente. Sob a orientação do Seu José, seguimos uma pequena estrada de pedras brancas, em direção a um cruzeiro, no topo da Serra do Intendente. Dificilmente, uma visita a um museu ou um aula de um antropólogo ensinaria tanto sobre a cultura daquelas pessoas. Nada mais intenso, em termos de aprendizado, do que o diálogo com os próprios sujeitos de sua cultura. Para além das palavras, um diálogo que envolve também o olfato e o paladar. Aquele episódio foi um intercâmbio de ‘causos’, um encontro entre culturas, distantes pelo estilo de vida, mas próximas pelo amor às montanhas.

Este diálogo entre culturas é, em nossa visão, terreno fértil para o aprendizado nesta educação ambiental do caminhar. Por meio de nossa compreensão fenomenológica, compreendemos que cultura não é algo a ser sistematizado e analisado, “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”, assim como apontou Geertz (2008, p.4). Este autor nos estimula a compreender cultura como uma teia de significados tecidos pelas próprias pessoas. Em busca destas interpretações culturais, o diálogo apresenta uma relevância especial, uma vez que permite aos sujeitos a voz sobre os próprios significados de suas culturas, ao mesmo tempo em que há uma negociação com os interlocutores, em tempo real, destes mesmos significados. Uma conversa, à beira de um fogão a lenha, entre caminhantes e moradores pode proporcionar, assim, intercâmbios culturais de intenso aprendizado. Este antropólogo, ao discorrer sobre aspectos centrais de uma antropologia interpretativa, ressalta a importância do diálogo:

O ponto global da abordagem semiótica da cultura é, como já disse, auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles (GEERTZ, 2008, p.17).

Os aprendizados são ainda mais intensos entre os caminhantes que compartilham muitas e intensas experiências. Segundo Le Breton (2015), caminhar dez dias com uma pessoa é como viver dez anos com ela. Na primeira e na terceira edição, o grupo tinha apenas três pessoas. Na décima primeira, éramos nove amigos e, na oitava, doze, atingindo o máximo. Ao longo das travessias, os caminhantes precisam atravessar as serras, rastreando as trilhas, armando e desarmando acampamento, preparando comida e nadando nos riachos. Toda esta movimentação é permeada pelo Silêncio, quando cada um está concentrado no seu próprio caminhar, mas também por conversas e ações compartilhadas. O final de um dia de travessia marca o início de um conjunto de atividades necessárias até uma noite de descanso. Depois do banho gelado no riacho ou na cachoeira, começam as atividades coletivas como armar barraca e guardar os equipamentos. Em seguida, é preciso fazer a fogueira para esquentar um local apropriado para que todos possam se sentar, descansar, cozinhar e comer. Para aqueles que não sabiam acender uma boa fogueira, foi muito interessante ver alguns caminhantes como Rafael Deslandes fazê-lo com destreza e sabedoria. Vale destacar, primeiramente, sua disposição dia após dia, mesmo com o desgaste acumulado, em se movimentar para buscar a lenha, carregar as pedras e acender o fogo. Para os menos experientes e os menos preparados fisicamente, o cansaço é tão grande que pode até os imobilizar, mesmo que tenham que abrir mão do calor e conforto da fogueira. Muitas vezes, é necessário buscar madeira em lugares não tão perto das barracas e isso não é fácil depois de um dia de travessia. Para sua construção, diferentes tipos de

madeira são necessárias e podem ser divididas principalmente pelo tamanho. Para acendê-la mais facilmente, é preciso algo que pegue fogo bem rápido como capim, folhas secas e pequenos gravetos. Quando estes se aquecem com a ajuda de um isqueiro, é preciso alimentá-los com galhos de média espessura e somente depois é que são colocados os troncos mais grossos. A arquitetura também é essencial. Nestas serras, há muitas pedras e é possível preparar uma fogueira em formato de 'u', cercada pelas pedras para que as madeiras queimem de maneira mais homogênea, protegidas do vento, sendo assim possível o direcionamento do fogo, como em um fogão à lenha. Este exemplo de aprendizado pela convivência acontece com intensidade entre caminhantes e nos mais diversos momentos da vida social. "As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende (BRANDÃO, 2003, p. 7)".

Rafael Deslandes, que já tinha muita experiência prévia com o campismo por ter sido escoteiro, ensinou aos companheiros as técnicas ao fazer e refazer a atividade. Aprender com ele não exigiu aulas teóricas e provas. O aprendizado se deu pelo simples fato de o acompanhar por cada etapa, auxiliando-o e eventualmente assumindo parte das atividades. Apesar das aparências, esta tarefa não é nada simples para moradores de centros urbanos e tem uma importância muito grande porque gera conforto para comer ao ar livre, possibilitando os diálogos e a observação de estrelas. Durante os invernos, nestas serras, a temperatura pode chegar aos zero graus. Ela garante, inclusive, uma segurança maior ao afastar animais que caçam durante a noite. Cozinhar no escuro, armar barraca contra ventos uivantes, controlar a ansiedade, bem como conversar com moradores da serra, de forma respeitosa, são atividades que, aos poucos, uns caminhantes aprendem com os outros e Rafael Deslandes, neste caso, foi um professor competente. Nas palavras de Brandão:

As pessoas que se encontram, conversam, dialogam, deixam passar de si mesmos à outra algo de suas palavras, de suas idéias, de seus saberes, de suas sensibilidades. Querendo ou não (mas é melhor estar querendo) estamos, no conviver com outros e com o mundo, nos ensinando e aprendendo (BRANDÃO, 2005, p.86).

Este aprender e ensinar coletivo está presente em todas as áreas da vida. Na Lubrina, seja pela intensidade das experiências ou pelas longas e duradouras amizades, este compartilhamento de experiências é muito grande. Ao todo, estes caminhantes já moraram em mais de dez países diferentes ao longo de suas vidas. Há pessoas formadas em geografia, turismo, arquitetura, direito, medicina, engenharia, gastronomia, dentre outras áreas. Há também os que são poetas, fotógrafos, professores e pais amorosos. Cada um traz consigo um universo de saberes. Assim, as travessias proporcionam e demandam muito

diálogo, seja pela necessidade de achar os caminhos em meio às serras escarpadas ou pelos muitos momentos de descanso nas trilhas, às margens das cachoeiras, nos cumes de pedra ou ao redor da fogueira pela noite. É também uma viagem que envolve riscos como a fratura de um osso, a picada de uma cobra, uma febre por cansaço extremo ou a queda nas pedras. Por isso, a colaboração é prioridade, bem como o cuidado com o companheiro. No primeiro dia, há sempre uma conversa coletiva enfatizando a importância dos cuidados com os amigos. Na serra, o grupo é o corpo ampliado do caminhante, assim como compreenderemos adiante pelo conceito de carne em Merleau-Ponty (2003). Se alguém torcesse o joelho, seria preciso que duas pessoas caminhassem até o povoado mais perto para buscar uma mula para levar o companheiro ao hospital. Vale lembrar que, em alguns lugares, o povoado mais próximo pode estar a dois dias de caminhada de distância. Enquanto isso, é preciso que outros caminhantes cuidem de quem se machucou. A colaboração é, portanto, prioridade nestas travessias e a aprendizagem é também fruto desta forma de interação.

Ao longo de nossas vidas, nós nos vemos às voltas com trocas de significados, de saberes, de valores, de idéias e de técnicas disto e daquilo. Assim é que podemos chamar cada uma destas unidades de vida e de destino de comunidades aprendentes. Pares, grupos, equipes, instituições sociais de associação e partilha da vida. Lugares onde ao lado do que se faz como o motivo principal do grupo (jogar futebol, reunir-se para viver uma experiência religiosa, trabalhar em prol da melhoria da qualidade de vida no bairro, e assim por diante) as pessoas estão também inter-trocando saberes entre elas. Estão se ensinando e aprendendo (BRANDÃO, 2005, p.87).

É sob a inspiração de Brandão que podemos chamar o grupo de amigos da Lubrina de comunidade aprendente. A alimentação do grupo é um exemplo que demonstra o aprendizado coletivo construído pelo diálogo, por meio das experiências e dos conhecimentos de cada um. No primeiro dia, as mochilas pesam até vinte e cinco quilos e, no último, chegam a ter doze quilos. Esta diferença diz respeito aos alimentos. Diante de tanta exigência física, é preciso uma alimentação que seja, ao mesmo tempo, leve, nutritiva e que ofereça certa praticidade em seu preparo. Nas primeiras edições, ainda sem experiência e conhecimento sobre o assunto, levávamos alimentos enlatados, macarrão e nenhuma verdura. Aos poucos, aprendemos que, além do lixo gerado que precisava ser carregado até o final, não estávamos ingerindo toda nutrição necessária. Ao longo dos anos, muitas mudanças foram feitas. Nas últimas edições, comemos bacalhau em um dia, lombo defumado em outro e arroz com lentilhas e cogumelos mais adiante. Segundo a brincadeira de alguns caminhantes, trata-se de uma 'alta gastronomia de montanha'. A refeição de cada noite parece sempre estar entre as melhores experiências gastronômicas de nossas vidas.

Nas palavras de Le Breton (2015, p.45), “Platos que no son nada se convierten en sabrosas exquisiteces cuando se ven animados por el hambre y la delicia del cansancio de una larga jornada”. A experiência compartilhada ao longo dos anos está servindo para tornar a comida mais saborosa, nutritiva e leve possível.

A principal refeição do dia é pela noite, quando jantamos um prato que geralmente leva arroz, um tipo de carne, verduras ou legumes e outros temperos. Todas as carnes precisam ser desidratadas, defumadas ou embaladas a vácuo nas porções exatas de cada dia. Pelas manhãs e na hora do almoço, comemos apenas lanche para não dificultar o caminhar. O pão sírio se revelou o que melhor se acomoda nas mochilas durante muitos dias sem despedaçar ou estragar. Para acompanhar, levamos queijos e patês que são vendidos em pequenos pacotes. Hoje, sabemos quantos gramas de queijo são necessários para cada pessoa por refeição ao dia, assim como aprendemos estas informações sobre todos os outros alimentos. Uma travessia de oito dias, realizada por 4 caminhantes, precisa de 96 pães, 1600 gramas de castanhas, 2800 gramas de carne, sete beterrabas, 2100 gramas de arroz, 1500 gramas de leite em pó, 1600 gramas de granola, 96 damascos, dois quilos de doce em barra, entre outros alimentos. Até mesmo a cachaça mineira precisa ser dosada, mas está sempre presente, pois exerce as importantes funções do relaxamento muscular, do estímulo ao compartilhamento de ‘causos’ na fogueira e também para esquentar os caminhantes na entrada da noite.

Qualquer que seja o contexto em que se esteja vivendo uma experiência de educação ambiental, as pessoas que se reúnem em “círculos de experiências e de saberes”, possuem de qualquer maneira algo de seu, de próprio e de originalmente importante. E o trabalho é mais fecundo, quando em uma comunidade aprendente, todos têm algo a ouvir e algo a dizer. Algo a aprender e algo a ensinar. Lugares de trocas e de reciprocidades de saberes, mas também de vidas e de afetos (BRANDÃO, 2005, p.90).

A cada ano, este planejamento melhora a partir dos erros e acertos, bem como do conhecimento e sugestão de cada participante. A planilha de *excel* foi desenvolvida com todas as programações possíveis para fazer todos estes cálculos de forma automática e assim evitar o risco de faltar comida nos últimos dias ou ter peso em excesso. Depois de um dia de longa caminhada e de muito esforço físico, uma alimentação como esta recupera as forças físicas e mentais dos caminhantes. Não é simples tanto do ponto de vista da segurança quanto do conforto passar mais de uma semana longe de qualquer povoado e qualquer tipo de infraestrutura. No entanto, a partir da colaboração e do aprendizado contínuo, a comunidade aprendente da Lubrina consegue hoje vivenciar com segurança

estas experiências de transcendência e re-ligação que são as travessias pelo Espinhaço.

Mesmo tendo a Lubrina uma lógica colaborativa, os conflitos surgem naturalmente. Muitas decisões importantes são tomadas ao longo dos dias por pessoas que, por diversas vezes, estão exaustas. Certa vez, encontramos uma encruzilhada. Faltava-nos dois dias para chegar ao povoado de destino. Alguns caminhantes sugeriram a estrada da esquerda, enquanto outros apontaram a trilha da direita. Após votação, escolhemos a da direita que, depois de alguns minutos, começou a fazer uma curva à direita, tangenciando a serra e voltando para o vale que tínhamos acabado de atravessar. Horas depois, encontramos o mesmo rio que tínhamos dormido na noite anterior, mas alguns quilômetros abaixo. Mesmo sabendo ser a direção contrária do planejado, seguimos a trilha por mais um dia e meio até chegar a um outro povoado na região. Um caminho errado pode liderar o grupo a uma gruta intransponível ou a uma mata fechada. Por isso, é necessário aprender a lidar com as emoções, mesmo em condições de cansaço, quando as dores reclamam atenção.

Ao final da sexta Lubrina, em 2010, chegamos ao vilarejo dos Inhames, no sopé da Serra do Espinhaço, em sua porção ocidental. Conseguimos uma pequena casa para passar a noite e fomos para o bar comemorar a travessia, comer tira-gosto, jogar sinuca e tomar cerveja. Dali, saímos à noite, embriagados e cansados. Fomos à casa. O responsável pelo jantar naquele dia chegou cansado e foi direto para a cama. Diego de Paula compreendeu o gesto como falta de compromisso com o grupo e o acordou para cobrá-lo de sua responsabilidade. Renato Pirfo não gostou da cobrança e, de forma sonolenta e displicente, disse que não faria o jantar. Diego foi à cozinha para começar a preparar os alimentos e, minutos depois, já nervoso, ele o acordou novamente, dizendo que deveria cozinhar para o bem estar de todos. O clima ficou tenso. Tentamos apaziguá-los. Renato, então, se levantou e foi para a cozinha, mas as emoções estavam à flor da pele. O tom da discussão foi aumentando de volume e uma briga parecia eminente. Uma forte tensão pairava no ambiente. Alguns minutos depois, Renato foi à sala, se aproximou de Diego, até chegar à distância de um palmo de seu rosto, olhou-o nos olhos e com voz serena e baixa pediu-lhe desculpas. Disse-lhe que estava errado e que faria o melhor jantar possível. Eu e o Gustavo Chaves testemunhamos com surpresa e emoção. Diego se espantou como se aquela fosse a última reação esperada. Ambos se abraçaram e se desculparam. Ligamos o antigo rádio da residência e, em menos de trinta minutos, estávamos todos comendo um delicioso arroz com linguiça defumada e beterraba. Este episódio de conflito proporcionou ensinamentos pela forma como foi superado. O apaziguamento trouxe um fechamento para uma

caminhada com paisagens exuberantes, cachoeiras acolhedoras e muito frio sob forte lubrina. Neste dia, as amizades se fortaleceram ainda mais e o grupo aprendeu com o tenso episódio.

Nestas montanhas do Espinhaço, especificamente, quase não há caminhantes solitários por causa das distâncias entre os povoados, pelas trilhas que nem sempre estão bem demarcadas, pelas intempéries do clima ou ainda pelos riscos de contusão. Se alguém do grupo, por exemplo, for picado por uma cobra e não puder mais caminhar, seria necessário que outros integrantes caminhassem até a vila mais próxima para conseguir uma mula que possa fazer o transporte. Isto poderia demorar dias, dependendo do local. Por isso, a importância da colaboração é facilmente compreendida entre todos. Mesmo tendo um conjunto de regras, entretanto, há espaço para a liberdade individual, como a escolha do equipamento. Alguns caminham vestindo botas de montanhistas, enquanto outros preferem tênis. Pela manhã, do nascer do sol até por volta das onze horas, quando normalmente começam a caminhar, cada um pode fazer como quiser: uns relaxam, outros alongam o corpo e há quem anime um banho gelado matinal. O mesmo se dá no entardecer, após o término da caminhada do dia. Há sempre os dias de folga também. Enquanto uns gostam de conhecer outros lugares e fazem excursões sem as mochilas, outros permanecem junto ao acampamento deitado sob sombra, conversando sobre a vida. Nota-se, portanto, um relativo equilíbrio entre a liberdade e a autoridade. A montanha, neste caso, por impor riscos, ensina o valor da colaboração e do respeito às regras coletivas, mas também exige do montanhista a capacidade de tomar decisão e de estar ali por vontade própria, com intensa presença de mente-corpo.

Figura 25. Caminhantes no lajeado.



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Vale, neste ponto, refletir: porque é incomum encontrar um caminhante experiente reclamando da trilha, do clima ou dos equipamentos, reproduzindo um comportamento de passividade e submissão? É que as travessias e as montanhas são mestres no ensino da autonomia. Sem o livre querer e a capacidade de tomar decisões seria muito difícil caminhar por paisagens com uma mochila pesada nas costas ou atravessar os sertões pelejando pela vida, seja na aridez do cerrado ou no conforto da sombra das veredas de buritis. Parece-me central o momento em que Riobaldo Tatarana encara a encruzilhada e decide por assumir o controle de seu destino. Não temos aqui a intenção de resolver o mistério da experiência que o jagunço viveu naquela noite, que é, certamente, central na narrativa de sua história. No entanto, nos arriscamos a trazer aqui uma interpretação despretensiosa em termos de análise literária, mas comprometida com nosso olhar pedagógico. Para nós, foi naquele momento em que Riobaldo descobriu-se autônomo, decidiu seguir sua intuição e assumiu sua missão. Foi pela autonomia que foi capaz de decidir atravessar os sertões, vivendo intensamente suas batalhas e paixões. Por isso, tornar-se líder do grupo e cumprir seus propósitos passou a ser seu principal compromisso. As travessias nas montanhas são muito menos poéticas do que a literatura de Guimarães Rosa, mas também ensinam sobre autonomia. O Caminhante Rodrigo Azevedo ressalta o prazer de chegar a locais de beleza espetacular com sua própria energia, ao mesmo tempo que todo cansaço e toda dificuldade também precisam ser superados pela mesma necessidade de chegar ao destino sem a



possibilidade de algum tipo de auxílio.

O diálogo de saberes e a não hierarquização entre conhecimentos científicos e populares é outra dimensão de nossa perspectiva sobre a educação. Em uma outra tese que também trabalhou de forma dialógica com a comunidade, o foco foi a arte popular da canoa pantaneira. A pesquisadora Quadros (2013) realizou uma investigação fenomenológica com foco na Educação Ambiental, proporcionando expressivas reflexões relacionadas à relação Natureza e Cultura, por meio das práticas artísticas de uma comunidade no Pantanal do Mato Grosso. Além de gerar um diálogo entre ciência e saber popular, a autora se fundamentou na filosofia, por meio da fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard, bem como na Cartografia do Imaginário, metodologia criada por Michèle Sato (2011). Após a defesa desta pesquisa, foi produzido um livro em que a pesquisadora dividiu a autoria com o artesão das canoas, efetivando assim a não hierarquização dos saberes científicos e populares. Sobre a superação das dicotomias da modernidade, a autora escreveu:

No caso desta pesquisa a busca foi pela complementaridade entre Natureza e Cultura, bem como, Ciência e Arte no intento de alcançar reinvenções necessárias na expectativa de contribuir com a superação dos problemas sociais e ambientais existentes. Uma Educação Ambiental sensível, crítica e criativa, transbordante de transformação social com responsabilidade e compromisso (QUADROS, 2013. p. 11).

As montanhas do Espinhaço e suas serras são de relativo difícil acesso e, mesmo assim, são povoadas por pessoas com culturas de raízes profundas. Frederico Prates, caminhante experiente, além de pai de família, é arquiteto e trabalha com projetos de restauração de patrimônios históricos como casarões e igrejas barrocas centenárias. Desde as primeiras travessias, sempre teve interesse na arquitetura da região. No começo, eu me surpreendia ao vê-lo tirar foto de uma dobradiça de madeira para porteira e dos beirais das casas da Serra. Aos poucos, ele foi despertando em mim o interesse por essa arquitetura dos detalhes. Cada foto que tirava era acompanhada de um ensinamento sobre a riqueza daquelas técnicas de construção. Uma das constatações mais interessantes que ele fez foi sobre a diferença das casas dos moradores da região em comparação às casas recém construídas pelos turistas de segunda residência, como é o caso da minha. Ávidos pela vista da serra, nossas casas são apontadas para o paredão, repletas de vidro na parte da frente e, normalmente, são construídas em topos de morros ou pequenos platôs para que a vista seja mais abrangente. Já os moradores locais, profundos conhecedores das intempéries do clima das montanhas, constroem suas moradias nas baixadas e no fundo dos vales. Suas

casas são voltadas na direção contrária da abrupta serra. Todas as noites e comumente durante o dia, há uma corrente de vento que vem do alto deste paredão de rocha e faz os arbustos encostarem no chão e as galinhas serem prensadas na tela do galinheiro. Por isso, não há janelas e nem vidros na parte detrás de suas casas. Eles também cultivam sempre um pouco de café, cana, hortaliças e frutas, além de criarem porcos, patos, gatos e cachorros. Além da alimentação saudável, suas casas são protegidas de cobras, aranhas e escorpiões porque os animais domésticos fazem esta vigilância de toda a redondeza. Enquanto isso, nossas casas e suas lindas vistas são constantemente solapadas pelos ventos e pelas chuvas. A minha, por exemplo, já teve suas telhas arrancadas algumas vezes. Frederico, que foi quem a projetou, muito aprendeu caminhando pelas montanhas e nos ensinou sobre a arquitetura de barro e madeira da região. Em suas palavras, “as casas dizem muito sobre quem as habita e têm muito a dizer da cultura local”.

Figura 26. Casa de frente para Serra da Lapinha



Fotografia: Resende-Duarte, 2016

As travessias proporcionam estes aprendizados que não se apresentam facilmente aos olhos dos desatentos. É preciso dedicar tempo, estar atento aos detalhes, olhar nos olhos das pessoas e ouvir suas histórias. Os diálogos culturais geram aprendizados para todo interlocutor que se abre a novas perspectivas sobre o mundo. Os moradores locais, certamente, aprenderam muito com a arquitetura trazida pelos novos habitantes. Suas

casas, antes do fenômeno turístico, não tinham banheiro. Agora, praticamente todas as residências o tem. Por outro lado, nós, forasteiros, aprendemos muito sobre o clima da montanha por meio dos destelhamentos de nossas casas e, é claro, da observação das moradias tradicionais. Mais uma vez, inspiramo-nos em Geertz (2008, p.21) para compreender a importância da imersão cultural em busca de interpretações e aprendizados. Em suas palavras:

Olhar as dimensões simbólicas da ação social - arte, religião, ideologia, lei, moralidade, senso comum - não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas (GEERTZ, 2008, p.21).

Este capítulo, portanto, foi dedicado ao diálogo entre as experiências dos caminhantes e a educação ambiental. Foi neste sentido que debatemos características importantes desta educação ambiental do caminhar como a resistência à sociedade do progresso, a leitura problematizada do mundo, a perspectiva pós-crítica, o olhar fenomenológico, o aprendizado colaborativo, bem como o diálogo de saberes. Reafirmamos, portanto, nosso compromisso com a resistência diante das opressões deste desenvolvimento econômico hegemônico. Nas palavras de Le Breton (2015, p.16), recorrer aos bosques e às caminhadas, “no nos exime de nuestra responsabilidad, cada vez mayor, con los desórdenes del mundo, pero nos permite recobrar al aliento, aguzar los sentidos, renovar la curiosidad”. Entendemos que caminhar é um reencontro consigo mesmo, que é um dos atos mais revolucionários possíveis diante de sociedades que intencionam formar pessoas que entreguem suas vidas de forma automatizadas para a produção e o consumo excessivos. Reencontrar a si mesmo é também reencontrar o outro e o mundo, bem como novas perspectivas existenciais.

Aqui, apresentamos diálogos específicos com a nossa práxis politizada em educação. De agora em diante, nos próximos capítulos, este debate continuará sendo aprofundado por meio da interpretação de características que consideramos centrais nestas experiências que é o retorno ao mundo, o aprofundamento da atenção plena, o diálogo com o silêncio, bem como a arte de viver criativamente. É a partir das interpretações destas profundas experiências é que conseguimos ver transparecer por detrás das travessias esta educação ambiental do caminhar. A seguir, continuaremos a debatê-la por meio de entrelaçamentos com outras perspectivas.

Figura 27. Caminhantes no entardecer



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

## CAPÍTULO 4

### Reencontro no mundo

El caminante crea el camino  
a la medida de su cuerpo.

Le Breton

Figura 28. Caminhante no Vale do Soberbo



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

Começamos este capítulo chamando a atenção para seu título. Nomeá-lo de 'reencontro no mundo' e não reencontro com o mundo é importante para a compreensão da interdependência entre o eu-outro-mundo. A razão para esta escolha é exatamente o fato de que não há como estar sobre o mundo, como se fosse possível estar fora dele para se sobrepor a ele. Estamos sempre imersos na paisagem. Nós somos o próprio mundo. Este reencontro que nos referimos diz respeito, portanto, a uma compreensão filosófica fenomenológica, que influencia nosso fazer científico e pedagógico.

Este presente capítulo é dedicado, portanto, a este reencontro que as travessias proporcionam com tanta intensidade e riqueza. Se Mathews (2006, p.28) diz que a filosofia de Merleau-Ponty “[...] consiste em reaprender a olhar o mundo”, nós podemos afirmar que estas caminhadas também o fazem. Na primeira Lubrina, por exemplo, terminamos nosso sexto dia de caminhada em uma enorme cachoeira da região do Rio de Pedras. Nestas altitudes, quando há uma tromba d’água, este rio não permite a passagem de um lado ao outro, podendo demorar até três dias para voltar ao seu nível normal. Chegamos ao local no meio da tarde, armamos acampamento e fomos nadar na água gelada. O poço, de formato retangular, deve medir em torno dos 40 metros de comprimento por 30 metros de largura. A queda, à época da seca, é formada por dois grandes turbilhões d’água, medindo também uns 30 metros de altura. É possível sentir sua força nos ombros ao sentar nas pedras que repousam sob a volumosa queda. Nadamos com entusiasmo naquelas águas negras-avermelhadas, características do Espinhaço. Em seguida, já iniciando os preparativos para o jantar, nos sentamos ao lado do poço, onde organizamos nossa cozinha. Em poucos minutos, o sol começou a se pôr na direção contrária da cachoeira, iluminando-a frontalmente. Estas serras, principalmente no inverno, são conhecidas por seus paredões de pedra que ficam dourados no entardecer e, pouco antes do sol desaparecer por detrás das montanhas, ficam arroxeados.

Foi neste entardecer que milhares de andorinhões começaram a voar em círculo no céu. Em princípio, voavam bem alto, sempre em movimentos circulares. Em alguns momentos, o grupo inteiro formava um único imenso círculo, como se fosse o famoso símbolo *zen*. Em outros, por uma dissidência das lideranças, este grande movimento se transforma em dois, tornando-se semelhante ao símbolo do infinito. Depois de algumas voltas, o grande e único círculo se formava novamente. Dentro de alguns minutos, os andorinhões passaram a voar cada vez mais baixo e mais próximos às quedas da cachoeira. Já neste momento, nenhum de nós desenvolvia nenhuma atividade em prol do

jantar. Estávamos extasiados com este balé nunca antes vivenciado. A luz seguia mudando a coloração das pedras, na medida em que as refletia cada vez mais lateralmente, deixando-as com a cor roxa. Dentro de mais uns instantes, o grande círculo começou a tangenciar a cachoeira e, pouco a pouco, era como se os pássaros fossem ‘cuspídos’ para fora dele, até pousarem gentilmente nas pedras, atrás dos turbilhões de água. Este espetáculo permaneceu por muitos minutos, até que não havia mais aves no céu, já em pleno lusco-fusco crepuscular. Ainda boquiabertos e completamente re-ligados à paisagem e ao momento presente, assistimos seus últimos movimentos do dia, saindo e entrando na água, imagino eu para achar a melhor ponta de pedra para passar a noite.

Como se já não bastasse tanta beleza, o que relato agora pode até parecer um exagero poético, mas ocorreu de fato e está fresco em minha memória. Em meio à madrugada, acordei e saí da barraca para urinar. A lua cheia estava a pino no céu, iluminando o poço tão claramente que tornava possível ver a sombra dos arbustos ciliares. Estava tão claro que consegui avistar as silhuetas dos andorinhões por detrás da queda prateada de água. Fiquei ali até o frio tomar meu corpo e me convidar a voltar ao conforto do saco de dormir. Esta primeira experiência nestas travessias, dentre outras vividas naquela caminhada, me apontam a necessidade e a importância do retorno ao mundo em busca de aprendizado. Nas palavras de Le Breton, o caminhante:

Participa así en carne y hueso de las pulsaciones del mundo: toca las piedras o la tierra del camino, palpa con las manos la corteza de los árboles o las sumerge en los arroyos, se baña en los estanques o en los lagos, se deja penetrar por los olores [...] Escucha el canto de los pájaros, el temblor de los bosques (LE BRETON, 2015, p. 45).

É importante esclarecer, no entanto, que não estamos defendendo a idéia do retorno à natureza intocada, como se ali não houvesse nenhuma interferência humana e, por isso, fosse tão bela. Com já dito anteriormente, estas regiões, por mais inóspitas ou conservadas que pareçam, são integralmente influenciadas tanto por seus habitantes quanto pela sociedade que fazem parte. Esta cachoeira, por exemplo, está no mesmo Rio de Pedras que, seguindo seu curso serra abaixo, forma o ‘Poção do Soberbo’, aquele mesmo local do relato sobre os carrapatos como forma de isolar a área dos turistas e dos moradores para liberar a mineração de diamantes. Entretanto, apenas alguns quilômetros dali, o balé dos andorinhões acontece diariamente em um Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Este tipo de Unidade de Conservação não é uma imposição da lei ou do Poder Público, mas uma opção de seus donos, que compreendem a importância socioambiental da região e, por isso, tomaram a decisão de torná-la protegida, tendo como objetivo a conservação da

diversidade biológica, a proteção dos recursos hídricos, o manejo de recursos naturais, desenvolvimento de pesquisas científicas, atividades de ecoturismo e educação, bem como a preservação de belezas cênicas e ambientes históricos. Não há, portanto, natureza intocada e pura. Seja pela preservação das matas ciliares e riqueza dos campos rupestres, seja pela degradação dos campos pelas pastagem dos bois, nota-se que toda a paisagem está intimamente influenciada pelos humanos, assim como os que ali frequentam estão continuamente sendo transformado por ela. Sobre esta coemergência entre pessoas e paisagem, Le Breton (2015, p.113) exemplifica dizendo que “un camino de tierra, un sendero tienen una densidad existencial, condensan en cierta manera una humanidad o una animalidad tangibles: rastros de pasos, de caballos, de vacas.”

Assim como já dito, esta investigação propõe o retorno ao mundo dos fenômenos, que estão por toda parte, entrelaçados às pessoas, à cultura e às paisagens. Ao final do sexto dia no Caminho de Santiago, já tendo percorrido 105 quilômetros, chegamos a *Carrión de Los Condes*, uma pequena e agradável cidade da *meseta* espanhola. Nos hospedamos em um albergue da Paróquia de Santa Maria. As freiras nos proporcionaram uma hospitalidade inesquecível. Pela noite, fizemos um jantar coletivo, em que cada um dos aproximadamente 50 peregrinos trouxe um alimento. Todos cozinhamos juntos e depois comemos em longas mesas de madeira. Em seguida, houve uma confraternização em que as freiras tocaram violão, batucaram tambores e cantaram belas canções com todos presentes. Não eram músicas religiosas, pois ali estavam hospedados pessoas de muitos países diferentes, com distintos credos. Uma das canções que me emocionou profundamente foi “Gracias a la Vida”, da compositora chilena Violeta Parra. Muitos caminhantes também cantaram músicas de seus países, em diferentes línguas. Depois de caminhar por todo o dia e ter o corpo cansado, foi muito emocionante fazer parte de um momento de tanta alegria, fraternidade e amorosidade.

Estes dois relatos, do balé dos andorinhões e da cantoria com as freiras, nos mostram um retorno de corpo-e-alma ao mundo dos fenômenos. Nas palavras de Ponty (1971, p.331), “para que percebamos as coisas é necessário que as vivamos”. Estávamos ali integralmente, vivenciando o entrelaçamento do eu-outro-mundo, sem a necessidade de racionalizar ou analisar a experiência. Estávamos ali católicos, ateus e budistas, homens e mulheres, idosos, jovens e crianças, todos cantando de forma uníssona, fazendo de nossas vozes uma única melodia. Neste sentido, o retorno ao mundo dos fenômenos que Merleau-Ponty nos aponta deve existir em prol de um fazer filosófico e científico que não se



esqueça ou ignore a experiência da qual qualquer análise pode ser feita.

A tarefa de uma reflexão radical (fenomenológica), isto é, daquela que quer se compreender a si mesma, consiste, de uma maneira paradoxal, em reencontrar a experiência irrefletida do mundo, para nela recolocar a atitude de verificação e as operações reflexivas, e para fazer aparecer a reflexão como uma das possibilidades de meu ser (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 247).

A fenomenologia é, portanto, nossa referência filosófica enquanto cientistas, mas também como educadores, na medida em que compreendemos suas possíveis contribuições ao aprendizado das pessoas. Sentimos a necessidade, neste momento, de aprofundar nossa compreensão sobre a centralidade da obra de Merleau-Ponty para compreendermos melhor o que significa este retorno ao mundo vivido, bem como seus possíveis desdobramentos à educação. Na seção sobre a biografia ecológica, problematizamos sobre a cisão entre sujeito e objeto, fundamentados no *cogito* de Descartes, bem como alguns de seus reflexos na filosofia e na ciência. Em seguida, apresentamos argumentos iniciais sobre a importância da aceitação do olhar do pesquisador no fenômeno investigado, inclusive como um compromisso axiológico. Já na seção sobre nossa autobiografia fenomenológica, argumentamos então que nossa metodologia deveria não somente aceitar a imbricação do olhar de pesquisador em sua pesquisa, mas também deveria partir da experiência direta dos fenômenos e não somente de possíveis análises que poderiam ser feitas dele. Para isso, introduzimos a percepção como uma compreensão central de sua obra que diz respeito ao nosso engajamento com o mundo e o necessário retorno às experiências. De agora em diante, aprofundaremos o debate sobre percepção, corpo, tempo, carne e quiasma, sempre em diálogo com as experiências dos caminhantes. Inspirados em Sato e Passos (2009, p. 49), entendemos que “a fenomenologia é um ramo da filosofia que incita o desejo de perceber o outro e o mundo com nossos olhares”.

No intuito de compreender a percepção em Merleau-Ponty, é necessário voltar ao debate das diferenças entre as compreensões que chamou de empírica, fruto da ciência clássica, e a intelectualista, com base em Descartes. Enquanto a primeira defende que haveria um sentido intrínseco em cada objeto, a segunda entende que seriam as verdades internas que gerariam sentido aos objetos externos. Para Merleau-Ponty (1971, p.23), há “dois erros: o primeiro é achar que os objetos sejam plenos e determinados, tem sentido por si só. O segundo é achar que o significado pertence somente à consciência”. Este segundo, por sua vez, ancorado na separação entre sujeitos que pensam e objetos que são pensados, colocou demasiada ênfase na consciência, dando-lhe um poder absoluto na

construção de sentidos sobre o mundo. Merleau-Ponty debateu o que esta corrente filosófica entende por sensação para apresentar suas discordâncias. Se o Ser estaria separado do mundo e a única coisa que poderia verificar como verdade seriam seus próprios pensamentos; então, tudo que estaria fora não poderia ter sentido intrínseco. Ao não passarem pelo funil da dúvida, não poderiam existir enquanto essência ou verdades externas. Do ponto de vista de uma pessoa, os objetos do mundo seriam apenas pensamentos sobre os objetos. Sobre a sensação, o filósofo afirma que:

Ao começarmos o estudo da percepção, encontramos na linguagem a noção de sensação, que parece imediata e clara: sinto o vermelho, o azul, o frio, o quente. Vai-se ver entretanto que ela é a mais confusa possível, e que, por tê-la admitido, as análises clássicas faltaram quanto ao fenômeno da percepção (MERLEAU-PONTY, 1971, p.21).

Contudo, o azul tem significados diferentes para o japonês e para o francês. A compreensão clássica de sensação é de que uma pessoa receberia estímulos por meio dos órgãos dos sentidos, advindos do mundo externo, que seriam conduzidos até o cérebro, onde seriam processados e, por fim, analisados. Tratar-se-ia de um processo que se daria em etapas distintas, de forma mecanicista, sendo que a última seria a mais importante. Para Ponty (1971, p.27), “a noção clássica de sensação é um produto tardio do pensamento voltado para os objetos”. Neste caso, seria necessário considerar o corpo também como um objeto ou apenas um instrumento da consciência para a realização de suas análises sobre o vermelho ou o frio. Perceber, por este ponto de vista, seria então receber as sensações e associá-las a sentidos e memórias previamente existentes na consciência. No entanto, “perceber não é sentir uma multidão de impressões que conduziriam com elas lembranças capazes de completá-las (MERLEAU-PONTY, 1971, p.40)”. Perceber também não é a etapa de um processo mecânico, formado por roldanas e engrenagens.

As propriedades sensoriais de uma coisa constituem, juntas, uma mesma coisa, assim como meu olhar, meu tato e todos os meus outros sentidos são, juntos, as forças de um mesmo corpo integradas numa ação única (MERLEAU-PONTY, 1971, p.323).

Assim, corpo não é uma junção de músculo, osso, órgãos, habitado por uma consciência interior. Os órgãos do sentidos tampouco trabalham separadamente para levar a informação até o cérebro. Ingold (2000), antropólogo inglês cujo trabalho é também influenciado pela fenomenologia da percepção, aprofundou o debate sobre a interdependência dos sentidos. Ele argumenta que os cegos percebem o espaço por meio dos sons e cita o exemplo da chuva, que os orienta a diferenciar uma sala no alto de um prédio de uma grande sala de uma casa com jardim lá fora. Em um outro exemplo, ele

demonstra que as pessoas ouvem a música não somente com os ouvidos, mas com os olhos, ao acompanharem o movimento das mãos do pianista, bem como com o corpo, ao sentirem a vibração da melodia. Segundo Ponty (1971, p.140), “se o sujeito normal compreende de um só golpe que a relação do olho com a visão é a mesma relação do ouvido com a audição, é porque o olho e o ouvido lhe são dados de uma só vez como meios de acesso a um mesmo mundo.” Ainda em suas palavras:

O que faltava ao empirismo era a conexão interna do objeto e do ato que lhe desencadeava. O que faltava ao intelectualismo é a contingências das ocasiões de pensar. No primeiro caso, a consciência é muito pobre e, no segundo, muito rica para que algum fenômeno pudesse solicitá-la (MERLEAU-PONTY, 1971, p.45).

Vale ainda fazer aqui uma última reflexão sobre a utilização do termo percepção como sinônimo de pensar ou opinar sobre algo, assim como utilizado em diversas pesquisas. Se um investigador perguntasse a um entrevistado qual seria sua percepção sobre determinado tema, ele não seria capaz de compartilhar sua percepção no sentido fenomenológico, mas apenas sua análise. Assim, fazer esta pergunta seria assumir a percepção do ponto de vista cartesiano. Isso nos aponta a necessidade de ir além das entrevistas, por mais aprofundadas que sejam, para a compreensão de um fenômeno. É preciso vivê-lo intensamente. Além de conversar sobre a experiência, é preciso observar o que as expressões faciais dos caminantes querem dizer nas entrelinhas, é preciso prestar atenção às músicas que ouvem, à sua relação com os animais, ao modo como se comportam debaixo de sol quente e o que dizem à sombra.

Até agora argumentamos, a partir da compreensão de Ponty, que perceber não é sentir o mundo e nem pensar sobre ele. Para entendermos melhor sua filosofia, é fundamental compreender a primazia da percepção. Em sua visão, o mundo existe e pode ser verificado exatamente porque estamos engajado nele, por meio do movimento intencional do nosso corpo, situados no tempo e no espaço, não sendo possível delimitar o limite do mundo e o limite do corpo, ambos em constante coemergência. A percepção é como se dá o acesso ao mundo pelo Ser como um todo e não apenas como o pensamento que reside no interior de um corpo que lhe serve de veículo. Segundo Merleau-Ponty (1971, p.248), “a percepção originária é uma experiência não-tética, pré-objetiva e pré-consciente”. Em outras palavras, ela está além da teorização, da objetividade e consciência no mundo. É importante ressaltar que ela não precede o pensamento, como uma etapa anterior. A percepção é exatamente o que une os sentidos, os órgãos, o raciocínio, as coisas e o mundo de um só vez. “Percepção é justamente este ato que cria de um só golpe, com a

constelação dos dados, o sentido que os une - que não somente descobre o sentido que tem mais ainda faz com que tenham um sentido (MERLEAU-PONTY, 1971, p.53)”.

Por meio da percepção é possível compreender que estar em movimento na paisagem, como nas travessias, é uma das formas mais intensas de aprendizado. Em pesquisa anterior sobre a experiência dos viajantes de bicicleta, escrevemos que subir uma serra pedalando é incorporá-la em cada músculo, em cada movimento do corpo, tanto pelos pensamentos que se tem no mundo em movimento quanto pelo sentir dos sabores, cheiros, texturas e sons (RESENDE, 2008). Assim, comer jabuticaba do pé, conversar sobre política na praça, ouvir a música da igreja, pedalar pelos paralelepípedos das cidades históricas mineiras, bem como ser picado por uma abelha são formas de imersão profunda no fenômeno.

Rafael Deslandes, caminhante do Espinhaço, relatou que durante uma travessia o grupo decidiu passar a noite em um cânion, bem no entremeio da crista da serra. Neste local, o rio se encontra em uma transição da paisagem em que está deixando uma enorme campina, onde corre lentamente através de meandros, para seguir seu caminho montanha abaixo por meio de um conjunto de corredeiras e cachoeiras, conhecidas por sete quedas do Soberbo. Desde que saíram da vila mais próxima ainda no início da manhã, havia muita *lubrina* e uma serena garoa. Eles caminharam por todo o dia, subindo e descendo serras, ora por estradas de pedra, ora por trilhas em meio às canelas-de-ema. Foi um dia frio e de avançar lento na paisagem. Já no entardecer, a chuva começou a intensificar quando chegaram a este rio onde acamparam pela noite. O jantar coletivo foi preparado dentro de uma das barracas, destas que tem um avanço de lona, para além da câmara de dormir. Ninguém conseguiu tomar banho. Ao longo da noite, a chuva se transformou em uma tempestade. Em suas palavras, o rio, que antes chegava à altura da cintura, agora mais parecia um ‘rio Amazonas’. Suas águas nervosas agora já estavam acima dos arbustos ciliares, contornando com agressividade as pedras. As barracas, que antes estavam a uns cem metros de sua margem, agora estavam a poucos metros. O barulho era ensurdecador. De tempos em tempos, caíam trovões que iluminavam fortemente os rostos dos caminhantes envoltos pelos sacos de dormir. O som era assustador e ecoava por entre os picos rochosos, fazendo as pedras tremerem. Eu mesmo já vivi esta situação algumas vezes e garanto que foi uma das experiências mais assustadoras de que já experimentei.

A tempestade seguiu noite adentro, até que as barracas começaram e se molhar por

dentro. Deslandes precisou abandonar a sua tenda, que não era adequada para esse clima e, por isso, ficou completamente encharcada. Ele buscou abrigo na barraca dos companheiros, que resistiu um pouco mais. Não é que a chuva caia dentro, mas a lona ficou tão pesada e tão molhada que a umidade começou a migrar pelas costuras. A água passou a correr também por debaixo da lona do piso e começou a migrar para dentro, deixando tudo molhado e gelado. A última proteção dos caminhantes era o saco de dormir e suas roupas à prova d'água. Quando o dia começou a amanhecer, ao final da madrugada, o grupo decidiu desarmar acampamento para buscar abrigo. Guardaram tudo ensopado nas mochilas e começaram a caminhar em direção à vila mais próxima, aproximadamente, a seis horas de distância. À boca da noite, já no lusco-fusco, chegaram à minha casa na montanha, onde se abrigaram. O último detalhe relatado foi o chá quente que beberam, enquanto se esquentavam à beira do fogão à lenha.

Minha experiência nesses diferentes momentos se liga a si mesma de tal modo que não tenho diferentes pontos de vista sob o olhar de uma consciência sem lugar que os pensa. É a reflexão que objetiva os pontos de vista ou as perspectivas; quando percebo, estou por meu ponto de vista, no mundo inteiro, e não conheço sequer os limites do meu campo visual (MERLEAU-PONTY, 1971, p.334).

O que seria a percepção se tomarmos esta experiência como fenômeno? Seria tudo: o frio nos ossos, a umidade nas roupas e as gotas escorrendo pelo cóccix; o barulho das corredeiras, a ventania nas árvores e o tremor do trovão nas pedras; a comida fria, a dor nas panturrilhas e as bolhas no pé pelas botas ensopadas; a beleza das milhares de cachoeiras que brotam em cada vão de serra; o cuidado de uns com os outros e o companheirismo pelo compartilhar da barraca; o calor do corpo ao subir uma íngreme trilha e um certo sorriso que, por vezes, insiste em permanecer no rosto do caminhante. Neste dia, o céu se fez água, a serra se inundou e os corpos, formados por 75% de água, experimentaram, em profundidade, a re-ligação entre eu-outro-mundo. Perceber é tudo isso, ao mesmo tempo, de maneira que, “na experiência perceptiva, o objeto permanece inacabado e aberto (MERLEAU-PONTY, 1971, p.83)”. É por isso que a percepção sobre esta experiência ainda segue acontecendo, a cada vez que esta história é contada pelos que a vivenciaram e recontada pelos que a ouviram.

Figura 29. Mar de montanhas



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

Não há, em nenhum momento, na filosofia de Ponty, uma desvalorização do saber científico ou do pensamento filosófico. O que ele proporciona é uma relativização de sua importância e, principalmente, o incentivo de retornar ao mundo como caminho ao fazer científico e o fazer filosófico. A reflexão segue sendo relevante à construção dos mais diferentes saberes. O que esta abordagem fenomenológica sugere é que ela seja feita sempre em diálogo com a experiência da qual é fruto indissociável.

A reflexão, pois, só apreende ela mesma seu sentido pleno se menciona o cabedal irrefletido que pressupõe, que aproveita, e que constitui para ela como que um passado original, um passado que nunca foi presente (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 248).

Vale a pena aqui tecer uma relação com as reflexões de Thoreau (2012) que, em seus escritos sobre as caminhadas, ressalta o caminhar como desobediência civil, bem como forma de buscar o bem-viver e o aprendizado moral. Ele debate sobre a complementaridade entre o pensamento reflexivo e a experiência. Em um primeiro momento, o autor diz que “passar muito tempo ao ar livre, ao sol e ao vento provocará sem dúvida uma certa rudeza de caráter - fará crescer uma membrana mais espessa sobre as qualidades mais delicadas da natureza humana (THOREAU, 2012, p.23)”. Entretanto, em contraponto às experiências no mundo, ele ressalta que “o hábito de ficar em casa pode induzir, por seu lado, uma certa indolência e brandura, para não dizer finura da pele, acompanhadas por uma sensibilidade maior a certas impressões (THOREAU, 2012, p.23)”. Em busca de equilíbrio, ele afirmar ser importante para o nosso desenvolvimento moral e

intelectual a complementaridade que “existe entre a noite e o dia, o inverno e o verão, o pensamento e a experiência (THOREAU, 2012, p.23)”. Estas reflexões de Thoreau podem ser consideradas inéditas à época, assim como enfatiza Williges (2018):

Ver nas caminhadas e naquilo que descobrimos nelas um requisito necessário para a aprendizagem moral é uma inovação de Thoreau. Explico: foi enfatizado por uma longa série de filósofos e teólogos que exercícios reflexivos, orações, penitências, monólogo interior, exame de consciência e atividades assemelhadas são fundamentais para o aprimoramento moral humano e para a cognição moral (WILLIGES, p.6, 2018).

É certo que ler um livro é também uma experiência rica de um corpo no mundo. No entanto, no que diz respeito ao aprendizado, por mais mágica que seja a leitura, não há como compará-la a viver em pessoa uma aventura como aquela narrada pela história. Neste caso, o aprendizado é mais intenso porque há uma imersão no fenômeno. O senhor Alberto Diaz, um peregrino argentino, foi o primeiro a me relatar um ensinamento importante que a experiência do Caminho ensina a todos: nestas travessias, “es necesario desapegarse de aspectos materiales y vivir con sencillez”. Para uma caminhada de 40 dias, aproximadamente, ele levava consigo, quando o encontrei, duas camisas, uma calça, duas cuecas, duas meias, um chapéu, um cajado, uma bota, uma sandália, um telefone, a carteira de documentos, uma pequena bolsa com remédios e produtos de higiene. Tudo isso devia pesar não mais do que quatro quilos. Entretanto, quando começou sua peregrinação nos Pirineus franceses, levava mais do que o dobro. Logo na primeira semana, teve um conjunto de bolhas nos pés, que inflamaram e o forçaram a parar a viagem por dois dias. Foi assim que ele percebeu que quatro ou duas camisas serviriam para o mesmo propósito, a única diferença seria a frequência da lavagem. Os vinte quilômetros diários, subindo e descendo morros, caminhando ora em terra, ora em asfalto, sob o sol do verão espanhol, lhe fizeram exaustos já ao final da primeira semana. Seus joelhos estavam levemente inchados e sentia muitas dores nos ombros e nas costas. No entanto, foram as bolhas que fizeram chorar um senhor que, em suas próprias palavras, já tinha vivido quase todo tipo de experiência na vida. As travessias lhe ensinaram que cada cueca a mais pode custar dores e sofrimentos para além do necessário. Alberto concluiu seu relato dizendo que o caminho era como um capítulo da vida, mas que tinha uma intensidade maior pelo condensamento de experiências. Segundo ele, aprendeu na pele, nos ombros e no pé um nível de desapego material que vinha tentando aprender há décadas. A busca pelas posses e as dificuldades de encarar os desafios da vida com o peso destas posses o tinham feito sofrer repetidamente em diversos momentos de sua biografia.

Assim como o caracol viaja com sua concha, o caminhante leva sua mochila nas costas, contendo tudo que precisa para se mover lentamente pela paisagem. Ao refletir sobre esta questão, Le Breton (2015, p.48) diz que “al final de una jornada de marcha, cuando la espalda ya no puede más, el caminante cree llevar una mochila cargada de piedras”. Assim, a simplicidade e o desapego são exigências das travessias. É bem verdade que há pessoas que começam a peregrinação com um despreparo muito maior do que este senhor. Presenciamos mulheres que, nos primeiros dias de sua caminhada, levavam secador de cabelo e bolsa de maquiagem. A ironia é que elas estavam caminhando sobre as mesmas pedras que, no ano de 1217, foram pisadas pelas precatas de um certo Francisco de Assis. Não sei se elas chegaram à Santiago, mas, se chegaram, posso afirmar com quase toda certeza que em suas mochilas não havia mais secador ou bolsa de maquiagem. As travessias exigem esta leveza. A subida da serra de O Cebreiro, por exemplo, que é o segundo pico mais alto deste caminho, demanda dois dias de lentos passos morro acima. Seria quase impossível chegar ao topo sem aprender o valor de uma mochila leve. Estes relatos nos servem como exemplificação deste retorno fenomenológico ao mundo, mas também do aprendizado a partir das experiências vividas com intensidade pelo corpo-mente. O caminhar pelas paisagens com uma mochila pesada ensinou ao senhor Alberto uma simplicidade que ele havia buscado em diversos momentos de sua vida.

O corpo, por sua vez, transformado em objeto e compreendido como um conjunto de partes, seria apenas um veículo para um ser pensante e teria pouca relevância à experiência. A ciência escolheu retirar de seus princípios todo valor ontológico, na medida em que definiu o ser que pensa pelo método científico. “O corpo vivo, nessas condições, não podia escapar às determinações que só faziam do objeto um objeto e sem as quais não teria havido lugar no sistema da experiência (MERLEAU-PONTY, 1971, p.71).

Entretanto, o corpo é mais do que um conjunto de músculos que carrega pensamentos. Ele é o nó de nossa existência, é a união, por um só golpe, no tempo e no espaço, de nossos pensamentos, sensações, sentimentos, motricidade e fisiologia. Ele está em permanente abertura ao mundo, influenciando e sendo influenciado pelos outros, cocriando a realidade enquanto é cocriado por ela. “É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes (MERLEAU-PONTY, 1971, p.162)”. Ele não é nosso objeto ou veículo porque não há corpo separado do que somos. Neste sentido, nós não conseguimos Ser no mundo se não for pelo nosso corpo.



A dualidade cartesiana superestimou a consciência e sobrevalorizou os pensamentos de sujeitos sobre objetos, em detrimento da experiência, do mundo vivido e dos fenômenos. É nesse sentido que Merleau-Ponty (1971, p.213) nos aponta a necessidade de “despertar a experiência do mundo tal como nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo”. De uma perspectiva fenomenológica, nós nunca perdemos a re-ligação. É impossível não estarmos conectados sutilmente uns com os outros e com o Planeta. Mesmo o mais solitário astronauta em alguma estação espacial está re-ligado a tudo que há. Nós apenas nos esquecemos, momentaneamente, de nossa interdependência e re-ligação. Este esquecimento se deu em termos filosófico e científicos, que acabaram se tornando pensamentos hegemônicos em outras áreas da vida como a educação e a saúde, chegando até o senso comum. No entanto, a distância das experiências vividas não só nos isola do mundo, mas também proporciona interpretações distorcidas sobre ele.

Por mais que eu tivesse experiências de mais de dez anos com longas caminhadas e por mais que tivesse buscado a maior quantidade de informações possíveis, comecei o Caminho de Santiago com uma mochila de dezesseis quilos. Durante o planejamento da viagem, ouvi muitos relatos de peregrinos experientes em palestras e em livros ressaltando a importância de uma mochila leve. Por mais que eles tivessem relatado a facilidade para lavar roupas e a grande quantidade de albergues e restaurantes de qualidade espalhados pela rota, eu, baseado em minha experiência na Lubrina, decidir levar duas barracas, bem como algumas roupas e equipamentos a mais. Nas bicicletas, os meninos levaram uma mochila bem pequena, amarrada à garupa, mas que não cabia todas suas roupas e equipamentos. A decisão pelas barracas foi com o intuito de poder parar algum dia e descansar à beira de um rio para que as crianças pudessem brincar livremente, sem a preocupação com a necessidade de silêncio que há nos albergues.

Já nas primeiras horas do dia inicial, comecei a sentir uma certa inveja dos caminhantes que levavam mochilas bem pequenas, algumas pensando ínfimos três quilos. Posteriormente, aprendi que a média de peso que os peregrinos levam está entre os cinco e os sete quilos. No entanto, lá estava eu, um caminhante experiente, carregando três vezes mais do que isso. Comparado aos vinte e cinco quilos das travessias no Espinhaço, eu ainda estava um tanto mais leve, mas em poucos dias descobri a não necessidade de vários equipamentos. De poucos em poucos quilômetros, há sempre fontes de água, restaurantes,

vilas e albergues que suportam o grande fluxo de peregrinos diários. Notei, principalmente, a obsolescência das barracas. No sexto dia, as despachei pelos correios, juntamente com um par de meia e outros pequenos itens. Minha mochila passou a pesar onze quilos, que ainda estava acima da média, mas se tornou mais confortável. Foi com base na experiência na montanha, em que a segurança e um certo nível de conforto são importantes, que me preparei para a peregrinação. No entanto, embora ambas sejam longas caminhadas, a infraestrutura é bem diferente em cada lugar, gerando exigências diferentes aos caminhantes. Assim, partir de experiências prévias me ajudou, seguramente, mas também me mostrou a incompletude inerente aos aprendizados, bem como os limites de um saber distante do mundo vivido.

Estas experiências nas travessias foram fundamentais também para o pensar desta pesquisa. O caminhar é mesmo um ato filosófico e foi assim compreendido por diversos pensadores e filósofos como foi o caso de Rousseau, Rimbaud, Gandhi, Kant, Nietzsche (LE BRETON, 2015; GROS, 2014) e o próprio Thoreau, mencionado acima. Vale aqui lembrar também, mesmo que brevemente, da escola peripatética (BUCKINGHAM, 2011) fundada por Aristóteles, sendo que peripatético significa, em grego, itinerante. A partir de uma tradição empírica, os ensinamentos e as reflexões eram realizadas ao ar livre, caminhando pelo mundo. Para Le Breton:

Caminar, a través de los encuentros del camino, es una invitación a la filosofía primera. Incansablemente, el viajero se ve incitado a responder a una serie de cuestiones fundamentales, que desde siempre han perseguido a la condición humana. De dónde viene? Adónde va? Quién es? (LE BRETON, 2015, p.96).

Diversos outros fatores contribuem ainda para o filosofar em movimento como é o caso da sucessão de lindas paisagens, o bom funcionamento do corpo-mente do caminhante, seu distanciamento do cotidiano, bem como seu grau de liberdade. Gros (2014) dedica um capítulo deste seu texto sobre o caminhar como ato filosófico à biografia de Nietzsche, que, após pedir seu desligamento da Universidade da Basileia, passou dez anos vivendo de uma pequena pensão e caminhando nas montanhas. “Nietzsche fue un gran caminante, tenaz. Él mismo lo menciona a menudo. La marcha al aire libre fue como *el elemento de su obra*, el acompañamiento invariable de su escritura (GROS, 2014, p.17, grifo do autor)”. Foi nesta época que escreveu textos importantes de sua obra. Livros que “reflejan la nítida luz de las montañas, o el destello del mar bajo el sol. Y sobre todo: los colores. Las bibliotecas son grises, y grises son también los libros que en ellas se escriben (GROS, 2014, p.26).” Mais uma vez, nos inspiramos em outros caminhantes pensadores

para ressaltar a importância da experiência para a construção do conhecimento, bem como deste equilíbrio entre o pensar e o viver. Para esta pesquisa, assim como para Nietzsche, Gros (2014) e Le Breton (2015), esta relação se dá de forma imbricada. Assim, o caminhar e o pensar se fundem por meio de um único movimento em meio ao mundo.

Até o presente momento, dissemos que, para superar o *cogito* e as dualidades cartesianas, Merleau-Ponty postulou a primazia da percepção e o movimento do corpo engajado no mundo. No entanto, uma outra questão filosófica ainda o desafiava para que sua fenomenologia apresentasse um caminho viável a esta superação: não havendo separação precisa entre o ‘dentro’ e o ‘fora’, o corpo e a alma, o eu, outro e o mundo, quais seriam então os limites do corpo e os limites do mundo? Olhando com nossos olhos, influenciados de forma inconsciente pela filosofia de Descartes, somos iludidos a concluir que nosso corpo termina na epiderme e que o mundo é tudo que está depois. Uma outra questão complementar o desafiava ainda mais: não sendo possível sustentar a separação eu-outro-mundo, de qual forma se daria esta interdependência? Merleau-Ponty não conseguiu respondê-las por completo em ‘Fenomenologia da Percepção’. No entanto, dezesseis anos depois, em sua última obra, “O visível e o invisível”, ele postulou os conceitos de carne e quiasma, que, enfim, trouxeram o amadurecimento e a possibilidade de uma fenomenologia da percepção. Infelizmente, ele morreu antes mesmo de acabar este último texto, mas nos deixou um rico legado filosófico a partir do qual há muitos desdobramentos possíveis que são investigados até os dias atuais e, provavelmente, ainda o serão por muito tempo.

Antes de debater sua compreensão de carne, vale aqui discorrer sobre suas tentativas de resposta às questões supracitadas ainda na sua obra “Fenomenologia da Percepção”. Um dos exemplos que ele utiliza é exatamente o de um bastão, que amplia as possibilidades do corpo, apresentando a complexidade das imbricações entre este, o mundo e o próprio corpo. Nas palavras de Merleau-Ponty (1971, p.163):

A exploração dos objetos com um bastão é também um exemplo de hábito perceptivo. Quando o bastão torna-se um instrumento familiar, o mundo dos objetos táteis recua, ele não mais começa na epiderme da mão, mas na ponta do bastão.

Imaginamos não ser necessário dar muitas explicações porque, ao ler esta passagem, meus olhos brilharam. Quando realizamos a primeira travessia no Espinhaço, saímos sem cajados. A nossa inexperiência nos proporcionou tantas preocupações relativas aos equipamentos, às trilhas na serra, à comida e muitas outras coisas que não pensamos

em sua importância. Durante o planejamento, lemos sobre sua utilização. Em todos os filmes ou livros com caminhantes, o cajado era também presença garantida. Entretanto, somente a experiência nos fez descobrir que não era charme ou opção estética de peregrinos. Nos primeiros dias percebi que meus joelhos e meus tornozelos estavam levemente inchados. A mochila estava muito pesada e as trilhas de pedras eram muito íngremes. Quem sustenta e garante a saúde das articulações em boa parte são os músculos, mas, na medida em que se cansam, deixar passar a elas parte da carga e o peso dos esforços do corpo-mente. Já no primeiro dia, subimos duas grandes serras, sendo que cada uma delas nos exigiu mais de uma hora de caminhada. No final da segunda escarpa, os degraus de pedras eram altos e estreitos, exigindo muita resistência muscular a cada passo acima e a força do arranque a todo momento. A mochila, por sua vez, feriu os ombros e fez doer a cintura. Na primeira metade do segundo dia, descemos por mais de três horas. Ainda com o acúmulo de dores do dia passado, o corpo sentiu ainda mais porque as descidas exigiam movimentos diferentes, principalmente para frenagem, que colocava maior pressão sobre as articulações. Em trilhas de pedras soltas, havia uma instabilidade grande e os joelhos ficavam mais vulneráveis. Em outros momentos, as trilhas seguiam por pedras grandes e pontiagudas, sendo necessário equilibrar por sobre suas pontas. O Caminhante Aroldo Satler, cuja mochila era inadequada para a prática de montanhismo por ter alças pequenas e frágeis, teve seus ombros feridos, ao ponto de sangrarem. Além disso, ele sentiu também fortes dores nos joelhos e nos tornozelos. Foi assim que, logo nos primeiros dias, aprendemos o valor do cajado.

No Caminho de Santiago, eu presenciei muitas pessoas terem que abandonar a viagem por problemas nas articulações, inclusive uma amiga e professora irlandesa que conversei e entrevistei por muitos dias. Minha esposa, Jocimary Brandão, a partir do vigésimo segundo dia passou a mancar com dores no joelho. Posteriormente à viagem, descobrimos que estava levemente inflamado. No quinto dia da primeira Lubrina, eu encontrei um galho de árvore, semelhante a um cabo de vassoura, que comecei a utilizar como cajado. Deste dia em diante, nunca mais fiz longas caminhadas sem sua companhia. Um dos seus benefícios é aumentar a importância do tronco e dos braços no movimento do corpo em diálogo com o terreno. O cajado se torna um terceiro ponto de equilíbrio, além das pernas, aumentando este diálogo. Nas subidas, a força que as panturrilhas e as coxas precisam fazer são compartilhadas com o impulso do braço. Nas descidas, ao ser lançado à frente, o cajado começa o movimento de frenagem antes dos joelhos, amortecendo cada impacto. Em outros momentos, ele ajuda a tatear o chão para ver a firmeza ou a existência

de buracos. Por fim, durante as paradas, ele serve de apoio para o descanso do corpo-mente.

Segundo Ponty (1971, 155), “habituar-se com um chapéu, com um carro ou um bastão, é instalar-se neles, ou inversamente fazer com que ele participem da volumosidade do corpo próprio”. Notem como é confusa a idéia de limite entre mundo e corpo. Um cajado é uma coisa do e no mundo, mas se torna corpo do caminhante, assim como a mochila, as botas e as roupas.

Aquele que sente e o sensível não estão um em face do outro como dois termos exteriores e a sensação não é uma invasão do sensível naquele que sente. É o meu olhar que subentende a cor, é o movimento de minha mão que subentende a forma do objeto... e nesta troca entre o sujeito da sensação e o sensível não se pode dizer que um age e outro sofre (MERLEAU-PONTY, 1971, p.220).

Assim como dito anteriormente, foi em sua última obra, *O visível e o invisível*, que Merleau-Ponty (2003) amadureceu seus argumentos em direção à superação das dualidades e, para isso, nos apresentou sua compreensão de carne. Segundo Ramos Gonçalves *et al.* (2008, p.415) é esta noção que “vai permitir-lhe alcançar uma formulação definitiva sobre a imbricação do corpo no mundo pela sensibilidade. Corpo e mundo se comunicam porque são carne, isto é, possuem o mesmo estilo de ser, radicado na corporeidade”.

Merleau-Ponty (1971) novamente utilizou seu famoso exemplo da mão direita que toca alguma coisa, enquanto é tocada pela mão esquerda. Não seria possível estabelecer claramente uma relação entre sujeito e objeto nestes simples movimentos. Ao tocar a coisa, uma mão seria sujeito e esta coisa um objeto. No entanto, ao mesmo tempo, esta mesma mão seria objeto enquanto tocada pela outra mão. A complexidade desta corriqueira situação aumenta quando uma outra pessoa toca esta mão que toca a outra. Nas palavras do filósofo, “Há um círculo do palpado e do palpante, o palpado apreende o palpante; há um círculo do visível e do vidente, o vidente não existe sem existência visível (MERLEAU-PONTY, 2003, p.139). Nota-se uma interdependência entre um e outro, que estão em constante coemergência por meio da interação. Eles se influenciam mutuamente. O simples fato de tocar algo modifica tanto quem toca quanto quem ou aquilo que é tocado. A carne, portanto, seria o enovelamento entre um e outro.

A carne de que falamos não é a matéria. Consiste no enovelamento do visível sobre o corpo vidente, do tangível sobre o corpo tangente, atestado sobre quando o corpo se vê, se toca vendo e tocando as

coisas, de forma que, simultaneamente, como tangível, desce entre elas, como tangente, domina-as todas, extraindo de si próprio essa relação, e mesmo essa dupla relação, por deiscência ou fissão de sua massa (MERLEAU-PONTY, 2003, p.141).

Por meio desta compreensão, o mundo seria, metaforicamente, um grande novelo de lã, sendo impossível separar umas linhas das outras. Converter em novelo significa enrolar-se, enredar-se ou ainda envolver-se. Assim, as coisas, as pessoas e o próprio mundo estão neste constante movimento de enovelamento. Se por um lado parece conveniente crer que nosso corpo acaba na epiderme, por outro, a idéia de que nossa carne envolve todo o entorno percebido nos faz compreender a interdependência entre o eu-outro-mundo. Nas palavras de Merleau-Ponty (2003, p.139), “o corpo não mais se acopla com o mundo, enlaça outro corpo, aplicando-se a ele cuidadosamente em toda sua extensão”. Neste mesmo sentido, a carne do mundo também nos envolve, pois “os corpos pertencem à ordem das coisas assim como o mundo é a carne universal (MERLEAU-PONTY, 2003, p.134)”. Em seu elogio ao caminhar, Le Breton (2015, p.104) reflete sobre esta interdependência dizendo que, durante as travessias, “La carne del mundo exige siempre un eco proveniente del caminante, una resonancia íntima”.

Logo no início de sua obra sobre as caminhadas, Thoreau (2012) declara sua compreensão sobre o humano não como algo separado e superior à natureza, mas como um integrante deste sistema vivo:

Quero dizer algumas palavras em nome da Natureza, da liberdade absoluta e do estado selvagem, por contraste com a liberdade e a cultura meramente civilizadas, com o intuito de ver no homem um habitante, uma parte ou parcela da Natureza, e não um mero membro da sociedade (THOREAU, 2012, p.15).

De acordo com Di Clemente<sup>32</sup>, filosofia não deve se ocupar do aprofundamento do conhecimento sobre partes específicas da realidade assim como o faz ciências como a química e a biologia. Em sua visão, a filosofia deve sempre ter como problema central a universalidade. Inserida nesta problemática, encontra-se a tensão entre as partes e o todo. Merleau-Ponty, ao propor este entrelaçamento sutil, está se ocupando exatamente deste complexo tema. Superar o *cogito* cartesiano significa necessariamente assumir o desafio de demonstrar as maneiras pelas quais tudo se re-liga.

---

<sup>32</sup> Reflexão feita por este autor em palestra sobre Fundamentos da Corporeidade/Carnalidade em Merleau-Ponty, proferida no encontro para estudos fenomenológicos na UFMT, em Cuiabá, em março de 2018.

O caminhar por diferentes tipos de trilhas pode nos servir como forma de exemplificar esta relação entre o eu-outro-mundo. Para cada terreno e nível de inclinação, o corpo-mente realiza um conjunto de movimentos específicos, proporcionando diferentes formas de entrelaçamentos entre caminho-caminhante. Uma plana estrada de terra avermelhada não oferece grandes obstáculos e os caminhantes podem andar de forma menos atenta ao solo e aproveitar para manter o olhar nas belezas da paisagem enquanto contam uma história para o companheiro. Diferentemente, uma íngreme trilha serra acima demanda outra postura corporal. Frequentemente, os menos experientes e menos fortalecidos deixam a coluna inclinada para a frente, mantendo a cabeça baixa e o olhar fixado ao chão. Cada pedra grande exige um certo movimento lateral para que a primeira perna alcance seu topo. Com o corpo cansado e a mochila pesada, o esforço de cada movimento acelera o coração e a respiração. Os membros superiores participam ativamente, pois ajudam ao apoiar firmemente o cajado no chão, impulsionando o corpo-mente degrau acima. Uma subida de crista pode demorar horas e a chegada ao cume representa um alívio e um grande prazer. A vista de quilômetros de veios de montanhas e vales deixa o caminhante maravilhado, enquanto recupera a serenidade na respiração. Nestas altitudes, o vento pode soprar com força, resfriando prazerosamente o corpo que está muito quente por causa do esforço físico. Neste momento, a sensação de re-ligação com a montanha é intenso. Já nas descidas, quando há muitas pedras soltas, o risco e o impacto é grande nas articulações. O cajado, neste caso, fornece relevante auxílio porque pode ser colocado a frente e a baixo para dar firmeza ao corpo-mente para que a primeira perna desça cuidadosamente sem a necessidade de dar um pequeno pulo, o que poderia gerar contusões. Os membros superiores chegam a ficar cansados destes movimentos que tanto aliviam as pernas, os joelhos e os tornozelos. Por vezes, por ser tão íngreme, é necessário descer com o corpo de lado para a trilha. Estes exemplos nos mostram que o caminhar por diferentes trilhas é sempre um íntimo dialogar com a diversidade e as possibilidades do mundo.

Figura 30. Travessia de Córrego no Espinhaço



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

É visível a diferença do caminhar dos iniciantes e dos mais experientes. Gros (2014, p.43) se refere a uma característica do caminhar experiente que é a lentidão, mas não “exactamente lo contrario de la velocidad. Es ante de todo la extrema regularidad de los pasos, la uniformidad”. O autor relata certo episódio na montanha em que ele e seu amigo de setenta e cinco anos foram ultrapassados por jovens que estavam orgulhosos de sua velocidade, mas que apresentavam um caminhar todo irregular, ora apressado, ora lento. De fato, o andarilho iniciante parece se movimentar em constante conflito com a trilha, como se estivesse brigando com a paisagem. Por outro lado, Gros (2014, p.45) diz que “la lentitud consiste en adherirse perfectamente al tiempo [...]. Es uno de los secretos de la marcha: un acercamiento lento a los paisajes, que los vuelve progresivamente familiares”. É neste sentido que os experientes parecem deslizar na paisagem. Para nós, este deslizar diz respeito à fluidez do corpo-mente-paisagem e demonstra o entrelaçamento sutil do caminhante no seu entorno imediato por meio desta familiaridade.

Para uma melhor compreensão destas relações entre as pessoas e o mundo, Merleau-Ponty (2003) apresentou uma nova concepção filosófica, que vai além da materialidade. Para ele, carne não é matéria, não é espírito e não é substância.

Seria preciso, para designá-la, o velho termo “elemento”, no sentido em que era empregado para falar-se de água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o



indivíduo espaço-temporal e a idéia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. Neste sentido, a carne é um “elemento” do Ser (MERLEAU-PONTY, p.136).

É a partir desta concepção de carne que é possível chegar à compreensão de quiasma. Se a interioridade e a exterioridade, da mesma forma como o eu e o outro, não podem ser consideradas como separadas ou separáveis é porque uma está entrelaçado à outra e formam uma unidade nas diferenças. Ambas estariam em suposta oposição, mas são, de fato, complementares e indissociáveis. Segundo Merleau-Ponty (2003, p. 143), “tudo se passa como se a dobradiça entre elas, sólida e inabalável, permanecesse irremediavelmente oculta para mim. Nas palavras de Dupond (2010, p.63):

Merleau-Ponty faz intervir a noção de quiasma cada vez que tenta pensar não a identidade, não a diferença, mas identidade na diferença - ou a unidade por oposição - de termos que habitualmente são tidos como separados, tais como o vidente e o visível, o signo e o sentido, o interior e exterior, cada um dos quais só é ele mesmo sendo o outro.

Sobre este enovelamento do mundo e esta dobradiça oculta, vale aqui contar um episódio que aconteceu na décima primeira Lubrina, relatado pelo caminhante Thiago Foresti como um dos momentos mais especiais de todas suas andanças. Eu também estava presente nesta travessia, mas não vivenciei como ele, pois não tive a visão completa do acontecimento. Estávamos em um trilha que percorria em leve ascendência uma larga campina, cercada por picos rochosos. Eu estava entre os primeiros caminhantes e tive que descer alguns metros para atravessar um pequeno brejo. Minha atenção estava focada em encontrar os locais mais adequados para pisar e não escorregar na água e na lama. Por ter que adentrar na baixada alguns metros até esta pequena gruta, minha visão da campina ficou encoberta. Neste momento, um caminhante que vinha algumas dezenas de metros atrás gritou e apontou um Lobo-Guará. Foresti relatou que o grande animal estava deitado em meio ao capim, parcialmente camuflado. “Eles nos observou até que chegamos perto demais e se levantou”. Durante alguns segundos, colocou-se de pé de forma imponente olhando fixamente os caminhantes. De repente, virou-se em direção ao alto da campina e começou a se afastar velozmente por meio de sua corrida saltitante. Os caminhantes ficaram emocionados pela sua beleza e destreza em meio ao capim e às pedras daquele alto de serra. Foresti disse que o lobo era bem magro e um pouco mais alto de que um cachorro da raça pastor alemão. Sua pelagem dourada, quase avermelhada, brilhou aos olhos de todos. Foi uma alegria geral presenciar raro encontro com aquele tipo de animal naquelas altitudes. Eu, mesmo não vendo o lobo, podia ver as reações dos caminhantes que

o estavam admirando. Acompanhei cada momento pelos olhares emocionados. Seu eu pudesse ver suas retinas de perto, teria visto o reflexo do animal, mas não me fez falta, pois as expressões faciais e corporais já me transmitiram a magnitude daquele encontro. Eu me senti totalmente entrelaçado ao lobo e fui invadido por uma comoção muito especial. Somente pude perceber este episódio desta forma porque os caminhantes, a campina, as montanhas e o lobo estavam enovelados pelo quiasma, ou seja, por esta dobradiça oculta que re-liga a tudo e a todos. O grupo seguiu seu caminho serra acima com uma alegria especial. Os relatos particulares do episódio seguiram por muitos quilômetros na trilha e também à noite ao redor da fogueira.

Merleau-Ponty nos apresentou ainda uma ontologia da carne, por ser somente possível experienciar o mundo por meio do nosso corpo. Não somos apenas pensamentos aprisionados em um mundo interior como sugeria o *cogito* cartesiano. Somos um corpo que se move de forma intencional em meio ao mundo, também em constante movimento. É por meio da interação que coemerge de forma indissociável o 'dentro' e o 'fora'. Somos, portanto, o Eu, ao mesmo tempo que somos o Eu-Outro-Mundo. Estamos imersos em relações de sujeitos-sujeitos. O nosso olhar, por mais que nos esforcemos, não consegue ser imparcial como se fosse a visão de todos os lugares ou a visão de lugar nenhum. Estamos sempre situados no espaço-tempo. Somos sujeitos históricos. O nossos pensamentos e ações só existem porque temos corpo e somos carne. Somos, enfim, fios deste grande novelo que é a carne do mundo. Por isso que esta fenomenologia se propõe a retornar à percepção, que significa o retorno ao mundo vivido por meio da experiência e não somente como pensamento sobre objetos. Segundo Curado (2015, p.112), falar em experiência "merleau-pontiana é falar de um corpo vivo em um mundo vivido." A experiência, nesse sentido, adquire uma dimensão existencial e possibilita a compreensão do fenômeno na sua integralidade". Nas palavras de Passos e Rezende (2015, p.5):

Somente confiro minha existência para além do sonho por minha localização espacial, que também concerne ao corpo do outro. Sem corpo nada sou. O corpo precede qualquer conhecimento. Todo conhecimento é corporal ou não poderá ser conhecido. Falamos para pensar, e não vice-versa. O pensamento não é sem o corpo. O ex-sistir precede o pensar e o ser.

As travessias apresentam também esta importância existencial aos caminhantes, cujos corpos são metamorfoseados pela paisagem da mesma forma como as tatuagens marcam suas peles. É muito comum encontrar pelo Caminho de Santiago pessoas que já o percorreram por mais de uma vez. Há casos inclusive, como o de um garçom que nos

serviu jantar em uma determinada noite, que já havia percorrido os 800 quilômetros por vinte e duas vezes. Não tive a oportunidade de conversar com ele, mas pude observar suas muitas tatuagens que fazem alusão ao Caminho como, por exemplo, a seta amarela, famoso símbolo da rota, que tinha em um dos braços. Entretanto, apresentamos aqui o relato de um dos entrevistados que já o percorreu por oito vezes e, posteriormente, foi hospitaleiro voluntário por quatro anos.

O estadunidense Deni Smith me contou que sua primeira travessia foi aos sessenta e dois anos e que passou a realizá-la todos os anos até completar setenta, quando parou de fazer longas caminhadas por problemas no joelho. No entanto, sua vontade de vivenciar o Caminho permaneceu grande que passou a ser hospitaleiro voluntário em um albergue da Igreja na vila de 'El Acebo'. Eu fiquei muito agradecido a ele, pois me ajudou prontamente a buscar um médico na região e, depois, a comprar remédios para curar a febre e a infecção de garganta do meu filho Alan. Estávamos em um pequeno povoado em uma montanha e as chances ali eram pequenas de encontrar o atendimento necessário, mas Deni descobriu um doutor aposentado que estava passando férias no local, que nos atendeu prontamente. Eu fiquei surpreso com a fraternidade e a gentileza de ambos, o que me confirmou a veracidade de uma das frases mais ditas nesta travessia que diz que o Caminho provê. Durante a conversa com o amável estadunidense, de voz grave e serena, ele me contou que caminhar até Santiago lhe conferiu um novo significado à sua vida de aposentado. Sua depressão, gerada pela monotonia do cotidiano e sobretudo pela desvalorização da sociedade à condição de idoso, foi curada pela peregrinação. Ele se sentiu vivo, fortaleceu seu corpo, conheceu gente de todos os continentes e passou a querer caminhar pelo mundo. Sua história, para nós, simboliza este retorno ao mundo por meio da experiência de um corpo em movimento pela paisagem. Sua existência foi ressignificada na medida em que vestiu suas roupas, calçou suas botas, empunhou um bastão e passou a caminhar. Em suas palavras, "no Caminho, há sempre paisagens lindas, pessoas interessantes e a cultura espanhola que nos conquista a cada taça de vinho. Caminhando, pude me sentir vivo outra vez". Eu lhe perguntei se ele retornava sempre à rota porque tinha questões existenciais ainda não respondidas, o que é muito comum entre os peregrinos. Ele me disse que voltava todos os anos simplesmente para estar presente e viver novas experiências. Deni relatou ainda que suas vivências como caminhante eram sempre muito intensas que o marcavam "como tatuagens marcam a pele". Após receber o diagnóstico de um joelho impossibilitado deste tipo de esforço físico, ele passou a voltar como hospitaleiro, cujo compromisso principal é, há séculos, acolher e ajudar os peregrinos. O Caminho não somente lhe curou a depressão

e lhe tirou de casa como o faz viajar pelo mundo durante três meses todos os anos.

Durante os trinta dias que caminhei na Espanha, conversei com muitas pessoas diariamente e pude perceber que as motivações para empreender a travessia são diversas e que vão muito além da intenção religiosa. Em minha experiência, encontrei muito poucos peregrinos dizendo ser a religiosidade aquilo que os colocava em movimento por aquelas trilhas. Há um excelente documentário sobre as motivações dos caminhantes no Caminho de Santiago de nome 'I would walk'<sup>33</sup>, produzido pela peregrina Liss (2015). Nele, há dezenas de relatos de outros peregrinos sobre os motivos de sua viagem, que demonstram esta variedade de intenções. Acreditamos que esta obra audiovisual apresenta depoimentos relevantes à compreensão dos aprendizados das travessias. Estes relatos foram gravados durante a caminhada e nele estão presentes não somente análises racionais sobre as experiências, mas também as emoções, as dores, os olhares, bem como o movimento do corpo. Participaram deste documentário pessoas de diversas idades, de vários países e com as mais variadas percepções sobre a vida. Há caminhantes que fizeram o caminho para conhecer lugares novos, enquanto outros para descansar do cotidiano. Há os que buscaram respostas existenciais, enquanto outros buscaram soluções para desafios práticos da vida de todos os dias. Alguns estavam ali porque perderam o emprego, outros porque terminaram um casamento e há os que não sabiam o que fazer da vida. Muitos buscaram o prazer por meio da convivência com as pessoas e a vivência da rica cultura espanhola. Alguns caminharam em busca da arquitetura, de bonitas paisagens e da degustação dos deliciosos vinhos. Existem também os religiosos e os que consideraram o caminhar como uma prática espiritual. No entanto, mesmo diante de tantas possibilidades motivacionais, parece haver algo que permeia a quase todos. Trata-se da vontade de romper com seu cotidiano, sempre permeado por trabalho, pelas pessoas do convívio diário, bem como pelo cansaço da rotina. Este rompimento é uma espécie de fuga, mas também de busca de novas formas de compreensão da vida. É preciso uma boa dose de coragem para parar a vida por trinta ou quarenta dias e se colocar em movimento por paisagens desconhecidas. Uma sabedoria coletiva presente na rota diz que o Caminho sempre responde às perguntas íntimas dos peregrinos. Acreditamos que o ato de caminhar horas diárias, por semanas seguidas, gera Presença, vivências intensas do Eu-outro-mundo e um profundo diálogo com o silêncio. O resultado destas travessias é que o caminhante, tendo sua mente-corpo presente a cada momento singular, acaba por encontrar suas respostas de uma maneira ou de outra, assim como será debatido nos próximos capítulos.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXJ-VdKNx7o>

La marcha es una apertura al goce del mundo porque permite el alto en el camino, el reposo interior, y no cesa de ser un cuerpo a cuerpo con el medio, un entregarse sin medida y sin obstáculos a la sensorialidad del lugar (LE BRETON, 2015, p. 108).

A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, ao nos propor este retorno ao mundo das experiências por meio do engajamento no mundo, propõe novas compreensões filosóficas e científicas. Por meio desta visão, há muitos desdobramentos possíveis. Em nosso caso específico, esta fenomenologia nos inspira a fazer um movimento de retorno do ato educativo ao mundo. Aprendemos não porque pensamos sobre as coisas, mas porque as vivenciamos. Acreditamos que para aprendermos mais intensamente é necessário o retorno às experiências, das quais emergem os aprendizados. O Caminhar pelas paisagens é uma forma de ruptura com os isolamentos e as 'bolhas' do cotidiano. Além da bota, das roupas, da mochila, do cajado e da capa de chuva não há nada mais que isole os caminhantes do paisagem. Assim, a experiência do fenômeno é direta porque enquanto caminhamos não há intermediações. Segundo Le Breton (2015, p.30), esta é "a diferencia de los viajes en tren o en coche, que potencian la pasividad del cuerpo y el alejamiento del mundo". Todos os livros e todas as aulas expositivas são fontes indiretas destas experiências no mundo. Defendemos, portanto, a centralidade do movimento do corpo para o aprendizado. Nas palavras de Curado (2015, p.114), "Incluir o movimento como essencial para a compreensão da educação é assumir a natureza própria da educação, o seu devir, apontando-nos a possibilidade do novo". Se para Ponty retornar ao mundo dos fenômenos é reaprender um fazer filosófico, para nós, é reaprender um fazer educativo. É neste sentido que compreendemos que caminhar é preciso. Assim, inspirados por Guimarães Rosa, não recusamos as travessias.

Figura 31. Flores do Vale do Soberbo



© Júlio Resende

Fotografia: Resende-Duarte, 2018

## CAPÍTULO 5

### O Silêncio da Presença

Silêncio dele é tão alto  
que os passarinhos  
ouvem de longe

Manoel de Barros

Figura 32. Caminhante-Cachoeira



fotografia: Resende-Duarte, 2015

Riobaldo, o jagunço do grande sertão, ao viver intensamente suas paixões e cumprir seus propósitos, concluiu ser a vida uma travessia. Se na noite da encruzilhada ele intencionou um pacto com o diabo em troca da possibilidade de cumprir uma missão de vida, ao longo de sua jornada naquelas paisagens, parece ter compreendido que a imaginária entidade do mal fosse apenas uma dimensão dele mesmo, em meio a uma sutil teia de interdependências e coemergências entre o sertão que há dentro e o que há fora. Em suas palavras, “o diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia (ROSA, 1956)”. Em mais uma interpretação livre desta inspiradora história, compreendemos que a experiência de uma vida intensamente vivida lhe trouxe a sabedoria de que há muito pouco a se fazer sobre o começo e o fim da existência. Toda atenção deve estar no caminhar. A vida é o próprio caminho, permeado pelas sombras e pelas luzes, tristezas e alegrias, ora na sequeidão do cerrado, ora no conforto da umidade das veredas. Todas as pessoas começam em um útero e seguramente terminam como adubo da Terra. Travessia é, portanto, sinônimo de viver, é o que há entre o nascimento e a morte. A diferença, neste caso, entre uma biografia e outra é a opção de como vivê-la. Falamos aqui da intensidade ou, em outras palavras, o nível de atenção a cada momento singular do caminho, que é o que pode ajudar a definir o que se faz da vida, como nos entregamos a ela e o que dela aprendemos.

O trabalho investigativo do húngaro Csikszentmihalyi aborda temas como criatividade e felicidade humana. Segundo ele, seus estudos sobre a consciência humana são influenciados por uma abordagem filosófica fenomenológica. Seu trabalho consiste em desenvolver o que chama de uma fenomenologia sistemática, utilizando contribuições tanto da psicologia quanto das ciências sociais. Em suas palavras, seu objetivo é “responder a la pregunta: ¿qué es la vida? Y también a una pregunta más práctica: ¿cómo puede cada uno crear una vida plena? (CSIKSZENTMIHALYI, 1998, p.14)”. A primeira indagação não nos cabe nesta tese, cuja complexidade escapa às nossas palavras. No entanto, a segunda se apresenta com especial relevância pelo nosso interesse em compreender o que as travessias ensinam e como a educação pode contribuir para que as pessoas tenham uma vida plena. Do ponto de vista deste psicólogo, começamos a morrer desde o momento que nascemos. Experimentar a vida de forma automatizada, seguindo os processos biológicos naturais, é, neste caso, morrer a cada segundo. Segundo ele, para viver é preciso decidir viver.

La elección es simple: entre este mismo instante y el inevitable final de nuestros días, podemos elegir entre vivir o morir. Si nos limitamos a satisfacer las necesidades del cuerpo, la vida biológica es un



proceso simplemente automático. Pero "vivir", en el sentido del que habla el poeta, no significa en absoluto algo que suceda por sí mismo. De hecho, todo conspira contra ello: si no nos responsabilizamos de su dirección, nuestra vida será controlada por el exterior para servir al propósito de cualquier otro agente externo (CSIKSZENTMIHALYI, 1998, p.9).

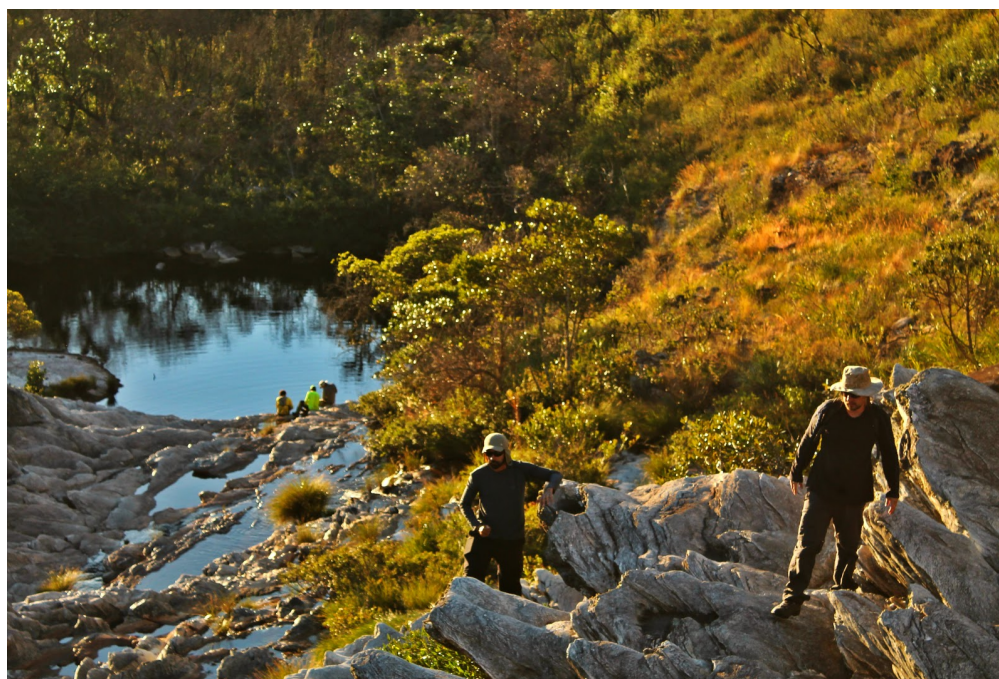
Este psicólogo acrescenta ainda que, em cada momento, somente é possível degustar apenas um pouco de comida, escutar uma única canção ou ler um texto. Esta limitação da atenção é imperativa e "determina la cantidad de energía psíquica de que disponemos para experimentar el mundo (CSIKSZENTMIHALYI, 1998, p.14)", o que significa dizer que esta condição é um roteiro inflexível conforme o qual devemos viver a vida. Viver intensamente não é, portanto, apenas a sobrevivência biológica, mas deve significar viver plenamente, "sin desperdiciar el tiempo ni el potencial, expresando nuestra propia singularidad, aunque participando al mismo tiempo y de forma íntima en la complejidad del cosmos (CSIKSZENTMIHALYI, 1998, p.10)".

Para subir uma serra com uma mochila de vinte e cinco quilos, é preciso força, flexibilidade, concentração, paciência e um bom cajado. É necessário dar um passo atrás do outro, com muito atenção na trilha, cuidando onde pisar e se concentrando na respiração. Pensar num problema do passado ou num plano do futuro seria desviar a energia necessária ao momento presente. Ainda sem experiência, em suas primeiras caminhadas nas montanhas, a vivência do caminhante pode ser dolorosa. Normalmente, os ombros, os quadris e as pernas apresentam dores fortes. Se a atenção se volta a elas e a intenção passa a ser desejar o fim da subida, o montanhista enfrenta momentos pouco prazerosos. Sob o domínio da dor, a atenção é desviada da trilha e da paisagem. É neste momento que é comum tropeçar no caminho porque as pernas fraquejam e o corpo deixa de dialogar gentilmente com a irregularidade das pedras.

Ao ouvir estes relatos é que muitas pessoas, cujos corpos-mentes estão anestesiados pelos confortos dos sofás da vida nas cidades, se manifestam indagando porque alguém poderia gostar de viver tais experiências. No entanto, ao longo dos anos, o caminhante experiente aprende que subir trilha acima por duas horas seguidas pode ser muito prazeroso, dependendo do foco da atenção, da profundidade da respiração e da serenidade no rosto. Mesmo com a insistência das dores, é possível manter um nível de concentração na atividade física-mental, o que proporciona uma experiência positiva. Em primeiro lugar, é necessário aceitar a escolha pela condição de caminhante. Um conjunto de decisões autônomas foi feito até aquele exato momento em que ele se encontra. É também

preciso manter-se aberto ao que a montanha apresenta. Intencionar o fim da subida não é suficiente para alterar o relevo a frente. Normalmente, vindo da parte baixa da trilha, aquele conjunto de pedras que parece o topo, quando alcançado, se mostra apenas um pequeno platô que revela outros morros acima. Em outras palavras, a ansiedade nunca é capaz de abreviar a subida. É igualmente importante manter a respiração aprofundada, que pode gerar bem estar a todo o corpo-mente e proporcionar maior energia às pernas. Nestas condições, o dialogar com as irregularidades das trilhas é mais suave e gentil. Portanto, a aceitação da condição de caminhante, a abertura ao futuro, bem como a serenidade da respiração proporciona uma forma de perceber aquele momento presente de uma outra perspectiva, o que possibilita ao caminhante manter um leve sorriso no rosto, apreciando aquela intensa interação com a paisagem.

Figura 33. Pedra sobre pedra



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Como é possível uma mesma experiência ser percebida de forma tão diferente por um caminhante iniciante e outro mais experiente? Se vida é travessia, caminhar é aprender constantemente. Mas qual seria então o aprendizado capaz de transformar um momento de doloroso a prazeroso, como se fosse um passe de mágica? Nas palavras de Guimarães Rosa (1969, p.76), “in-felicidade é uma questão de prefixo”. Neste caso, a pergunta seria: como é possível mudar o prefixo? Talvez esta resposta seja também capaz de proporcionar transformações significativas nas vidas das pessoas. Acreditamos que será de fato uma

revolução quando a humanidade conseguir se libertar do escravizante calendário industrial que oferece dois dias de ócio semanais em troca de cinco dias de um infinito apertar de parafusos industriais. Voltemos agora à indagação que é central para esta investigação, uma vez que todo caminhante, mais cedo ou mais tarde, descobre este segredo. Em nossa tese, o que diferencia uma percepção da outra é a capacidade de estar de corpo-mente presente no aqui e agora. Antes de aprofundar nesta compreensão, vale dizer que a descoberta deste aprendizado não significa dizer que todo caminhante passa a ser capaz de aplicar esta forma de atenção em todos momentos de sua vida. Trata-se apenas de um vislumbre que o desafia a encontrar formas de aplicá-lo nas outras áreas de sua existência. É igualmente relevante afirmar que existem infinitas possibilidades para que este aprendizado aconteça, sendo que a travessia se apresenta apenas como uma destas.

De acordo com Csikszentmihalyi (1998), em busca da arte de viver, é fundamental que as pessoas aprendam a se concentrar, porque assim são capazes de potencializar suas inteligências singulares, podendo entregar ao mundo seu potencial. De nada adiantaria “nascer com um ouvido sensível à música” se o jovem não desenvolvesse a capacidade de concentração no aprendizado das melodias, das harmonias e das técnicas para se tocar os instrumentos. Seguramente, este é um dos fatores que diferenciam pessoas que são apenas talentosas das pessoas que entregam seu talento ao mundo. A concentração é crucial também para o desenvolvimento da capacidade de sonhar e, mais importante, para a viabilização dos sonhos na prática. Para este psicólogo, “aprendiendo a concentrarse, una persona adquiere control sobre la energía psíquica, que es el alimento esencial del que depende todo proceso de pensamiento (CSIKSZENTMIHALYI, 1998, p.40).”

A meditação é uma prática que ensina lenta e gradualmente uma forma de atenção que talvez seja a mais profunda conhecida pelos humanos. Descobrimos caminhando, meditando e investigando, que o caminhar é também uma forma de meditação em movimento e, a partir de agora, nos dedicamos a este debate. Temos segurança para afirmar que quanto maior for a nossa capacidade de atenção maior será nosso aprendizado. Uma mente que flutua intermitentemente entre muitos assuntos e pensamentos, percebe cada um deles apenas de maneira superficial. Por outro lado, uma mente que se concentra intensamente em um tema aumenta sua percepção sobre ele e, portanto, tende a aprender mais. Sentimos, nesta direção, a necessidade de fazer a seguinte reflexão: não seria, diante desta perspectiva, uma prioridade da educação possibilitar o aprendizado constante sobre atenção e concentração? Buscamos nossa resposta inspirados nas palavras de

Merleau-Ponty (1971, p.214) ao dizer que “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção”. Compreendemos que a forma como percebemos o mundo influencia diretamente nosso aprendizado. A experiência de uma travessia nas montanhas quando lida nas páginas de um livro ou relatada por um entrevistado é vivenciada com menor intensidade do que por meio dos próprios passos na paisagem. Vale aqui ressaltar que não temos a intenção de hierarquizar o aprendizado, pois sabemos que ambas formas são meios complementares de compreensão do mundo.

A meditação é capaz de proporcionar transformações e contribuir para a superação de certas dificuldades pelo caminho da observação ‘interna’. Por meio das práticas meditativas, é possível aumentar gradualmente e lentamente o acesso ao inconsciente ou subconsciente. Neste processo de autoconhecimento, ficam transparentes ‘dragões internos’ como a raiva, a melancolia, a vaidade, a competitividade e a arrogância. A partir deste nível de transparência interna, é possível fazer transformações profundas na forma de perceber o mundo e agir nele. Além disso, a intuição fica mais forte e as decisões podem ser mais equilibradas entre a emoção e a razão. Do inconsciente, brotam múltiplas inteligências que estavam adormecidas, entre outras causas, pela educação voltada ao progresso.

A partir da meditação, bem como de outras práticas como o caminhar pelas paisagens, brota um diálogo com um certo Silêncio, que preferimos aqui grafar com a letra maiúscula para diferenciá-lo de outras compreensões possíveis. Não estamos falando do silêncio como ausência de sons. É comum pessoas que moram em grandes cidades imaginarem que há silêncio no campo, mas elas se assustam e, por vezes, se sentem até incomodadas quando ouvem a sinfonia de pássaros, insetos e sapos no entardecer. A diferença é que os sons das cidades são mecânicos e ferem aos ouvidos humanos. O Silêncio da meditação, por sua vez, diz respeito a uma forma de funcionar a mente e de perceber o mundo. Merleau-Ponty não debateu este tema em sua obra, mas, ao discutir a fenomenologia da percepção, também buscou aprofundar a compreensão do que considera um modo especial de atenção. Para ele, “a atenção supõe primeiramente uma transformação do campo mental, uma nova maneira para a consciência de estar presente em seus objetos (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 45)”. A meditação é uma prática profunda desta nova maneira de atenção, mas não é logicamente a única. Comer percebendo os sabores da comida, conversar olhando nos olhos das pessoas, bem como ouvir música de olhos fechados são formas desta atenção plena. Todos são capazes de praticá-la e seguramente a vivenciam em diversos momentos de sua vida, mesmo em meio ao cotidiano

atribulado. Merleau-Ponty (1971, p. 46) acrescenta ainda que “prestar atenção não é somente iluminar mais os dados preexistentes, é realizar neles uma nova articulação”.

Seguramente, caminhar na montanha exige, na maior parte do tempo, perceber o corpo, as pessoas e o entorno por meio da atenção plena. Se o caminhante não aprende esta forma de estar presente na travessia, provavelmente não terá vontade de realizá-la por mais vezes. Foi por meio desta constatação que passamos a entender que o caminhar também dá acesso a este Silêncio que a meditação nos ensina, exatamente porque exige esta presença da atenção plena. Em outras palavras, tanto a meditação quanto o caminhar, dentre outras práticas, proporcionam diálogos com o Silêncio porque ensinam a arte de estar presente aqui e agora, gerando uma profunda escuta ‘interna’. Nas palavras de Le Breton (2015, p.52), “el silencio es el fondo del que debe nutrirse quien camina”.

É fundamental consubstanciar a teoria de que também não estamos falando aqui do silêncio dos oprimidos, dos derrotados de episódios históricos, dos marginalizados e dos invisibilizados pela sociedade do progresso, assim como reflete Le Breton (2016) em um de seus textos dedicado ao Silêncio. Em um dos capítulos, este autor debate o que chama de as políticas do silêncio e reflete sobre as formas como os poderes estabelecidos socialmente calam as pessoas, seja por meio da educação, dos meios de comunicação, da política ou das empresas. Neste caso, trata-se de um silêncio imposto, diferentemente daquele que é realizado como uma busca ativa e uma escuta ‘interna’. Para este filósofo, a censura gera um silêncio negativo, uma falta de comunicação, desvirtuando o valor das palavras:

El poder tiene los medios necesarios para reducir al silencio a la oposición, matando o encarcelando a sus adversarios, amordazando a la prensa e a los intelectuales: quebrando, en definitiva, cualquier intento de lucha (LE BRETON, 2016, p.65).

De um ponto de vista filosófico, o silêncio pode ser pensado como complementar às palavras. Para Merleau-Ponty (1991, p.47), em sua obra *Signos*, é preciso considerar a “palavra antes de ser pronunciada, o fundo de silêncio que não cessa de rodeá-la, sem o qual ela nada diria, ou ainda por a nu os fios do silêncio que nela se entremeiam”. Há, portanto, um entrelaçamento entre o que se diz e o que não se diz, bem como entre os sons, os gestos, as vírgulas no discurso e os olhares. A linguagem, para este autor, assume, portanto, um sentido fenomenológico, pois é fruto de uma indissociabilidade entre o ‘interior’ e o ‘exterior’. Ela é fruto tanto dos sons quanto do silêncio. Nesta mesma direção, Le Breton (2016) também corrobora com esta complementaridade e reflete sobre a importância do

Silêncio meditativo neste entrelaçamento:

Si lenguaje y silencio se entrelazan en la enunciación de la palabra, también puede decirse que todo enunciado nace del silencio interior del individuo, de su diálogo permanente consigo mismo. Toda palabra viene, en efecto, precedida por una voz silenciosa (LE BRETON, 2016, p.7).

Comprendemos o Silêncio da meditação e do caminhar como um estado específico de consciência da mente, chamado também de atenção plena<sup>34</sup>. Nas palavras de Baba (2015), este termo é uma denominação moderna para uma prática milenar, que significa foco total na ação, em que a pessoa está completamente presente em cada momento singular. Este espiritualista argumenta que a mente destreinada flutua entre o passado e o futuro num tempo denominado por ele como tempo psicológico. Tanto medo quanto ansiedade são frutos desta flutuação e da fuga do aqui e agora. Em concordância, o psicólogo húngaro escreveu sobre estes momentos de ausência:

Toda la vida cotidiana está llena de ellos: rara vez sentimos la serenidad que se produce cuando el corazón, la voluntad y la mente están en armonía. Los deseos, las intenciones y los pensamientos conflictivos luchan entre sí, reclamando la atención de la conciencia, sin que podamos hacer nada para mantenerlos en orden (CSIKSZENTMIHALYI, 1998, p.40).

A prática da meditação ensina o rompimento com esta forma de ausência. É neste sentido que as pessoas, em geral, são reféns da mente. Baba (2015) explica, de forma metafórica, que um dos maiores desafios da vida de todas as pessoas é aprender a controlar o corpo-mente, assim como um jovem aprende a dirigir um carro. A primeira etapa, neste caso, é estar presente dentro do carro, com as mãos firmes no volante. Por meio deste simples exemplo, ele chama a atenção para a relevância deste fundamental passo ao crescimento humano, uma vez que a maior parte das pessoas, induzidas por uma sociedade do excesso de velocidade, ainda nem mesmo o compreendeu. É por meio desta atenção plena que a experiência da unidade, compreendida fenomenologicamente de interdependência do eu-outro-mundo, que também podemos chamar de re-ligação, pode ser experimentada profundamente. É exatamente desta forma de perceber o mundo de onde brota o Silêncio que falamos.

El silencio nos proporciona entonces un intenso sentimiento de existir y marca ese momento de desnudez que nos invita a recapitular, a recapacitar, a reencontrar una unidad interior ( LE BRETON, 2015, p. 76).

---

<sup>34</sup> Este termo é utilizado em inglês como: *mindfulness*.

Nos primeiros dias de travessia, o caminhante está se acostumando com um passo atrás do outro, com a mochila pesada, com as trilhas e com a nova rotina. Este processo gera uma desaceleração gradual e uma ruptura com a sociedade do progresso, seu cotidiano apressado e as metas de produção e consumo. Contudo, “caminar es también una travesía por el silencio y un disfrute del sonido ambiental (LE BRETON, 2015, p.69)”. As dores no pé, o exercício físico durante muitas horas por dia, as novas amizades, a língua espanhola e os sabores do Caminho de Santiago demandam tanta atenção e energia que sobra pouco tempo para que o peregrino reflita sobre seu trabalho ou sua família. Depois de muitos dias, avançando na segunda semana de caminhada, as dores normalmente continuam, mas o andarilho já está habituado com o despertar no escuro, arrumar os equipamentos e caminhar por horas seguidas na paisagem. Do topo de um morro, ele avista uma longa planície e, no final, uma outra montanha. Ao fazer um descanso para comer uma *empanada*, o barista lhe ensina que o *pueblo* que pretende parar para dormir está depois daquela última serra. Ao longo das próximas muitas horas, ele, então, desce uma íngreme encosta, contorna um riozinho, segue por uma trilha que margeia campos de girassóis, atravessa diversas pontes de pedras de centenas de anos e, somente no final da tarde, avista as primeiras ruas do local onde passará a noite. Todo este tempo é vivenciado por um caminhar lento em meio a diálogos ‘internos’ e observações da paisagem, gerando este tipo de Silêncio ligado a um modo de perceber o eu-outro-mundo. Nas palavras de Breton (2015, p.71), “el silencio resuena como la firma de un lugar, substancia casi tangible cuya presencia habita el espacio e impone constantemente la atención”. Ao longo das semanas, O Silêncio se aprofunda proporcionando uma experiência de re-ligação entre caminhante-caminho, bem como uma intensa escuta ‘interna’.

Aliado a la belleza de un paisaje, el silencio es un camino que lleva hacia el yo: momento de suspensión del tiempo en que se abre el pasadizo que permitirá al hombre encontrar su lugar en paz, provisión de sentido y de fuerza interior antes del retorno al jaleo del mundo y a las preocupaciones cotidianas (LE BRETON, 2015, p. 76).

Para a monja Coen (2016), em sua perspectiva zen budista, por meio de sua característica simplicidade poética, a atenção plena significa “estar consciente onde os pés estão pisando”. É uma forma de Presença, aqui grafada com a letra ‘p’ maiúscula. Pode ser compreendida como a capacidade de estar presente junto ao corpo, com a intencionalidade dos pensamentos. Não se trata, no entanto, de ausência de pensamentos, mas um estado em que eles não estão no comando das sensações, das intenções e das emoções. Eles podem até continuar brotando incessantemente, mas há uma liberdade sobre eles. Para Martin (1997), trata-se de um estado de liberdade psicológica que ocorre quando a atenção

permanece tranquila, sem apegar-se a algum determinado ponto de vista.

A caminhada proporciona esta forma de Presença porque demanda quase toda a atenção dos caminhantes. De forma irônica e provocativa, Thoreau (2012, p.80) diz que ‘há algo que ela sugere que é um testamento mais novo - o evangelho segundo o momento presente’. Esta afirmação revela em si mesma sua força, ao ponto de comparar um livro sagrado para muitas pessoas e religiões à experiência da Presença durante suas caminhadas. Ele complementa dizendo ainda que ‘não podemos dar-nos ao luxo de não viver no presente. Entre todos os mortais, abençoado é aquele que não perde um instante a relembrar o passado (THOREAU, 2012, p.79)’. As caminhadas são entendidas por este pensador como uma forma de recuperar sua própria consciência que, segundo ele, se perde quando sua mente deixa de acompanhar seu corpo durante seu cotidiano de muitas tarefas.

Numa grande cidade, cujo ritmo é comandado pela ideologia do progresso, as pessoas são constantemente retiradas de suas zonas de conforto pela publicidade, que as vende uma felicidade externa e futura, ou seja, que está nos objetos que elas deverão comprar. Ao mesmo tempo, tornando-as vulneráveis em termos financeiros, faz que elas sejam obrigadas a engajarem em empregos que as aprisionam a este estilo de vida. Um dos resultados disso é uma ansiedade generalizada. Enquanto seus corpos estão em sala de aula ou no escritório, seus pensamentos estão na praia ou na conta de luz a pagar na próxima semana. É diante deste contexto que Le Breton (2015, p. 135) diz que caminhar “es una forma deliberada de resistencia a la neutralización técnica del cuerpo que distingue a nuestras sociedades modernas”. A velocidade da vida nas cidades raramente proporciona momentos de atenção plena às tarefas realizadas. De forma automatizada, as pessoas tomam banho, dirigem ao trabalho, almoçam e fazem exercícios físicos no parque. Com ironia, Csikszentmihalyi (1998, p.14) compara esta forma de viver aos dos animais. “La mayoría de las personas duermen un tercio del día y dedican el resto a trabajar, desplazarse y descansar, en proporciones aproximadas a la de los babuinos”. Diante de um contexto como este, este Silêncio se torna de difícil acesso:

Poucos há que estejam dispostos a pertencer inteiramente a um tal silêncio, a deixá-lo penetrar até os ossos, a nada respirar a não ser o silêncio, a se nutrir de silêncio e a transformar a própria substância da vida em um silêncio vivo e vigilante (MERTON, 2001, p. 37).

Numa perspectiva científica, a meditação *mindfulness*<sup>35</sup> têm sido amplamente pesquisada, embora seja um campo ainda em fase inicial de maturação. Nota-se uma

---

<sup>35</sup> Meditação da Atenção Plena.



dificuldade natural na conceituação científica e metodológica desta prática. Brown *et al.* (2007) utilizam este termo para se referir a um estado de consciência, uma prática que promove essa consciência e um modo de processamento de informação. Segundo Bhodi (2000), o significado original vem da palavra *sati*, que, em sânscrito, quer dizer consciência, atenção e recordação. De forma complementar, Davis e Hayes (2011) a compreendem como consciência de momento a momento, em uma experiência pessoal sem julgamento. Segundo Goswami (2008), por meio de uma possível interpretação da neurociências, a meditação pode ser melhor compreendida pela investigação das frequências cerebrais. Em estado alerta, consciente e acordado, estas frequências se encontram na faixa de 15 a 30 hertz. Na medida em que a meditação proporciona uma desaceleração, a frequência cerebral abaixa para 9 a 14 hertz, gerando um estado meditativo de relaxamento e pré-sono. Abaixo de 8 hertz, uma pessoa se encontra em estado de profunda meditação, acessando mais o inconsciente e brotando dali a intuição e a criatividade.

Davidson (2010) debate as metodologias para a investigação e cita pesquisas que definem as horas de meditação durante a vida para qualificar o nível de experiência de quem medita, podendo ser considerando um meditador com longa experiência aquele com mais de trinta e três mil horas de meditação durante seu tempo de vida, sendo que acima das duas mil horas já apresenta grande relevância para investigações avançadas realizadas pela neurociência. Holzoel *et al.* (2011), por sua vez, desenvolveram estudos para a compreensão dos resultados da prática em longo prazo e debateram benefícios como desenvolvimento da inteligência emocional, alteração no funcionamento cerebral, diminuição do estresse e aumento da capacidade da recuperação psicológica após trauma. Davis e Hayes (2011) também pesquisaram os benefícios, aprofundando na regulação das emoções, no desenvolvimento da inteligência interpessoal, bem como na inteligência intrapessoal, que proporciona o aumento da intuição, da criatividade, a diminuição dos medos e da ruminação<sup>36</sup> sobre os problemas da vida. Davidson (2010) argumenta ainda que a meditação aumenta a compreensão de interdependência social, esta que consideramos como a indissociabilidade do eu-outro-mundo, que promove, em quem medita, maior engajamento social.

No início deste capítulo, apresentamos a reflexão sobre o que pode transformar uma experiência considerada negativa para um caminhante iniciante em uma situação positiva

---

<sup>36</sup> De acordo com o dicionário Aurélio, significa: tornar a mastigar, remoer. No sentido literal, é utilizada para o hábito alimentar dos animais e, no sentido figurado, pode ser utilizado para o ato de pensar excessivamente sobre um tema, assunto ou problema.

para alguém experiente. Temos agora condições de dizer que é exatamente esta capacidade de Presença, que pode ser aprendida de várias formas, dentre elas pela meditação sentada em lótus dentro uma sala tranquila ou pelas caminhadas em montanhas. É neste sentido que as travessias podem ser consideradas como longas práticas meditativas. Não é que não existam momentos de Ausência durante uma caminhada, mas a experiência da Presença vai se aprofundado ao longo dos dias porque tanto o caminho quanto o caminhar exigem atenção plena na maior parte do tempo.

Entendemos, portanto, que a intensidade da atenção ao longo do caminhar é um dos motivos mais importantes que faz com que os aprendizados das travessias sejam tão intensos. As trilhas irregulares, a mochila nas costas, as paisagens arrebatadoras e a necessidade de achar os caminhos em meio às serras demandam toda a atenção necessária ao corpo-mente-paisagem. Por outro lado, caminhar pelo passeio público de uma avenida, com a pressa de quem está atrasado para a reunião de trabalho, respirando a poluição e ouvindo o excesso de barulhos tem o efeito contrário das montanhas, mesmo sendo uma prática física. É por isso que jovens gostam muito de escutar suas músicas com fones de ouvido. Em meio à peleja para conseguir uma vaga em um ônibus lotado, conseguem até manter-se imerso na experiência de sua música preferida. Vale dizer que uma imersão completa é conseguida em vários momentos de interação social como, por exemplo, quando dois grandes amigos se encontram, quando uma mãe brinca com seu bebê ou ainda quando um professor dialoga com seus estudantes. Comumente, estes momentos são concluídos com a agradável exclamação: ‘como passou rápida esta manhã!’, ‘esta aula!’ ou ‘este jogo!’.

Lo que es común a todos esos momentos es que la conciencia está llena de experiencias y estas experiencias se hallan en armonía entre sí. Contrariamente a lo que sucede con demasiada frecuencia en la vida cotidiana, en momentos como éstos, lo que sentimos, deseamos y pensamos van al unísono (CSIKSZENTMIHALYI, 1998, p.41).

Ao final de um dia de caminhada, por exemplo, há dores por toda parte, as roupas estão malcheirosas e o rosto, por vezes, sujo de mato e terra. É possível sentir um aquecimento peculiar nas articulações do corpo porque foram exigidas durante todo o dia. Tirar a mochila dos ombros e do quadril gera um forte alívio, além da sensação de liberdade que é descalçar as botas e deixar que os dedos sintam novamente o ar da montanha. Em seguida, é hora do momento do banho na cachoeira ou no córrego. Muitas vezes, no lusco-fusco, as temperaturas já estão abaixo dos quinze graus, dependendo da altitude, do vento ou da *lubrina*. No inverno, a água da cachoeira fica em média por volta dos dezesseis

graus. Entrar nestas águas geladas não é uma tarefa simples para ninguém, muito menos para moradores das cidades, acostumados com seus chuveiros elétricos. O melhor a fazer é não racionalizar e deixar-se entrar na água. Em um primeiro momento, a sensação é como se cinco mil agulhas de acupuntura tivessem sido aplicadas ao mesmo tempo. O corpo-mente sente um grande choque. Porém, aos poucos, este susto passa e surge uma vibração energética em toda a superfície, como reação imediata do organismo. Em segundos, a energia do cansaço some e aparece uma outra revigorante. Com os pés apoiados sobre um fundo de pedras, é possível ensaboar o corpo<sup>37</sup>, exagerando na espuma no cabelo e na barba. Depois de alguns minutos naquelas águas geladas, a saída proporciona uma sensação incrivelmente prazerosa. No entanto, a peleja ainda não acabou. Ainda pelado, o vento frio bate no corpo, reforçando aquela energia vibrante que circunda toda a pele. Surge, curiosamente, até uma leve sensação de calor, mesmo nas noites frias das montanhas mineiras. O próximo passo então é vestir as roupas de frio. Normalmente, utilizamos duas calças e dois ou três agasalhos, sendo o último a prova de vento e chuva. As meias, luvas e gorros geralmente são de lã. Apenas alguns minutos depois de tirar as mochilas das costas, o caminhante se vê livre daquela sujeira e de uma parte do cansaço, sentido-se revigorado e confortável pelo calor e textura agradável das vestimentas. Agora, ele se encontra pronto para cortar um queijo como aperitivo e acompanhá-lo com uma dose de uma boa cachaça. Dito isso, vale refletir: é possível realizar estas simples tarefas sem vivê-las intensamente? É possível passar por elas de forma automatizada como dirigimos um carro por uma grande avenida ou tomamos banho em um chuveiro aquecido? É por meio destes exemplos que podemos demonstrar como as travessias exigem dos caminhantes sua atenção plena, esta Presença do corpo-mente-paisagem. Seguramente, entrar em uma gélida cachoeira do Espinhaço no entardecer é uma experiência em que a mente não pode estar ausente do corpo.

Assim como tomar banho, montar acampamento, arrumar a mochila, cozinhar, fazer fogueira e caminhar entre pedras exigem Presença. Ao longo dos dias, o caminhante vai gradualmente aumentando sua imersão na montanha e nas atividades, ao ponto de sobrar-lhe pouco tempo para se preocupar com a vida que há antes ou depois da travessia. Contudo, há momentos de Ausência. Em trilhas planas e com o terreno suave, a atenção pode ser direcionada para a paisagem ou para uma conversa com os companheiros. Nestes momentos, as histórias e a partilha de experiência fluem naturalmente. É interessante que

---

<sup>37</sup> A opção pelo sabão de côco em barra é devida ao seu baixo impacto ambiental nas águas.

um caso interrompido por uma travessia de rio é, às vezes, retomado horas depois ou até mesmo apenas nos dias seguintes.

As entrevistas para esta investigação foram realizadas durante estes diálogos em movimento, assim como dito anteriormente. Mesmo que o movimento na paisagem exija atenção, os pensamentos transcendem o momento presente, do corpo na montanha, e visitam, por vezes, os problemas familiares, os desafios do trabalho ou as tarefas da última semana do mês. É comum também que os caminhantes menos experientes se percam neste diálogo interno sobre o passado e o futuro, flutuando no que Baba (2015) denomina tempo psicológico. Esta fuga do aqui e agora pode, por um lado, trazer benefícios, como conclusões lúcidas sobre a resolução de um conflito familiar, mas, por outro, desvia a energia que o caminhante necessita para subir a serra. Neste caso, o preço a pagar pode ser alto, pois toda energia é importante, principalmente no decorrer dos dias, com o acúmulo do cansaço. Comumente, ao final de um dia, é necessário caminhar mais tempo do que se gostaria para encontrar um local adequado de camping perto de uma fonte de água. Com dores por todo o corpo, não há como parar e simplesmente descansar. Contusões podem acontecer e colocar em risco a experiência de todo o grupo. As trilhas exigem um bom preparo físico e uma prudência na dosagem do gasto energético. Não é nada agradável e adequado subir por uma longa trilha, alimentando um diálogo interno em torno de uma discussão que teve com um irmão e que está preparando o discurso para os futuros episódios.

Nas primeiras experiências nestas travessias, eu sempre vivenciei, em algum momento, um ou mais dias de exaustão do corpo-mente. Pela inexperiência, eu ficava excessivamente preocupado com os afazeres na montanha, como administrar a comida, achar as trilhas adequadas, organizar equipamento, entre outras atividades. Toda esta preocupação me cobrava muita energia. Além deste excesso de pensamentos, eu ainda não tinha aprendido com as travessias esta exigência que é a Presença e me colocava em infinitos diálogos internos sobre o passado e o futuro. Por vezes, discutia com os companheiros por questões de pouca importância naquele momento, como a escalação do time de futebol na final do campeonato ou os rumos da política econômico do governo do país. Geralmente, o dia de exaustão acontecia no terceiro ou quarto dia de travessia, uma vez tendo acumulado as tensões da preparação da viagem, somados aos desgastes físicos dos primeiros dias com a mochila ainda muito pesada de equipamentos e comida, bem como com os momentos de ausência. Experimentei, em diversas edições, fortes

enxaquecas, dores por todo o corpo e um esgotamento energético que me incapacitava de fazer grandes esforços. Caminhar nestas condições não é nada agradável. Por sorte, algumas destas experiências coincidiram com o dia de folga, quando não é necessário desmontar acampamento e cruzar montanhas. Por vezes, passei todo o dia deitado na sombra de uma árvore perto da cachoeira próxima à barraca para a recuperação. Ao longo dos quatorze anos, portanto, as travessias me ensinaram gradualmente a Presença, seja pela exigência da atenção plena às atividades, seja pela alto preço energético pago pela ausência. Seguramente, elas continuam me ensinando esta arte de estar no aqui e agora. Este tipo de aprendizado parece apresentar diversos graus de profundidade e pode ser desenvolvido infinitamente. Alguns monges tibetanos experimentam retiros de meditação em cavernas na montanha por três anos em Silêncio.

O aprendizado da Presença nos parece, em princípio, um desafio apresentado a todos os humanos. Quanto mais tempo uma pessoa viver no aqui-agora-corpo-mente-paisagem, maior será seu aprendizado sobre o entorno e sua compreensão da indissociabilidade entre eu-outro-mundo. A prática da ausência apenas diminui o equilíbrio do corpo-mente e limita suas capacidades de transformação da realidade. O estar Presente ensinado pelas travessias significa este estado de abertura ao aqui e agora, proporcionando aprendizados constantes, cada vez mais profundos. Esta afirmação é central nesta tese. O caminhar pelas paisagens proporciona uma forma intensa de aprender exatamente por exigir a atenção plena.

Esta relação entre atenção e aprendizado é discutida por Krishnamurti (1970), mas não no sentido do que denomina aprendizados superficiais sobre a vida. Este filósofo místico fala sobre uma forma de atenção que significa olhar profundamente para nós mesmos, gerando um processo de aprendizado sobre o que somos e o que não somos. Por meio de uma provocação, ele diz que o conhecimento sobre nós mesmos nunca é cumulativo porque mudamos o tempo todo. Em sua visão, não podemos nos confundir com nossas emoções, nossas identidades, muito menos com os papéis sociais que desempenhamos. Tudo isso é transitório. Segundo ele, é por meio da atenção que é possível perceber algo profundo em nós que não flutua com o tempo. Esta forma de atenção, assim como dissemos anteriormente, está diretamente relacionada com o Silêncio, que pode ser oriundo da meditação, do caminhar e de outras práticas.

Neste momento, para ilustrar o debate central deste capítulo, relatamos uma interessante passagem de uma das travessias pelo Espinhaço que exemplifica o aprendizado da Presença nas caminhadas. A Lubrina do ano de 2014, em sua décima edição, durou oito dias. O roteiro definido pelo grupo foi entrar no Parque Nacional da Serra do Cipó pelo seu limite norte, iniciando a travessia pela trilha que começa na rodovia MG-10, a 1200 metros de altitude, seguindo até o vale do travessão, um divisor de águas que tem aos seus pés o maior Cânion desta região. Neste ponto, há nascentes que se encontram a dez metros de distância, mas que, ao descerem em lados distintos desta serra divisora, percorrem bacias hidrográficas diferentes. De um lado, está a do Rio Doce e, do outro, a do Rio São Francisco. Suas águas desaguam no mar a mais de três mil quilômetros de distância. A primeira noite desta caminhada foi em cima deste divisor, com uma vista fenomenal de quilômetros de escarpas montanhosas e paredões abruptos de rocha. As seguintes seis noites foram dentro do vale, até alcançar a porção leste da Serra, para chegar ao distrito de Cabeça de Boi, município de Itambé do Mato Dentro, cerca de quarenta quilômetros da famosa cidade de Itabira, terra de Carlos Drummond de Andrade<sup>38</sup>.

Figura 34. Cânion do Travessão



Fotografia: Resende-Duarte, 2014

Durante três dias, a caminhada seguiu pelo leito do Rio do Peixe, dentro do Cânion, uma vez que não havia trilhas demarcadas. A mata ciliar, espremida em uma estreita faixa

---

<sup>38</sup> Poeta mineiro, de renome internacional, que viveu entre 1902 e 1987.

de terreno entre o rio e os paredões quase verticais de rocha, era muito densa, não possibilitando o acesso aos caminhantes. O único caminho era mesmo pelo leito do rio, por meio do diálogo corpo-mente-pedras, que ora saltavam para fora d'água, ora ficavam submersas e escorregadias por causa do lodo. Alguns caminhantes tinham mais técnica e equilíbrio para caminhar nestas condições. Em muitos momentos, a água gelada chegava à altura da cintura, enquanto em outros, era necessário caminhar por sobre pedras pontiagudas. O cajado, nestas condições, proporcionou auxílio e maior segurança por ser um terceiro ponto de apoio em meio ao piso escorregadio.

Quando não era possível encarar o caminho das pedras do leito, foi necessário entrar mata ciliar adentro. Plantas de todo tipo fechavam o caminho, incluindo as samambaias, os cipós, as trepadeiras e o temível capim-navalha. Os caminhantes ficaram com os braços, as pernas e até os rostos cheios de arranhões e marcas por causa deste contato mais intenso com as plantas. O avanço, nestes casos, foi muito lento e o gasto de energia muito grande para vencer curtas distâncias. Abrir caminhos assim exigiu sempre muito esforço e paciência. Em outros momentos, a única opção foi atravessar nadando piscinas naturais, espremidas entre gargantas de pedras dentro do cânion. Era necessário encarar a água gelada até a altura do peito, tomando todo o cuidado para não molhar as pesadas mochilas, carregando-as com os braços esticados ao alto. Le Breton (2015, p.86) nos ensina que, em condições como esta, "caminar es una apertura al mundo que invita a la humildad y al goce ávido del instante".

Caminhar em uma praça pública, com piso plano e liso, exige menor esforço do corpo-mente, que percorre uma trajetória mais suave. No entanto, andar por sobre as pedras exige muito de cada articulação e cada músculo, gerando assim aprendizados sobre o corpo-mente. A cada dor muscular sentida é como se acendesse uma luz perceptiva sobre aquela parte da anatomia humana, que vai sendo descoberta de 'dentro' para 'fora'. O esforço das articulações ensinam também, por meio do dialogar com as pedras, sobre a geologia da região. O peso da mochila ensina o valor dos pertences necessários à segurança na montanha, mas também sobre o quão acessível é a vida plena, mesmo possuindo poucos pertences. A mochila, neste caso, está para o caminhante assim como a concha está para o caracol. O que dizer então sobre o acordar em uma serra divisora de águas, avistando aquele majestoso entrecortado de montanhas? Não me recordo de uma aula de geografia e relevo em que tenha aprendido tanto. Embora esta descida do cânion tenha acontecido há cinco anos atrás, a memória é facilmente acessada em detalhes, pela

intensidade da experiência. É impossível esquecer o cheiro das samambaias e a dor do capim-navalha nos braços.

Figura 35. Imersão no Cânion.



Fotografia: Resende-Duarte, 2014

Reiteramos, portanto, a reflexão: é possível viver três dias em movimento, dentro de um cânion como este, sem a Presença, como alguém que segue sua rotina de trabalho, almoça no mesmo restaurante e assiste ao mesmo noticiário repleto de negatividades todos os dias? A atenção plena a cada momento singular é preciosa e necessária, seja pela segurança das articulações em meio ao caminho irregular das pedras, seja pela exuberância dos sons da natureza. Viver, assim como disse Guimarães Rosa (1956), é sempre uma obrigação imediata. Não é possível deixar para depois porque o futuro não existe se não for apenas como possibilidade do presente, como nos aponta Merleau-Ponty (1971). As travessias ensinam de forma obrigatória e prazerosa esta Presença, uma condição central para a vivência de intensas experiências e de tão profundos aprendizados, que são consequências intrínsecas deste movimento do Ser no fluir do mundo, desta indissociabilidade entre caminhante-caminho, bem como entre o eu-outro-mundo.

As longas caminhadas, entretanto, não se apresentam apenas como uma sequência de experiências de atenção plena que, por vezes, são interrompidas pelas ausências da flutuação da mente no passado ou no futuro. Não se trata também apenas de uma vivência



em que há mais momentos de Presença do que numa vida acelerada nas grandes cidades. Os oito dias imersos na montanha não são exatamente percebidos por meio da noção do tempo linear, imposto pelo relógio industrial. Para Le Breton (2015, p.26), “caminhar es un método tranquilo de reencantamiento del tiempo y el espacio”. Os dias de travessia não podem ser divididos entre trabalho e lazer. O tempo nem mesmo pode ser dividido em horas e minutos. Não há uma sequência de começos, meios e fins, como é o caso de uma quarta feira comum de um professor e sua esposa que precisam acordar as crianças, arrumar o café da manhã, levá-las à escola, ir ao trabalho, almoçar, fazer compras no supermercado, passear com o cachorro e depois ler para que os meninos durmam. Em todas estas atividades, o relógio industrial é a referência de cada movimento, apontando quando é necessário começar e quando é preciso terminar. E assim, seguem os dias sucessivamente, formados por um conjunto de compartimentos do tempo, cada bloco de minutos destinado à determinadas tarefas e atividades. Nas longas travessias a pé, a percepção do tempo é diferente porque as atividades não são comandadas pelo relógio, mas pelo dia e pela noite ou pelas condições da paisagem. Com chuva muito forte, por exemplo, é difícil subir as serras e, por vezes, é até muito arriscado. Pela manhã, é o momento do acordar, alongar, desmontar as barracas, alimentar e arrumar os equipamentos. Durante o dia, as caminhadas acontecem com paradas para banhos nas cachoeiras e para alimentação. À noite, já no novo local de acampamento, é momento de descansar, contar histórias, relaxar e alimentar para dormir. Como se vê, não é que não haja rotina durante as travessias, mas é que há uma relação diferente com o tempo, sendo que as atividades não são comandadas pelos ponteiros do relógio.

Todo sentimiento de duración se evapora: el caminante se instala en un tiempo ralentizado a la medida del cuerpo y del deseo... El reloj es cómico, es el de la naturaleza, el del cuerpo, y no de el de la cultura con su meticulosa parcelación del tiempo (LE BRETON, 2015, p.39).

É exatamente pela junção de um conjunto de vivências, percebidas pela intensidade da atenção plena, com esta relação diferente com o tempo que é possível compreender que as travessias são experiências em que o tempo parece não existir. Por um lado, um dia na montanha passa muito rapidamente, exatamente pelas muitas atividades e, principalmente, pela intensidade necessária para realizá-las. Por outro, de uma forma misteriosa, parece mesmo que não há separação temporal alguma entre o primeiro passo no primeiro dia de travessia e o frango com quiabo no povoado de destino, ao final da caminhada. Parece haver uma espécie de falha na régua do tempo industrial. É como se a experiência não pudesse ser inserida no calendário, dividido por meses e semanas. Há sempre os dias que a

antecedem, os que a sucedem e, no meio, a experiência integral, única e indivisível. No início do primeiro dia, fazemos uma conversa entre os caminhantes, como uma espécie de preleção colaborativa, como uma reunião inicial de compartilhamento de intenções sobre cuidados necessários, importância da colaboração, entre outros temas como respeito à montanha e aos seus moradores. Neste momento, os caminhantes se alongam e se preparam. Até então, o relógio ainda rege a percepção do tempo. Depois do primeiro passo na trilha, o tempo deixa de ser assim percebido. A travessia passa a demandar toda a atenção do caminhante, que imerge num espaço-tempo sem divisões e compartimentos. A montanha engole o montanhista. É apenas quando está sentado na poltrona do ônibus, no retorno à casa, é que o caminhante se dá conta que, do início ao fim da experiência, se passaram oito dias e que o mundo continuou girando, as indústrias poluindo, as pessoas trabalhando e as crianças brincando. Este é um mistério que faz com que os caminhantes passem o ano inteiro planejando esta semana tão especial. É exatamente esta experiência que a psicologia denomina como Fluir.

Estos momentos excepcionales es lo que hemos llamado estados de fluidez!. La metáfora "fluir" es la que muchas personas han utilizado para describir la sensación de acción sin esfuerzo que sienten en momentos que sobresalen como los mejores momentos de su vida. Los atletas se refieren a ellos como being in the zone, los místicos como entrar en "éxtasis" y los artistas y músicos como "arrobamientos estéticos". Atletas, místicos y artistas hacen cosas muy diferentes cuando experimentan estos estados de fluidez, pero sus descripciones de las experiencias son extraordinariamente parecidas (CSIKSZENTMIHALYI, 1998, p.41).

Estas experiências são, portanto, acessíveis a todos as pessoas, por meio das mais variadas e criativas formas. O Fluir pode acontecer para um folião que adentra sambando a sexta feira de carnaval e só percebe o final da festa na quarta feira de cinzas. O mesmo se passa com um escritor que, por dias em seu escritório, na companhia de seu gato, cria um texto filosófico. Também pode acontecer com um professor que lidera um curso de vários dias em imersão em um hotel fazenda. Os monges, por sua vez, conseguem senti-lo durante os meses que passam em meditação em cavernas nas montanhas. Contudo, talvez sejam os artistas os que mais chamam atenção do senso comum, como se suas experiências fossem mais mágicas do que as outras pessoas. É mesmo hipnotizante presenciar uma orquestra acompanhando um pianista concertista que, por algumas horas, movimenta todo seu corpo em diálogo com cada nota musical. Seus olhos, constantemente fechados, podem até sugerir que estão num plano mágico da existência e que somente os artistas podem ter aquele tipo de experiência. Entretanto, o simples ato de vestir uma mochila e caminhar no mato um dia depois do outro pode proporcionar o mesmo Fluir,

apresentando-se como uma longa prática meditativa. Nas palavras de Le Breton (2015, p.90), caminhar “a menudo se asemeja a un trance, a un olvido del yo como el del arquero zen... andar nos predispone para la metamorfosis de nuestra mirada sobre el mundo”.

A educação, com o intuito de apresentar alternativas à ideologia do progresso, pode também incorporar em seus objetivos este ensino da atenção plena e do diálogo com o Silêncio. Não há contraindicação à Presença e ao Fluir, que oferece riscos apenas à sociedade do progresso, por contribuir com o reencontro das pessoas com suas vozes ‘interiores’. O desafio deste aprendizado pode ser também assumido por educadores e educandos. Acreditamos que esta investigação deve e pode, neste caso, servir de inspiração. Uma das possibilidades é que cada pessoa interessada nesta sabedoria busque o aprendizado da Presença, para que, de momento em momento, aprendam a se tornar artistas da vida. Para isso, não é necessário, obviamente, vestir mochilas pesadas e atravessar montanhas. Esta é uma opção para aqueles que gostam desta forma de experimentar o mundo. Cada um, de forma autônoma e criativa, pode aprendê-la, seja por meio da arte, da filosofia, da ciência ou do trabalho diário. No entanto, se há uma abertura no coração de alguém em direção ao caminhar, vale a pena arrumar sua mochila, preparar seu corpo-mente e se colocar em movimento.

El paseante atento entra lentamente por medio de su oído en sus variados círculos, accediendo a cada instante a un nuevo universo sonoro de los que pueblan el interior del silencio. Descubre así un sentido nuevo; no un simple agudización del oído, sino un sentido íntimo ligado a la percepción del silencio (LE BRETON, 2015, p. 77).

Por meio desta tese, somos capazes de afirmar que as travessias ensinam Presença e proporcionam este diálogo com o Silêncio, que podem ser importantes passos para a superação da crise civilizatória por meio de novos significados existenciais para a vida das pessoas. É neste sentido que sentimos a necessidade de debater aspectos existenciais das travessias que podem contribuir com a re-ligação com nossa intuição, bem como do eu-outro-mundo.

Toda experiência profundamente espiritual, seja religiosa, moral ou mesmo artística, tende a ter em si mesma algo da presença do eu interior. A profundidade da experiência espiritual [...] nos faz lembrar níveis esquecidos de interioridade da nossa natureza espiritual (MERTON, 2007, p.12).

Estas palavras de Merton nos auxiliam a relacionar a Presença, o Silêncio e as transformações existenciais proporcionadas pelo caminhar. Este é exatamente o tema do capítulo seguinte. Vale, neste momento, lembrar a história chinesa sobre o silêncio ser o

maior mestre de todos os tempos. Agora, no entanto, já é possível compreender que este referido silêncio não é, em absoluto, a ausência de sons, mas um estado da mente e uma forma de estar atento ao momento presente. A meditação está entre as práticas mais intensas que proporcionam este diálogo com o Silêncio. Por mais que diversas áreas da ciência, assim como debatido anteriormente, esteja dedicando esforços para sua compreensão, há sempre uma dimensão pertencente ao mistério. Dificilmente um método científico, por mais rigoroso e sofisticado que seja, será capaz de compreender porque a meditação torna as pessoas mais criativas, mais intuitivas, mais conectadas ao seu entorno, mais capazes de colaboração e do exercício da compaixão. Será difícil compreender também, pelos meios da razão, como uma pessoa pode aprender com o Silêncio a ouvir a voz do seu coração, a descobrir suas vocações, abraçar suas missões de vida e a entregar-se ao fluxo das transformações. Este mestre-sem-palavras prefere manter seu método de ensino na dimensão do mistério, que pode sim ser experimentado por qualquer pessoa, mas nunca completamente compreendido. É por causa da natureza destes fenômenos vivenciados nestas caminhadas que esta investigação, cujo compromisso com o rigor metodológico é reiterado constantemente, urge por uma licença poética para refletir sobre as transformações existenciais dos caminhantes, mesmo que seja necessário reconhecer nossa incapacidade de fazer reflexões complexas sobre o tema. É por meio desta vontade de compreensão, mesmo que incompleta, que o próximo capítulo é dedicado ao caminhante como um artista da vida. Entretanto, antes disso, buscamos a inspiração do Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, por meio de sua forma poética de compreender a Presença.

### **Para Além da Curva da Estrada**

Para além da curva da estrada  
 Talvez haja um poço, e talvez um castelo,  
 E talvez apenas a continuação da estrada.  
 Não sei nem pergunto.  
 Enquanto vou na estrada antes da curva  
 Só olho para a estrada antes da curva,  
 Porque não posso ver senão  
 a estrada antes da curva.  
 De nada me serviria  
 estar olhando para outro lado  
 E para aquilo que não vejo.  
 Importemo-nos apenas  
 com o lugar onde estamos.  
 Há beleza bastante em  
 estar aqui e não noutra parte qualquer.  
 Se há alguém para além da curva da estrada,

esses que se preocupem com o que há para além da curva da estrada.  
Essa é que é a estrada para eles.  
Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.  
Por ora só sabemos que lá não estamos.  
Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva  
Há a estrada sem curva nenhuma.

(Alberto Caeiro, em "Poemas Inconjuntos")

Figura 36. Caminhante na estrada branca



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

## CAPÍTULO 6

### O artista da vida

Figura 37. Serra dourada



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Em um determinado momento das travessias pelo Grande Sertão (ROSA, 1956), Riobaldo Tatarana assumiu a liderança do grupo de jagunços e passou a ter uma postura diferente diante dos desafios da vida, das pessoas que o cercavam e do mundo. Entendemos que foi neste momento que ele assumiu com autonomia os propósitos de sua própria vida e passou a cumpri-los em meio às suas andanças pelo sertão e pelas veredas. Para nós, suas aventuras apresentam a biografia de uma pessoa que conseguiu despertar seus potenciais e entregá-los ao mundo. Com esta afirmação queremos dizer que concordamos com uma possível compreensão de que os humanos possuem potencialidades, sejam elas inatas ou gestadas ao longo da vida, que podem e devem ter como missão encontrar caminhos para expressá-las em sua existência, assim como nos apontam e inspiram autores como Naranjo (2013), Naess (2008), Fromm (1960) e Merton (2007). Advertimos, no entanto, que não temos a intenção de apresentar esta concepção sobre a vida humana como uma verdade universal. Contudo, nossas experiência no mundo enquanto investigadores e educadores, nossas intuições sobre a vida, bem como os autores que estamos dialogando e, principalmente, os aprendizados e as experiências das travessias nos apontam para a existência destas potencialidades humanas. Por meio deste entendimento como uma possibilidade do nosso amplo repertório enquanto seres no mundo é que defendemos que despertar tais potencialidades se apresentam como uma missão humana, dentre outras possíveis. Para o ato de viver por meio do fluir destes potenciais, escolhemos o termo utilizado por Susuki (1960) a arte de viver.

Até o momento, argumentamos em nossa tese que as longas travessias a pé se apresentam como formas de ruptura com a sociedade do progresso. Os caminhantes precisam parar suas vidas e romper com um cotidiano de trabalho excessivo, de metas crescentes e de uma agenda de compromissos intermináveis. Se nas travessias do Espinhaço, com duração de oito dias, este afastamento não é tão abrupto, no Caminho de Santiago, em que as pessoas levam entre trinta e quarenta dias para percorrê-lo, o rompimento já é bem mais complexo. E é exatamente por causa de todo este tempo de desconexão com as demandas do dia-a-dia, de desaceleração, de re-ligação do corpo-mente-paisagem, dos aprendizados intensos sobre eu-outro-mundo, bem como do profundo diálogo com o Silêncio é que os caminhantes conseguem repensar suas compreensões sobre a vida e o que dela pretendem fazer após o término das travessias. Ao mesmo tempo em que o caminhar pela paisagem ensina a Presença, também se faz importante para o aprendizado de novos significados existenciais. Em nossas diálogos com os andarilhos e peregrinos, descobrimos transformações profundas na forma de pensar,

sentir e viver a vida. Relatamos anteriormente a experiência do senhor estadunidense Deni Smith, que teve sua existência transformada quando percorreu pela primeira vez o Caminho de Santiago e foi aprofundando estas transformações ao longo das outras sete vezes que o realizou. Contamos também brevemente parte da biografia de resistência de Raphael Mourão e discutimos como as caminhadas são contribuições significativas para sua história de vida. É por meio destes e de outros relatos que entendemos termos condições de interpretar as travessias como ‘escolas’ existenciais, que contribuem para que os caminhantes sigam em direção à arte de viver e ao despertar de suas potencialidades.

A contemporânea peregrinação à Santiago [...] consiste em uma longa física e frequentemente jornada interna (espiritual, pessoal, religiosa). Em muitos casos, fazer a peregrinação se torna para os participantes uma das mais importantes experiências de suas vidas. (FREY, 1998, p.7).

Diante destas constatações, dedicamos este capítulo para o debate destes aprendizados existenciais das travessias que transformam as vidas dos caminhantes. Relembramos aqui que não utilizamos o termo existencial no sentido da corrente filosófica existencialista, mas de acordo com sua origem latina desta palavra que é *existere*, cujo significado pode ser compreendido como ‘ser em abertura ao mundo’. Em um primeiro momento, debatemos as dificuldades que a vida contemporânea apresenta para o despertar das potencialidades humanas. Em seguida, aprofundamos nossas compreensões sobre o conceito de arte de viver. Posteriormente, tecemos diálogos entre os desafios para se tornar um artista da vida e as experiências e os aprendizados dos caminhantes nas travessias.

Se o diálogo com o Silêncio está mesmo ao alcance de todos, independentemente das cores e texturas dos caminhos escolhidos, entendemos que vivenciar a existência como artista da vida também é algo possível a qualquer pessoa, mesmo que pareça distante de muitos. Compreendemos como a arte de viver uma possibilidade do Ser diante vida, aceitando as suas limitações e também as do seu contexto, compreendendo o fluxo contínuo de transformações, mas, principalmente, entregando ao mundo, de momento a momento, suas potencialidades, deixando fluir assim toda a sua criatividade singular de forma autônoma. No entanto, vale refletir: o que dizer sobre pessoas que nascem em meio à guerra, crescem subnutridos e, por isso, não conseguem desenvolver algumas inteligências potenciais? Este exemplo, que é extremo, mas abundante ainda em diversas regiões do mundo, mostra que o desafio do florescimento do potencial pleno está indissociavelmente ligado aos desafios coletivos relacionados à justiça social e ambiental, assim como aponta



Naess (2008). No entanto, embora o contexto apresente limites a todos, enquanto a uns mais e a outros menos, esta possibilidade de fluir como artista da vida pode ser livremente buscada por aqueles que assim desejarem.

Educar para a arte de viver é um desafio que a educação pode assumir, mas precisa, para isso, mudar de um viés conteudista para assumir, dentre outras questões, desafios existenciais. Ao invés de concentrar a atenção dos estudantes sobretudo na repetição, na competição, na reprodução e na sobrevalorização da razão e da técnica, é preciso valorizar também a autonomia, a colaboração, a vivência do Silêncio, o diálogo, o reencontro no mundo, a curiosidade, bem como equilíbrio entre o pensar, o sentir e o agir. É diante deste contexto que fazemos a seguinte reflexão: o que as travessias podem nos ensinar sobre estas buscas existenciais? E ainda: como podemos aprender com as caminhadas e de quais formas podemos colocar em prática no nosso cotidiano, seja ele por meio de alguma forma de educação ou pelo aprendizado na vida diária? Acreditamos que estas longas caminhadas podem representar momentos de intensificação desta busca, mas não se apresentam, obviamente, como passo obrigatório e, muito menos, como caminho único e nem tampouco completo e acabado. Nelas, os caminhantes rompem com o cotidiano, intensificam sua Presença, re-ligam corpo-mente-paisagem, experimentam o Silêncio e podem pensar nos sentidos sobre suas vidas e nos caminhos que desejam trilhar. Rodrigo Azevedo, companheiro de travessias no Espinhaço, relatou em sua entrevista que “sempre que precisa tomar decisões importantes em sua vida, as caminhadas servem como forma de desconectar da rotina para poder pensar cuidadosamente nos assuntos e tomar as melhores decisões”.

A busca existencial também pode se apresentar de infinitas formas nas mais diferentes culturas. Aparentemente, os destinos de chegada destas jornadas são também muito diferentes. Enquanto o cristão busca a Deus, o budista almeja a iluminação e o taoísta fluir com o Tao. Para Naranjo (2013), psiquiatra que se dedica a realizar diálogos entre a psicoterapia e a espiritualidade, a essência desta busca é a mesma, mas cada tradição a nomeia de uma forma diferente. De maneira geral, a jornada leva à realização que, para este autor, não é a implementação ou a produção de coisas no mundo, mas a compreensão de uma verdade que estava velada, escondida. Em outras palavras, realização seria a compreensão da realidade por trás das aparências. Esta concepção é interessante porque nos ajuda a entender que o re-ligar é mais re-lembrar a re-ligação do que propriamente recuperar uma desconexão. Na prática, é impossível não estar re-ligado ao entorno, às

peças, à Terra, ao universo e ao mistério. Nem mesmo um astronauta errante pela Via Láctea perderia sua conexão. Somos como uma célula do Planeta e o ar que o envolve é o mesmo que nos preenche os pulmões. O que acontece na sociedade do progresso é, na verdade, um esquecimento de cunho filosófico e praxiológico desta interdependência integral entre o 'dentro' e o 'fora', bem como entre o eu-outro-mundo, assim como nos mostra Merleau-Ponty (1971).

Um outro aspecto importante desta compreensão de realização como uma percepção diferente da realidade é que ela ressalta a importância da vivência do mistério. Para compreender uma verdade que está velada, não basta olhar apenas ou fazer análises intelectualizadas sobre a realidade. É preciso ouvir o Silêncio, praticar o vazio e experimentar o mistério, independente do caminho escolhido, seja ele religioso ou não. Naranjo (2013) aponta ainda outros aspectos a serem considerados:

Podemos decir también que lo que busca el individuo, sin que nadie se lo haya enseñado, es la culminación de su propio desarrollo, lo que equivale a la realización de su potencial. O podemos decir que buscamos nuestra propia transformación, sintiendo también en forma tal vez instintiva que nos espera algo así como una metamorfosis en el curso de nuestro desarrollo (NARANJO, 2003, p.11).

Há, nesta afirmação, dois aspectos interessantes. O primeiro diz respeito à possibilidade do florescimento do potencial humano, assim como defende Naess (2008) e Fromm (1960). Por esta visão, todas as pessoas nascem, bem como desenvolvem talentos, vocações e criatividade que podem e devem vir ao mundo. Se esta afirmação é uma possibilidade de compreensão acerca do humano, pode se apresentar como uma missão de cada pessoa superar os obstáculos que bloqueiam seu potencial para encontrar no mundo caminhos para fluir estes seus talentos. Assim como Fromm (1960, p.101), consideramos que o sofrimento humano advém de um "alheamento de si, do seu semelhante e da natureza". Fugir destas possíveis missões seria também incorrer nestas formas de alheamentos. Acreditamos, portanto, no entendimento de Naess (2008) e de Fromm (1960) sobre nossas potencialidades e compreendemos que as travessias são momentos que intensificam este despertar do potencial humano.

O segundo aspecto da afirmação supracitada é o caráter de transformação e

metamorfose que envolve a realização. Fromm (1960, p.98), por meio do diálogo que realiza entre a psicanálise e o Zen, relembra uma concepção de Freud, segundo o qual o “conhecimento conduz à transformação, [...] que no próprio ato de nos conhecermos, nós nos transformamos”. Para uma melhor compreensão do desafio humano, Naranjo (2013) utiliza a metáfora da borboleta, que precisa passar pelas etapas do ovo e depois da larva para, então, poder voar e assim compreender esta realidade velada. No entanto, assim como compreende Naess (2008), apesar de todas as pessoas nascerem com estas potencialidades, nem todas conseguem despertá-las. De fato, estes autores afirmam que apenas uma parte ínfima da humanidade se torna borboleta, seja pelas dificuldades e dos limites impostos pelos contextos em que vivem, seja pela recusa da travessia. Nas palavras de Naranjo (2003, p.11), “solo que son pocos quienes llegan a vivirla, pues parecería que la condición de la humanidad fuese mayoritariamente una condición larval”.

Em meio às suas vidas de muito trabalho, às mudanças climáticas, às profundas desigualdades sociais, à imaturidade das democracias e às guerras, as pessoas estão ansiosas e inseguras. A ansiedade denota uma fuga e uma vontade intencional de viver no futuro, mesmo sendo obrigatório estar no presente, imerso em um cotidiano que exige da maioria um esforço descomunal em busca de uma vida digna. O medo, por sua vez, fruto também das inseguranças e das instabilidades proporcionadas pelas crises, gera intolerância, ódio e violência. É diante deste contexto opressor que Merton (2007) afirma que as pessoas vivem uma vida de automatismo, de pensamentos e ações inconscientes.

Ora as pessoas que vivem neste plano ‘automático’ não percebem, de modo algum, o quanto a vida delas é alienada e desprovida de espontaneidade. No entanto, quando se observa a vida delas do ponto de vista do homem interior e espiritual, faltam-lhes sanidade e liberdade em uma medida assustadora. Isso se aplica a todos nós: pois mesmo o homem espiritual não é espiritual o tempo todo. Talvez essas pessoas tenham apenas uns raro momentos de ‘despertar, quando percebem sua vida comum como esta realmente é - e então recaem na escravidão (MERTON, 2007, p.130).

Le Breton (2015, p.34) também debate esta falta de sanidade e liberdade que aflige às pessoas. Ao refletir sobre as rupturas com o cotidiano proporcionadas pelas caminhadas, ele aponta que “el trabajo se pone en suspenso; y con él, todas las actividades rutinarias, las responsabilidades del día a día, los imperativos de la apariencia o de la disponibilidad para los otros”. Fromm (1960, p. 103), por meio de sua interpretação psicanalítica, compreende que a maior parte das pessoas vive numa espécie de infância psicológica, que

poderia ser exatamente a fase larval de Naranjo (2013). Para este autor, faz-se necessária a busca pela resposta às seguintes reflexões: “como poderemos superar o sofrimento, o aprisionamento, a vergonha que cria a experiência do isolamento?”. E ainda: “como poderemos encontrar a união conosco, com o nosso semelhante, com a natureza?”. Em suas palavras, é preciso:

Nascer plenamente, desenvolver a própria percepção, a própria razão, a própria capacidade de amar, a tal ponto que o humano ultrapassa o próprio envolvimento egocêntrico e chega a uma nova harmonia, uma nova unidade com o mundo (FROMM, 1960, p.103).

Como é possível notar, há muitas concepções semelhantes para esta idéia de despertar das potencialidades, como é o caso de florescimento, autorrealização, nascer plenamente, entre outras possibilidades. Contudo, optamos por utilizar nesta investigação o termo arte de viver. Na visão de Susuki (1960), as pessoas se tornam neuróticas porque não sabem para onde vão, de onde vem e qual é sua missão aqui. Falta-lhes, portanto, respostas existenciais mais adequadas à condição humana. Em sua opinião, um caminho possível seria a possibilidade das pessoas se tornarem artistas da própria vida. Esta concepção nos agrada por enfatizar uma característica que nos parece central na condição humana, que é a criatividade. De forma semelhante, Merton (2007, p,50), ao falar de sua contemplação meditativa, diz que o mais importante nesta prática não é “a gratificação e o repouso, mas a consciência, a vida, a criatividade e a liberdade”. Não há nada que simbolize mais a singularidade de cada pessoa do que sua criatividade. É incrível imaginar que uma melodia, uma receita gastronômica, um conceito e uma nova idéia podem surgir na mente-corpo de uma pessoa em meio a mais de sete bilhões de humanos. Entendemos que somos mesmo dotados de uma singularidade espantosa e que não é necessário trabalhar diretamente com a arte para exercer a criatividade. Todos podem acessá-la. Sobre esta possibilidade, Susuki (1960) nos aponta que os artistas, em geral, precisam expressar-se sempre por meio de um instrumento para demonstrar sua faculdade criadora de uma forma qualquer. O escultor, por exemplo, necessita de barro, assim como o músico precisa de melodias.

Mas o artista da vida não carece sair de si mesmo. Todo o material, todos os instrumentos, toda a habilidade técnica que de ordinário se requerem estão com ele desde o instante do seu nascimento [...] O corpo que todos temos é o material, que corresponde à tela do pintor, [...] ao violino ou à flauta do músico, às cordas vocais do cantor. E tudo que está ligado ao corpo, como mãos, pés, tronco, cabeça, vísceras, nervos, células, pensamentos, sentimentos, sentido [...] é,

ao mesmo tempo, o material e os instrumentos com que a pessoa modela seu gênio criativo e o transforma em conduta, comportamento, em todas as formas de ação, na própria vida (SUSUKI, 1960, p.25).

Assim como dito anteriormente, as travessias são rupturas com o cotidiano e liberam os caminhantes da rotina diária. Há um relaxamento natural que propicia a criatividade. Na Lubrina, os sorrisos e as gargalhadas são frequentes. Durante pouco mais de uma semana, algumas convenções e amarras sociais se afrouxam, dando espaço à irreverência e à liberdade. Nos primeiros dias, por exemplo, há caminhantes que ficam com dificuldade de sentar no mato, encostar em pedras pontiagudas para usufruir de uma tímida sombra de um pequeno arbusto, enquanto comem um sanduíche de pão com queijo. Os corpos-mentes ainda estão habituados ao conforto da cama, do sofá, da poltrona do carro e de tantos outros dispositivos macios e confortáveis que utilizamos no cotidiano. Já nos últimos dias, o sentar em qualquer lugar parece natural. Ninguém se importa em repousar o sanduíche por sobre os capins e partir o queijo apoiado em uma ponta de pedra. Todo este rompimento com a rotina e o relaxamento contribuem para o fluir da criatividade.

Na oitava edição da Lubrina, por exemplo, dormimos duas noites em uma enorme cachoeira<sup>39</sup> bem no coração do Parque Nacional da Serra do Cipó, acessível apenas por meio de um dia inteiro de caminhada. A queda d'água, com mais de cinquenta metros de altura, bem como o enorme poço de águas negras avermelhadas são de uma beleza transcendente. O som do turbilhão parecia desacelerar a todos, causando uma espécie de anestesia do corpo-mente. Às margens, havia grandes pedras onde montamos nossa cozinha, bem de frente para a queda. Os primeiros momentos em locais como este são geralmente de natação e ludicidade debaixo das quedas de água. Depois do banho revigorante, ficamos surpresos ao encontrar uma espécie de forno de pedras, construído rusticamente por outros caminhantes que por ali passaram. Apenas com alguns retoques e ajustes com novas pedras ele estava pronto para ser utilizado novamente. Bernardo Rocha e Diego de Paula surgiram com a idéia de fazer pizzas no final da tarde. Em princípio, a proposta pareceu esdrúxula, pois não tínhamos nos planejado para isso. Em seguida, começamos a visualizar as possibilidades, enquanto outras pessoas acrescentaram novas sugestões. Ao invés de comermos os pães sírios com queijo na hora do almoço, nós os utilizamos como a massa. Muitos recheios diferentes foram propostos pelos que apreciam a culinária. Ao final, utilizamos verduras, cogumelos desidratados, temperos e pedaços de linguiça defumada. Enquanto os dois montavam as pizzas, um cuidava do forno e os outros

---

<sup>39</sup> Esta cachoeira é retratada na foto de abertura do capítulo 'Silêncio da Presença'.

esperavam com olhos brilhantes e famintos. Cada um comeu duas unidades com a sensação que aquela estava entre as melhores experiências gastronômicas da vida. É claro que quase todos os jantares nas travessias proporcionam esta impressão, não só pela qualidade da comida, mas também pela fome e pela necessidade de reposição de energia por causa do esforço de cada dia. Contudo, comer saborosas pizzas naquelas condições foi algo surpreendentemente criativo e engenhoso. Foi assim que inventamos o rodízio de pizza em plena travessia. Esse nível de criatividade é frequentemente presente durante as caminhadas e pode ser observado nas piadas, nos neologismos de caminhantes, nos poemas e na produção audiovisual. Depois de oito dias de ruptura com a sociedade do progresso, a liberdade torna os caminhantes mais criativos, que levam de volta ao seu cotidiano parte desta forma de ser. Assim como as subidas se tornam tatuagens nos músculos, a criatividade contribui para ressignificar suas existências.

Figura 38. Pizza no forno de pedras



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Concordamos que este exemplo de criatividade, dentre muitos outros proporcionado pelas travessias, não é suficiente para sugerir novos horizontes existenciais para os caminhantes, mas trata-se de um interessante indício que o caminhar pelas paisagens contribui para um fluir mais criativo em meio ao mundo. Enquanto o cotidiano acelerado dedicado à sociedade do progresso torna as pessoas automatizadas, as caminhadas lhes devolvem uma capacidade criativa potencial que, muitas vezes, estava adormecida, mas pronta para ser desperta.

Ser artista da vida é, portanto, ser livre para criar e fluir com o entorno. Segundo Susuki (1969, p.25), para uma pessoa assim, “[...] a vida reflete todas as imagens que ela cria, tirando-as da sua fonte inesgotável do inconsciente” Ele explica que “nossa consciência é limitada, mas se comunica com uma consciência ilimitada”, chamada por ele de inconsciente cósmico e por Fromm (1960) de consciente cósmico. Não temos a intenção aqui de optar pela primeira ou pela segunda denominação porque tais conceitos se encontram para além de nossas capacidades reflexivas. Sentimo-nos satisfeitos em dizer dizer que nossa consciência se comunica com o mistério. Este fluxo criativo depende, portanto, deste diálogo, que pressupõe o ato de relembrar a re-ligação e a interdependência do eu-outro-mundo.

Para ela (artista da vida), cada um de seus atos exprime originalidade, poder criador, a própria personalidade viva. Não existe nela convencionalismo, conformidade, motivação inibitória (SUSUKI, 1960 p.25).

Um breve relato sobre a biografia recente de Rodrigo Azevedo, caminhante da Lubrina, pode aqui nos auxiliar a compreender alguém em busca desta arte do viver. Acreditamos que a coragem e a capacidade de transformar idéias em realidade é fundamental para o artista da vida, principalmente em meio a uma sociedade do progresso em que a estabilidade é considerada uma conquista profissional, independente da autorrealização ou da criatividade. Depois que ele se formou na graduação em Turismo, continuou trabalhando em uma agência de viagens. No Brasil, ainda há pouca oferta de empregos ligados à gestão pública e territorial da atividade turística, diferentemente de outros países onde a atividade é conduzida de forma mais profissional. O destino de muitos turismólogos acaba sendo os empregos ligados à comercialização de viagens como é o caso das agências. Não há demérito algum nesta profissão, que, certamente, apresenta seu grau de complexidade, principalmente para o empreendedor. No entanto, em geral, a graduação em turismo pretende formar gestores públicos e privados para o planejamento e organização territorial da atividade, para que sejam minimizados seus muitos impactos negativos, como, por exemplo, a exclusão social, a padronização da cultura e o aumento da desigualdade social, bem como potencializados seus impactos positivos como a preservação de áreas naturais, o fortalecimento de identidades culturais e sua poderosa capacidade de distribuição de renda.

Rodrigo trabalhou por anos em agências, mas manteve sempre sua vontade de

contribuir de forma mais transformadora com o turismo em seu Estado. Por muitas tentativas, ele buscou empregos na área de planejamento. Não se tratava de uma mudança segura, pois era muito bem remunerado como agente e não tinha garantias que esta outra área o pagaria tão bem. Depois de várias tentativas e muita coragem, ele foi contratado pelo Instituto Estrada Real<sup>40</sup>, uma importante organização de gestão desta rota turística histórica que perpassa mais de 180 municípios em três Estados brasileiros. Ele conseguiu um dos empregos mais disputados de Minas Gerais e, durante alguns anos, realizou projetos importantes como foi o caso da implementação do passaporte do viajante, em moldes semelhantes ao do Caminho de Santiago. Entretanto, paralelamente, começou a criar, em conjunto com sua esposa, produtos feitos com chocolate belga para vender em *food truck* próprio. Em poucos meses, este negócio se tornou um grande sucesso, tendo sido eles convidados a participar de muitos eventos e encontros para debater estas novas iniciativas familiares sustentáveis que se espalharam rapidamente pelo mundo. Sua empresa cresceu em um curto espaço de tempo e ele teve mais uma vez a coragem de seguir seu coração e embarcar nesta nova experiência profissional, deixando mais uma vez a segurança e outro emprego estável para trás. Ele nos relatou que entende sua vida como experimentação e criação, valorizando assim seu constante movimento em meio às transformações do mundo. Nosso objetivo aqui com este breve relato não é enfatizar seu sucesso profissional, mas, sobretudo, a coragem de seguir um caminho que pouco a pouco tornasse possível realizar no mundo seus sonhos, por meio de competência, mas também de muita criatividade. Rodrigo correu e ainda corre muitos riscos, mas segue mantendo uma fidelidade com suas intuições. Durante as travessias, tem sido sempre um prazer ouvir suas histórias contadas com paixão e brilho nos olhos. Para ele, realizar longas caminhadas é sim uma forma de distanciamento de seu cotidiano para aproveitar as prazerosas experiências em meio à natureza em constante fraternidade com os amigos. Contudo, é também um tempo que tem para si próprio de reflexão para que possa inclusive retomar sua clareza sobre os caminhos da vida que deseja seguir. Em nossa interpretação, ele segue sua jornada como um aprendiz da arte de viver.

---

<sup>40</sup> A Estrada Real é a maior rota turística do país. São mais de 1630 quilômetros de extensão, passando por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Sua história surge em meados do século 17, quando a Coroa Portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o trânsito de ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro. As trilhas que foram delegadas pela realeza ganharam o nome de Estrada Real. Por meio delas, o controle da mineração era feito, inclusive pela cobrança de impostos. Disponível em: <http://www.institutoestrada-real.com.br/estrada-real>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.



O Artista da vida é alguém que aprendeu a transformar sua vida em uma obra de arte. Nas palavras de Susuki (1960, p.23), “ver não basta. O artista precisa entrar na coisa, senti-la interiormente e viver-lhe a vida.” Faz-se importante ressaltar, no entanto, que ser este artista é diferente de iluminar-se. A iluminação, do ponto de vista oriental, diz respeito à “apreensão imediata, não refletida, da realidade, sem contaminação afetiva e sem intelectualização, a realização da relação entre mim e o Universo (SUSUKI, 1960, p.51).” Esta experiência permanecerá desconhecida por todos nós, enquanto não a experimentarmos, pois é incompreensível pelo caminho intelectual das palavras e do raciocínio. E é exatamente por esta impossibilidade de compreendê-la que não temos aqui a intenção de um maior aprofundamento em sua conceituação. Por outro lado, este fluir das potencialidades que experimenta o artista da vida pode ser experimentado por qualquer pessoa. É possível presenciar muitos exemplos no cotidiano de cada um. Basta observar ao nosso redor para ver cozinheiros apaixonados, médicos inovadores, jardineiros de jardins floridos, pantaneiros que encantam cavalos e educadores ambientais que tocam corações. Ser artista da vida é, portanto, uma forma de perceber a realidade e vivê-la, é um caminho possível diante das múltiplas possibilidades da existência. A música abaixo ‘Poder da Criação’, de João Nogueira e Paulo César Pinheiro, parece falar desta criatividade que brota sem que a pessoa possa controlá-la inteiramente. Em seus versos, os autores defendem que não há método específico para o fluir da criação, mas que o poeta deve ter coragem de se deixar levar pela magia. Da mesma forma, acreditamos que a educação para a arte de viver não precisa ter um método específico, pois cada pessoa experimenta um singular currículo fenomenológico da vida. Entretanto, ter coragem pode significar romper com a ideologia do progresso para percorrer caminhos autônomos em busca da liberdade e da metamorfose da carne.

Não, ninguém faz samba só porque prefere  
 Força nenhuma no mundo interfere  
 Sobre o poder da criação  
 Não, não precisa se estar nem feliz nem aflito  
 Nem se refugiar em lugar mais bonito  
 Em busca da inspiração

Não, ela é uma luz que chega de repente  
 Com a rapidez de uma estrela cadente  
 E acende a mente e o coração  
 É, faz pensar  
 Que existe uma força maior que nos guia  
 Que está no ar  
 Vem no meio da noite ou no claro do dia  
 Chega a nos angustiar  
 E o poeta se deixa levar por essa magia  
 E um verso vem vindo e vem vindo uma melodia  
 E o povo começa a cantar!

(Poder da Criação)

João Nogueira e Paulo César Pinheiro

Figura 39. Bromélia nas Braúnas



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Este conceito da arte de viver está intimamente relacionado à liberdade. Para Susuki (1960, p. 26), por meio do fluir da criatividade e da inserção como sujeito da própria história, uma pessoa pode ser considerada um artista da vida quando “não tem o eu encerrado em sua existência fragmentária, limitada, restrita e egocêntrica. Evadiu-se dessa prisão”. Compreendemos que é necessário dar especial atenção a este rompimento com o centramento excessivo na individualidade buscado por muitas pessoas. Há uma compreensão, no senso comum ocidental, de que as filosofias espirituais orientais, bem como as práticas meditativas e a vida contemplativa privilegiariam uma vida de isolamento da sociedade, deixando de contribuir com as transformações sociais e ambientais necessárias. Em defesa desta interpretação, comumente as pessoas evocam o argumento das famosas imagens dos monges meditando nas cavernas em ermas montanhas e vivendo em monastérios isolados. No entanto, entendemos que esta realização criativa só pode se dar por meio de um profundo autoconhecimento que, invariavelmente, leva à compreensão sobre a já referida interdependência entre o ‘mundo interior’ e o ‘mundo

exterior'. O isolamento, assim como defende Merton (2006), é importante por um determinado tempo ou como uma prática que coexiste dentre as muitas outras práticas do cotidiano. Ele argumenta que um objetivo das práticas meditativas pode ser:

[...] a criação de uma consciência inteiramente nova, livre para lidar com a vida, de mãos nuas e sem pretensões. Acabar em nós mesmos, se necessário, com as ilusões que nos separam dos outros. Permitir-nos atingir unidade e a solidariedade com nosso irmão por meio da abertura e da compaixão, dotada de recursos secretos da criatividade (MERTON, 2006, p. 332).

Neste momento, antes de relatar os níveis de liberdade experimentados pelos caminhantes, vale refletir sobre a diferença da arte de viver criativamente e a busca egóica e material nas sociedades do progresso. Uma das principais mensagens desta ideologia da produção e do consumo é que as pessoas deveriam buscar suas singularidades por meio da diferenciação de aspectos 'externos' e materiais. Os carros, as marcas das roupas, os destinos turísticos frequentados, as bebidas, os aparelhos eletrônicos, bem como toda sorte de produtos e serviços serviriam para constituir a identidade individual de cada um. Há pessoas que chegam a tatuar logomarcas de empresas, por imaginarem que os produtos, serviços e promessa de valores vendidos pelas corporações poderiam representar sua identidade. Susuki (1960, p. 43) utiliza o exemplo da moda para exemplificar esta busca capitalista.

A filosofia das roupas é uma filosofia do mundo aparente, em que as pessoas se vestem para os outros, a fim de parecer diferente. Este é o eu do capitalismo, que nos torna ridículos. O eu do capitalismo padroniza internamente. Quando este Eu cresce demasiadamente, o verdadeiro Eu é empurrado para trás, recalcado. Mas não se pode suprimir o inconsciente criativo. Ele romperá todas as barreiras, ora violentamente, ora patologicamente.

Compreendemos também que a educação para o progresso e o poder das mídias publicitárias exercem um papel central neste empobrecimento do 'mundo interno', em prol desta superficial e aparente diversidade. A sociedade do progresso desenvolve, além destas, várias outras estratégias de dominação e empobrecimento do Ser. Em contraposição às buscas desta ideologia, Suzuki (1960, p. 42) sugere que "quando alguém olha para dentro com sinceridade perceberá que não está só". Em sua visão, apesar de uma certa solidão e isolamento, há diversas experiências que fazem uma pessoa transcender o reino da inteligência e da abstração. Esta possibilidade pode advir inclusive de experiências de intensa liberdade e criatividade.

No Caminho de Santiago de Compostela, esta experiência da liberdade é relatada

com bastante intensidade pelos peregrinos. Trata-se de uma rota com ampla infraestrutura de apoio aos andarilhos, o que a torna muito segura e relativamente simples de fazê-la sem companhia. De poucos em poucos quilômetros, há albergues para hospedagem e restaurantes para alimentação. Há sempre, nestes locais, hospitaleiros dispostos a auxiliar as pessoas em questões de saúde, de equipamentos e de quaisquer outras necessidades existentes. A Espanha, por sua vez, é um país bastante protegido e proporciona uma mobilidade segura em qualquer lugar das cidades e das estradas a qualquer hora do dia e da noite. Existe também um amplo apoio oficial por parte dos Governos regionais e locais em prol das melhores condições possíveis na rota de peregrinação. Todo este contexto proporciona aos caminhantes muita liberdade, possibilitando-os a realização da viagem de forma solitária. A maior parte das pessoas escolhe mesmo caminhar sozinho, embora desfrutem em diversos momentos de companhias ao longo dos dias nas trilhas e nas rodas de conversas pela noite.

O senhor argentino Alberto Diaz fez uma interessante reflexão sobre o caminhar e a liberdade. Ele me disse que já havia tido conversas profundas com mais de uma dezenas de pessoas durante os vinte e poucos dias que já estava caminhando. Ele notou que cada um tem sua própria velocidade de acordo com as possibilidades de seu corpo-mente e pelas metas pessoais de quilometragem diária. Seja por empatia ou por uma equiparação momentânea dos ritmos das passadas, as pessoas fazem amizades e caminham lado a lado por longas horas ou até mesmo por muitos dias. Contudo, devido às mencionadas facilidades da infraestrutura, cada caminhante faz o seu próprio ritmo no Caminho. Enquanto jovens atletas percorrem apressadamente quarenta quilômetros diários, idosos andam serenamente dez. Esta escolha autônoma da distância caminhada é uma primeira grande liberdade. Alberto ressaltou ainda o quanto achava prazeroso escolher a cada dia que horas acordava, o que comia, com quem conversava, quando parava para descansar e o que cantarolava pelas estradas. Seus dias eram sempre um desfrutar sem grandes preocupações com o tempo, com as roupas e com o penteado do cabelo. Segundo ele, poucas vezes em sua vida havia sentido a liberdade com tanta intensidade. Em suas palavras: “es maravillosa la sensación de libertad de estar en un hermoso sendero, tener el cuerpo dispuesto a caminar y llevar todo lo que necesita para sobrevivir en una pequeña mochila en la espalda”.

No capítulo anterior, debatemos a experiência com o Silêncio, seja por meio da meditação, de práticas contemplativas, do caminhar ou de infinitas outras formas. No início

deste capítulo até o presente momento, refletimos sobre a possibilidade de fluir com o entorno como artista da vida, como quem descobriu caminhos para entregar seus potenciais de forma criativa. Entretanto, para além da experiência do Silêncio, o que mais poderia ser acrescentado sobre as possibilidades de como tornar-se este artista que utiliza o próprio corpo-no-mundo como meio de sua arte? É exatamente na busca por estas possibilidades que acreditamos que a viagem 'interior', de Naranjo (2013), podem nos auxiliar em uma compreensão mais aprofundada. Segundo ele, a aventura humana pode ser comparada ao amadurecimento das borboletas, desde sua fase larval até o momento em que pode voar pelo mundo. A maioria das pessoas está em uma infância psicológica, de forma semelhante à larva. Contudo, é possível por meio de uma viagem 'interior' criar lindas asas para tornarmos-nos seres humanos plenos, como artistas da vida. Neste caminho de autoconhecimento, é necessário fazer transparecer nossas maiores dificuldades e aprender a lidar com nossos dragões 'interiores' para possibilitar o florescer do nosso potencial.

Ao refletir sobre esta viagem e suas fases, não intencionamos defender a idéia de que suas etapas sejam passos obrigatórios e devam ser sempre realizadas em uma mesma ordem, como se formassem uma fórmula ou uma receita. Contudo, vale dizer que se aceitarmos esta metáfora da borboleta de Naranjo (2013), teríamos que compreender a necessidade também pela passagem por cada etapa, desde o ovo, passando pela larva, até conquistar a possibilidade de voar livremente. Entendemos, por exemplo, que não seria mesmo possível transformar-se em artista da vida sem enfrentar seus próprios medos, angústias e raivas. Em suma, apesar de não tomarmos a viagem 'interior' como uma verdade universal ou um caminho único, compreendemos que ela pode nos auxiliar em uma aproximação desta possível missão humana que é a arte de viver.

Em uma primeira fase de sua viagem, a pessoa encontra-se em meio ao cotidiano, vivendo a rotina que sedimentou pouco a pouco, imerso nas relações corriqueiras, nos problemas comuns e nas alegrias fugazes. O primeiro passo da viagem é quando acontece o chamado para uma aventura. No caso de Shakiamuni, o Buda histórico, foi a sua sensibilização para com o sofrimento e a morte. Em um conto de fadas, poderia ser o roubo de um item sagrado do castelo. No entanto, na vida comum, poderia ser uma doença, um novo emprego ou uma relação amorosa rompida. Naranjo (2013) sugere que muitas destas viagens começam com a necessidade de cura de um sofrimento muito grande:

La necesidad de remediar el propio sufrimiento emocional constituye la primera etapa en un proceso de despertar espiritual; pues aunque algunas personas quedan satisfechas con la superación de su

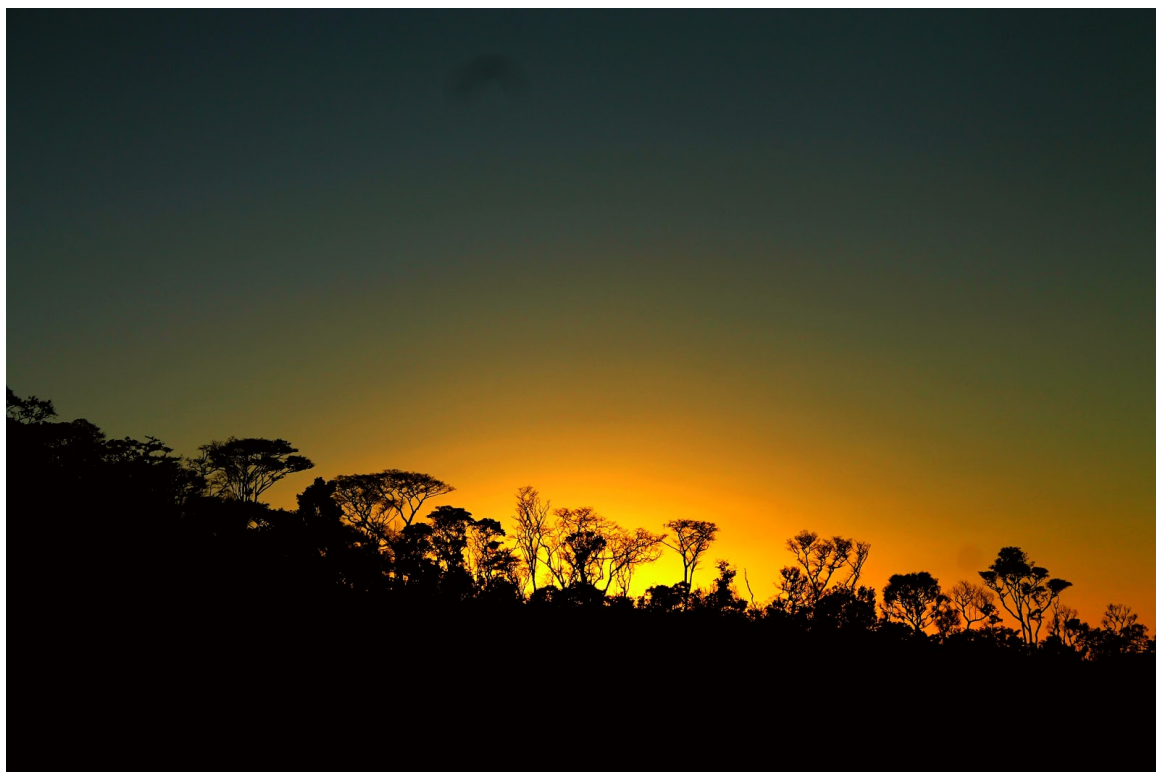
sufrimiento, otras descubren tras ellos un horizonte mayor, y sienten que su viaje interior continúa (NARANJO, 2013, p.176).

Jocimary, minha esposa, descobriu há alguns anos atrás que teria que retirar o útero cirurgicamente, impossibilitando-a de ter filhos biológicos. Em princípio, a notícia a deixou entristecida por sua vocação e vontade para a maternidade. Para ela, contudo, este sofrimento foi um grande chamado da vida. Felizmente, ela o aceitou. Posteriormente, em comum acordo, nós desenvolvemos o sonho de fazer a gestação de filhos por adoção, o que aconteceu nos anos seguintes. Nossos filhos chegaram em nossa casa aos seis anos de idade e, a partir daí, começamos um árduo processo de formação de uma família. Devido aos descuidos da vida, eles apresentavam muitas carências afetivas e desequilíbrios emocionais. Nós, enquanto pais, achávamos pretensiosamente que poderíamos curá-los serenamente a partir do amor e do cuidado. Entretanto, em poucos meses, nós nos diagnosticamos doentes também. Estávamos todos emocionalmente abalados, passando por muitas dificuldades. Buscamos todo tipo de ajuda de profissionais diferentes como psicólogos, pedagogos e grupos de famílias adotivas que compartilham experiências. Chegamos perto do limiar da insanidade. Neste processo, nossos 'dragões internos', medos, angústias, raivas, vaidades e ansiedades vieram à tona e tomaram conta de nossa existência. A impressão é que tudo que tentávamos esconder em termos de dificuldades psicológicas de toda a vida agora havia emergido. Entretanto, apesar de todos os erros cometidos, reafirmávamos diariamente nosso compromisso de fazer dar certo, independente das turbulências enfrentadas. Pouco a pouco, nos abrimos ao aprendizado e ao diálogo para buscar o fortalecimento do vínculo familiar a partir da vivência de experiências profundas. A realização do Caminho teve, portanto, para nós, também este intuito da cura. Durante esta travessia, os conflitos familiares se intensificaram pelas dificuldades e exigências do caminhar. Contudo, Jocimary reiterava diariamente a importância daqueles passos a Santiago em direção ao fortalecimento do vínculo familiar e do equilíbrio do corpo-mente-família.

A opção pelo doutorado sanduiche de um ano na Espanha foi também para, além dos objetivos investigativos desta pesquisa, este fortalecimento da família. O objetivo era viver em outro país, com idioma, comida e clima diferentes para que o 'navegar em águas desconhecidas' proporcionasse aventuras e experiências transformadoras, fortalecendo nosso vínculo gradualmente. Nossa adaptação foi muito difícil e, nos primeiros três meses, tivemos muitas dificuldades, mesmo com todo o apoio, cuidado e carinho da professora coordenadora Araceli Serantes. Os meninos precisaram se adaptar em novas escolas e aprender novos idiomas. Eu enfrentei meus obstáculos epistemológicos e minha nova rotina

na Universidade da Coruña. Jocimary teve dificuldades com a língua, mas logo começou a se dedicar ao seu aprendizado, além dos cuidados da casa. Sua rotina era muito cansativa. Mesmo nos momentos mais difíceis, ela sempre utilizou de sua maturidade emocional para liderar nossa família. Apesar de não ter o costume de fazer longas travessias, ela também aceitou o desafio de percorrer o Caminho como mais uma etapa da cura da família e do fortalecimento do nosso vínculo. Caminhar por trinta dias ao longo dos quinhentos quilômetros foram dedicados também a este nobre objetivo. Na primeira semana, ela teve bolhas nos pés e sentiu muitas dores. Nos últimos dez dias, já nas montanhas da Galícia, seu joelho inflamou e passou a mancar enquanto andava. Mesmo assim, liderou a família pelas trilhas, sendo o 'arrimo' emocional e o elo principal entre nós quatro. Em nossa interpretação, Jocimary aceitou este chamado da vida para a maternidade por adoção e deu um passo em direção a arte de viver, o que significou a superação de um sofrimento que poderia lhe acompanhar por toda sua vida. Seguramente, caminhar pelas paisagens espanholas foi um episódio marcante nesta sua jornada.

Figura 40. Árvores em silhueta



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Mais cedo ou mais tarde, todos recebemos estes chamados. No entanto, a grande massa de humanos dá preferência aos caminhos menos árduos, negando a viagem e

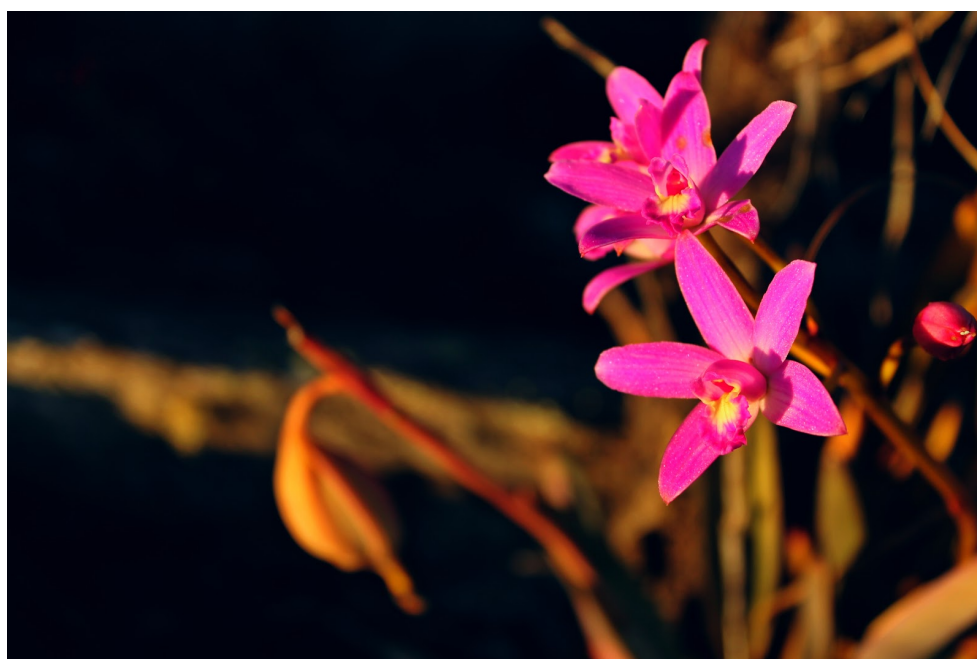
permanecendo em uma espécie de infância psicológica. Naranjo (2013, p.75) recorre à explicação de Freud sobre o superego, que, ao representar a parte moral da psique e os valores da sociedade, domina fortemente nossa natureza instintiva. Nas palavras deste autor, “lo ideal sería una integración de instinto e cultura, y no un antagonismo interior [...], pero la cultura nos educa y domestica hasta convertirnos en súbditos de [...] un implícito perseguidor”. Em nome do que a cultura possa considerar como sanidade, as pessoas preferem não arriscar um rompimento com seu cotidiano.

Assim como minha esposa, acredito que eu tenha aceitado até então alguns importantes chamados da vida, que estão me dando a oportunidade de conhecer minhas dimensões escuras. A experiência do Caminho me ajudou a tornar mais transparentes estas minhas ‘sombras’. Diferentemente das Lubrinas, que são geralmente muito prazerosas e re-ligantes, a travessia à Santiago me apresentou importantes desafios ‘internos’. Ao longo dos últimos anos, a responsabilidade da paternidade havia ‘pesado sobre meus ombros’, principalmente nos momentos em que os problemas pareciam maiores do que minhas capacidades de resolvê-los. Durante o Caminho, conduzir conjuntamente a família com minha esposa se tornou um árduo trabalho. Além de caminhar e me concentrar em meu próprio corpo-mente, eu precisava liderar os meninos pela rotina de cada dia, acordando-os antes do amanhecer, preparando café da manhã e arrumando suas bicicletas. Ao longo do dia, era preciso muito energia para mostrar-lhes os limites e o respeito às regras. Em geral, estas dificuldades simbolizaram para mim o grande desafio de ser pai, missão que ainda estava assimilando lentamente, mesmo depois de mais de três anos do início da paternidade. Meus medos, inseguranças, vaidades e ansiedades brotaram em forma de raiva e impaciência. Caminhando, esbravejei aos quatro cantos, como se estivesse deixando fluir ‘o fogo dos meus dragões’. A sola dos meus pés doíam como nunca e, por vários momentos, tive de parar por causa destas fortes dores. Por outro lado, vivenciei muitos momentos de alegria e prazer com a família e os amigos. Como disse Guimarães Rosa (1956), ‘felicidade se acha em horinhas de descuido’. Cantamos juntos na mata, apostamos corrida de bicicleta, rimos uns dos outros e nos divertimos muito. Entretanto, o Camino foi uma espécie de terapia intensiva para mim e para a família. Foi um tratamento emocional importante, até culminar no episódio do último dia em que chorei compulsivamente à beira de um riacho. Por um lado, era um choro catártico que me ajudou a colocar para ‘fora’ sofrimentos e cansaços. Por outro, as lágrimas eram de pura alegria pela beleza da experiência vivida. Cheguei à conclusão que estávamos conseguindo selar nossos vínculos familiares. Eu havia conseguido o que buscava na caminhada. Desta



experiência, brotou uma segurança inabalável de que formaríamos uma família e seguiríamos unidos, apesar dos pesares. Não acho, no entanto, que eu tenha domesticado meus 'dragões', mas apenas os apaziguados um pouco, principalmente pelo fato de assumir a paternidade com maior segurança e serenidade.

Figura 41. Flores ao Sol



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Naranjo (2013) se refere à viagem 'interior' também como uma viagem da alma, em que, a partir de experiências comuns, é possível vivenciar experiências profundas para conquistar compreensões mais amplas da realidade e do potencial humano.

Así, la creencia en la posibilidad de lo que se sale de lo común es muy importante para ampliar o abrir el horizonte de la mente; o, dicho de otra manera, es muy importante ser tolerante respecto a las experiencias desacostumbradas si queremos que nos ocurran esas experiencias interiores que son la fuente de todos los mitos (NARANJO, 2013, p. 170).

Se por um lado, muitas pessoas não conseguem nem mesmo iniciar a viagem aceitando os chamados da vida, por outro, muito poucos experimentam a iluminação. No entanto, existe muita gente que, de uma forma ou de outra, se encontra em meio à aventura, lidando com o desconhecido, enfrentando seus 'dragões', almejando a potencialização de suas capacidades. Esta viagem, portanto, pode ser interpretada como uma possível missão humana na Terra. Mesma que a iluminação não seja atingida por muitos, ainda sim o fluir em meio ao mundo, por meio da aventura do autoconhecimento,

transformando o 'dentro' e o 'fora', está disponível para a todos. Assim como disse Guimarães Rosa (1956), "quem escolheu a busca não pode recusar a travessia". A vida não é o ponto de chegada ou o ponto de partida, nem morte e nem nascimento, mas exatamente o que se passa neste entremeio. Em nossa interpretação, a vida pode ser esta travessia em busca da arte do viver e do despertar do potencial que há dentro de cada pessoa. Iluminar-se, portanto, não precisa necessariamente ser um objetivo de todos, mas acreditamos que tornar-se artista da vida pode e deve ser. Esta investigação se apresenta como mais um convite, dentre tantas possibilidades, para fluir com a vida por meio da criatividade singular de cada ser. Reiteramos, portanto, que o artista da vida não é o herói ou ser iluminado, mas alguém que aceitou os chamados e está fluindo em meio a sua jornada.

Compreendemos que as longas caminhadas representam para muitos caminhantes uma intensificação destes aprendizados em direção à arte de viver. Neste momento, trazemos mais um relato para ilustrar a relação das travessias a pé com a biografia dos caminhantes. Alberto Cantídeo é hoje acupunturista renomado internacionalmente, cujas conferências e cursos encantam pessoas em vários continentes. Depois de desistir do Curso Superior de Turismo no terceiro semestre, resolveu estudar massoterapia. Seu ato de coragem em mudar abruptamente de área o levou posteriormente a fazer seus primeiros cursos de acupuntura. Para que pudesse aprofundar conhecimento e exercer de forma reconhecida sua profissão, cursou fisioterapia. Logo depois, mudou-se para China, onde estudou a ciência das agulhas em importantes universidades locais, bem como estagiou com diversos médicos chineses. Durante sua estadia no oriente, trabalhou também na Índia em um centro de atendimento médico em uma favela. Ao todo, morou por cinco anos na China e, nos últimos dois anos, dedicou-se a um Mestrado em acupuntura e neurologia. Ele relatou que foram anos de intensos aprendizados, mas também de muitas dificuldades por causa da distância cultural, da dificuldade da língua e da solidão que sentiu. Falamos aqui, portanto, de alguém que seguramente não temeu romper o limiar do desconhecido e não recusou alguns chamados da vida. De certo, enfrentou muitos 'dragões', mas, enquanto se esforçou para conhecê-los e domesticá-los, fluiu com as possibilidades da vida em busca da arte de viver. Enquanto caminhante, assim como os companheiros, sente dores nos ombros, reclama das subidas, carrega as panelas do grupo, bebe cachaça pelas noites e se sente maravilhado com as belezas da paisagem. Alberto é uma pessoa comum, com medos, incompletudes, raivas, angústias e vaidades, mas é também alguém que não recusou a travessia. Para ele, as caminhadas são plenas de significados e contribuem com suas

escolhas diante da vida. Elas são formas de desaceleração da vida cotidiana, mas também uma aproximação com sua essência. Atravessar as paisagens com um mochila pesada lhe exige uma Presença do mente-corpo em cada momento singular. As travessias lhe proporcionam tempo consigo mesmo, renovando sua clareza sobre os caminhos de sua existência.

Quiero decir que, andando, uno va en busca de sí mismo, como si se tratara de reencontrarse, de liberarse de las viejas alienaciones para reconquistar un yo auténtico, una identidad perdida (GROS, 2014, p. 11).

Nosso intuito aqui ao refletir sobre a viagem 'interior' é, portanto, como forma de inspiração para interpretarmos as travessias como experiências intensas que possibilitam o avançar nesta viagem de autoconhecimento. Reiteramos que ao caminhar pelas paisagens, seja nas montanhas verdes da Galícia ou na aridez da *meseta* espanhola, é necessário estar presente, de corpo-mente, no aqui e agora. É preciso prestar atenção em cada passo, auxiliando os músculos por meio dos pensamentos. Quanto maior for esta Presença, maior o tempo em que o caminhante passa em sua própria companhia. O resultado de tanto tempo dedicado a si mesmo, em meio ao caminhar, é o autoconhecimento. Ao longo dos dias e das semanas, emergem alguns 'dragões' internos, seja pela dor física, pelas dificuldades da caminhada, pela vivência do Silêncio ou pelas reflexões. Na medida em que estas experiências se aprofundam, o caminhante tem a possibilidade de intensificar sua viagem 'interior'.

A travessia de Riobaldo pelo grande sertão, que tanto nos inspirou, também poderia ser interpretada como uma viagem 'interior'. E neste caso, não se trata de uma curta caminhada, mas um longa jornada de vida pelos sertões e veredas. Diversas outras interpretações já foram realizadas sobre esta obra de Guimarães Rosa. Dentre elas, Serra (2006) buscou refletir, por meio da psicologia junguiana, que a utilização das estruturas mitológicas e dos arquétipos do inconsciente coletivo tiveram como consequência levar a mensagem do crescimento psicológico diretamente ao subconsciente do leitor. Esta autora procurou demonstrar que, "utilizando o sistema psicológico e a terminologia de Jung, o romance roseano poderia ser comparado a um mito do descobrimento de si (SERRA, 2006, p.70)". Ela, no entanto, ressalta que esta obra, por toda sua riqueza literária e profundidade humana, oferece ainda diversas possibilidades de interpretação:

A travessia de Riobaldo poderia também ser encarada como uma viagem iniciática, que, por sua vez, seria a interpretação metafísica da viagem geográfica de um herói épico. Tomando o exemplo clássico de Ulisses na *Odisséia*, de Homero, vemos que a sua

“viagem” é o desenvolver-se como ser humano; o encontrar e aceitar o sofrimento; o perseverar em alcançar seus nobres objetivos, mesmo que para isso leve dez anos. Ao término da jornada épica, [...] o encontro com o objeto da busca inicial [...] que simboliza o estado do homem que atingiu a sabedoria, ou seja, aquele que conseguiu encontrar a plenitude psíquica.

A educação da sociedade do progresso não privilegia em suas práticas o autoconhecimento, o diálogo com o Silêncio e muito menos ainda prevê como possibilidade que as pessoas se tornem criativamente artistas da vida. Para engajá-los na busca incessante pelo desenvolvimento, cujas funções será um eterno apertar de parafusos, é necessário que eles conheçam muito pouco deles mesmos. Por isso, a repetição de conhecimentos e o excesso de conteúdo são prioridades. Quanto mais tempo uma pessoa passar ‘longe’ de si mesmo, menos ele desconfiará de seu potencial ‘interior’. Se lhe fosse dado o incentivo para percorrer sua viagem da alma, ele descobriria seus talentos e suas inteligências. Brotaria também muita poesia e muita melodia, para que pudesse preencher o mundo de beleza, além de produtos industriais. Por isso, esta pedagogia da ideologia do progresso não ensina sabedoria e não se interessa pela ‘viagem interior’. Nas palavras de Naranjo (2013, p. 166), “sabiduría es algo que entendemos poco, y que no se enseña en nuestras escuelas o universidades”. Ele explica que, na cultura tibetana, sabedoria é uma compreensão profunda do que somos, que também coincide com uma percepção não racional do que está por trás de todas as coisas.

La sabiduría no consiste, naturalmente, en saber muchas cosas, sino una comprensión vivida de ciertas verdades profundas acerca de la vida que, una vez comprendidas, nos llevan a vivir de una manera diferente, menos apegada a las pasiones o necesidades egoicas que caracterizan las motivaciones ordinarias de las personas (NARANJO, 2013, P. 166).

A primeira música a fazer sucesso e a lançar nacionalmente o músico Milton Nascimento foi ‘Travessia’, em 1969. Segundo o próprio compositor, foi composta sob a inspiração da leitura de Grande Sertão, cuja palavra final da obra é travessia. Também em busca de sua viagem ‘interior’, o músico, mineiro assim como Guimarães Rosa, compôs outras músicas sobre sua busca existencial como é o caso de ‘Nos bailes da vida’, que fala sobre a necessidade do artista aceitar a aventura de levar a sua arte onde o povo está. E para concluir este capítulo, trazemos aqui uma outra inspiração importante de nossa investigação, que é uma música composta por Luiz Carlos Sá e Sérgio Magrão, mas também imortalizada pela interpretação de Milton Nascimento. A canção ‘Caçador de Mim’ é uma linda homenagem à viagem ‘interior’ que desafia a todos os artistas da vida.

Fotografia 42. Luz-caminhante



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

“Por tanto amor, por tanta emoção  
 A vida me fez assim  
 Doce ou atroz, manso ou feroz  
 Eu, caçador de mim  
 Preso a canções  
 Entregue a paixões que nunca  
 Tiveram fim  
 Vou me encontrar longe do meu lugar  
 Eu, caçador de mim  
  
 Nada a temer  
 Senão o correr da luta  
 Nada a fazer  
 Senão esquecer o medo  
 Abrir o peito à força  
 Numa procura  
 Fugir às armadilhas da mata escura  
 Longe se vai sonhando demais  
 Mas onde se chega assim  
 Vou descobrir o que me faz sentir  
 Eu, caçador de mim”

Caçador de Mim - por: Luiz Carlos Sá e Sérgio Magrão

Fotografia 43. Caminhante-flor



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

## CAPÍTULO 7

### O que as travessias ensinam

Todo saber se instala  
nos horizontes abertos  
pela percepção.

Merleau-Ponty

Figura 44. Caminhante na Campina.



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

Os diálogos e debates realizados até este momento apontam aprendizados e experiências que transformam os caminhantes. As longas travessias a pé têm mesmo muito a ensinar aos que estão dispostos a colocar o pé na estrada e também àqueles que se interessam pelo retorno fenomenológico da educação no mundo. Em cada um dos capítulos anteriores, debatemos os aprendizados que interpretamos como centrais das travessias e agora temos condições de apresentá-los de forma sistematizada e sucinta. Neste capítulo, buscamos realizar o entrelaçamento dos diálogos mais importantes que fizemos até o momento entre as experiências das caminhadas e as teorias que nos inspiraram.

Em um cenário de crise civilizatória, de grandes desequilíbrios sociais e ambientais, as pessoas também estão enfrentando uma crise existencial. A falência da religião secreta (FROMM, 1960) ligada às sociedades do progresso está deixando um vazio no 'interior' dos humanos, enfraquecendo assim suas energias vitais que criam e recriam as sociedades. Estas crises afetam também a educação para o progresso, que é consequência, mas também é causa destes desequilíbrios na medida em que busca formar seres que devem repetir, obedecer e competir em prol da produção e do consumo excessivo de bens. Diante deste contexto, o caminhar representa uma ruptura com o progresso, ao mesmo tempo em que ensina a Presença e o Silêncio meditativo, gerando aprendizados sobre a intuição e a criatividade. Esta experiência de re-ligação entre o corpo-mente-paisagem, o caminho-caminhante, bem como entre o eu-outro-mundo gera aprendizados 'internos-externos' capazes de metamorfosear a carne do andarilho, bem como a carne do mundo. É por isso que acreditamos que as travessias podem apresentar uma poderosa educação ambiental do caminhar, pois é capaz de ressignificar as vidas, mostrando novas possibilidades existenciais, que movimentam as energias vitais em direção à criação e recriação de novas sociedades. De fato, as longas caminhadas já realizam estas transformações desde que o humano é humano. Estamos aqui apenas jogando uma nova luz sobre elas, trazendo novos pontos de vistas pedagógicos e filosóficos. O nosso sonho é que esta educação do caminhar, em conjunto com muitas outras que avançam nesta mesma direção, possam contribuir para o estabelecimento de uma ética global sustentável, assim como para a construção de sociedades sustentáveis.

Foi a compreensão da riqueza dessas experiências que nos inspirou a debater as travessias por meio desta nossa autobiografia do caminhar. Eu disse no capítulo sobre minha Biografia Ecológica que esta tese é uma costura fenomenológica de experiências relevantes de minha história de vida, como se ela fosse um colcha de retalhos multicolorida,



fruto da união de passagens que, em princípio, pareciam desconexas. Entretanto, ao chegar neste ponto da investigação, me parece muito intrigante a suavidade com com os pontos se conectaram, como se fossem cuidadosamente destinados a este fim. A colcha agora pode ser tecida por completo.

Contudo, sinto-me agora diante deste mistério que intriga a maioria das pessoas: qual seria a linha divisória entre o livre-arbítrio e o destino? Por uma perspectiva com tendências racionalistas, a impressão é que minhas escolhas mais importantes como me tornar professor, utilizar as viagens como 'escolas' e buscar a ciência como um dos caminhos para dar vazão à curiosidade e à criatividade foram as mais livres possíveis. Neste caso, haveria uma predominância do arbítrio sobre o destino. Por outro lado, sinto que muito do que sou é fruto da sociedade, de minha família e de tendências misteriosas de minha alma. Enquanto meus pais me ensinaram o valor das experiências, dos aprendizados e das viagens, a sociedade contribuiu para propiciá-las. A vivência do Silêncio ensinou-me - e ainda o faz - a ouvir minha intuição, que foi preponderante para as grandes decisões de minha vida até então. Hoje, ao redigir este capítulo que é a costura da colcha, sinto que sou fruto da tensão entre o livre-arbítrio e o destino. Me sinto um aprendiz da arte de viver e acredito que esta investigação é resultado tanto de decisões quanto de um certo acaso misterioso. Aprendi muito com o árduo cotidiano de pesquisador e com minhas orientadoras, fundamentais na construção dialógica desta investigação. Também aprendi com meus colegas, suas pesquisas e os projetos que fizemos juntos, bem como com meus familiares e amigos de travessia. Se esta tese pode ser, portanto, uma colcha de retalhos de minha biografia, este capítulo se apresenta como o momento de costura e arremate destes retalhos.

Por detrás das longas caminhadas, subjaz a nossa educação ambiental do caminhar. Dissemos anteriormente que toda experiência é potencialmente educadora porque as pessoas aprendem umas com as outras, sempre situadas em um contexto histórico e imersos na paisagem. Assim, as ruas, os templos, as esquinas, as associações e as festas são todos espaços de aprendizado (BRANDÃO, 2005). Da mesma forma, as caminhadas também propiciam muitos ensinamentos proporcionados pelas suas experiências intensas. Por meio desta tese, compreendemos, portanto, que permeiam estas vivências intensas processos relevantes de educação e transformação de quem se dedica ao caminhar.

O nosso objetivo de pesquisa foi interpretar as experiências e os aprendizados das

longas travessias, em dois territórios: a) Na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, Brasil; e b) no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. Por meio de um método fenomenológico em diálogo com as contribuições filosóficas e científicas, buscamos colaborar com o campo da educação, ao propor aqui esta educação ambiental do caminhar. Esta é, portanto, a nossa contribuição à ciência, à educação, aos caminhantes e aos demais interessados. Sabemos, no entanto, da incompletude desta investigação, dada a profundidade dos temas aqui debatidos. Reconhecemos que ainda há pontas soltas nesta colcha de retalhos, que devem servir de abertura ao diálogo, às novas contribuições e aos aprofundamentos posteriores. Ainda mais importante, reconhecemos nossa incompletude e nossa infinita abertura em direção à vocação de Ser Mais. De fato, aprendemos imensamente com esta pesquisa e, ao mesmo, continuamos abertos ao devir.

Figura 45. Rumando



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

Podemos agora avançar no diálogo em busca das costuras desta colcha. A educação ambiental do caminhar, por meio de uma leitura problematizada de mundo, se insere neste contexto de crises nas mais variadas áreas da vida humana. Compreendemos que há uma crise civilizatória ligada ao modelo de desenvolvimento das sociedades do progresso. Em busca do crescimento econômico e material acima de tudo, nossa civilização se encontra numa encruzilhada. Para além das graves injustiças sociais, dos desequilíbrios ambientais, da crise da democracia, há também uma crise existencial (FROMM, 1960, 1993;

MERTON, 1993, 2006, 2007; NARANJO, 2013), fruto de um afastamento que as pessoas estão vivenciando delas mesmas, bem como das vontades profundas de suas almas. O trabalho de Curado (2015) sobre a experiência em Merleau-Ponty e o sentido da educação nos auxiliou a compreender esta dimensão da crise, bem como sua relação com a educação. Em suas palavras:

Essa ausência de contato consigo mesmo só pode significar, numa perspectiva merleau-pontyana, o abandono do corpo próprio e, por conseguinte, das nossas experiências genuínas. Se desde tenra idade somos submetidos a um processo disciplinar que nos impede de nos expressarmos, de dialogarmos genuinamente uns com os outros e de questionarmos o que nos cerca, isto só pode ocorrer à custa da nossa percepção, das nossas falas primeiras e da possibilidade de desenvolvermos o potencial enquanto seres que falam, pensam e criam (CURADO, 2015, p. 118).

Há também uma crise na educação para o progresso. Entretanto, ao aprofundarmos este debate, compreendemos que esta educação não somente sofre as consequências da crise civilizatória, mas é também causadora relevante desta encruzilhada, na medida em que seu objetivo principal é a formação de pessoas obedientes e reprodutoras de ordens e procedimentos para o trabalho repetitivo do tipo industrial. Em outras palavras, ela busca formar principalmente mão de obra qualificada e consumidores. E como consequência disso, as outras dimensões humanas como a cidadania, a criatividade, a colaboração e muitas outras são subvalorizadas e preteridas. Reiteramos também que esta corrente da educação não está presente somente na educação formal, mas permeia o cinema, a publicidade, os governos e o discurso empresarial. É diante deste contexto que reafirmamos nosso compromisso como investigadores e educadores em busca de pedagogias alternativas que sejam resistência à opressão dessas sociedades do progresso. Neste ponto, estamos em concordância com as aspirações de Carvalho e Mhule (2016) e buscamos interpretar as travessias como possibilidades educativas que promovam um rompimento com o excesso de atividades em prol da desaceleração e da abertura à experiência no mundo.

A obra de Fromm (1960; 1993) apresenta um debate aprofundado sobre a crise existencial, o embotamento da vida e a falência da religião secreta hegemônica oriunda da ideologia do progresso. Em concordância com este prisma sobre a realidade, Susuki (1960) propõe o termo artista da vida, que foi escolhido por nós por apresentar a indissociabilidade entre o pré-reflexivo e o reflexivo, entre a mente-corpo, bem como a importância da vivência do Silêncio. Gostamos deste termo, pois a criatividade é um sinal importante do florescimento do potencial humano e pode ser observado com relativa facilidade na vida e no cotidiano das pessoas. Acreditamos que as longas caminhadas contribuem para a

conquista desta arte do viver e, por isso, assumimos este horizonte como uma das possíveis missões humanas. Foi neste sentido que relatamos brevemente as biografias dos caminhantes Rodrigo Azevedo e Alberto Cantídio, que demonstram criatividade e coragem na busca dos seus sonhos e intuições.

Ao longo desta pesquisa, apresentamos e debatemos as experiências e os aprendizados que nos pareceram mais relevantes das longas caminhadas. Durante todo o processo investigativo, identificamos algumas características centrais da educação ambiental do caminhar. Algumas delas são mais epistemológicas, sendo relativas aos diálogos que nos inspiraram entre a ciência e a filosofia. Outras são mais praxiológicas e se referem às vivências metodológicas e caminhos possíveis. Por fim, há ainda as que são axiomáticas, pois incorporam nossos valores, nossa postura ética, bem como nossos posicionamentos diante da vida, das pessoas, dos seres e do planeta (PASSOS; SATO, 2002). O **rompimento com o cotidiano da sociedade do progresso** e a **desaceleração** gradual que o caminhante experimenta em seus primeiros dias são exemplos destas características. Compreendemos que estes movimentos são formas de ruptura com as opressões do desenvolvimento e só podemos chegar a esta compreensão por meio de uma leitura crítica e **problematizadora** do mundo que nos cerca. Ao longo dos dias e das semanas, o caminhar passa a ensinar a **atenção plena**, pois é uma exigência da interação do corpo-mente com a paisagem. É neste sentido que as caminhadas podem ser compreendidas como experiências meditativas. Este gradual aprofundamento da **Presença** gera um diálogo com o **Silêncio**, que faz com que o caminhante empreenda também uma viagem 'interna'. Esta observação 'interior' faz transparecer **sombras** e 'dragões' dos caminhantes, bem como faz brotar **intuição e criatividade**. As subidas de serra, as chuvas, as dores no corpo, as amizades intensas e a beleza das cidades, quando percebidas por um lento movimento, aumentam nosso senso de re-ligação, gerando uma compreensão mais profunda da interdependência do **corpo-mente** e do **eu-outro-mundo**. A viagem não é, portanto, apenas 'interior', mas entrelaça sutilmente o 'externo' e o 'interno', gerando aprendizados que, em nossa compreensão, dialogam com a educação ambiental politizada. Caminhar por centenas de quilômetros exige, por exemplo, muito **autonomia**, pois é preciso acordar, faça sol ou faça chuva, para atravessar vales, planícies e montanhas. Há também muita **colaboração** entre os caminhantes, que compreendem sua importância como pressuposto de seus relacionamentos, seja por segurança ou por solidariedade. Caminhar vinte quilômetros em um dia significa passar em média seis horas por dia em movimento nas trilhas e estradas. Por isso, o **diálogo** com outros caminhantes e com as pessoas da região

é muito intenso. Por fim, depois de uma imersão tão intensa no mundo, o caminhante passa por transformações profundas e, em muitos casos, encontram novos **sentidos existenciais** para suas vidas.

Foi por meio da fenomenologia que tivemos condições de compreender e interpretar as experiências e os aprendizados como fenômenos pedagógicos. Sato (2016) nos inspirou a ver o mundo por este prisma fenomenológico, convidando-nos ao direito à janela.

A fenomenologia interpreta sentidos polissêmicos, suscitando as relações entre os humanos, não humanos, coisas e natureza, sem que nada ou ninguém perca a singularidade dos sentidos. Isso não implica que somos seres isolados, pois somos seres conjugados no tecido social que pulsa na respiração planetária. Somos janelas do mundo, espelhos do cosmos: nossos olhares sempre são constituídos de bagagens históricas, experimentações, sensações e sentimentos (SATO, 2016, p.22).

Merleau-Ponty (1971; 2003) apontou a impossibilidade de delimitar de forma precisa as separações entre corpo e mente, bem como entre uma pessoa e o mundo que a cerca. Não há, por esta perspectiva fenomenológica, um corpo que contém pensamentos que dão sentido às coisas, assim como previa o intelectualismo do *cogito* cartesiano. De forma semelhante, não há também o sentido intrínseco nas coisas, independente das relações com as pessoas, assim como previa o empirismo. Não podemos falar, portanto, em sujeitos que pensam sobre objetos. Para Ponty, é preciso superar a separação que se deu em termos filosóficos e científicos entre o conhecimento e quem o produz. É neste sentido que se faz necessário o retorno aos fenômenos. Em suas palavras, a tarefa da fenomenologia consiste em “reencontrar a experiência irrefletida do mundo, para nela recolocar a atitude de verificação e as operações reflexivas (MERLEAU-PONTY, 1971, p.247). Foi com este intuito que relatamos, anteriormente, as nossas experiências com os andorinhões na cachoeira e com a cantoria das freiras no Caminho de Santiago, bem como trouxemos a passagem em que Rafael Deslandes teve sua barraca inundada de água por causa de uma tempestade no alto de serra.

A frase que abre este capítulo está entre as mais importantes inspirações filosóficas para esta investigação: “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção (MERLEAU-PONTY, 1971, p.214)”. Em outras palavras, o aprendizado é fruto direto das formas como percebemos o mundo. Uma coisa seria investigar as experiências dos caminhantes apenas por meio de leituras e de entrevistas. Entretanto, o nosso viés fenomenológico nos convidou a caminhar com eles e experimentar o que eles vivenciaram.

Este foi o nosso método para reaprender a olhar o mundo. É neste sentido que esta tese se insere nesta perspectiva fenomenológica do aprendizado ao ressaltar a importância da experiência direta do mundo. Curado (2015, p.22) nos auxilia nesta compreensão ao dizer que a educação, numa perspectiva merleau-pontyana, “engloba um saber e um fazer do que é vivido”.

Enquanto o corpo permanecia apenas como veículo de pensamentos no *cogito* cartesiano, agora, para Ponty, passa a ter uma centralidade, pois a percepção se dá sempre por um corpo-mente, engajado intencionalmente no mundo por meio do movimento, sempre posicionado no tempo, no espaço e na história. Nosso corpo é “comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas (MERLEAU-PONTY, 1971, p.162)”. Caminhar por horas, dias e semanas seguidas exige um engajamento completo do caminhante e não apenas suas reflexões intelectuais. As chuvas, as serras, as amizades, as dores e as pedras do caminho se tornam tatuagens em sua biografia. Eu, por exemplo, posso me lembrar de detalhes de cada um dos oito dias da primeira lubrina, realizada quatorze anos atrás. Se percebi e aprendi com tanta intensidade é porque meu corpo-mente estava imerso nos fenômenos.

O corpo, pois, abre espaço à experiência de ser e estar no mundo, sujeito percipiente que “não sabe” que sabe, mas que sente, vê e se movimenta, ou seja: que é simultaneamente ativo e passivo, sujeito que busca o sentido do que é vivido e que, na busca pela própria expressão, jamais poderia estar desligado de um mundo vivo, mas que também jamais poderia estar de posse de uma verdade absoluta (CURADO, 2015, p.116).

Nossa imbricação no mundo se dá não somente porque pensamos sobre o mundo, mas porque o percebemos. A percepção, é, desta forma, fundamental porque é “justamente este ato que cria de um só golpe, com a constelação dos dados, o sentido que os une (MERLEAU-PONTY, 1971, p.53)”. Esta percepção, portanto, molda nossa forma de existir no mundo, tornando indissociáveis as experiências pré-reflexivas e reflexivas. Assim, o corpo deixa de ser apenas um veículo para os pensamentos e passa a ser central para a fenomenologia da percepção. O retorno à percepção significa também o retorno ao mundo vivenciado. Para Curado (2015, p. 112), a experiência, na compreensão merleau-pontyana, é a de um “corpo vivo em um mundo vivido. A experiência, nesse sentido, adquire uma dimensão existencial.”

O eu, o outro e o mundo não estão separados, mas existem em constante coemergência de significados. A epiderme não é o que delimita a separação de nosso ser

em relação ao mundo. É neste sentido que a idéia de carne é fundamental para nossas interpretações. Na medida em que o cajado amplia a volumosidade do corpo e se torna parte do próprio caminhante, passamos a compreender melhor as sutis imbricações do ser no mundo e do mundo no ser. Para Merleau-Ponty (1971, p. 141), carne “consiste no enovelamento do visível sobre o corpo vidente, do tangível sobre o corpo tangente”. A trilha cheia de pedras soltas molda o caminhar do caminhante e estabelece um diálogo específico entre o corpo-mente-paisagem. Aquelas pedras se tornam, de uma forma sutil, parte do próprio corpo, assim como o caminhante e suas pegadas se tornam a própria paisagem.

El caminante siente la tierra bajo los pies, en contacto vivo con el camino - que se recorre con los sentidos abiertos y el cuerpo disponible, estableciendo una relación con los múltiples acontecimientos de su periplo, grabados ya en su memoria de forma indeleble (BRETON, 2015, p.115).

Por meio desta concepção de carne é possível chegar à compreensão de quiasma. Se a interioridade e a exterioridade, bem como o eu e o outro não podem ser considerados como separados ou separáveis é porque uma está entrelaçado à outra e formam uma unidade nas diferenças. Nas palavras de Ponty (2003, p.143), “Tudo se passa como se a dobradiça entre elas, sólida e inabalável, permanecesse irremediavelmente oculta para mim”. Foi como exemplificação deste enovelamento sutil entre o eu-outro-mundo que utilizamos o relato sobre o encontro com o lobo-guará. Naquele momento, eu me re-liguei ao animal ao vê-lo apenas por meio da reação admirada e espantada dos outros caminhantes. A noção de quiasma nos auxilia a compreender que as travessias são formas de retornar ao mundo em busca do aprendizado, pois re-ligam caminhante-caminho, bem corpo-mente-paisagem.

Figura 46. Caminhante no Entardecer



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

Foi também esta fenomenologia da percepção que nos inspirou a interpretar as travessias como aprendizados existenciais. Foi por meio da compreensão desta ontologia da carne que compreendemos como a intensidade das experiências das travessias proporcionam aos caminhantes a reinvenção de suas compreensões existências. Passos e Rezende (2015, p.5) nos auxiliam a compreender esta dimensão existencial que brota desta fenomenologia ao dizer que:

Somente confiro minha existência para além do sonho por minha localização espacial, que também concerne ao corpo do outro. Sem corpo nada sou. O corpo precede qualquer conhecimento.

Estas transformações de horizontes existenciais não foram somente narradas a nós pelos caminhantes, mas também sentida ao longo de centenas de quilômetros que percorremos com as mochilas nas costas. Esta constatação nos inquietou em busca dos porquês e das maneiras como acontecem estas transformações. A partir de nossa metodologia fenomenológica de imersão no fenômeno do caminhar, passamos a identificar os aprendizados destas travessias que consideramos mais significativos para estas novas possibilidades existenciais. Um destes é o rompimento com o cotidiano e a sociedade do progresso. Os primeiros passos, momentos e dias dos caminhantes representam uma transição entre pessoas apressadas em busca de metas em direção a seres cujo maior compromisso é o caminhar rumo à próxima montanha e ao seguinte vilarejo. O



planejamento de viagem para uma caminhada de um mês demanda a tomada de muitas decisões como programar as férias, conseguir alguém para dar comida aos animais, organizar a rotina dos familiares, comunicar aos amigos, fechar a residência, pagar as contas, comprar equipamentos, organizar a mochila, estudar os mapas, ler sobre a peregrinação à Santiago, agendar o transporte, entre muitas outras tarefas. Precedido por toda esta movimentação, o caminhante, nos primeiros dias, vivência momentos de ansiedade, alegria, insegurança e muita expectativa. As dúvidas são diversas: como será o comportamento do seu corpo-mente diante das horas de caminhada? Como organizar a mochila? Que horas começar e parar de andar? Será ele capaz de chegar à Santiago? Entretanto, o primeiro grande desafio já foi superado. Ele conseguiu romper, pelo menos por um tempo, com seu cotidiano apressado, cujo ritmo é ditado pela voracidade e insaciedade por produção e consumo das sociedades do progresso. Esta rotina engole a quase todos, transformando cidadãos em pessoas que executam tarefas e mais tarefas de forma automatizada, que, muitas vezes, não movimentam suas paixões e energias vitais diante da vida. Auxiliados pelas máquinas, a contemporaneidade faz com que abandonem seus corpos. Nas palavras de Merton (1993, p.16), “o automóvel como arma, como autopropaganda, como bordel, como meio de suicídio, etc. poderia levar-nos ao próprio cerne de todos os problemas americanos atuais”. Hoje em dia, estes problemas se globalizaram. Em concordância, Le Breton (2015, p.18) afirma que:

A pesar de los colapsos urbanos y las innumerables tragedias cotidianas que provoca, el coche es hoy el rey de nuestra vida diaria, y ha hecho del cuerpo algo superfluo para millones de nuestros contemporáneos.

As sociedades do progresso, cujo objetivo maior é o desenvolvimento econômico e material, entendem que devem crescer constantemente e indefinidamente sua produção de bens de consumo. Nesta direção, a ansiedade é fomentada por elas como uma forma de energia propulsora das pessoas, para que se mantenham em movimento em direção a metas cada vez maiores. O medo e a instabilidade também são utilizados como forma de tornar as pessoas passivas e engajadas em vidas comandadas pelo tempo industrial. O ócio, que já foi considerado um vício por muitos, se tornou uma poderosa e lucrativa indústria. A competição também é uma engrenagem importante desta sociedade e tanto a educação para o progresso quanto as empresas a estimulam prioritariamente. Atualmente, as pessoas estão tão cooptadas por esta lógica que, mesmo durante os finais de semana, quando podem descansar de um cotidiano competitivo, escolhem atividades de lazer e esportes competitivos para distrair. Ao invés de uma simples pedalada na natureza ou de um

banho na cachoeira, competem em corridas organizadas, preocupados com o ritmo, a velocidade, a navegação pelo mapa, a hidratação, a nutrição e os batimentos cardíacos. Dessa forma, muitas atividades prazerosas se tornaram também busca pelos resultados. É diante deste contexto que Le Breton (2015; 2016) afirma que o caminhar é uma forma de ruptura com o progresso, pois rompe com esta lógica da velocidade e do desenvolvimento econômico. Assim, atravessar paisagens, por semanas seguidas, conhecendo pessoas, descansando sob as árvores, experimentando novos sabores, pode ser interpretado pela ideologia do progresso como um ato de rebeldia. Em outras palavras, seria uma forma de estar no mundo produzindo pouco resultado econômico. Este afastamento do cotidiano, que, além de veloz e competitivo, é também tomado pelo barulho, acaba por proporcionar uma experiência de interioridade.

El mundo resuena sin pausa a través de los instrumentos técnicos cuyo uso acompaña la vida personal o colectiva; la modernidad es el advenimiento del ruido, siempre hay un teléfono móvil sonando en algún sitio. El único silencio - provisional - que conocen nuestras sociedades es el de la avería, el fallo de la máquina, el fin de la transmisión; es un cese temporal de la tecnicidad más que la urgencia de una interioridad (LE BRETON, 2015, p.73).

É neste sentido que o Silêncio meditativo do caminhar também é uma forma de ruptura, assim como nos aponta este mesmo autor. Reiteramos aqui que não estamos falando sobre o silêncio como ausência de sons. Também não estamos mencionando o silêncio dos oprimidos, dos derrotados da história, dos invisibilizados pela sociedade e tampouco daqueles que detém pouco poder sobre sua própria vida (LE BRETON, 2016). Este nosso Silêncio é oriundo da meditação e do caminhar pelas paisagens, dentre muitas outras formas. Trata-se de uma maneira intensa de atenção plena, de Presença e de percepção do mundo. Tampouco não compreendemos a dedicação ao silenciar como uma forma de fuga do cotidiano, dos problemas e do mundo. Ele representa para nós um momento de intensa escuta 'interna' da intuição para que brote, nos outros espaços da vida, energias criativas e praxiológicas para a transformação da realidade. Merton, que dedicou parte de sua vida ao Silêncio e às suas implicações filosóficas e sociais, diz que:

Louvar a vida contemplativa não é rejeitar as demais formas de viver, mas buscar um alicerce sólido para todas as outras demandas humanas. Sem o silêncio e o recolhimento da vida interior, o homem perde o contato com as verdadeiras fontes de energia, clareza e paz (MERTON, 2007, p. 219).

As travessias, portanto, podem ser consideradas como formas de ruptura às opressões do desenvolvimento porque o vaguear é a principal atividade, mas também

porque este caminhar pelas paisagens proporciona este Silêncio oriundo da meditação. Caminhar por dias e semanas é, em nossa interpretação, uma longa prática meditativa. No decorrer desta investigação, passamos a compreender que a forma como o momento presente é por nós vivido tem influência direta nesta questão. Historicamente as pessoas caminham desde que o humano é humano. Os motivos são variados: enquanto alguns andam porque precisam se levantar da cama e ir ao trabalho, outros o fazem porque o caminhar lhes é de alguma forma prazeroso. Há, portanto, aqueles que apenas se locomovem de um lugar a outro por meio do movimento do corpo-mente. O andar, neste caso, é utilidade e apenas uma forma de chegar ao destino. O foco está na chegada e naquilo que será feito lá. Por outro lado, há momentos em que caminhamos para caminhar. Esta intencionalidade pode estar relacionada a uma prática desportiva não competitiva, a um passeio na praia, a uma peregrinação, a uma busca por sentidos ou até mesmo à contemplação. Dessa forma, não caminhamos para chegar a lugar algum. O que importa é o caminho e o momento presente, um passo após o outro, bem como tudo que pensamos, sentimos e vivemos por meio desta Presença. Entendemos que, mais cedo ou mais tarde, as longas caminhadas acabam nos ensinando esta sabedoria, mesmo aos mais ansiosos e competitivos.

Os caminhantes menos experientes e que se aventuraram pelas primeiras vezes na Lubrina deixaram transparecer uma ansiedade natural pelo chegar. Eles ainda desconheciam as dores, o equilíbrio da mochila, as posturas do corpo-mente, os momentos de descanso, os diferentes tipos de trilhas e os possíveis comportamentos depois de horas de caminhada e depois de dias de travessia. Naturalmente, surgiram inseguranças com relação ao desconhecido e a vontade de fazer dar certo se traduziu em vontade ansiosa de chegar. O conseguir nos parece, então, uma questão central para os inexperientes. Diego de Paula relatou que, em suas primeiras travessias, procurava andar sempre à frente do grupo, para manter sua autoconfiança. Nos momentos em que, por um motivo ou outro, ficava para trás, ele relatou certa ansiedade e insegurança. Na medida em que foi se tornando experiente, Diego passou a caminhar de forma mais ritmada. É exatamente este desafio inicial que faz com que eles caminhem ansiosamente, sem necessariamente manter um ritmo constante. A tendência é que eles sigam mais velozmente e parem por repetidas vezes, enquanto os experientes privilegiam caminhar por períodos mais longos, com paradas menos frequentes, mas também mais longas. O filósofo francês Frédéric Gros (2014), em seu livro sobre as relações entre o andar e a filosofia, relata uma passagem em que estava acompanhado de um amigo e foi ultrapassado por jovens aflitos. Seu amigo, à

época, tinha setenta e cinco anos, era bem magro e caminhava sempre muito erguido.

Llevábamos varios minutos subiendo por un sendero y sentíamos como una presión a nuestra espalda. Un grupo de jóvenes ruidosos que querían ir deprisa, adelantarnos, caminaban golpeando el suelo con fuerza, para poner de manifiesto su presencia. De modo que nos hicimos a un lado, dejando pasar a la pandilla alborotadora, presurosa, que nos lo agradeció con sonrisas orgullosas. Y entonces, mientras los miraba pasar deprisa, Mateo dijo: - Vaya, si camina tan rápido será que tienen miedo de no llegar! (GROS, 2014, p.39).

Ao refletir sobre a lentidão do caminhar, este autor sugere que não se trata do contrário da velocidade. “Es ante todo la extrema regularidad de los pasos, su uniformidad. Hasta el punto de que casi se diría que el buen caminante se desliza (GROS, 2014, p.40)”. Em seguida, ele descreve um novo encontro com o mesmo grupo de jovens, que quantificavam sua façanha em horas, como se estivessem em uma competição. Entretanto, o tempo percebido não é o mesmo do relógio mecânico. O andar apressado proporciona uma Presença menos intensa no aqui e agora por causa da ansiedade. Enquanto o grupo descansava e se preocupava com minutos, elevações e quilômetros, eles seguiram seu caminho, deslizando experientemente e prazerosamente serra acima.

O aprendizado deste ritmo e deste deslizar pelas paisagens acontece ao longo dos quilômetros e dos anos. Diego de Paula contou que, depois de algumas travessias de experiências, aquela ansiedade e insegurança cessaram ao ponto de poder voltar sua atenção ao seu corpo-mente na paisagem. Em suas palavras, “o resultado foi que toda a caminhada se tornou mais prazerosa”. A Presença lhe ensinou um caminhar mais suave e fluente, gerando menos desconfortos e fazendo com que sua integração fosse mais intensa com o entorno. A vantagem do ritmo é que o corpo-mente se aquece gradualmente e o movimento constante se torna cada vez mais fluente e demanda menos esforço. Toda parada proporciona um certo arrefecimento e pode causar maiores desconfortos. Entretanto, nestes momentos, é hora de descansar não só a mecânica corporal, mas também o mental. Pode se tornar muito difícil subir por trilhas íngremes, com clima seco e quente, mantendo a concentração em cada passo, por horas seguidas. As paradas mais longas servem de descanso deste nível de atenção e revigoram a intenção de seguir adiante prazerosamente. Ao longo dos anos, ele se tornou um dos caminhantes mais participativos em contribuir com a organização da comida ao longo dos dias. É muito importante um controle frequente dos alimentos para que não faltem nos últimos dias. Este tipo de dedicação já é fruto de experiência, pois a energia do caminhante não está direcionada apenas a arrumar seus equipamentos, se preocupar com as dores e conseguir chegar ao destino. Esta experiência

torna o caminhante mais sereno e gradualmente mais colaborativo com o grupo que faz parte. Na Lubrina, há muitas pessoas com experiência de muitos anos e os iniciantes podem sempre aprender com eles. No Caminho, presenciei o aprendizado das pessoas ao longo das semanas e como conseguiram acalmar sua ansiedade e uniformizar o seu ritmo de caminhada. Entretanto, depois de semanas na travessia, chegando à Santiago, observei pessoas que não tinham ainda conquistado este ensinamento. A experiência e o aprendizado, neste caso, talvez seja acessível somente ao longo dos anos de prática. Esta talvez seja uma das possíveis explicações para que tantas pessoas façam o Caminho por repetidas vezes.

Compreendemos que é um desafio transpor estes aprendizados das travessias para a vida cotidiana. Neste sentido, fazemos as seguintes reflexões: quantas pessoas que conhecemos vivem suas vidas para chegar e não para viver o momento? Quantos idosos, apesar de todas suas experiências, ainda são parcialmente dominados por sua ansiedade? Nas sociedades do progresso, onde predomina o humano apressado, a tendência natural é que as pessoas sejam muito ansiosas e tenham pouca capacidade de viver com atenção plena. Assim como refletiu Guimarães Rosa, “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. As longas caminhadas ensinam lentamente esta sabedoria, que é, por um lado, uma forma de resistência ao progresso, ao mesmo tempo que é uma cura para o adoecimento e o embotamento que esta sociedade nos proporciona.

Figura 47. Descanso na montanha



Fotografia: Resende-Duarte, 2018

Para aprofundar nossa compreensão sobre o termo Presença, nos apoiamos nas reflexões de Csikszentmihalyi (1998), que foi quem propôs sua grafia com 'P' maiúsculo. Este psicólogo nos ajudou a compreender a importância da escolha de estar presente, bem como a possibilidade de aprender tal capacidade em busca daquilo que chamamos aqui da arte de viver. Para ajudar a superar os males de uma vida apressada de atividades repetitivas e automatizadas, nos parece bastante relevante o desenvolvimento desta atenção plena. É neste ponto que passamos a nos interessar como investigadores pela meditação, que é uma prática intensa desta Presença. Foi assim que compreendemos que as longas caminhadas são também práticas meditativas. Neste sentido, a Lubrina pode ser interpretada como uma meditação de oito dias e o Caminho de trinta. O relato do banho gelado de cachoeira ao final do dia nos serviu aqui para mostrar como a maior parte das atividades de uma travessia exige esta Presença do caminhante. Viver cada atividade com intensidade não se trata exatamente de uma opção durante as caminhadas e é por isso que os menos experientes sofrem tanto com as ansiedades e com as dores. Com este mesmo intuito, relatamos a passagem pelo vale do travessão em que caminhamos por três dias pelo leito do riacho de pedras, com água muitas vezes até a cintura. Pensar em problemas do cotidiano, neste momento, seria um desperdício da tão necessária energia para contornar cuidadosamente cada obstáculo de pedra. Arriscamo-nos a afirmar que talvez este seja o principal aprendizado da educação ambiental do caminhar. É a partir dele que reaprendemos a olhar o mundo, a vivenciar o Silêncio, aprender com o outro e com a paisagem. Se Guimarães Rosa nos ensinou que 'in-felicidade' é mesmo uma questão de prefixo, as travessias nos ensinam que a Presença é importante para a vivência de cada momento com intensidade, dando-nos certa possibilidade de escolher entre manter ou retirar este prefixo. Caminhar por muitos dias é, portanto, uma experiência do Fluir e ensina esta Presença, uma condição relevante para a vivência de intensas experiências e de tão profundos aprendizados, que são consequências intrínsecas deste movimento do Ser no mundo, desta indissociabilidade entre caminhante-caminho e entre o eu-outro-mundo. Acreditamos, assim, que a Presença é fundamental para a arte de viver.

No início, o caminhante se desconecta do cotidiano, esquecendo-se dos dias da semana, da política, das contas a pagar e das crises. As dores na perna, o corpo-mente ativo na beleza da paisagem, os sabores das frutas e os longos diálogos cobram dele atenção plena, sobrando pouco espaço para questões do passado ou do futuro. Ao longo dos dias e das semanas, a Presença se aprofunda e intensifica um diálogo com o Silêncio

meditativo que, nas palavras de Le Breton (2015, p.76), proporciona “entonces un intenso sentimiento de existir y marca ese momento de desnudez”. Em outras palavras, esta escuta ‘interna’ nos convida ao autoconhecimento e contribui para tornar transparente possibilidades que antes eram inconscientes. Ainda segundo este autor, o Silêncio “nos invita a recapitular, a recapacitar, a reencontrar una unidad interior”. Nas palavras de Merton (2001):

Poucos há que estejam dispostos a pertencer inteiramente a um tal silêncio, a deixá-lo penetrar até os ossos, a nada respirar a não ser o silêncio, a se nutrir de silêncio e a transformar a própria substância da vida em um silêncio vivo e vigilante (MERTON, 2001, p. 37).

Se por um lado as travessias são um reencontro com o mundo, por outro, também proporcionam um reencontro com o próprio corpo-mente. Esta forma de observação do mundo ‘interno’ faz transparecer dificuldades psicológicas, sombras e os ‘dragões’ dos caminhantes, bem como faz brotar intuição e criatividade. Assim, o rompimento com a sociedade do progresso e as experiências de re-ligação são frutíferas à criação de novas idéias, novos significados existenciais, bem como rodízio de pizza em longínqua cachoeira de um Parque Nacional. Por meio do diálogo e da criatividade, um caminhante acrescenta uma idéia sobre a idéia do outro e, pouco a pouco, surgem poesias, produções audiovisuais, exposições fotográficas, investigações científicas e projetos de vida. Esta criatividade é, muitas vezes, levada de volta ao cotidiano e contribui para transformar biografias. Foi neste sentido que interpretamos que as longas caminhadas contribuem para que os caminhantes avancem em sua busca da arte de viver. Assim como nos ensinou Albert Einstein<sup>41</sup>, “a mente que se abre a uma nova idéia jamais voltará ao seu tamanho original”.

Afirmamos, anteriormente, que as longas travessias podem contribuir com transformações profundas nos valores e crenças, bem como na forma de compreender, sentir e agir no mundo. Por meio desta constatação sentimos a necessidade de debater a crise existencial, que é fruto deste modelo de sociedade que afasta as pessoas delas mesmas e as faz engajar na busca incessante pela produção e consumo, proporcionando um vazio existencial e um embotamento do potencial humano. Assim, compreendemos, por meio de Fromm (1960), que a religião secreta das pessoas é que move suas energia vitais diante da vida, que dá brilho aos olhos e que as coloca em busca de realizar no mundo seus sonhos. Entretanto, a religião secreta ligada à ideologia do progresso não está movimentando estas energias, deixando as pessoas amedrontadas e ansiosas.

---

<sup>41</sup> A frase original é “*The mind that opens to a new idea never returns to its original size*” e foi dita oralmente por Albert Einstein.

Acreditamos, assim como Naranjo (2013), que estas transformações profundas podem ser potencializadas pela jornada espiritual que depende da disposição de cada pessoa empreender uma viagem 'interior'. É neste sentido que entendemos que as travessias, ao ensinarem Presença e diálogo com o Silêncio, podem proporcionar esta experiência. Não utilizamos, neste caso, a palavra 'interior' em seu sentido dualista, mas como forma de dar visibilidade a estas experiências transformadoras que são fruto da interdependência do mente-corpo-paisagem, bem como do eu-outro-mundo (MERLEAU-PONTY, 1971). Nas palavras de Naranjo (2003, p.11), este é o caminho em que buscamos nossa própria "transformación, sintiendo también en forma tal vez instintiva que nos espera algo así como una metamorfosis en el curso de nuestro desarrollo". Este autor utiliza a metáfora da borboleta para exemplificar esta metamorfose que o caminho espiritual proporciona.

É diante da possibilidade destas experiências de transformação que interpretamos as travessias como potencializadoras desta busca. Entendemos que o caminhar é um reencontro no mundo, auxiliando a todos na compreensão da re-ligação entre o corpo-mente-paisagem. Ao atravessar vales, planaltos e montanhas, as travessias ensinam Presença, que geram diálogo com o Silêncio, que proporciona esta jornada de autoconhecimento e de conhecimento do outro e do mundo. Eis, para nós, uma universalidade das longas travessias a pé, mesmo sendo esta compreensão inconsciente para muitos caminhantes. É assim que podemos afirmar fenomenologicamente que a educação ambiental do caminhar ensina, ou melhor, proporciona experiências frutíferas ao aprendizado existencial. Durante o Caminho, quando adentramos as montanhas verdes da Galícia, toda a paisagem mudou. As trilhas passaram a tangenciar morros, quase sempre debaixo da sombra de bosques com árvores frondosas. A todo instante, passávamos por povoados de pedra e podíamos conversar com seus simpáticos e sorridentes habitantes. Por três dias seguidos, caminhamos sob chuva. Presenciamos muitos caminhantes incomodados, mas a nossa experiência foi de completa re-ligação. Foi uma vivência especial sentir o corpo aquecido pelo movimento constante das pernas, ao mesmo tempo que resfriado pelos pingos de água gelados. O som do chuva, ora nas copas das árvores, ora nos riachos, proporcionava uma percepção sonora do espaço. As frutas, principalmente as pequenas maçãs da beira da estrada, pareciam estar ainda mais saborosas. A chuva pode se apresentar, em nossa compreensão, como mais uma forma metafórica de compreensão da carne e do quiasma de Merleau-Ponty (2003), na medida em que une o céu e a terra, a lama e a bota, o suor e a gota. Este tipo de experiência, exemplificada acima e abundante nas caminhadas, é terreno fértil para a Presença, o Silêncio, bem como



vivências existenciais profundas.

El peregrinaje en el espacio externo es, en realidad, la representación de un movimiento interior, dirigido hacia un fin distante y desconocido, el cual, sin embargo, al igual que la simiente, intrínsecamente contenido en la dirección de ese movimiento. De aquí surge [...] la confianza en el último significado de todo lo que acaece y está en armonía con la profundidad de nuestra existencia y la universalidad de una vida más grandiosa (GOVINDA, 1981, p.10).

Figura 48. Maravilhamento



Fotografia: Resende-Duarte, 2017

Nas travessias, ouvimos muitos relatos de caminhantes que, em nossa interpretação, não recusaram grandes chamados da vida e encontram-se lidando com seus 'dragões' e seus mais variados desafios psicológicos. O próprio rompimento com a sociedade do progresso que o caminhar e o silêncio proporcionam (LE BRETON, 2015; 2016; 2017) são, em nossa compreensão, a aceitação de um chamado. Relembramos mais uma vez aqui Guimarães Rosa (1956) que nos ensinou que 'quem escolheu a busca não pode recusar a travessia'. Riobaldo, naquela noite escura, em plena encruzilhada, aceitou seu grande chamado, tornando-se líder do bando de jagunços. No contexto atual, acreditamos que caminhar por mais de trinta dias pode representar um chamado de ruptura com a ideologia do progresso e pode fazer brotar novos significados existenciais.

Reiteramos que não temos a pretensão de afirmar que estas travessias a pé transformam caminhantes em heróis, capazes de abandonar sua infância psicológica, tendo

passado pelas provas de uma jornada espiritual e tendo compreendido a interdependência do seus mundos 'interno' e 'externo'. Entretanto, acreditamos que a educação ambiental do caminhar proporciona experiências férteis a esta viagem 'interior'. As transformações na visão de mundo são relatadas por muitos peregrinos como foi o caso do estadunidense Deni Smith que se curou de uma forte depressão caminhando da França à Galícia, repetindo a experiência por anos seguidos. Por meio destas interpretações, temos condições de afirmar que as longas caminhadas contribuem para as transformações na forma de compreender, sentir e viver a vida. Além disso, o caminhar, ao propiciar a criatividade e a intuição, ensina aos caminhantes pequenas lições sobre a arte de viver, exemplificada aqui pelo desapego de uma mochila leve como a do senhor Alberto Diaz, bem como pelas biografias relatadas do Alberto Cantídio, do Raphael Mourão e do Rodrigo Azevedo. Vale aqui, neste momento, lembrar Fromm (1960) quando refletiu que o artista da vida é alguém que aprendeu a transformar autonomamente sua vida em uma obra de arte.

Todos as experiências vivenciadas e relatadas anteriormente nos ajudaram nestas interpretações fenomenológicas das travessias. Os aprendizados que interpretamos são fruto, portanto, desta que escolhemos chamar de educação ambiental do caminhar. É verdade que, em alguns momentos desta tese, focamos nosso olhar nos aprendizados do nosso mundo 'interno', principalmente no que tange o Silêncio. Entretanto, assim como dito anteriormente, esta opção se deu apenas por questões didáticas e por limitações dualizantes da linguagem. Apoiados na fenomenologia da percepção e na ontologia da carne de Merleau-Ponty (1971; 2003), temos segurança em afirmar filosoficamente que a epiderme não é o limite entre o eu o mundo. Quando assobiamos perto de um passarinho que em resposta se aproxima, sua carne e nossa carne são metamorfoseadas para sempre. Acreditamos que não haveria a obra de Tom Jobim sem os pios do Jardim Botânico e ousamos dizer que o 'passarim'<sup>42</sup> entrou em uma nova 'wave'<sup>43</sup> depois que aprendeu com o maestro a emitir acordes dissonantes. Assim, reiteramos que os aprendizados são sempre internos-externos, assim como nos mostra o caminhar em meio às paisagens. O mundo que vemos 'lá fora' é completamente interdependente com o mundo que sentimos 'aqui dentro'. Estamos todos, humanos, bichos, plantas e pedras, imersos em um mesmo oceano de possibilidades e as águas que navegamos são as mesmas que preenchem quase a totalidade de nossas células.

Foi por meio desta concepção de interdependência que criamos coragem para

---

<sup>42</sup> Disco de Tom Jobim do ano de 1987.

<sup>43</sup> Música composta por Tom Jobim em 1967.

construir diálogos com uma educação ambiental mais politizada. Descobrimos nas entrelinhas dos diálogos entre os caminhantes e os residentes da montanha que os carrapatos foram a estratégia para isolar uma região para que uma mineração ilegal pudesse ser instalada em uma Reserva da Biosfera. Foi por meio de exemplos como este que interpretamos que o caminhar também gera visão crítica e problematizadora sobre a realidade que nos cerca. Foi também por meio deste diálogo de saberes que descobrimos que as casas dos moradores da Serra do Espinhaço, apesar de sua aparente simplicidade, foram arquitetadas por meio de uma inteligência capaz de harmonizar a praticidade do cotidiano com os ventos uivantes, re-ligando as pessoas à montanha.

Por meio de um lento movimento pelas serras e pelos vales, sempre passamos por casas e vilas, mesmo em regiões mais remotas. A casa do seu Zé-da-Olinda, relatado na introdução, está situada a mais de 1400 metros de altitude, na crista do Espinhaço, com uma vista que alcança mais de cinquenta quilômetros de montanhas. Eles nos contou que também tem uma casa na próspera cidade de Conceição de Mato Dentro, mas prefere morar em meio à *lubrina* da serra. Em suas palavras, sua residência fica há “duas horas de mula da venda mais perto”. Além de cultivar hortaliças e criar gado de leite, sua casa passou a ser uma espécie de abrigo de montanha para os caminhantes da famosa travessia Lapinha-Tabuleiro. Como é costumeiro nas Minas Gerais, seu Zé é um exímio contador de ‘causos’ e nos disse que uma das coisas que mais gosta na vida é conversar com quem ali descansa por um tempo ou acampa pela noite. Por ali, chegam a passar dezenas de pessoas em finais de semana prolongados, oriundas de todo o Brasil e do mundo. E é assim que ele ensina e aprende dialogicamente com a comunidade global. Em nossa visão, o diálogo é fundamental para a educação que acreditamos e as travessias são férteis neste sentido. Por meio dele, é possível trocar experiências e aprendizados entre pessoas com culturas distintas e que, no entanto, se abrem à beleza do outro sem deixar de valorizar a própria beleza.

No Caminho, as conversas podem durar dezenas e até centenas de quilômetros, pois os peregrinos caminham por várias semanas. É muito comum a sintonia momentânea de ritmos e é assim, lado a lado, que um ensina ao outro, sempre em imersão no mundo. Na Lubrina, por sermos amigos há mais de dez anos, nos reconhecemos como professores uns dos outros. Tenho ali mais do que companheiros de caminhadas, mas importantes mestres de minha vida. Com cada um aprendi lições valiosas, desde acender uma fogueira a ter coragem de seguir na vida os caminhos da intuição. Assim, por meio da inspiração de

Brandão (2005), passamos a interpretar este grupo como uma comunidade aprendente, em que a colaboração é prioritária, seja pelos perigos da serra, pelo compartilhar de panelas ou pelas sinceras amizades. Mesmo sendo um grupo colaborativo, os conflitos surgem em diversos momentos. Em um determinado ano, a escolha pela estrada da esquerda nos levou a um povoado muitos quilômetros distantes de onde planejávamos chegar. Por vezes, somos desafiados com decisões difíceis, que podem revelar-se conflituosas, como foi o caso do jantar no povoado dos 'Inhames', que gerou discussão entre os caminhantes. Contudo, os conflitos são também bem-vindos, pois também têm muito a ensinar.

Figura 49. Caminhantes-amigos



Fotografia: Resende-Duarte, 2015

A autonomia é outro aprendizado da educação ambiental do caminhar. Atravessar montanhas, carregando mochilas com mais de vinte quilos, cozinhando o jantar em meio ao vento, dormindo com temperaturas perto do zero graus, pode se tornar uma atividade de muito sofrimento quando feita com algum tipo de obrigatoriedade. Há relatos históricos de pessoas que atravessaram selvas e montanhas fugindo de guerras e que sobreviveram à custa de muitas dores. Entretanto, as travessias que investigamos são empreendidas por vontade própria, o que demanda muita autonomia. Acreditamos que a liberdade propicia intensos aprendizados e que a escolha de aprender deve ser uma decisão autônoma de cada pessoa. Neste sentido, a imersão no mundo dos fenômenos, quando realizada com abertura do corpo-mente, proporciona experiências de trocas profundas entre o

eu-outro-mundo.

Guimarães Rosa, por meio de seu Riobaldo, concluiu que para a compreensão da vida humana é menos importante o ponto de partida e o de chegada, mas exatamente o que acontece neste entremeio. A vida é, portanto, uma travessia de infinitas possibilidades e, ao mesmo tempo, responsabilidades. O jagunço, mesmo em meio à aspereza do sertão e ao conforto das veredas, não fugiu aos chamados de sua existência, tornando-se um artista da própria vida. Acreditamos que esta pesquisa foi um grande chamado e que nos exigiu coragem, abertura ao novo, persistência, diálogo e assunção de nossas responsabilidades enquanto pesquisadores.

A primeira pessoa do plural foi aqui utilizada na maior parte do tempo porque assumimos um olhar fenomenológico partindo da premissa de que não há conhecimento sem a imbricação do olhar daqueles que o constróem. Ao mesmo tempo, esta investigação não é somente fruto do esforço do autor principal, dono dos dedos que digitaram estas linhas. Não teríamos chegado a estas interpretações fenomenológicas, à profundidade filosófica, aos diálogos teóricos, bem como ao rigor metodológico sem a participação criativa e propositiva da orientação da professora Michèle Sato e nem tampouco sem as contribuições da coorientadora Araceli Serantes Pazos. Ao mesmo tempo, esta caminhada somente foi possível pela dialogicidade dos colegas e amigos do grupo-pesquisador GPEA, que nos ajudaram a alçar voos mais altos. Por fim, não haveria educação ambiental do caminhar sem caminho e muito menos sem caminhantes. Foi também por estes que nos esforçamos ao máximo para honrar suas biografias, suas sinceras amizades e todo o companheirismo ao longo de aproximadamente mil e duzentos quilômetros nas trilhas do mundo.

Assim como nossa educação ambiental do caminhar, há, portanto, uma travessia da vida terrena que permanece inacabada até que nossos corações cessem suas batidas. Até lá, seguiremos metamorfoseando nossa carne entrelaçada à carne do mundo. É com esta compreensão do inacabamento e da constante abertura dialógica em direção ao novo e às infinitas possibilidades que criamos coragem para digitar o ponto final deste texto. Entretanto sabemos que esta nossa educação do ambiental do caminhar não está pronta e nem nunca estará. Sonhamos apenas que ela espalhe sementes de esperança que sejam capazes de inspirar alguns educadores, educandos, filósofos, cientistas, caminhantes, entre outros leitores curiosos. Este trabalho é para nós, assim como o caminhar e o Silêncio, um esforço

em prol da resistência às opressões da sociedade do progresso, bem como uma contribuição à criação de possibilidades pedagógicas capazes de fortalecer a construção de sociedades sustentáveis. Sabemos que a crise civilizatória parece quase insuperável, mas mantemos nosso otimismo por meio de nossa forma de compreender, sentir e agir no mundo. Acreditamos na vocação humana para a arte de viver, assim como na missão coletiva de transformar este Planeta em um grande jardim permeado pela justiça social, pelo equilíbrio ambiental e pela amorosidade re-ligante entre todas as formas de vida que aqui habitam.

Neste capítulo final, procuramos entrelaçar, portanto, os aprendizados e os ensinamentos da educação ambiental do caminhar. Deixamos agora o convite para que o leitor vista suas botas, empunhe seu cajado e caminhe pelo mundo. Uma intensa jornada o aguarda.

Figura 50. Peregrinos Alan e Alex



Fotografia: Resende-Duarte, 2017

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, *Henri et al.* **O que é Justiça Ambiental**. Rio de Janeiro. Garamond, 2009.
- ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2001.
- AMADO, Casimiro Manuel Martins. **História da pedagogia e da educação**. Évora: Universidade de Évora, 2007.
- ALEIXES, Rita. **Justiça climática e educação ambiental nas teias do Fórum de Direitos humanos e da Terra de Mato Grosso**. Defesa em: 18/05/15. 102 folhas. Dissertação – UFMT, Cuiabá, 2015.
- BABA, Sri Prem. **Entrevista com Sri Prem Baba 2015**. [set. 2015]. Alto Paraíso: YouTube, duração 24 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DfBHb9OWI9Y>. Acesso em: 29 maio. 2017.
- BELÉM, Ivan. **Liu Arruda: a travessia de um bufão cuiabano: sob a inspiração de Augusto Boal**. 2015, 192f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT, Cuiabá, 2015.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres**. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Tempo de Transcendência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Ética e eco-espiritualidade**. São Paulo : Verus, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Cristianismo: o mínimo do mínimo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BOFF, Leonardo. HATHAWAY, Mark. **O tao da Libertação: explorando a ecologia da transformação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BODHI, B. **A comprehensive manual of Abhidhamma**. Seattle: BPS, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. **O que é educação**. São Paulo: editora brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. Comunidades Aprendentes. In: **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) e coletivos educadores**. Luiz Antônio Ferraro Júnior, organizador. Brasília, MMA, diretoria de educação ambiental, 2005.
- BROWN, Charles; TOADVINE, Ted (Eds.) **Eco-phenomenology: back to the Earth itself**. New York: New York State University Press, 2003.
- BUCKINGHAM *et al.* **O livro da filosofia**. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011.
- CANÁRIO, Rui; MATOS, Filomena; TRINTADE, Rui (orgs.). **A escola da ponte: defender a**

**escola pública.** Vila das Aves: Escola da Ponte, 2004.

CAPALBO, C. **Fenomenologia e Hermenêutica.** Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1983.

CARTA DA TERRA. **Carta da Terra: em direção a mundo sustentável.** Instituto Paulo Freire, 2006. Disponível em: <http://earthcharter.org/virtual-library2/carta-da-terra/> Acesso em: 24 fev. 2016.

CARVALHO, Isabel; MHULE, Rita. A intenção e a atenção nos processos de aprendizagem. Por uma educação ambiental “fora da caixa”. In: Ambiente e Educação. Vol. 21. n.1, p. 26-40. Universidade Federal do Rio Grande, 2016.

CHAUI, Marilena. **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COEN, Monja. **Consciência Plena.** [maio. 2016]. Passo Fundo: YouTube, duração 18 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DfBHb9OWI9Y>. Acesso em: 24 jun. 2016.

COELHO, Paulo. **Diário de um mago.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Aprender a fluir.** Barcelona: Kairos, 1998.

CURADO, Denise Assis Fleury. **A experiência em Merleau-Ponty e o sentido da educação.** Defesa em: 28/04/15. 138 f. Dissertação - UFG, Goiânia, 2015.

DALLA-NORA, Giseli. **A água e a cartografia do imaginário nos climas de três territórios geográficos.** Cuiabá: 2018, 174f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

DAVIDSON, Richard. Empirical Explorations of Mindfulness: conceptual and methodological Conundrums. In: **Emotion.** Vol 10, n.1, p 8-11. USA: American Psychological Association, 2010.

DAVIS, Daphne; HAYES, Jeffrey. What are the benefits of mindfulness? A practice review of psychotherapy-related research. In: **American Psychological Association.** Vol 48, n.2, 198-208. USA, 2011.

DAVIS, Wade. **Cultures at the far edge of the world.** [jan. 2007]. USA: YouTube, duração 22 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bL7vK0pOvKI&t=16s>. Acesso em: 09 julho. 2017.

DESCARTES, René. **Discurso do método** (Tradução: Maria Ermantina Galvão). - São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FERRAZ, Marcus Sacrin A. Merleau-Ponty entre a percepção e fé perceptiva. In: PINTO, Débora; GENTIL, Hélio; FERRAZ, Marcus; PIVA, Paulo (orgs.). **Ensaio sobre a filosofia francesa contemporânea.** São Paulo: Alameda, 2009.

FREY, Nancy Louise. **Pilgrim Stories: on and off the road to Santiago.** Berkeley: University of



California Press, 1998.

FROMM, Erick. Psicanálise e Zen-Budismo. In: SUSUKI, D. T; FROMM, Erich; MARTINO, Richard. MELLO, Luiz Antonio. **Zen-Budismo e Psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1960.

\_\_\_\_\_. **The Art of Being**. London: Constable, 1993.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. 1ed. 13a reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

GONTIJO, Bernardo. **A Ilusão do Ecoturismo na Serra do Cipó/ MG - O caso de Lapinha**. 2003, 194f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, UNB, Brasília, 2003.

GONTIJO; GOULART; AZEVEDO. Decifrando a Paisagem da Serra do Cipó. In: OTTONI, Christiano. **Serra do Cipó: sempre viva**. Pedro Leopoldo: Gráfica Editora Tavares, 2008.

GROS, Frédéric. **Andar: una filosofia**; traducción de Isabel Gonzáles-Gallarza. Madrid: Taurus, 2014.

HOLZEL, B.K.; LAZER, S.W.; GARD, T.; SCHUMAN-OLIVER, Z., VAGO, D.R.; OTT, U. How does mindfulness meditation work? Proposing mechanisms of action from a conceptual and neural perspective. In: **Perspectives on Psychological Science**. Vol 6, 537–59. USA, 2011.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. Abingdon: Routledge, 2000.

IPCC. **Climate Change 2014: Synthesis Report**. Switzerland: IPPC, 2014.

JABER, Michele Tatiane. **O mapeamento dos conflitos socioambientais de Mato Grosso: denunciando injustiças ambientais e anunciando táticas de resistências**. 2012, 253f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCAR, Cuiabá, 2012.

KAWAHARA, Lucia Shiguemi. **Currículos Festeiros de águas e outonos: fenomenologia da educação ambiental pós-crítica**. 2015, 293f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT, Cuiabá, 2015.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2009.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **Attention leads to learning**. [mar. 1970]. Califórnia: YouTube, duração 1h:31 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gCcDR9-F0aU>. Acesso em: 14 agosto. 2018.

LE BRETON, David. **Elogio del Caminar**. Madrid: Siruela, 2015.

\_\_\_\_\_. **El silencio: aproximaciones**. 4. ed. Madrid: Sequitur, 2016.

\_\_\_\_\_. **Guardar silencio y caminar son hoy día dos formas de resistência política**.

- BUJALANCE, Pablo. Sevilla: Diario de Sevilla, 19 de outubro de 2017.
- LISS, Alexandra. **I would walk**. [out. 2015]. USA: YouTube, duração 67 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXJ-VdKNx7o> Acesso em: 07 nov. 2017.
- MANFRINATE, Rosana. **Histórias femininas: poder, resistência e educação no quilombo de Mata Cavalo**. 2011. 166 folhas. Dissertação – Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, 2011.
- MARTIN, J. R. Mindfulness: a proposed common factor. In: **Journal of Psychotherapy Integration**. Vol 7, p.291-312. USA, 1997.
- MARTI-HENNEBERG, Jordi. **La pasión por la montaña**. Barcelona: Geo Crítica, 1986.
- MATHEWS, Eric. **Merleau-Ponty: a guide for the perplexed**. New York: Continuum International Publishing Group, 2006.
- MEC. **Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**. Brasília, DF: MEC, 1992. Disponível em: [\[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf\]](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf)
- MEIRA, Pablo A. **Comunicar el cambio climático. Escenario social y línea de acción**. Madrid: Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural y Marino, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Barros, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Signos**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MERTON, Thomas. **Zen e as aves de rapina**. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Na liberdade da solidão**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Diálogos com o Silêncio: orações & desenhos**. Rio de Janeiro: Fissus, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Místicos e mestres zen**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A experiência interior**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MONTESSORI, Maria. **The Montessori method : the origins of an educational innovation, including an abridged and annotated edition of Maria Montessori's The Montessori method** / edited by Gerald Lee Gutek, 2004.
- NAESS, Arne. **The Ecology of Wisdom: writings by Arne Naess**. USA: Counterpointpress, 2008.
- NARANJO, Claudio. **El viaje interior: en los de Oriente**. Barcelona: La Llave, 2013.
- PACHECO, José. **Quando eu for grande quero ir à primavera**. Porto: alves, 2000.
- PALMA, Sonia. **Cartografia do Imaginário: a dimensão poética e fenomenológica da educação ambiental**. Defesa em: 05/12/11. 142 folhas. Dissertação – Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, 2011.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PASSOS, L. A.; REZENDE, M. A. Há perspectivas potencializadoras da educação popular *Merleaufreriana*? In: **37 ANPED**. p. Florianópolis: UFSC, 2015.

PAZOS, Araceli Serantes. El cambio climático en los libros de texto: como el sistema educativo contribuye a la construcción del saber sobre el cambio climático. In: MEIRA, P.; BLANCO, M. (coord.). **Resclima: aproximación ás claves sociais e educativas do cambio climático**. A Coruña: Aldine Editorial, 2017.

PEREIRA, Vilmar Alves. Ecologia Cosmocena: uma perspectiva ontológica para a educação ambiental. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Edição especial. Rio Grande, 2016.

PIERS, Bizony. Leading the Race to Space. In: **Ask Magazine**. Philadelphia: Drexel University, 2014. Disponível em: [https://www.nasa.gov/pdf/549312main\\_42s\\_leading\\_race\\_to\\_space.pdf](https://www.nasa.gov/pdf/549312main_42s_leading_race_to_space.pdf). Acesso em: 18 de maio 2018.

QUADROS, I. **Palavras científicas sonhantes em um Território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira**. 2013, 364f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT, Cuiabá, 2013.

RAMOS GONÇALVES, R.; GARCIA, Fernanda Alt Fróes; DANTAS, Jurema de Barros. EWALD, Ariane P. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Vol.8, n.2, 402-435. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

RESENDE-DUARTE, Júlio. **Cicloturistas e suas percepções ambientais: um estudo na Estrada Real**. Defesa em: 22/10/08. 141 folhas. Dissertação – UNA Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.

\_\_\_\_\_. **Tutaméia: terceiras estórias**. Rio de Janeiro: Olympio, 1969.

SANTANA, Ronaldo. **Serpentes e Educação Ambiental: mediatizando saberes no quilombo de Mata Caval**. 2011. 109 folhas. Dissertação – Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, 2011.

SATO, Michèle. Debatendo os desafios da educação ambiental. In: **Primeiro Congresso de Educação Ambiental pró Mar de Dentro**. Rio Grande: Mestrado em Educação Ambiental, FURG e Pró Mar de Dentro, 17 – 21 de maio de 2001.

\_\_\_\_\_. **Mas o que é a educação ambiental mesmo?** Participação na mesa redonda do II

EEEA. Rio Claro: Rede paulista de Educação Ambiental, 2003.

\_\_\_\_\_. Cartografia do Imaginário no Mundo da Pesquisa. In: ABÍLIO, Francisco José Pegado. **Educação Ambiental para o Semiárido**. Editora Universitária da UFPB, 2011.

\_\_\_\_\_. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande: Mestrado em Educação Ambiental, FURG, 2016.

SATO; CARVALHO (orgs.). Educação Ambiental. Porto Alegre: Arned, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cartografia do Imaginário Indígena**. Cuiabá: GPEA, 2014.

\_\_\_\_\_. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Edição especial. Rio Grande, 2016.

SATO; PASSOS, 2009. Arte-Educação-Ambiental. In: **Ambiente e Educação**. Vol. 14. Rio Grande, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação Ambiental: O Currículo nas Sendas da Fenomenologia Merleau-pontyana. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. (Dir.) **Sujets choisis en éducation relative à l'environnement - D'une Amérique à l'autre**. Montréal: ERE-UQAM, 2002, Tome I: p. 75-81.

SATO, Michèle; RESENDE, Júlio. Escolas Sustentáveis ou Escola em Busca de Sustentabilidade? Uma travessia pantaneira. In: **Espaços Educadores Sustentáveis: Percursos construídos na UFMT**. Organizado por Glauce Torres, Sônia Palma e Regina Silva. Mato Grosso: UFMT, 2015.

SATO, Michèle; SENRA, Ronaldo. In **Ambiente & Educação**. vol. 14, p. 139-145. 2009.

SATO, Michèle; GAUTHIER, Jacques Zanidê. PARIGIPE, Lympo. Insurgência do grupo-pesquisador na educação ambiental sociopoética. In: **SATO; CARVALHO [Orgs.] Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005, 232 p.

SATO, Michèle; MEIRA, Pablo; **Só os peixes mortos não conseguem nadar contra a correnteza**. Revista de Educação Pública, v.14, n.25, 2005.

SENRA, Ronaldo Eustáquio. **Educação no campo no IFMT - Campus São Vicente: desafios na construção de uma educação dialógica**. 2014. 216 folhas. Tese – Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, 2014.

SERRA, Tânia. A travessia de “Riobaldo Rosa”, no Grande Sertão: veredas, como um processo de individuação. In: **Altheia**. Canoas. Número 24. p.69-80, 2006.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia**; tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Regina Aparecida. **Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do**

**Estado de Mato Grosso - Brasil.** 2011, 222f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCAR, Cuiabá, 2011.

SORRETINO, M; LUCA, A. Q.; LAGAZZI, S. M. Um olhar político para a educação ambiental do Programa Nacional De Educação Ambiental (ProNEA). In: **RUA** [online]. nº. 22. Volume 1, p. 151-174. Junho/2016.

SORRETINO, M; LUCA, A. Q.; LAGAZZI, S. M. Um olhar político para a educação ambiental do Programa Nacional De Educação Ambiental (ProNEA). In: **RUA** [online]. nº. 22. Volume 1, p. 151-174. Junho/2016.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; JUNIOR, Luis. Educação Ambiental como Política Pública. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.2, p.285-299. 2005.

STEINER, Rudolf. **Waldorf education and anthroposophy 1: nine public lectures**, February 23, 1921–September 16, 1922.

SUSUKI, D. T. Psicanálise e Zun-Budismo. In: SUSUKI, D. T; FROMM, Erich; MARTINO, Richard. MELLO, Luiz Antonio. **Zen-Budismo e Psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1960.

SCHMITT, Arnaud. **The Phenomenology of Autobiography**. New York: Routledge, 2017.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Writings: selected with an introduction by Ursula king**. New York: Orbis Books, 1999.

THOREAU, Henry David. **Caminhada**. Lisboa: antígona, 2012.

UNTWO. **Tourism Highlights: 2016 edition**. Madrid, Espanha: UNTWO, 2016

VICTOR HUGO. **The history of crime: the testimony of an eyewitness**. Trans. T.H. Joyce and Arthur Locker, 1877.

WILLIGES. Flávio. O que o caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza. In: **CADERNOS IHU Ideias** [online]. nº. 271. Volume 16, p. 1-22. 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidada(o) a participar, como voluntário, da pesquisa: **“Travessias e Silêncio: uma autobiografia fenomenológica do caminhar”**, a ser desenvolvida por Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte, pesquisador no Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Instituto de Educação (IE), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michèle Sato. A pesquisa tem a finalidade de obter informações para desenvolvimento da tese de Doutorado.

Após ser esclarecida(o) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. A primeira delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. **O objetivo deste estudo é interpretar, por meio de uma abordagem fenomenológica, as experiências e os aprendizados dos caminhantes das travessias da Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, bem como do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha.** Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ao pesquisador, por meio de um roteiro de entrevistas semi-estruturadas, que poderá gravar, filmar e fotografar este diálogo.

Os riscos relacionados à sua participação na pesquisa são possíveis desconfortos devido aos constrangimentos decorrentes das entrevistas. No entanto, fica aqui assegurado o direito ao entrevistado da não resposta. Os benefícios dessa pesquisa são as contribuições com uma investigação que apontará caminhos para uma pedagogia mais adequada ao século 21 e à necessidade de criação de sociedades sustentáveis.

Seus direitos enquanto participante da pesquisa serão preservados: garantia de esclarecimentos a qualquer momento sobre esta pesquisa e sobre sua participação; liberdade para retirar-se sem penalização, ou seja, você pode desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, mesmo que já tenha assinado este termo. Ressaltamos ainda que os seus dados de identificação serão mantidos em sigilo.

Depois de conhecer e entender os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador: Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte, estudante do Instituto de Educação-UFMT, Cuiabá-MT, com telefone de contato (65) 9 8454 1360 e e-mail: [julioicrdd@gmail.com](mailto:julioicrdd@gmail.com), e sua orientadora professora Dr<sup>a</sup>. Michèle Sato, da UFMT/Cuiabá, e-mail: [michelesato@gmail.com](mailto:michelesato@gmail.com), do projeto de pesquisa intitulado **“Travessias e Silêncio: uma autobiografia fenomenológica do caminhar”**, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Este termo contém o nome, telefone, local de estudo e o email da pesquisadora responsável, para que você possa localizá-la a qualquer momento. Em caso de dúvida você pode procurar também o Comitê de Ética em Pesquisa Humanidades- UFMT- pelo telefone (65) 3615 8935, sob a coordenação de Dra. Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro, email: [cephumanas@ufmt.br](mailto:cephumanas@ufmt.br).

Ressalto ainda que não haverá nenhum gasto ou remuneração com sua participação nesta pesquisa.

Considerando as informações acima, CONFIRMO estar sendo informado por escrito e verbalmente do objetivo desta pesquisa e, em caso de divulgação, AUTORIZO a publicação.

Eu \_\_\_\_\_,

Idade: \_\_\_\_\_, Sexo: \_\_\_\_\_, Natural de: \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_

declaro que sinto-me suficiente e devidamente esclarecida(o) e entendi os objetivos da pesquisa, bem como os riscos e benefícios de minha participação na mesma. Declaro que consinto em participar da pesquisa por livre vontade, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão ou influência indevida.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora responsável  
Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** TRAVESSIAS E SILÊNCIO: uma autobiografia fenomenológica do caminhar

**Pesquisador:** Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 61670916.6.0000.5690

**Instituição Proponente:** Instituto de Educação

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.016.618

#### Apresentação do Projeto:

A presente emenda tem como objetivo solicitar a alteração do título do projeto "PEDAGOGIA DA MONTANHA: A experiência e a educação ambiental em travessias na Serra do Espinhaço" para "TRAVESSIAS E SILÊNCIO: uma autobiografia fenomenológica do caminhar".

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Interpretar, por meio da fenomenologia, as experiências das travessias dos caminhantes na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, bem como investigar os aprendizados externos, ligados à paisagem e à cultura, e os aprendizados internos, relacionados ao autoconhecimento e ao corpomente.

Objetivo Secundário:

Contrapor de forma crítica a educação ambiental proporcionada pelas experiências dos caminhantes, sob a luz da fenomenologia, da educação ambiental e da ecologia profunda, à pedagogia bancária e à sala de aula tradicional.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o parecer aprovado por este CEP:

Riscos:

Mínimos pois serão utilizadas entrevistas. E de acordo com o pesquisador, como é uma pesquisa

**Endereço:** Rua Fernando Correa da Costa, 2367

**Bairro:** BOA ESPERANCA

**CEP:** 78.060-900

**UF:** MT

**Município:** CUIABA

**Telefone:** (65)3615-8935

**E-mail:** cephumanas@ufmt.br



Continuação do Parecer: 3.016.618

que será realizada em uma travessia: "Sabe-se que há riscos físicos envolvidos nas caminhadas, mas que são minimizados graças a um minucioso planejamento de viagem, a escolha adequada dos equipamentos e a grande experiência em viagens dos participantes destas caminhadas".

Benefícios:

Indiretos: De acordo com o pesquisador: "Esta investigação se propõe a fazer parte de uma corrente formada por intelectuais e educadores que acreditam na falência da educação bancária, ainda amplamente praticada pelas instituições de ensino e educadores. Em meio a um contexto de um conjunto de complexas crises como a ambiental, social e econômica, também encontra-se em crise a educação. A partir da necessidade de uma nova realidade educacional, esta investigação terá como desdobramento principal a proposição de uma pedagogia da montanha, que se apresentará como mais um caminho possível rumo a uma educação adequada ao século 21 e à necessidade de criação de sociedades sustentáveis".

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Sem considerações e comentários.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Já foram apresentados quando da versão aprovada.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Propõem-se a aprovação de alteração do título da pesquisa.

O presente projeto já apresenta relatório parcial.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Considerando as Resoluções 466/2012 e 510/2016, e, uma vez que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para a emenda: Aprovado.

Conforme as Resoluções 466/12 e 510/2016, é atribuição do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente a pesquisa. Ressaltamos as seguintes atribuições do pesquisador: Desenvolver o projeto conforme delineado; Elaborar e apresentar os relatórios parcial(parciais) e final até 60 dias após o seu término (como notificação); Apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto. Justificar

**Endereço:** Rua Fernando Correa da Costa, 2367

**Bairro:** BOA ESPERANCA

**CEP:** 78.060-900

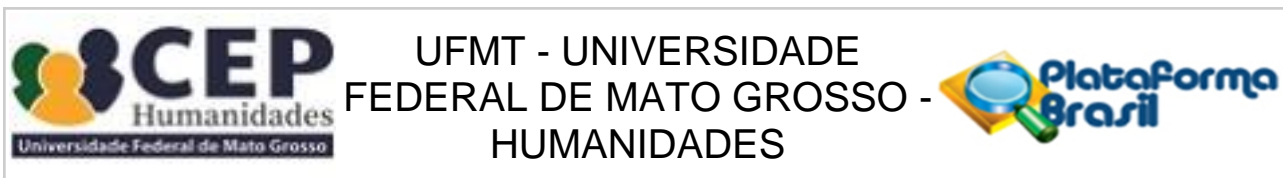
**UF:** MT

**Município:** CUIABA

**Telefone:** (65)3615-8935

**E-mail:** cephumanas@ufmt.br





Continuação do Parecer: 3.016.618

fundamentadamente, perante o CEP, qualquer outra modificação (emenda) ou interrupção do projeto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1244810_E1.pdf	24/10/2018 18:34:52		Aceito
Outros	carteira_motorista_Julio_Resende.pdf	31/10/2016 09:52:36	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Outros	foto_Julio_Resende.JPG	31/10/2016 09:50:44	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Julio_Resende.pdf	31/10/2016 09:49:41	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Outros	roteiro_entrevistas_plat_Brasil.pdf	31/10/2016 09:47:00	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Outros	declaracao_custeio_plat_Brasil.pdf	31/10/2016 09:46:18	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Outros	declaracao_coleta_dados_plat_Brasil.pdf	31/10/2016 09:45:17	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Outros	carta_de_encaminhamento_plat_Brasil.pdf	31/10/2016 09:43:35	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_plat_Brasil.pdf	31/10/2016 09:42:31	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Orçamento	orcamento_plat_Brasil.pdf	31/10/2016 09:36:59	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa_plat_Brasil.pdf	31/10/2016 09:35:21	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Cronograma	cronograma_plat_Brasil.pdf	31/10/2016 09:31:44	Júlio Corrêa de Resende Dias Duarte	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_plataforma.pdf	31/10/2016	Júlio Corrêa de	Aceito

**Endereço:** Rua Fernando Correa da Costa, 2367

**Bairro:** BOA ESPERANCA

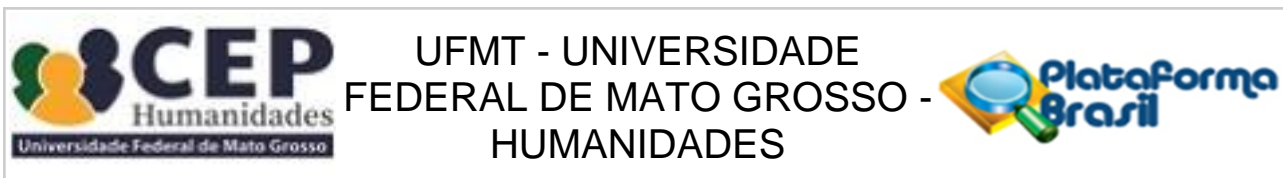
**CEP:** 78.060-900

**UF:** MT

**Município:** CUIABA

**Telefone:** (65)3615-8935

**E-mail:** cephumanas@ufmt.br



Continuação do Parecer: 3.016.618

Folha de Rosto	folha_de_rosto_plataforma.pdf	09:21:22	Resende Dias Duarte	Aceito
----------------	-------------------------------	----------	---------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CUIABA, 12 de Novembro de 2018

---

**Assinado por:**  
**Rosangela Ribeiro**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Fernando Correa da Costa, 2367

**Bairro:** BOA ESPERANCA

**CEP:** 78.060-900

**UF:** MT

**Município:** CUIABA

**Telefone:** (65)3615-8935

**E-mail:** cephumanas@ufmt.br